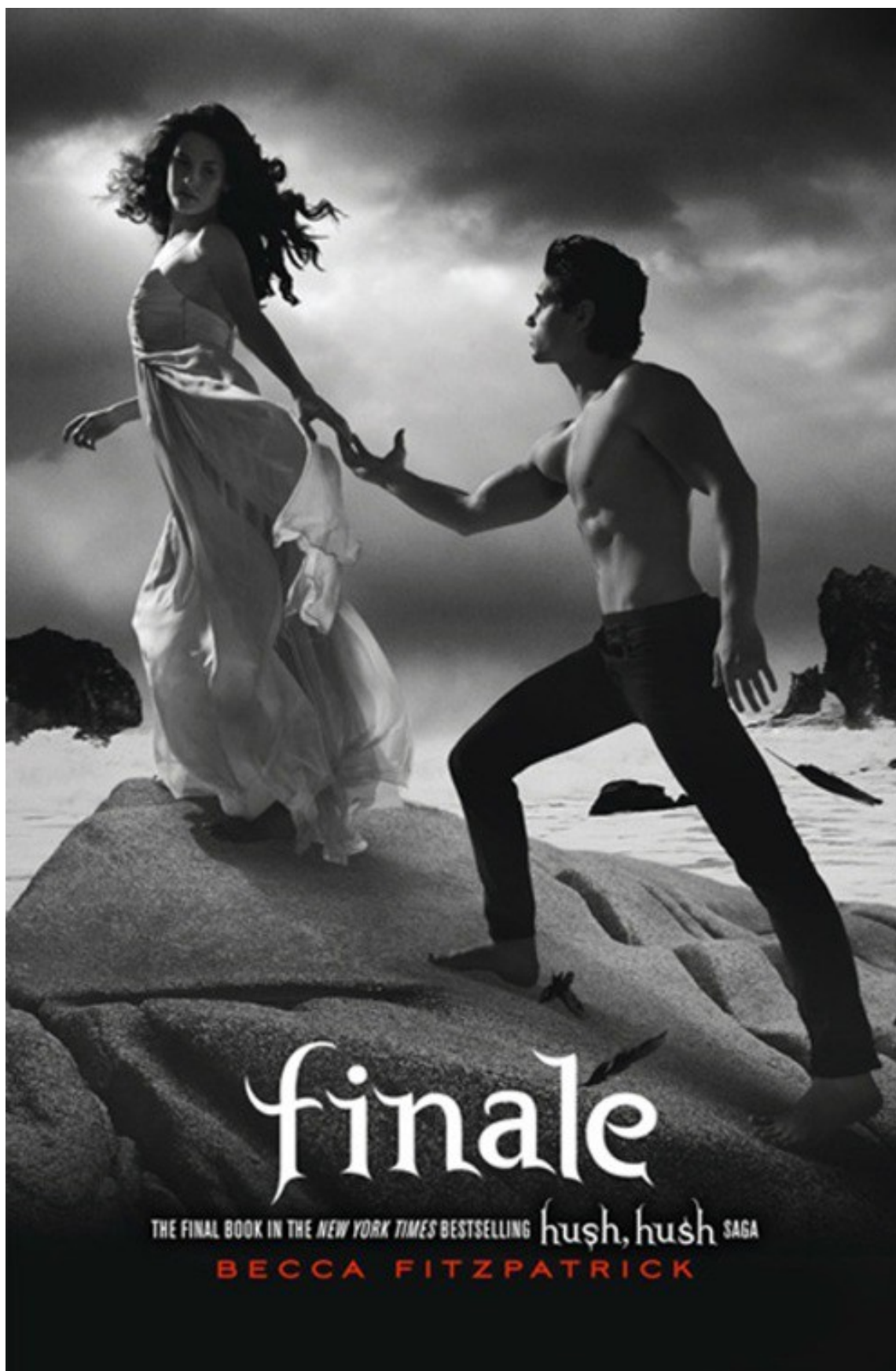






SÉRIE HUSH HUSH LIVRO 4.

FINALE.

BECCA FITZPATRICK.

Para a minha mãe, que eu sempre consegui ouvir torcendo da arquibancada (Corra, menina, corra!)

PRÓLOGO

SCOTT NÃO ACREDITAVA EM FANTASMAS. HOMENS MORTOS continuavam

em suas covas. Mas os túneis que cruzavam por debaixo do Parque de Diversões Delphic, ecoando com sons farfalhantes e sussurrados, faziam com que ele repensasse isso. Ele não gostava da sua mente voltar a Harrison Grey. Não queria ser lembrado de seu papel no assassinato de um homem. Umidade pingava do teto rebaixado e Scott pensou em sangue. O fogo de sua tocha lançava sombras volúveis nas paredes, que cheiravam a terra fria e fresca. Ele pensou em covas. Um ar gélido fez cócegas em sua nuca. Sobre seu ombro, ele lançou um olhar longo e desconfiado à escuridão.

Ninguém sabia que ele tinha jurado a Harrison Grey proteger Nora. Já que não podia dizer “Ei, cara, desculpa ter feito você ser morto” em pessoa, ele recorreu a jurar proteger a filha de Harrison. Em se tratando de pedidos decentes de desculpas, este não era um deles, não mesmo, mas foi a melhor coisa em que conseguiu pensar. Scott não tinha certeza nem se um juramento feito a um homem morto tinha algum peso.

Mas os sons ocos atrás de si o faziam pensar que sim.

— Você vem?

Scott só conseguia distinguir o contorno escuro dos ombros de Dante a sua frente.

— Quanto tempo mais?

— Cinco minutos. — Dante deu risada. — Com medo?

— Paralisado. — Scott correu para alcançá-lo. — O que acontece na reunião?

Nunca estive em uma antes — acrescentou, esperando não soar tão estúpido quanto se sentia.

— Os chefões querem encontrar a Nora. Ela é a líder deles agora.

— Então os Nephilim aceitaram que Mão Negra está morto? — O próprio Scott não

acreditava plenamente nisso. Mão Negra deveria ser imortal. Todos os Nephilim eram. Então, quem havia encontrado uma maneira de matá-lo?

Scott não gostava da resposta que sua mente lhe fornecia. Se Nora havia feito isso... se Patch havia ajudado-a...

Não importava se eles haviam sido cuidadosos ao cobrir seus rastros. Eles teriam deixado algo passar. Todo mundo sempre deixava. Era apenas questão de tempo. Se Nora havia assassinado Mão Negra, ela estava em perigo.

— Eles viram o meu anel — respondeu Dante.

Scott também havia visto. Mais cedo. O anel enfeitiçado havia chamuscado como se tivesse fogo azul preso debaixo da coroa. Mesmo agora ele brilhava um azul entre o frio e o morto. De acordo com Dante, Mão Negra havia profetizado que esse seria o sinal de sua morte.

— Já encontraram o corpo?

— Não.

— E eles não veem problema em Nora liderá-los? — pressionou Scott. — Ela não é nada como Mão Negra.

— Ela fez um juramento de sangue para ele ontem à noite. Entrou em vigor no instante em que ele morreu. Ela é a líder deles, mesmo que não gostem disso. Podem substituí-la, mas vão testá-la primeiro e tentar descobrir por que Hank a escolheu.

Scott não gostou nada disso.

— E se a substituírem?

Dante lançou um olhar sombrio por cima dos ombros.

— Ela morre. Esta é a condição do juramento.

— Não vamos deixar isso acontecer.

— Não.

— Então está tudo bem. — Scott precisava de confirmação de que Nora estava a salvo.

— Contanto que ela coopere.

Scott lembrou-se da justificativa que Nora deu hoje mais cedo. Vou me encontrar com os Nephilim. E deixarei a minha posição clara: Hank pode ter começado esta guerra, mas eu vou terminar. E esta guerra vai acabar com um cessar-fogo. Não ligo se isso não é o que eles querem escutar. Ele apertou a ponte do nariz; tinha muito trabalho a fazer.

Scott continuou caminhando com dificuldade, mantendo os olhos atentos a fim de evitar poças. Elas ondulavam como caleidoscópios oleosos, e a última em que tinha pisado por acidente havia encharcado-o até o tornozelo.

— Eu disse a Patch que não a deixaria fora de vista.

Dante resmungou.

— Tem medo dele também?

— Não. — Mas ele tinha. Dante também teria, se conhecesse Patch direito. — Por que ela não pôde vir com a gente para a reunião? — A decisão de ficar separado de Nora o deixava desconfortável. Ele se amaldiçoou por não ter discordado disso mais cedo.

— Não sei por que fazemos metade das coisas que fazemos. Somos soldados.

Recebemos ordens.

Scott se lembrou das últimas palavras que Patch disse a ele. Ela está sob sua vigilância. Não estrague tudo. A ameaça havia penetrado em sua pele. Patch achava que era o único que se importava com Nora, mas não era. Nora era a coisa mais

próxima de uma irmã que Scott tinha. Ela o tinha defendido quando ninguém mais o fez, e o havia afastado de um precipício. Literalmente.

Eles tinham uma ligação, mas não aquele tipo de ligação. Ele se importava mais com Nora do que com qualquer outra garota que já havia conhecido. Ela era responsabilidade sua. Era algo tão importante que ele havia jurado isso ao pai morto dela.

Ele e Dante se enfiaram ainda mais nos túneis, com as paredes apertando-se em

volta de seus ombros. Scott se virou de lado para passar, com dificuldade, até a próxima travessia. Pedacos de terra se soltavam das paredes, e ele segurou a respiração, meio que esperando o teto desmoronar em uma onda grande que os enterrasse.

Por fim, Dante puxou uma aldrava, e uma porta se materializou na parede.

Scott inspecionou o cômodo cavernoso. Mesmas paredes de terra, mesmo chão de pedra. Vazio.

— Olhe embaixo. Alçapão — disse Dante.

Scott saiu de cima da porta da escotilha e puxou a maçaneta com força. Vozes acaloradas foram carregadas até a abertura. Contornando a escada, ele desceu pelo buraco, caindo três metros abaixo.

Avaliou o cômodo lotado e cavernoso em um instante. Homens e mulheres

Nephilim usando mantos pretos com capuz formavam um círculo fixo ao redor de duas pessoas que ele não conseguia ver direito. Uma fogueira crepitava na lateral.

Um ferrete mergulhado em carvão incandescia laranja com o calor.

— Responda — uma voz antiga e forte no centro do círculo repreendeu. — Qual a razão do seu relacionamento com o anjo caído a quem chamam Patch? Está preparada para liderar os Nephilim? Precisamos saber que temos sua lealdade

completa.

— Não tenho que responder — Nora, a outra pessoa, atacou de volta. — Minha vida pessoal não é da sua conta.

Scott caminhou até o círculo, melhorando sua visão.

— Você não tem vida pessoal — sibilou a mulher velha e de cabelos brancos com a voz forte, golpeando Nora com um dedo frágil, seu queixo duplo e mole tremendo de raiva. — Seu único propósito agora é liderar seu povo e libertá-los dos anjos caídos. Você é a herdeira de Mão Negra, e embora eu não deseje ir contra os desejos dele, eu votarei pela sua expulsão se precisar.

Scott olhou desconfortavelmente os Nephilim cobertos. Diversos assentiram,

concordando.

Nora, ele a chamou, falando com sua mente. O que está fazendo? O juramento de sangue. Você tem que permanecer no poder. Diga o que for preciso. Apenas acalme-os.

Nora olhou em sua volta com uma hostilidade cega até seus olhos encontrarem os dele. Scott?

Ele assentiu, encorajando-a. Estou aqui. Não se alarme. Mantenha-os felizes. Depois eu vou te tirar daqui.

Ela engoliu em seco, visivelmente tentando se recompor, mas suas bochechas ainda queimavam com uma cor de escandalizada.

— Mão Negra morreu na noite passada. Desde então eu fui nomeada sua herdeira, empurrada em posição de liderança, movida de uma reunião para a outra, forçada a cumprimentar pessoas que não conheço, ordenada a usar este manto sufocante, interrogada em uma miríade de assuntos pessoais, cutucada e espetada, avaliada e julgava, e tudo isso sem um instante para recuperar meu fôlego. Então me

perdoem se ainda vacilo.

Os lábios da velha se comprimiram em uma linha fina, mas ela não discutiu.

— Eu sou a herdeira de Mão Negra. Ele me escolheu. Não se esqueçam — disse Nora, e embora Scott não soubesse dizer se ela falava com convicção ou escárnio, o efeito foi silenciador.

— Responda uma coisa — disse a velha astutamente, após uma pausa pesada. — O que foi feito de Patch?

Antes que Nora pudesse responder, Dante deu um passo à frente.

— Ela não está mais com o Patch.

Nora e Scott olharam aguçadamente um para o outro, e então para Dante. O que foi isso? Nora exigiu de Dante na conversa mental, incluindo Scott no papo a três. Se eles não te deixarem liderar agora mesmo, você vai cair mortinha por causa do juramento de sangue, respondeu Dante. Deixe que eu lido com isso.

Mentindo?

Tem uma ideia melhor?

— Nora quer liderar os Nephilim — falou Dante em voz alta. — Ela fará o que for preciso. Terminar o trabalho de seu pai significa tudo para ela. Deem-lhe um dia para ficar de luto, e ela vai cair de boca no trabalho, completamente comprometida. Eu a treinarei. Ela pode fazer isso. Deem-lhe uma chance.

— Você vai treiná-la? — a velha perguntou a Dante com um olhar penetrante.

— Isso vai funcionar. Confie em mim.

A senhora ponderou por um longo instante.

— Marquem-na com a marca de Mão Negra — ela ordenou, por fim.

O olhar selvagem e assustador nos olhos de Nora quase fez com que Scott se dobrasse e vomitasse.

Os pesadelos. Eles apareciam do nada, dançando em sua cabeça. Rápidos.

Vertiginosos. E então veio a voz. A voz de Mão Negra. Scott pôs as mãos na orelha, recuando. A voz maníaca cacarejava e sibilava até que as palavras ficaram todas juntas e soaram como uma colmeia de abelhas chutada. A marca de Mão Negra, queimada em seu peito, pulsava. Uma dor recente. Ele não conseguia diferenciar entre ontem e agora.

Sua garganta foi desobstruída com um comando.

— Parem.

O cômodo pareceu hesitar. Corpos se deslocaram, e de repente Scott sentiu-se esmagado por olhares hostis.

Ele pestanejou com força. Não conseguia pensar. Tinha que salvá-la. Ninguém esteve por perto para impedir Mão Negra de marcá-lo. Scott não deixaria a mesma coisa acontecer com Nora.

A velha andou até Scott, seus saltos batendo no chão com uma cadência vagarosa e deliberada. Sulcos profundos cortavam a pele dela. Olhos verdes aguados espiavam de órbitas afundadas.

— Não acha que ela pode mostrar lealdade dando o exemplo? — Um sorriso fraco e desafiador curvou os lábios dela.

O coração de Scott martelava.

— Faça-a demonstrar isso através de ações. — As palavras simplesmente saíram.

A mulher inclinou a cabeça para um lado.

— O que quer dizer?

Ao mesmo tempo, a voz de Nora deslizou para dentro de sua cabeça. Scott? disse ela, nervosa.

Ele rezou para não estar piorando as coisas e lambeu os lábios.

— Se Mão Negra quisesse que ela fosse marcada, ele mesmo teria feito isso. Ele confiava nela o bastante para lhe dar este cargo. Isso basta para mim. Podemos passar o resto do dia testando ela, ou podemos começar essa guerra de uma vez. A nem trinta metros acima das nossas cabeças tem uma cidade de anjos caídos.

Traga um até aqui. Eu mesmo farei isso. Marque-o. Se quiser que anjos caídos saibam que falamos a sério sobre a guerra, vamos lhes mandar uma mensagem. — Ele conseguia ouvir sua própria respiração irregular.

Um sorriso lento aqueceu o rosto da velha.

— Oh, gosto disso. Muitíssimo. E quem é você, querido?

— Scott Parnell. — Ele puxou para baixo o colarinho de sua camiseta. Seu dedão roçou a pele distorcida que formava sua marca, um punho fechado. — Vida longa à visão de Mão Negra. — As palavras tinham gosto de bile em sua boca.

Colocando seus dedos finos nos ombros de Scott, a mulher se inclinou para frente e beijou cada uma das bochechas dele. Sua pele era úmida e fria como a neve.

— E eu sou Lisa Martin. Conhecia Mão Negra muito bem. Vida longa ao seu espírito, em todos nós. Traga-me um anjo caído, jovem, e nos deixe mandar uma mensagem aos nossos inimigos.

Acabou logo.

Scott tinha ajudado a acorrentar um anjo caído, um garoto magrelo chamado

Baruch que parecia ter 15 anos humanos. O maior medo de Scott era de que eles esperassem que Nora marcasse o anjo caído, mas Lisa Martin tinha levado-a para uma antecâmara privada.

Um Nephil encapuzado havia colocado o ferrete nas mãos de Scott. Ele olhou a

placa de mármore e o anjo caído algemado a ela. Ignorando os votos praguejantes de vingança de Baruch, Scott repetiu as palavras que o Nephil encapuzado ao seu lado murmurava em seu ouvido (um bando de besteira comparando Mão Negra a uma divindade) e pressionou o ferro quente no peito nu do anjo caído.

Agora Scott estava curvado contra a parede do túnel do lado de fora da antecâmara, esperando Nora. Se ela ficasse ali mais que cinco minutos, ele iria atrás dela. Ele não confiava em Lisa Martin. Não confiava em nenhum dos Nephilim encapuzados. Estava claro que eles faziam parte de uma sociedade, e Scott aprendeu de maneira difícil que nada bom provinha de segredos.

A porta foi aberta. Nora saiu, e então jogou seus braços ao redor do pescoço dele e se segurou firmemente. Obrigada.

Ele a segurou até ela parar de tremer.

Ossos do ofício, ele provocou, tentando acalmá-la da melhor maneira que podia.

Vou colocar a cobrança no correio.

Ela fungou, rindo.

— Dá pra ver que eles estavam muito empolgados em me ter como nova líder.

— Eles estão chocados.

— Chocados que Mão Negra deixou o futuro deles em minhas mãos. Viu o rosto deles? Achei que fossem começar a choramingar. Ou isso ou jogar vegetais em mim.

— Então, o que você vai fazer?

— Hank está morto, Scott. — Ela olhou diretamente para ele, e então secou seus olhos

passando os dedos por debaixo deles, e ele viu um relampejo de algo em sua expressão,

algo que não conseguiu decifrar. Garantia? Confiança? Ou, talvez, uma confissão direta. —

Eu vou comemorar.

CAPÍTULO 1

EU NÃO SOU UMA GAROTA FESTEIRA. Música de estourar os ouvidos, corpos em movimento, sorrisos embriagados... nada a ver comigo. Meu sábado a noite ideal seria ficar em casa aninhada no sofá assistindo uma comédia romântica com meu namorado, Patch.

Previsível, contida... normal. Meu nome é Nora Grey, e embora eu costumasse ser uma adolescente americana normal, comprando minhas roupas em liquidação na J. Crew e gastando meu dinheiro de babá com o iTunes, eu e a normalidade nos tornamos perfeitas estranhas recentemente. Na verdade, eu não reconheceria algo normal nem SE marchasse até mim e cutucasse o meu olho.

A normalidade e eu nos distanciamos quando Patch entrou na minha vida. Patch é dezoito centímetros mais alto que eu, só trabalha com uma lógica fria e dura, se movimenta como fumaça, e mora sozinho em um estúdio supersecreto e superdescolado embaixo do Parque de Diversões Delphic.

O som da sua voz, grave e sexy, derrete meu coração em apenas três segundos. Ele também é um anjo caído, expulso do céu por sua flexibilidade em seguir regras.

Pessoalmente, eu acho que o Patch deu um baita de um susto na normalidade, e ela saiu correndo para o outro lado do planeta.

Posso não ter normalidade, mas tenho uma estabilidade. Em especial na forma da minha melhor amiga há doze anos, Vee Sky. Vee e eu temos uma ligação inabalável que até mesmo uma lista infindável de diferenças não pode quebrar. Dizem que os

opostos se atraem, e Vee e eu so-mos prova da legitimidade disso. Eu sou alta e

magra com um grande cabelo cacheado que testa a minha paciência, e tenho

personalidade tipo A1

1 Indivíduos do tipo A são ambiciosos, organizados, podem ser sensíveis, se importam com outras

peçoas, são verdadeiros, impacientes, sempre tentam ajudar os outros, fazem mais coisas do que são

capazes, são proativos. São, muitas vezes, workaholics, fazendo muitas tarefas ao mesmo tempo, e se

esforçam para cumprir prazos, odiando tanto atrasos como ambivalência.

Vee é ainda mais alta, com cabelo loiro-acinzentado, olhos verdes serpentinos, e mais curvas do que o trilho de uma montanha-russa. Quase sempre os desejos da Vee triunfam sobre os meus. E, ao contrário de mim, Vee adora uma boa festa. Hoje à noite, o desejo de Vee de procurar uma boa festa nos levou para o outro lado da cidade até um depósito feito de tijolos de quatro andares, bombando com música de balada, inundado de identidades falsas e abarrotado de corpos produzindo suor o bastante para elevar os gases do efeito estufa a um novo nível. A distribuição do local era padrão: uma pista de dança imprensada entre um palco e um bar. Havia boatos de que uma porta secreta atrás do bar dava a um porão, e o porão te levava a um homem chamado Storky, que operava um negócio de falsificações de sucesso. Líderes das comunidades religiosas ameaçavam fechar o viveiro de iniquidade de adolescentes desordeiros... também conhecido como Devil's Handbag.

— Requebra, baby — Vee gritou para mim por cima do thump, thump, thump sem sentido da música, entrelaçando seus dedos nos meus e balançando nossas mãos sobre as cabeças. Estávamos no centro da pista de dança, sendo empurradas e trombadas de todos os lados. — É assim que um sábado à noite tem que ser. Nós duas remexendo, nos soltando, liberando o bom e velho suor das garotas.

Fiz o meu melhor para dar um aceno de entusiasmo, mas o cara atrás de mim

ficava pisan-do no calcanhar da minha sapatilha de bailarina, e, a intervalos de cinco segundos, eu tinha que enfiar meu pé nele. A garota à minha direita dançava com os cotovelos para fora e, se eu não fos-se cuidadosa, eu sabia que seria esmurrada no ombro.

— Talvez devêssemos pegar umas bebidas — eu disse para Vee. — Parece que estamos na Flórida.

— É porque eu e você estamos incendiando este lugar. Dá uma olhada naquele cara no bar. Ele não tira os olhos dos seus movimentos sensuais. — Ela lambeu os dedos e os apertou contra meu ombro nu, fazendo um som escaldante.

Eu segui o olhar dela... e meu coração afundou.

Dante Matterazzi levantou o queixo, me cumprimentando. Seu próximo gesto foi um pouco mais sutil.

Nunca imaginei que você dança, ele falou na minha mente.

Engraçado, eu imaginei que você persegue pessoas, eu atirei de volta.

Dante Matterazzi e eu pertencíamos à raça Nephilim, por isso a habilidade inata de conversar mentalmente, mas as similaridades paravam por aí. Dante não sabia deixar nada pra lá, e eu não sabia por quanto mais tempo eu conseguiria evitá-lo.

Eu o tinha conhecido pela primeira vez esta manhã mesmo, mas ele agia como se o nosso relacionamento datasse de anos, no mínimo.

Deixei uma mensagem no seu celular, ele disse.

Nossa, não devo ter recebido. Mais para eu deletei.

Precisamos conversar.

Estou meio ocupada Para enfatizar meu argumento, eu girei meus quadris e balancei os braços de um lado para o outro, fazendo o meu melhor para imitar Vee, cujo canal de TV favorito era o BET2, o que ela deixava bem claro. Ela tinha hip-hop

carimbado em sua alma.

2 BET, sigla de Black Entertainment Television, é um canal de TV a cabo cujo público-alvo são os

afrodescendentes. A programação do canal consiste música, filmes e seriados populares.

Um fraco sorriso elevou a boca de Dante.

Enquanto faz isso, peça para sua amiga te dar umas dicas. Você está toda atrapalhada. Definitivamente um peixe fora d'água. Encontre-me lá fora em dois minutos.

Eu olhei feio para ele.

Ocupada, lembra?

Isso não pode esperar.

Com uma arqueada significativa das sobrancelhas, ele desapareceu na multidão.

— Quem perdeu foi ele — Vee disse. — Não aguentou o calor. — Quanto àquelas bebidas — eu disse. — Posso te trazer uma Coca? — Vee não parecia pronta para desistir de dançar tão cedo, e por mais que eu quisesse evitar Dante, imaginei que fosse melhor simplesmente acabar com isso logo de uma vez. Engolir o sapo e conversar com ele. A alternativa era ter ele de sombra pelo resto da noite.

— Coca com limão — Vee disse.

Saí da pista de dança pelas beiradas e, depois de me certificar que Vee não estava me observando, abaixei-me por um corredor lateral e saí pela porta dos fundos. O beco estava banhado pela luz do luar. Um Porsche Panamera vermelho estava estacionado na minha frente, e Dante se inclinava contra ele, seu braço dobrado frouxamente sobre o peito.

Dante tem 2,05m, o físico de um soldado recém-saído do treinamento de recrutas.

Só para exemplificar: ele tem mais músculos tonificados no pescoço do que eu tenho no meu corpo todo. Hoje à noite ele estava usando calça cáqui solta e uma

camisa de linho branca desabotoada até a metade do peito, revelando um trecho em V de pele suave e sem pelos. Exibido.

— Belo carro — eu disse.

— Dá conta do recado.

— Assim como o meu Volkswagen, que custou consideravelmente menos.

— É preciso mais que quatro rodas para ser um carro.

Ugh.

— Então — eu disse, batendo o pé. — O que é tão urgente?

— Ainda está namorando aquele anjo caído?

Era apenas a terceira vez em três horas que ele me perguntava isso. Duas vezes por mensagem, e agora cara a cara. Meu relacionamento com Patch tinha passado por muitos altos e baixos, mas a direção atual era positiva. Ainda tínhamos nossos problemas, contudo. Em um mundo onde Nephilim e anjos caídos prefeririam morrer a sorrir um para o outro, namorar um anjo caído definitivamente estava fora de questão.

Eu me endireitei um pouco mais e disse:

— Você sabe.

— Está tomando cuidado?

— Descrição é meu lema. — Patch e eu não precisávamos que Dante nos dissesse que era sensato não fazermos muitas aparições públicas juntos. Nephilim e anjos caídos nunca precisaram de uma desculpa para ensinar uma lição uns aos outros, e as tensões raciais entre os dois grupos estavam esquentando mais a cada dia que passava. Era outono, outubro, para ser exata, e o mês judaico do Cheshvan era em alguns dias.

A cada ano, durante o Cheshvan, anjos caídos possuíam multidões de corpos

Nephilim. Anjos caídos têm passe livre para fazer o que bem entenderem, e já que essa era única vez durante o ano em que eles realmente conseguiam sentir sensações físicas, a criatividade deles não conhecia limites. Eles vão atrás de prazer, dor, e tudo entre os dois, brincando de parasitar seus hospedeiros Nephilim. Para os Nephilim, o Cheshvan é uma prisão infernal.

Se Patch e eu fôssemos vistos apenas de mãos dadas pelos indivíduos errados, nós pagaríamos, de um jeito ou de outro.

— Vamos falar sobre a sua imagem — disse Dante. — Precisamos gerar uma atenção positiva sobre o seu nome. Levantar a confiança dos Nephilim em você.

Eu estalei os dedos teatralmente.

— Não odeia quando a sua taxa de aprovação está baixa?

Dante franziu o rosto.

— Isso não é piada, Nora. Cheshvan começa em pouco mais de 72 horas, e isso significa guerra. Anjos caídos de um lado, nós do outro. Tudo está em suas mãos, você é a líder do exército Nephilim.

Uma náusea instalou-se no meu estômago. Eu não tinha exatamente solicitado o cargo. Graças ao meu falecido pai, um homem verdadeiramente doente, eu tinha sido forçada a herdar o posto. Fiz um juramento de sangue a fim de liderar seu exército, e a falha em fazê-lo resultaria na minha morte, e na morte da minha mãe.

Sem pressão alguma.

— Apesar das nossas precauções, há boatos de que está namorando um anjo caído, e que sua lealdade está dividida.

— Eu estou namorando um anjo caído.

Dante revirou os olhos.

— Acha que pode dizer isso mais alto?

Eu dei de ombros. Se for isso que realmente quer. Então eu abri a boca, mas Dante estava ao meu lado em um instante, cobrindo-a.

— Eu sei que isso te mata, mas você poderia facilitar o meu trabalho só desta vez?

— ele murmurou no meu ouvido, olhando ao redor para as sombras com uma inquietação óbvia, mesmo eu tendo certeza de que estávamos sozinhos. Eu só era uma Nephilim pura há 24 horas, mas confiava no meu novo e afiado sexto sentido.

Se houvesse algum bisbilhoteiro a espreita, eu saberia.

— O que você tem em mente? — perguntei quando ele baixou a mão.

— Namore Scott Parnell.

Scott Parnell tinha sido o primeiro Nephilim com quem eu fiz amizade, na tenra idade de cinco anos. Eu não soubera nada sobre sua verdadeira identidade naquela época, mas nos últimos meses ele tinha tomado o posto, primeiramente, de meu algoz, então de meu parceiro no crime, e, eventualmente, de meu amigo. Não havia segredos entre nós. Igualmente, não havia romance ou química.

Eu dei risada.

— Assim você me mata, Dante.

— Seria apenas para mostrar. Pelo bem das aparências — ele explicou. — Só até a nossa raça começar a gostar de você. Você só é Nephilim há um mísero dia.

Ninguém te conhece. As pessoas precisam de uma razão para gostar de você.

Temos que deixá-los confortáveis para confiarem em você.

— Não posso namorar o Scott — disse a Dante. — A Vee gosta dele.

Dizer que Vee tem sido azarada no amor seria otimismo. Nos últimos seis meses ela, se apaixonou por um predador narcisista e por um traidor asqueroso. Não era surpresa alguma seus dois relacionamentos a terem feito duvidar seriamente de seus instintos amorosos. Ela tem, inequivocamente, se recusado até mesmo a sorrir

para o sexo oposto... isso até Scott chegar. No começo da noite passada, poucas horas antes de meu pai ter me coagido a me transformar em um Nephilim pura para que eu pudesse controlar seu exército, Vee e eu tínhamos ido ao Devil's Handbag para ver Scott tocar baixo em sua nova banda, a Serpentine, e ela não tinha parado de falar sobre ele. Aparecer e roubar Scott agora, mesmo que fosse um truque, seria o maior dos golpes baixos.

— Não seria de verdade — repetiu Dante, como se isso tornasse tudo formidável.

— Vee ficaria sabendo disso?

— Não exatamente. Você e Scott teriam de ser convincentes. Seria desastroso que isso va-zasse, então gostaria de limitar a verdade entre nós três.

Eu fiz aquele negócio de colocar as mãos no quadril, tentando ser firme e inflexível.

— Então você vai precisar escolher outra pessoa. — Eu não estava enamorada pela ideia de fingir namorar um Nephilim para elevar minha popularidade. De fato, parecia um desastre prestes a acontecer, mas eu queria deixar essa bagunça para trás. Se Dante achava que um namorado Nephilim me daria mais credibilidade, então que fosse. Não seria de verdade. Obviamente que Patch não ficaria animado, mas um problema por vez, certo?

A boca de Dante se comprimiu em uma linha, e ele fechou os olhos brevemente.

Invocando paciência.

— Ele precisa ser respeitado na comunidade Nephilim disse Dante pensativamente, por fim. — Alguém com quem os Nephilim possam imaginar a líder deles.

Fiz um gesto de impaciência.

— Ótimo. Só jogue outra pessoa que não o Scott em cima de mim.

— Eu.

Eu recuei.

— Perdão. O quê? Você? — Eu estava chocada demais para cair na gargalhada.

— Por que não? — perguntou Dante.

— Quer mesmo que eu comece a enumerar os motivos? Porque poso ficar aqui com você a noite toda. Para começo de conversa, você tem namorada... qual é mesmo o nome dela? Melinda? Marianne?

— Marina.

Eu fiz um gesto de tanto faz.

— Você também é, pelo menos, cinco anos mais velho do que eu em anos humanos (um banquete completo para escândalos), não tem senso de humor, e... ah é. A gente não se suporta.

— Sou o seu primeiro tenente...

— Porque o babaca do meu pai biológico te deu esta posição. Eu não tive escolha.

Dante não pareceu me ouvir.

— Nós nos conhecemos e sentimos uma ligação instantânea. É uma história que

todos acreditarão. — Ele sorriu. — Muita publicidade positiva.

— Se disser a palavra com P mais uma vez, eu vou... fazer algo drástico. — Como dar um soco nele. E então me bater por ter considerado mesmo esse plano.

— Não seja precipitada — disse Dante. — Pense sobre isso.

— Estou pensando. — contei até três nos dedos. — Beleza, feito. Péssima ideia.

Uma ideia realmente péssima. Eu digo não.

— Tem uma ideia melhor?

— Sim, mas eu vou precisar de um pouco de tempo para pensar em uma.

— Claro. Sem problemas, Nora. — Ele contou até três nos dedos. — Beleza, tempo esgotado. Preciso de um nome amanhã cedo. Caso não tenha sido dolorosamente óbvio, sua reputação está escorrendo pelo ralo. A notícia da morte do seu pai e da

sua subsequente nova posição de liderança está se espalhando como fogo. As pessoas estão falando sobre isso, e o que elas dizem não é bom. Precisamos que os Nephilim acreditem em você. Precisamos que eles confiem que você está pensando nos interesses deles, e que você pode terminar o trabalho do seu pai e nos libertar das amarras dos anjos caídos daqui a três dias. Precisamos que eles te apoiem, e vamos mostrar-lhes uma ótima razão atrás da outra. Começando com um namorado Nephilim respeitado.

— Ei, gata, tudo bem por aqui?

Dante e eu nos viramos. Vee estava na entrada da porta, nos olhando com quantidades i-guais de cautela e curiosidade.

— Ei, está tudo bem — disse, um pouquinho entusiasmada demais. — Você não voltou mais com as nossas bebidas, e comecei a ficar preocupada — disse Vee. Seu olhar se deslocou de mim para Dante. Reconhecimento cintilou em seus olhos, e eu percebi que ela se lembrava dele do bar. — Quem é você? — ela perguntou a ele.

— Ele? — eu interrompi. — Ah. Uh. Bem, ele é apenas um cara qualquer...

Dante deu um passo a frente, sua mão estendida.

— Dante Matterazzi. Sou um amigo da Nora. Nós nos conhecemos há alguns dias

quando um amigo em comum, Scott Parnel, nos apresentou.

Do nada, o rosto de Vee se iluminou.

— Você conhece Scott?

— É um bom amigo, na verdade.

— Qualquer amigo do Scott é meu amigo também.

Internamente, arranquei meus olhos.

— Então, o que você dois estão fazendo aqui? — Vee perguntou a nós dois.

— Dante acabou de comprar um carro novo — eu disse, indo para o lado para

fornecer uma visão desobstruída do Porsche. — Ele não resistiu e veio se exhibir.

Mas não olhe com muita atenção. Acho que está faltando o número da placa.

Dante teve que recorrer ao roubo, já que gastou todo o dinheiro depilando o peito esta manhã, mas nossa, como resplandece.

— Engraçadinha — disse Dante, e eu pensei que ele fosse abotoar no mínimo mais um bo-tão da camisa, mas não.

— Se eu tivesse um carro desses, eu iria me exhibir também — disse Vee.

Dante falou:

— Eu tentei convencer a Nora a dar uma volta, mas ela fica me dando fora.

— É porque ela tem um namorado durão. Ele deve ter sido educado em casa, porque perdeu todas aquelas lições valiosas que aprendemos no jardim de infância sobre como compartilhar. Se ele descobrir que você levou a Nora para dar uma voltinha, ele vai amarrar esse Porsche brilhante na árvore mais próxima.

— Nossa — eu disse — olha só que horas são. Não tem que estar em outro lugar, Dante?

— Na verdade, minha noite está vaga. — Ele sorriu, devagar e relaxado, e eu sabia que ele estava saboreando cada instante em que invadia a minha vida particular. Eu deixei claro que qualquer contanto entre nós tinha que ser em particular, e ele estava me mostrando o que pensava sobre as minhas “regras”. Em uma tentativa patética de igualar o placar, eu lancei a ele meu olhar mais malvado e gelado.

— Está com sorte — disse Vee. — Sabemos exatamente como preencher a sua noite. Você vai passear com as duas garotas mais legais de Coldwater, Sr. Dante Matterazzi.

— Dante não dança — eu interrompi rapidamente.

— Abro uma exceção, só desta vez — ele respondeu, abrindo a porta para nós.

Vee bateu palmas, pulando para cima e para baixo.

— Eu sabia que esta noite ia ser de arrebentar! — ela guinchou, passando sob o braço de Dante.

— Depois de você — disse Dante, colocando a palma da mão na parte inferior das minhas costas e me guiando para dentro. Eu dei um tapa na mão dele, mas, para meu desprazer, ele se inclinou mais para perto e murmurou:

— Que bom que tivemos essa conversinha.

Não resolvemos nada, eu falei para a mente dele. Esse negócio todo de namorado e namorada? Nada foi firmado. Só uma coisinha para você ter em mente. E que fique registrado: minha melhor amiga não deveria saber que você existe. Sua melhor amiga acha que eu deveria botar seu namorado para correr, ele disse, parecendo se divertir. Ela acha que qualquer coisa com um coração batendo deveria substituí-lo. Eles têm assuntos inacabados.

Parece promissor.

Eles me seguiu pelo pequeno corredor que levava até a pista de dança, e eu senti seu sorriso arrogante e açulante pelo caminho todo.

Está em menor número, Nora. Só uma coisinha para você ter em mente.

A batida alta e monótona da música perfurou meu crânio como se fossem marteladas. Apertei a ponte do meu nariz, recuando diante de uma dor de cabeça a caminho. Eu estava com um dos cotovelos apoiado no bar, e usei minha mão livre para pressionar um copo de água gelada contra minha testa.

— Já está cansada? — perguntou Dante, deixando Vee na pista de dança e deslizando na banquetta do bar ao meu lado.

— Faz ideia de quanto mais tempo ela ainda aguenta? — eu perguntei.

— Parece que ela recarregou as baterias.

— Da próxima vez que for comprar uma melhor amiga, me lembre de me afastar das animadinhas. Ela não para nunca...

— Parece que você precisa de uma carona para casa.

Eu balancei a cabeça.

— Eu vim dirigindo, mas não posso deixar a Vee aqui. Falando sério, quanto tempo mais ela pode durar? — Obviamente, eu vinha me fazendo essa mesma pergunta pelos últimos trinta minutos.

— Vou te dizer uma coisa. Vá para casa. Eu fico com a Vee. Quando ela finalmente se cansar, eu lhe dou uma carona de volta para casa.

— Achei que você não ia se envolver na minha vida pessoal. — Tentei soar carrancuda, mas eu estava exausta, e a convicção simplesmente não transparecia.

— Sua regra, não minha.

Eu mordi o lábio.

— Talvez só desta vez. Afinal de contas, Vee gosta de você. E você realmente tem vigor para continuar dançando com ela. Quero dizer, isso é bom, não é?

Ele cutucou a minha perna.

— Pare de racionalizar tudo e vá logo embora daqui.

Para minha surpresa, eu suspirei de alívio.

— Obrigada, Dante. Te devo uma.

— Pode me retribuir amanhã. Precisamos terminar a nossa conversa.

E, bem assim, qualquer sentimento benevolente desapareceu. Mais uma vez, Dante era a pedra no meu sapato, insistindo em incomodar.

— Se algo acontecer a Vee, você será o culpado.

Com isso, eu fui embora.

Era uma noite sem nuvens, e a lua era de um azul assombroso contra o negro da

noite. Enquanto eu andava até o meu carro, música do Devil's Handbag ecoava como um ruído distante. Eu inalei o ar gélido de outubro. Só com isso minha dor de cabeça já subsidia. Meu celular tocou.

— Como foi a noite das garotas? — Patch perguntou.

— Se eu fizesse as vontades da Vee, ficaríamos aqui a noite toda. — Eu retirei meus sapatos de salto alto e os pendurei nos dedos, preferindo andar descalça. — Só consigo pensar em ir para cama.

— Partilhamos o mesmo pensamento.

— Está pensando em ir para cama também?

— Estou pensando em você na minha cama.

Meu estômago teve uma daquelas palpitações. Eu tinha passado a noite na casa do Patch pela primeira vez ontem, e apesar da atração e da tentação terem estado, definitivamente, presentes, nós terminamos dormindo em quartos separados. Eu não estava certa até que ponto eu queria levar a nossa relação, mas meu instinto dizia que Patch não estava tão indeciso.

— Minha mãe está acordada me esperando — eu disse. — Má hora. — Falando em má hora, sem querer eu me lembrei da minha conversa mais recente com Dante. — Podemos nos encontrar amanhã? Precisamos conversar.

— Isso não parece bom.

Eu mandei um beijo pelo celular.

—Senti saudades de você hoje à noite.

— A noite ainda não terminou. Depois que eu acabar com isso aqui, eu podia passar na sua casa. Deixe a janela do seu quarto destrancada.

— No que está trabalhando?

— Vigilância.

Franzi a testa.

— Que vago.

— Meu alvo está se movimentando. Tenho que me mandar — disse ele. — Vou

para lá assim que der.

Então desligou.

Eu andei pela calçada, me perguntando quem Patch vigiava, e por que (o negócio todo parecia um pouquinho nebuloso), quando o meu carro, um Volkswagen Cabriolet branco de 1984, apareceu no meu campo de visão. Joguei meus sapatos no banco de trás e caí atrás do volante. Enfiei a chave na ignição, mas o motor não se mexeu. Fez um som repetitivo de força e trepidação, e eu aproveitei a oportunidade para pensar em algumas palavras inventivas e escolhidas a dedo sobre o pedaço inútil de sucata.

O carro tinha parado em minhas mãos após uma doação de Scott Parnel, e tinha me dado mais horas de pesar do que quilômetros rodados na estrada. Saltei para fora do carro e abri o capô, olhando feio e especulativamente para o labirinto seboso de mangueiras e contêineres; eu já tinha lidado com o alternador, o carburador e as velas de ignição. O que faltava?

— Problemas com o carro?

Eu me virei, surpresa com o som da voz de um homem atrás de mim. Não havia escutado ninguém se aproximar. Ainda mais alarmante, eu não havia sentido sua presença.

— Aparentemente sim— disse.

— Precisa de ajuda?

— Basicamente só preciso de um carro novo.

Ele sorriu.

— Não sei se posso te ajudar nisso, mas posso dar uma carona gratuita até o seu destino de escolha.

Mantive distância, minha mente girando de modo selvagem enquanto eu tentava categorizá-lo. Meu instinto me dizia que ele não era humano. Tampouco Nephilim. O engraçado era que eu também não achava que ele era anjo caído. Ele tinha um rosto redondo e angelical, com cabelo loiro amarelado em aspecto de palha, e

orelhas de Dumbo que se projetavam ligeiramente para fora. Parecia tão inofensivo, na verdade, que me deixou instantaneamente suspeita. Instantaneamente desconfortável. — Obrigada pela oferta, mas já liguei para o guincho.

Disseram que um cara vai aparecer aqui a qualquer minuto.

O sorriso dele mudou momentaneamente, adotando um ar afetado e sombrio.

— Está ficando boa em mentir, Nora. Acho que está pegando isso do seu namorado.

Meu coração bateu mais rápido.

— Perdão, nós nos conhecemos?

— É meu trabalho conhecer seu namorado por dentro e por fora, de cima a baixo.

Onde ele vai, o que ele faz... quem ele beija. — Ele piscou, mas havia algo inegavelmente traiçoeiro nisso.

Um pensamento aterrorizante tomou conta de mim. E se ele fosse um Nephilim e eu não tivesse conseguido detectar isso? E se ele realmente soubesse sobre mim e Patch? E se ele tinha me achado hoje à noite para passar uma mensagem: que Nephilim e anjos caídos não se misturavam? Eu era uma Nephil nova, não era páreo para ele se tivéssemos que recorrer à força física.

— Você pegou a garota errada — eu disse a ele. — Não tenho namorado. — Então eu me virei, tentando ficar calma enquanto caminhava de volta para o Devil's

Handbag.

— Diga a Patch que quero ter uma palavrinha com ele — o homem pronunciou atrás de mim. — Diga que se ele não sair de seu esconderijo, eu vou sufocá-lo. Vou queimar todo o Parque de Diversões Delphic se for necessário.

Olhei cautelosamente sobre meu ombro. Não sabia com o que Patch tinha se metido, mas eu tinha um pressentimento desconfortável crescendo no meu estômago. Quem quer que fosse este homem, ele falava sério, apesar de seus traços angelicais.

Este homem se curvou sobre o Volkswagen, mexendo em algumas mangueiras

com dedos ágeis.

— Novinho em folha — anunciou, limpando as mãos. — Este pode ser o começo de uma ótima parceria, Nora. Eu te ajudo, você me ajuda.

Eu o vi ir embora, misturando-se nas sombras, assobiando uma música que mandou arrepios pela minha espinha.

CAPÍTULO 2

MEIA HORA DEPOIS, ESTACIONEI NA MINHA GARAGEM. Moro com minha mãe em

uma genuína casa de fazenda no Maine, com pintura branca, persianas azuis, e coberta por um nevoeiro constante. Nesta época do ano, as árvores brilham em tons ardentes de vermelho e dourado, e o ar contém os cheiros nítidos de seiva de

pinheiro, lenha queimando e folhas úmidas. Corri até os degraus da varanda, onde cinco abóboras corpulentas me observavam como sentinelas, e entrei.

— Cheguei! — chamei minha mãe, a luz na sala de estar entregando sua localização. Eu coloquei as chaves em cima do aparador e voltei para achá-la.

Ela marcou a orelha da página em que parou, levantou-se do sofá, e me apertou em um abraço.

— Como foi a sua noite?

— Fui oficialmente drenada de cada última gota de energia. — Eu aponteí escada acima. — Se eu chegar até a cama, vai ser por puro poder mental.

— Enquanto estava fora, um homem apareceu, te procurando.

Eu franzi a testa. Que homem?

— Ele não deixou o nome, e não me disse como te conhecia — continuou minha mãe. — Devo ficar preocupada?

— Como ele era?

— Rosto redondo, tez avermelhada, cabelos loiros.

Então era ele. O homem que tinha uma rixa com Patch. Eu fabriquei um sorriso. — Ah, cer-to. Era um vendedor. Ficou tentando me convencer a tirar as fotos de formatura no estúdio dele. Aí quando for ver, ele vai querer me vender os convites também.

Seria completamente nojento se eu não lavasse o meu rosto hoje à noite? Ficar acordada por mais dois minutos já era forçar a este ponto.

Minha mãe beijou a minha testa.

— Bons sonhos.

Subi até meu quarto, fechei a porta, e me deixei cair de braços abertos na cama. A música do Devil's Handbag ainda pulsava na parte de trás da minha cabeça, mas eu

estava cansada demais para me importar com isso. Meus olhos já estavam parcialmente fechados quando me lembrei da janela. Com um resmungo, cambaleei e retirei a tranca. Patch podia entrar, mas eu lhe desejei sorte se tentasse me manter acordada tempo o bastante para extrair uma resposta.

Puxei minhas cobertas até o queixo, senti o puxão suave e feliz de um sonho me chamando mais para perto, e deixei ele me arrastar...

E então o colchão se afundou com o peso de outro corpo.

— Não sei por que está tão apaixonada por esta cama — disse Patch. — Tem trinta centímetros a menos de altura, um metro e vinte a menos de largura, e os lençóis roxos não funcionam comigo. A minha cama, por outro lado...

Abri um olho e o encontrei esticado ao meu lado, suas mãos apertadas frouxamente em sua nuca. Seus olhos escuros observavam os meus, e ele tinha um cheiro de limpo e sexy. Mais que tudo, ele estava quente, pressionado contra mim. Apesar das minhas boas intenções, esta proximidade tornava cada vez mais difícil me concentrar em dormir.

— Ha — disse. — Eu sei que não liga se a minha cama é confortável ou não. Você não veria problemas em um catre de tijolos. — Uma das desvantagens de Patch ser um anjo caído era que ele não podia sentir sensações físicas. Sem dor, mas

tampouco sem prazer. Eu tinha que me contentar que, quando eu o beijava, ele sentia meu beijo apenas emocionalmente. Eu tentei fingir que não ligava para isso, mas queria que ele se sentisse eletrizado com o meu toque.

Ele me beijou de leve na boca.

—Sobre o que você queria falar?

Não conseguia me lembrar. Algo sobre Dante. O que quer que fosse, parecia não ter importância. Falar, no geral, parecia não ter importância. Eu me aninhei mais

para perto, e Patch roçou sua mão pelo meu braço nu, fazendo uma sensação quente e formigante atirar-se até os meus dedos dos pés.

— Quando é que eu vou te ver dançando? — perguntou. — Nunca dançamos juntos no Devil's Handbag.

— Não está perdendo muita coisa. Me disseram hoje à noite que sou definitivamente um peixe fora d'água na pista de dança.

— Vee precisa ser mais boazinha com você — ele murmurou, pressionando um beijo no meu ouvido.

— Vee não foi a autora dessa frase. O crédito é de Dante Matterazzi — confessei distraída, os beijos de Patch me embalando em um lugar feliz que não precisava de muito raciocínio ou premeditação.

— Dante? — repetiu Patch, algo desagradável rastejando sobre seu tom.

Porcaria.

— Esqueci de mencionar que Dante estava lá? — perguntei. Patch também tinha conhecido Dante nesta manhã e, na maior parte do encontro tenso, eu temi que um fosse arrastar o outro para uma briga. Não é preciso dizer que não foi amor à primeira vista. Patch não gostou de Dante agindo como se fosse meu assessor político e me pressionando para entrar em guerra com os anjos caídos, e Dante.. bem, Dante odiava anjos caídos por princípio.

Os olhos de Patch gelaram.

— O que ele queria?

— Ah, agora me lembro sobre o que eu queria falar com você. — Estalei minhas articulações dos dedos das mãos. — Dante está tentando me promover para a raça Nephilim. Sou a líder deles agora. O problema é que eles não confiam em mim. Não me conhecem. E Dante tem como missão mudar isso.

— Conte uma novidade.

— Dante acha que pode ser uma boa ideia que eu, hm, namore ele. Não se preocupe! — me apressei em dizer. — É tudo de faz de conta. Tenho que fazer os Nephilim pensarem que a líder deles está investida nisso. Vamos esmagar os boatos de que estou namorando um anjo caído. Nada é mais solidário do que pegar um da sua própria espécie, sabe? Gera boa publicidade. Podem até mesmo nos chamar de Norante. Ou Danta. Acha que soa bem? — perguntei, tentando manter o bom humor.

A boca de Patch adotou uma posição carrancuda.

— Na verdade, não acho que soa nada bem.

— Se serve de consolo, não suporto o Dante. Não se preocupe.

— Minha namorada quer namorar outro cara, é, não vou me preocupar.

— É só para aparecer. Olhe pelo lado positivo...

Patch riu, mas não havia humor nisso.

— Tem um lado positivo?

— É só no Cheshvan. Hank deixou os Nephilim todos afoitos com este momento. Ele prometeu a eles a salvação, e eles ainda acham que vão consegui-la. Quando o Cheshvan chegar, e acabar sendo como qualquer outro Cheshvan registrado, eles vão perceber que era um negócio arriscado e, pouco a pouco, as coisas vão voltar ao normal. No meio tempo, enquanto estão de temperamento quente e as esperanças e sonhos dos Nephilim se apoiam na falsa crença de que posso libertá-los dos anjos caídos, temos que deixá-los felizes.

— Já te ocorreu que os Nephilim podem te culpar quando a salvação deles não acontecer? Hank fez um monte de promessas, e quando elas não forem cumpridas,

ninguém vai responsabilizá-lo. Agora você é a líder. Você é o rosto desta

campanha, Anjo — disse ele, solene.

Encarei o teto. Sim, tinha pensado nisso. Mais vezes hoje do que eu queria contemplar e continuar com a minha sanidade.

Há o que parecia uma eternidade, os arcanjos me fizeram o acordo dos meus sonhos. Prometeram me dar o poder de matar Hank... se eu esmagasse a rebelião dos Nephilim. No começo, não pensei em aceitar o negócio, mas Hank me forçou. Ele tentou queimar a pena do Patch e mandá-lo para o inferno. Então eu atirei nele. Hank estava morto, e os arcanjos esperavam que eu impedisse os Nephilim de entrar em guerra.

Aqui que as coisas ficavam complicadas. Apenas horas antes de eu atirar em Hank, eu tinha prestado um juramento a ele, jurando liderar seu exército Nephilim. Se eu falhasse em cumprir minha missão, isso resultaria na minha morte, e na da minha mãe.

Como cumprir minha promessa aos arcanjos e meu juramento a Hank? Eu via apenas uma opção. Eu iria liderar o exército de Hank. E lhes trazer paz.

Provavelmente não era isso que ele tinha em mente quando me forçou a fazer o juramento, mas ele não estava mais por perto para discutir os detalhes. Não me tinha passado despercebido, contudo, que, ao virar as costas para a rebelião, eu também estava permitindo que os Nephilim continuassem presos aos anjos caídos. Não parecia certo, mas a vida era pavimentada por decisões difíceis. Como eu estava aprendendo bem demais. Agora, eu estava mais preocupada em manter os arcanjos felizes do que com os Nephilim.

— O que sabemos sobre o meu juramento? — perguntei a Patch. — Dante disse que entrou em vigor quando Hank morreu, mas quem determina se eu o obedeco ou não? Quem determina o que eu posso ou não posso fazer, em relação a cumprir

meu juramento? Você, por exemplo. Estou me confidenciando com você, um anjo

caído e inimigo jurado dos Nephilim. O juramento não vai me matar por traição?

— O juramento que você fez era o mais vago possível. Felizmente — disse Patch com um alívio óbvio.

Ah, tinha sido bastante vago. E no ponto. Se você morrer, Hank, vou liderar o seu exército. Nem uma palavra a mais.

— Enquanto permanecer no poder e liderar os Nephilim, acho que você está dentro dos termos do juramento — disse Patch. — Você nunca prometeu a Hank que guerrearia.

— Em outras palavras, o plano é ficar de fora da guerra e manter os arcanjos felizes.

Patch suspirou, quase para si mesmo.

— Algumas coisas não mudam nunca.

— Depois do Cheshvan, depois dos Nephilim desistirem da liberdade, e depois de colocarmos um sorriso grande e gordo de contentamento nos rostos dos arcanjos, podemos deixar tudo isso para trás. — Eu o beijei. — Seremos só você e eu.

Patch resmungou.

— Essa parte não chega nunca.

— Ei, escuta — eu disse a ele, ansiosa para mudar para qualquer tópico que não fosse guerra — Fui abordada por um homem hoje à noite. Um homem que quer ter uma palavrinha com você.

Patch assentiu.

— Pepper Friberg.

— Pepper tem um rosto redondo como uma bola de basquete?

Ele assentiu de novo.

— Ele está me seguindo porque acha que voltei atrás num acordo que fizemos. Ele não quer ter uma palavrinha comigo. Quer me acorrentar no inferno e se ver livre de mim.

— Só eu que acho, ou isso soa meio sério?

— Pepper Friberg é um arcanjo, mas ele está metido em mais de uma coisa só. Ele está levando uma vida dupla, passando metade do seu tempo como arcanjo, e a outra metade se fazendo passar por humano. Até agora, ele está tirando proveito do melhor dos dois mundos. Ele tem o poder de um arcanjo, o que ele nem sempre utiliza para o bem, enquanto cede aos vícios dos humanos.

Então Pepper era um arcanjo. Não era de se admirar que eu não tivesse sido capaz de identificá-lo. Eu não tinha tido muita experiência com arcanjos.

Patch continuou:

— Alguém descobriu sua desonestidade, e há rumores de que o estão chantageando. Se Pepper não pagar logo, suas férias na Terra vão se tornar muito mais permanentes. Os arcanjos irão tirar seu poder e arrancar suas asas se descobrirem o que ele anda aprontando. Ele vai ficar preso aqui de vez.

As peças se encaixaram.

— Ele acha que você está chantageando ele.

— Há algum tempo eu descobri o que ele estava aprontando. Concordei em manter o segredo dele, e, em troca, ele concordou em me ajudar a colocar as mãos em uma cópia do Livro de Enoque. Ele ainda não cumpriu sua parte, e parece lógico ele achar que eu estou me sentindo deixado de lado. Mas acho que ele deve ter sido descuidado e tem outro anjo caído por aí procurando se beneficiar de seus delitos.

— Disse isso a Pepper?

Patch sorriu.

— Estou tentando. Ele não está se sentindo muito falante.

— Ele disse que vai queimar toda a Delphic se isso for preciso para te sufocar. — Eu sabia que arcanjos não ousavam colocar os pés dentro do Parque de Diversões Delphic, temendo por sua segurança em um lugar construído e altamente povoado por anjos caídos, então a ameaça fazia sentido.

— Ele está com o dele na reta e está ficando desesperado. Posso ter que me

esconder.

— Se esconder?

— Ficar fora de vista. De cabeça baixa.

Eu me apoiei em um cotovelo e encarei Patch.

— Como me encaixo neste plano?

— Ele acha que você é a passagem de ida até mim. Vai ficar grudado em você como esparadrapo. O carro dele está estacionado na rua debaixo agora mesmo, de olhos atentos à procura do meu carro. — Patch alisou minha bochecha com seu polegar. — Ele é bom, mas não bom o bastante para me impedir de passar um tempo com a minha garota.

— Prometa que sempre vai estar dois passos a frente dele. — Pensar em Pepper capturando Patch e o colocando na estrada livre até o inferno não me dava, precisamente, uma sensação calorosa e aconchegante.

Patch enganchou um dedo no decote da minha roupa e me puxou para um beijo.

— Não se preocupe, Anjo. Tenho sido sorrateiro há mais tempo.

Quando acordei, o outro lado da cama estava frio. Eu sorri para a lembrança de dormir enrolada nos braços do Patch, me concentrado nisso e não na probabilidade de que Pepper Friberg, conhecido também como Sr. Arcanjo com

um Segredo Sujo, tivesse sentado do lado de fora da minha casa a noite toda, brincando de espião.

Pensei em um ano atrás, no outono do meu segundo ano. Naquela época, eu não tinha nem mesmo beijado um cara. Eu nunca poderia ter imaginado o que me aguardava. Patch significava mais para mim do que eu seria capaz de dizer. Seu amor e fé em mim tiravam a dor das decisões difíceis que eu tinha sido forçada a tomar recentemente. Sempre que dúvida e arrependimento rastejavam para a minha consciência, tudo o que eu precisava fazer era pensar no Patch. Eu não tinha certeza se fazia a escolha certa toda vez, mas tinha uma certeza. Eu tinha feito a escolha certa com Patch. Eu não podia desistir dele. Nunca.

Ao meio-dia, Vee ligou.

— Que tal eu e você irmos correr? — disse ela. — Acabei de comprar um par novo de tênis, e preciso lacear essas belezinhas.

— Vee, estou com bolhas por dançar a noite passada. E, espera um minuto. Desde quando você gosta de correr?

— Não é segredo que estou com alguns quilos a mais — disse ela. — Tenho ossos grandes, mas isso não é desculpa para deixar um pouquinho de flacidez me segurar. Tem um cara aí chamado Scott Parnell, e se me livrar de peso extra é o que for preciso para que eu tenha coragem de ir atrás dele, então é isso que vou fazer. Quero que Scott me olhe do jeito que Patch olha para você. Eu não falava a sério sobre esse negócio de fazer dieta e exercício antes, mas estou virando uma nova página. Começando hoje, eu amo exercícios. É o meu novo melhor amigo.

— Ah é? E eu?

— Assim que eu perder esse peso, você vai voltar a ser a minha garota preferida. Passo para te buscar em 20 minutos. Não esqueça a faixa de cabelo. Seu cabelo faz

coisas assustadoras quando fica úmido.

Eu desliguei, passei uma regata por sobre a cabeça, depois um moletom, e finalizei com o tênis.

Bem na hora, Vee apareceu para me buscar. E, imediatamente, ficou claro que não estávamos indo para a pista de corrida do colégio. Ela conduziu seu Neon roxo pela cidade, na direção oposta a da escola, cantarolando para si mesma.

Eu disse:

— Para onde estamos indo?

— Estava pensando em correr nas colinas. Colinas são boas para os glúteos. — Ela virou o Neon na estrada Deacon, e uma luz se acendeu na minha cabeça.

— Espera aí. Scott mora na estrada Deacon.

— Agora que pensei nisso, ele mora mesmo.

— Vamos correr ao lado da casa do Scott? Isso não é meio que... sei lá... coisa de

perseguidor?

— É um jeito bem pessimista de encarar as coisas, Nora. Por que não ver isso como motivação? Olho no prêmio.

— E se ele nos vir?

— Você é amiga do Scott. Se ele nos vir, provavelmente vai sair e conversar com a gente. E seria rude não parar e lhe dar alguns minutos do nosso tempo.

— Em outras palavras, não vamos correr. É uma emboscada.

Vee fez um meneio com a cabeça.

— Você não é nem um pouco divertida.

Ela dirigiu vagarosamente pela Deacon, um trecho sinuoso de uma estrada pitoresca, com sempre-vivas densas beirando ambos os lados. Dentro de duas semanas, elas estariam cobertas de neve.

Scott morava com sua mãe, Lynn Parnell, em um conjunto de apartamentos que entrou no nosso campo de visão na curva seguinte. Durante o verão, Scott tinha se mudado e se escondido. Ele havia desertado o exército Nephilim de Hank Millar, e Hank havia procurado incansavelmente por ele, esperando torná-lo um exemplo. Depois que eu matei Hank, Scott tinha ficado livre para voltar para casa.

Uma cerca de cimento protegia a propriedade, e embora eu tivesse certeza de que a intenção tinha sido a de ter privacidade, isso dava ao local uma sensação de prisão. Vee entrou pelo portão e eu tive um flashback da vez em que ela me ajudou a bisbilhotar o quarto do Scott. Na época que eu achava que ele era um babaca que iria aprontar alguma. Nossa, como as coisas tinham mudado. Vee estacionou perto das quadras de tênis. As redes já tinham sumido há muito tempo, e alguém havia decorado o turfe com pichação.

Saímos e nos alongamos por alguns minutos.

Vee disse:

— Não me sinto segura deixando o Neon abandonado por muito tempo nesse bairro. Talvez devêssemos dar voltas ao redor do conjunto. Dessa forma posso ficar

de olho no meu bebê.

— Aham. Também dá ao Scott mais chance de ver a gente.

Vee usava uma calça de moletom rosa-shocking com DIVA estampado na bunda em glitter dourado, e uma jaqueta rosa-shocking de lã. Ela também estava maquiada completamente, com brincos de diamantes em suas orelhas, um maxi anel de rubi, e cheirava a Pure Poison, da Dior. Simplesmente um dia normal de corrida.

Aceleramos o passo e começamos a correr lentamente pela trilha de terra que circulava o conjunto. O sol tinha aparecido e, após três voltas, retirei meu moletom,

amarrando-o em volta da minha cintura. Vee foi, em linha reta, até um banco desgastado do parque e se arrastou, sugando ar.

— Acho que já foram oito quilômetros — disse ela.

Eu inspecionei a trilha. Claro... se subtraísse, mais ou menos, seis quilômetros.

— Talvez devêssemos espiar a janela do Scott — sugeriu Vee — É domingo. Ele pode estar dormindo além da conta e precisando de um despertador amigável.

— Scott mora no terceiro andar. A não ser que você tenha uma escada de doze metros escondida no porta-malas do Neon, espiar pela janela está fora de questão.

— Podemos tentar algo mais direto. Tipo bater na porta dele.

Bem então um Plymouth Barracuda laranja, aproximadamente dos anos 1970, chegou no estacionamento com um vrum. Parou debaixo da garagem, e Scott saiu de dentro. Como a maioria dos homens Nephilim, Scott tinha o corpo de alguém aparentemente bastante familiar com uma sala de musculação. Ele também era extraordinariamente alto, chegando quase a dois metros. Deixava seu cabelo cortado tão curto quanto um presidiário, e era bonitão, de um jeito durão e fortificado. Hoje ele vestia um shorts de basquete combinando com uma camiseta com as mangas rasgadas.

Vee se abanou.

— Uepa!

Levantei a mão no ar, com a intenção de chamar Scott e conseguir sua atenção, quando a porta do passageiro do Barracuda se abriu e Dante emergiu.

— Dá uma olhada só — disse Vee. — É o Dante. Faça as contas. Eles são dois, e nós somos duas. Sabia que eu gostava de correr.

— Estou sentindo uma compulsão súbita de continuar correndo — murmurei. E de não parar até colocar uma grande distância entre eu e Dante. Não estava com

vontade de prosseguir a conversa de ontem à noite. Do mesmo jeito, não estava com vontade que Vee bancasse cupido. Ela era irritantemente boa nisso.

— Tarde demais. Fomos avistadas. — Vee balançou o braço em cima da sua cabeça como uma hélice de helicóptero.

Como dito, Scott e Dante recuaram contra o Barracuda, balançando as cabeças e sorrindo para nós.

— Está me perseguindo, Grey? — gritou Scott.

— Ele é todo seu — eu disse a Vee. — Vou terminar de correr.

— E o Dante? Ele vai ficar de vela — disse ela.

— Vai ser bom para ele, confie em mim.

— Onde é o incêndio, Grey? — Scott chamou, e, para minha consternação, ele e Dante começaram a correr.

— Estou treinando — atirei de volta. — Estou pensando em... tentar entrar na equipe de corrida.

— As corridas não começam até a primavera — lembrou-me Vee.

Tentei de tudo.

— Oh-ou, a frequência cardíaca está caindo — gritei para Scott. E, com isso, saí correndo em disparada na direção oposta.

Ouvi Scott na trilha atrás de mim. Um minuto depois, ele agarrou a alça da minha regata, puxando-a de brincadeira.

— Quer me dizer o que está acontecendo?

Eu me virei para encará-lo.

— O que parece?

— Parece que você e a Vee vieram até aqui para me ver, sob o pretexto de correrem.

Dei um tapinha de parabéns no ombro dele.

— Bom trabalho, campeão.

— Então por que está fugindo? E por que Vee está cheirando a uma fábrica de perfume?

Eu permaneci em silêncio, deixando que ele descobrisse.

— Ah — disse ele por fim.

Eu abri as mãos.

— Meu trabalho aqui está terminado.

— Não me entenda mal, mas não sei se estou pronto para sair com a Vee o dia todo. Ela é bastante... intensa.

Antes que eu pudesse dar o sábio conselho “Finja até estar pronto”, Dante apareceu do meu lado.

— Posso ter uma palavra com você? — perguntou.

— Eita — eu disse baixinho.

— Essa é a minha deixa — disse Scott, e, para meu desânimo, ele correu para longe, me deixando a sós com Dante.

— Consegue correr e conversar ao mesmo tempo? — perguntei a Dante, pensando que preferia não ter que olhar nos olhos dele enquanto ele reprocessava suas opiniões sobre nossa relação provisória. Além do mais, isso dizia muito sobre o quanto eu estava a fim de ter esta conversa.

Como resposta, Dante acelerou o passo, correndo ao meu lado.

— Que bom vê-la correndo — disse ele.

— É? Por quê? — ofeguei, empurrando alguns fios de cabelos soltos para longe do meu rosto encharcado de suor. — Fica animado ao me ver completamente bagunçada?

— Isso, e é um bom treinamento para o que tenho reservado para você.

— Tem algo reservado para mim? Por que tenho a sensação de que não quero ouvir mais?

— Você pode ser uma Nephilim agora, Nora, mas está em desvantagem. Ao contrário de Nephilim concebidos naturalmente, você não tem a vantagem de uma altura elevada, e não é tão poderosa fisicamente.

— Sou muito mais forte do que você pensa— eu reclamei.

— Mais forte do que você era. Mas não tão forte quanto uma Nephilim do sexo feminino. Você tem o mesmo corpo de quando era humana, e, embora fosse adequado para seu propósito, não é o bastante para competir agora. Sua estrutura é muito magra. Comparada a mim, você é abismalmente baixa. E seu tônus muscular é patético.

— Nossa, quanta bajulação.

— Eu poderia te dizer o que acho que você quer escutar, ao invés do que você precisa ouvir, mas eu seria mesmo seu amigo se fizesse isso?

— Por que acha que precisa me dizer isso?

— Não está preparada para lutar. Você não tem a mínima chance contra um anjo caído. É simples assim.

— Estou confusa. Por que eu preciso lutar? Achei que deixei repetidamente claro ontem que não vai haver guerra. Vou liderar os Nephilim e lhes trazer paz. — E manter os arcanjos longe de mim. Patch e eu tínhamos decidido, sem erro, que Nephilim enfurecidos eram um inimigo melhor do que os arcanjos todos poderosos. Estava evidente que Dante queria batalhar, mas nós discordávamos. E, como líder do exército Nephilim, a decisão final era minha. Senti que Dante estava me questionando, e não gostei nem um pouquinho disso.

Ele parou, me pegando pelo pulso para que pudesse olhar direto para mim.

— Você não pode controlar tudo que acontece daqui em diante — disse ele bem

baixo, e um arrepio de mau presságio deslizou por mim como se eu tivesse engolido um cubo de gelo.

— Eu sei que pensa que estou pegando no seu pé, mas prometi a Hank que cuidaria de você. Te digo uma coisa. Se a guerra estourar, ou mesmo se houver uma baderna, você não vai sobreviver. Não no seu estado atual. Se algo acontecer com você e você for incapaz de liderar o exército, você vai ter quebrado o seu juramento, e sabe o que isso significa.

Ah, eu sabia o que significava, muito bem. Cavar a minha própria cova. E arrastar a minha mãe junto.

— Eu quero lhe ensinar habilidades o bastante para você se virar, como precaução — disse Dante. — Isso é tudo que estou sugerindo. Eu engoli em seco.

— Você acha que se eu treinar com você, vou chegar ao ponto de estar forte o bastante pa-ra conseguir lidar com as coisas sozinha — Contra anjos caídos eu conseguiria. Mas e quanto aos arcanjos? Prometi impedir a rebelião. Treinar para batalha não combinava com esse objetivo.

— Acho que vale a pena.

A ideia de uma guerra transformava meu estômago em um maço de nós, mas não queria demonstrar medo na frente de Dante. Ele já pensava que eu não sabia me cuidar.

— Então, qual dos dois? Você é meu pseudo-namorado ou meu personal trainer?
A boca dele se contorceu.

— Ambos.

CAPÍTULO 3

QUANDO VEE ME DEIXOU APÓS A CORRIDA, haviam duas chamadas não atendidas

no meu celular. A primeira era de Marcie Millar, minha às vezes arqui-inimiga e,

como o destino sempre prega peças, minha meia-irmã de sangue, mas não por amor. Eu passei os últimos 17 anos sem ter nenhum conhecimento de que a menina que roubou meu leite achocolatado no primário e colocou absorventes femininos no meu armário da escola no ensino fundamental compartilhava do meu DNA. Marcie descobriu a verdade primeiro, e arremessou-a na minha cara. Tínhamos um contrato tácito de não discutir nossa relação publicamente, e, na maior parte do tempo, o conhecimento disso não nos mudou de nenhuma maneira. Marcie ainda era uma cabeça de vento mimada e anoréxica, e eu ainda passava boa parte das minhas horas acordada observando tudo à minha volta, querendo saber o próximo esquema de humilhação que ela tem preparado para mim.

Marcie não havia deixado uma mensagem, e eu não conseguia adivinhar o que ela queria de mim, então eu passei para a próxima chamada perdida. Número desconhecido. O correio de voz consistia em uma respiração controlada, baixa e masculina, mas não em palavras reais. Poderia ser Dante, talvez Patch. Talvez até o Pepper Friberg. O meu número pessoal estava na lista, e, com um pouco de espírito investigativo, Pepper poderia o ter rastreado. Não era o mais reconfortante dos pensamentos.

Eu arrastei o meu cofre de porquinho de debaixo da minha cama, tirei o fundo falso de borracha, e sacudi 75 dólares de dentro dele. Amanhã, Dante vinha me pegar às cinco da manhã para praticar corrida de velocidade e levantamento de peso, e depois de um olhar de nojo para os meus tênis atuais, ele comentou: — Eles não vão durar nem um dia de treinamento. — Então aqui estava eu, usando a minha mesada para comprar tênis de corrida.

Eu não achava que a ameaça de guerra fosse tão grave como Dante fazia soar, especialmente já que Patch e eu, secretamente, temos planos para tirar os Nephilim da revolta predestinada, mas as palavras dele sobre o meu tamanho, velocidade e agilidade tinham me atingido em cheio. Eu era menor do que todos os outros

Nephilim que eu conhecia. Ao contrário deles, eu tinha nascido em um corpo humano (peso na média, com tônus muscular mediano, comum em todos os aspectos) até realizar uma transfusão de sangue e o juramento do Voto de Transição me transformar em uma Nephilim. Eu era um deles na teoria, mas não na prática. Eu não queria que esta discrepância pintasse um alvo nas minhas costas, mas uma vozinha no fundo da minha mente sussurrou que talvez isso acontecesse. E eu tinha que fazer o que fosse preciso para ficar no poder.

— Por que nós temos que começar tão cedo? — deveria ter sido minha primeira pergunta a Dante, mas eu suspeitava que sabia a resposta. Os seres humanos mais rápidos do mundo pareceriam que estavam dando um passeio calmo se correrem ao lado de um Nephilim. Na velocidade máxima, eu suspeitava que um Nephilim no seu auge poderia correr acima de 80 quilômetros por hora. Se Dante e eu fôssemos vistos a essa velocidade na pista de corrida da escola, iríamos chamar muita atenção indesejada. Mas na madrugada de segunda-feira, a maioria dos seres humanos estava dormindo, dando a Dante e a mim a oportunidade perfeita para ter um treino sem preocupações.

Eu meti o dinheiro no bolso e me dirigi para o térreo.

— Eu vou estar de volta em poucas horas! — eu gritei para minha mãe.

— O assado sai às seis, portanto não se atrase — ela respondeu da cozinha.

Vinte minutos depois, eu passava pelas portas do Pete's Locker Room e seguia para o departamento de sapatos. Eu experimentei alguns pares de tênis de corrida, até escolher um par da prateleira de liquidação. Dante podia ter a minha manhã de segunda (um dia de folga da escola, devido a um conselho de classe dos professores em todo o distrito), mas eu não iria lhe dar a soma total de minha mesada também.

Eu paguei pelos meus sapatos e verifiquei a hora no meu celular. Nem mesmo eram quatro ainda. Como precaução, Patch e eu tínhamos concordado em limitar chamadas em público a um mínimo, mas um olhar apressado pelos dois lados da

calçada me confirmou que eu estava sozinha. Recuperei o telefone não rastreável que Patch me deu da minha bolsa e disquei o seu número.

— Eu tenho duas horas livres — eu disse a ele, caminhando em direção ao meu carro, que estava estacionado na quadra seguinte. — Tem um celeiro muito privado e bastante isolado na Lookout Hill Park atrás do carrossel. Eu poderia chegar lá em 15 minutos.

Eu ouvi o sorriso em sua voz.

— Você me quer demais.

— Eu preciso de um aumento de endorfina.

— E dar uns amassos em um celeiro abandonado comigo vai dar-lhe um aumento?

— Não, isto provavelmente irá me colocar em um coma de endorfina, e eu estou mais do que feliz em testar a teoria. Estou saindo do Pete's Locker Room agora. Se

os sinais de trânsito estiverem em meu favor, eu posso chegar lá em até 10...

Eu não consegui terminar. Um saco de pano caiu sobre a minha cabeça, e eu fui arrastada em um abraço de urso por trás. Na minha surpresa, eu deixei cair o telefone celular. Eu gritei e tentei balançar meus braços para me libertar, mas as mãos me empurrando para a frente em direção à rua eram muito fortes. Eu ouvi um grande veículo fazer um estrondo na rua, e depois veio parar bruscamente ao meu lado.

Uma porta se abriu, e eu fui empurrada para dentro.

O ar dentro da van tinha o cheiro forte de suor mascarado por um aerossol de limão. O calor foi aumentado até o máximo, a alta temperatura vazando através de aberturas na parte da frente, fazendo-me suar. Talvez fosse essa a intenção.

— O que está acontecendo? O que você quer? — eu exigi com raiva. O peso total do que estava acontecendo não tinha me atingido ainda, me deixando mais indignada do que assustada. Nenhuma resposta veio, mas eu ouvi a respiração constante de dois indivíduos nas proximidades. Eram os dois, mais o motorista, o que significava que havia três deles. Contra uma de mim.

Meus braços foram torcidos por trás das minhas costas, presos juntos com o que parecia ser uma corrente para reboques. Meus tornozelos foram apertados por uma corrente pesada semelhante. Eu estava deitada de barriga, o saco ainda sobre a minha cabeça, o meu nariz empurrado contra o chão espaçoso da van. Eu tentei balançar para o meu lado, mas senti como se meu ombro rasgaria do seu eixo. Eu gritei de frustração e recebi um chute de imediato na coxa.

— Fale baixo — uma voz masculina rosnou.

Nós dirigimos por um longo tempo. Quarenta e cinco minutos, talvez. Minha mente pulou em muitas direções para acompanhar com precisão. Será que eu poderia

escapar? Como? Ultrapassá-los? Não. Enganá-los? Talvez. E depois havia Patch. Ele saberia que eu tinha sido levada. Ele rastrearia o meu celular para a rua do lado de fora do Pete's Locker Room, mas como é que ele saberia para onde ir a partir daí? No início, a van parava várias vezes em sinais de trânsito, mas, eventualmente, a estrada ficou limpa. A van subiu mais alto, indo e voltando em zigue-zague, o que me fez acreditar que estávamos indo para as áreas remotas e montanhosas, muito fora da cidade. O suor escorria por baixo minha camisa, e eu não conseguia forçar uma única respiração profunda. Cada inalação vinha rasa, pânico apertando o meu peito.

Os pneus estouraram sobre o cascalho, firmemente rolando para cima, até que, por fim, o motor morreu. Meus captores desamarram meus pés, me arrastaram porta afora e puxaram o saco da minha cabeça.

Eu estava certa; haviam três deles. Dois homens, uma mulher. Eles haviam me trazido para uma cabana de madeira, e reamarram os meus braços em um poste de madeira decorativa que se erguia entre o nível principal até as vigas no teto. Nada de luzes, mas isso podia ser porque a energia tinha sido desligada. Móveis eram escassos, e cobertos por lençóis brancos. O ar não poderia estar mais do que um ou dois graus mais quente do que do lado de fora, o que significava que não haviam ligado o aquecedor. A quem quer que a cabine pertencesse, essa pessoa

tinha fechado-a para o inverno.

— Não se incomode em gritar — o mais volumoso deles me disse. — Não há outro corpo quente por quilômetros. — Ele se escondia atrás de um chapéu de caubói e óculos de sol, mas a sua precaução era desnecessária; eu estava positivamente certa de que nunca o tinha visto antes. Meu elevado sexto sentido identificou os três como Nephilim. Mas o que eles queriam de mim... eu não tinha nem uma pista.

Eu me empurrei contra as correntes, mas fora produzir um som fraco de moagem, elas não se mexeram.

— Se você for uma Nephilim real, será capaz de romper as correntes — o Nephilim com o chapéu de caubói rosnou. Ele parecia ser o porta-voz para os outros dois, que ficaram à minha volta, limitando sua comunicação comigo em olhares de repulsa.

— O que vocês querem? — eu repeti friamente.

A boca do Chapéu de Caubói se curvou em um sorriso de escárnio.

— Eu quero saber como uma princesinha como você pensa que pode conseguir uma revolução para os Nephilim.

Eu mantive seu olhar de ódio, desejando que eu pudesse arremessar a verdade em seu rosto. Não ia haver uma revolução. Uma vez iniciado o Cheshvan em menos de dois dias, ele e seus amigos seriam possuídos por anjos caídos. Hank Millar teve a parte mais fácil: preencher suas mentes com noções de rebeldia e liberdade. E agora eu havia sido deixada para operar o milagre real. E eu não ia.

— Eu pesquisei sobre você — disse Chapéu de Caubói, andando na minha frente.

— Eu perguntei por aí e descobri que você está namorando Patch Cipriano, um anjo caído. Esse relacionamento está sendo bom para você?

Engoli discretamente.

— Eu não sei com quem você esteve falando. — Eu sabia o perigo que eu enfrentaria se o meu relacionamento com o Patch fosse descoberto. Eu tinha sido cuidadosa, mas estava começando a perceber como não tinha tomado cuidado

suficiente. — Mas eu terminei tudo com Patch — eu menti. — Tudo o que tínhamos está no passado. 'Eu sei onde está a minha lealdade. Assim que eu me tornei uma Nephil...

Ele enfiou a cara na minha.

— Você não é uma Nephilim! — Seus olhos passaram por cima de mim com desprezo. — Olhe para você. Você é patética. Você não tem o direito de chamar-se de Nephilim. Quando eu olho para você, eu vejo uma humana. Eu vejo uma menininha fraca, chorona e inútil.

— Você está com raiva porque eu não sou tão fisicamente forte quanto você — eu disse calmamente.

— Quem falou em força!? Você não têm orgulho. Não há nenhuma percepção de lealdade dentro de você. Eu respeitava Mão Negra como um líder porque ele ganhou esse respeito. Ele tinha uma visão. Ele entrou em ação. Ele nomeou você como seu sucessor, mas isto não significa nada para mim. Você quer meu respeito? Faça-me dar-lhe a você. — Ele estalou os dedos selvagemmente na minha face. — Ganhe ele, princesa."

Ganhar o seu respeito? Para que eu fosse como Hank? Hank era um trapaceiro e mentiroso. Ele tinha prometido ao seu povo o impossível com palavras suaves e bajulação. Ele tinha usado e enganado a minha mãe e me transformado em um peão em sua missão. Quanto mais eu pensava sobre a posição em que ele me colocou, deixando-me para realizar sua visão demente, mais enlouquecida eu ficava.

Eu encarei os olhos do Chapéu de Caubói friamente... depois contrái meu pé com toda a força que eu tinha e o acertei diretamente em seu peito. Ele navegou para trás na parede e acabou dobrado no chão.

Os outros dois correram para a frente, mas a minha raiva havia começado um

incêndio dentro de mim. Um estranho e violento poder cresceu em mim, e eu me

tencionei contra as correntes, ouvindo o metal ranger enquanto os elos estalavam e se separavam. As correntes caíram no chão, e eu não perdi um minuto para usar os meus punhos. Eu esmurrei o Nephil mais próximo nas costelas e dei na mulher um chute certo. Meu pé colidiu com sua coxa, e eu fiquei impressionada com a massa sólida que eram os seus músculos. Nunca antes na minha vida tinha encontrado uma mulher de tamanha força e durabilidade.

Dante estava certo; eu não sabia como lutar. Um momento tarde demais, percebi que eu deveria ter continuado, atacando impiedosamente enquanto eles estavam caídos. Mas eu estava muito atordoada pelo que eu tinha feito para fazer mais do que me agachar em uma posição defensiva, esperando para ver qual seria a resposta deles.

Chapéu de Caubói se atirou em mim, empurrando-me para trás até a parede. O impacto tirou todo o ar dos meus pulmões e eu me dobrei ao meio, tentando, mas falhando, em recuperar ar.

— Eu não acabei com você, princesa. Esta foi a sua advertência. Se eu descobrir que você ainda está andando com os anjos caídos, a coisa vai ficar feia. — Ele bateu na minha bochecha. — Use esse tempo para reconsiderar sua lealdade. Da próxima vez que nos encontrarmos, para o seu bem, espero que ela tenha mudado.

Ele sinalizou para os outros com um movimento de seu queixo, e todos eles saíram pela porta.

Engoli ar, levando alguns minutos para me recuperar, então me arrastei para a porta. Eles já haviam ido embora. Poeira da estrada circulava pelo ar, e o anoitecer se estendia por toda a linha do horizonte, um punhado de estrelas brilhantes como minúsculos fragmentos de vidro quebrado.

CAPÍTULO 4

SAÍ LENTAMENTE DA PEQUENA VARANDA DA CABANA,
QUERENDO SABER como eu iria percorrer o caminho até em casa, quando o som
de um motor rugiu sobre o longo

caminho de cascalho à frente. Eu me preparei para o retorno do Chapéu de Caubói
e seus amigos, mas foi uma motocicleta Harley Sportster que entrou no meu
campo de visão, carregando um único passageiro.

Patch.

Ele pulou para fora e cruzou a distância até mim em três passos rápidos.

— Você está ferida? — ele perguntou, tomando meu rosto entre suas mãos e me
olhando para averiguar qualquer sinal de dano. Uma mistura de alívio,
preocupação e raiva brilhou em seus olhos. — Onde estão eles? — ele perguntou,
seu tom mais endurecido do que eu jamais tinha ouvido antes.

— Havia três deles, todos Nephilim — eu disse, minha voz ainda trêmula de
medo e por a ter minha respiração tirada à força de mim. — Eles foram embora a
cerca de cinco minutos atrás. Como você conseguiu me encontrar?

— Eu ativei o seu dispositivo de rastreamento.— Você colocou um dispositivo de
rastreamento em mim?

— Costurado no bolso de sua jaqueta jeans. Cheshvan começa na lua nova de
terça-feira, e você é uma Nephil sem juramento. Você também é a filha do Mão
Negra. Você tem um prêmio sobre sua cabeça, e isso faz de você muito, mas muito
atraente para quase todos os anjos caídos lá fora. Você não vai jurar fidelidade à
ninguém, Anjo, fim da história. Se isto significa que eu tenho que cortar a sua

privacidade, você vai ter que lidar com isso.

— Lidar com isto? Com licença? — Eu não tinha certeza se eu deveria abraçá-lo ou
empurrá-lo.

Patch ignorou minha indignação.

— Diga-me tudo o que puder sobre eles. Descrições físicas, marca e modelo do
carro, qualquer coisa que vá me ajudar a localizá-los. — Seus olhos chiavam com

vingança. — E fazê-los pagar.

— Você também grampeou meu telefone? — Eu quis saber, ainda não concordando com a ideia de Patch invadindo a minha privacidade sem me dizer.

Ele não hesitou.

— Sim.

— Em outras palavras, não tenho segredos.

Sua expressão se suavizou e pareceu que, se o clima não estivesse tão tenso, ele poderia ter considerado sorrir.

— Há ainda algumas coisas que você consegue manter em segredo de mim, Anjo. Beleza, eu caí fácil nessa.

Eu disse:

— O líder se escondeu atrás de óculos de sol e um chapéu de caubói, mas eu estou certa de que nunca o vi antes. Os outros dois, um homem e uma mulher, usavam roupas básicas.

— Carro?

— Eu tinha um saco na minha cabeça, mas eu estou certa que era uma van. Dois deles se sentaram na parte de trás comigo, e a porta parecia que deslizava para o lado na hora de abrir, quando eles me forçaram a sair.

— Qualquer outra coisa que se destaque?

Eu disse para Patch sobre como o líder ameaçou revelar nosso namoro secreto.

Patch disse:

— Se alguma notícia sobre nós escapulir, as coisas podem ficar feias bem rápido.

— Suas sobrancelhas se juntaram, e seus olhos se escureceram com incerteza. — Tem certeza de que quer continuar tentando manter nosso relacionamento fora do radar? Eu não quero perder você, mas eu prefiro fazê-lo em nossos termos do que no deles.

Eu coloquei minha mão na dele, observando como a sua pele estava fria. Ele estava imóvel também, como se esperando o pior.

— Estou nesta com você, ou eu estou fora — eu disse a ele, e disse cada palavra seriamente. Eu tinha perdido Patch uma vez antes, e, não querendo ser melodramática, mas achava a morte uma opção mais preferível. Patch estava na minha vida por um motivo. Eu precisava dele. Nós dois éramos metades do mesmo todo.

Patch puxou-me contra ele, segurando-me com uma ferocidade certamente possessiva.

— Eu sei que você não vai gostar disso, mas você pode querer pensar sobre a realização de uma briga pública para enviar uma mensagem clara de que a nossa relação acabou. Se esses caras estão sérios sobre desenterrar segredos, nós não podemos controlar o que encontrarão. Isso está começando a me parecer como uma caça às bruxas, e pode ser melhor dar o primeiro passo.

— Fingir uma briga? — Eu repeti, temor escorrendo por mim como um vento de inverno.

— Nós saberíamos a verdade — Patch murmurou no meu ouvido, passando as mãos rapidamente sobre os meus braços para aquecê-los. — Eu não vou perder você.

— Quem mais poderia saber da verdade? Vee? Minha mãe?

— Quanto menos elas souberem, mais seguro elas estarão.

Eu soltei um suspiro de conflito.

— Mentir para Vee está ficando muito costumeiro. Eu não acho que eu posso fazer isso mais. Eu me sinto culpada cada vez que estou perto dela. Eu quero abrir o jogo. Especialmente sobre algo tão importante como você e eu.

— A decisão é sua — Patch disse gentilmente. — Mas eles não vão machucá-la se acharem que ela não tem nada para contar.

Eu sabia que ele estava certo. O que não deixou-me uma escolha, não é mesmo? Quem era eu para colocar a minha melhor amiga em perigo só para apaziguar a minha consciência?

— Nós provavelmente não seremos capazes de enganar Dante, você vai trabalhar muito perto dele — Patch disse. — E isso pode até funcionar melhor se ele souber. Ele pode comprovar a sua história quando ele for falar com os Nephilim influentes.

— Patch tirou o casaco de couro e colocou-o sobre os meus ombros. — Vamos te levar para casa.

— Podemos fazer uma parada rápida no Pete's Locker Room primeiro? Eu preciso pegar o meu celular, e o telefone não rastreável que você me deu. Deixei um cair durante o ataque, e o outro ficou para trás na minha bolsa. Se estivermos com sorte, meus sapatos novos ainda estarão na calçada também.

Patch beijou o topo da minha cabeça.

— Os dois telefones precisam ser desligados. Eles deixaram a sua posse, e se assumirmos o pior, seus sequestradores Nephilim colocaram seus próprios rastreadores ou aparelhos de escuta neles. Melhor obter novos celulares.

Uma coisa era certa. Se antes eu estava desmotivada para treinar com o Dante, agora tudo tinha mudado. Eu precisava aprender a lutar, e rápido. Entre se esquivar de Pepper Friberg e me aconselhar no meu novo papel como líder Nephilim, Patch já tinha o suficiente para se preocupar sem a necessidade de correr toda a vez que eu me metesse em apuros. Fiquei imensamente grata pela sua proteção, mas já era hora de eu aprender a cuidar de mim.

Estava completamente escuro na hora que eu cheguei em casa. Eu entrei pela porta, e minha mãe se apressou para fora da cozinha, parecendo tanto preocupada quanto brava.

— Nora! Onde você esteve? Eu te liguei, mas ficava caindo no seu correio de voz. Eu poderia bater na minha própria testa. Jantar. Às seis. Eu tinha me esquecido completamente.

— Eu sinto muito — eu disse. — Eu esqueci o meu telefone em uma das lojas. No momento em que eu percebi que tinha perdido, era quase hora do jantar, e eu tive que voltar e procurar por toda a cidade. Eu não o encontrei, então agora eu não

estou só sem um celular, como te deixei na mão. Eu sinto muito. Eu não tive como te ligar. — Eu odiava ser forçada a mentir para ela de novo. Eu tinha feito isso tantas vezes que parecia que mais uma vez não deveria doer, mas doeu. Isso me fez sentir menos e menos como sua filha, e mais e mais como filha do Hank. Meu pai biológico tinha sido um especialista e incomparável mentiroso. E eu estava em uma má posição para ser crítica.

— Você não poderia parar e encontrar alguma forma de me ligar? — ela disse, não parecendo acreditar em minha história por um minuto.

— Isso não vai acontecer novamente. Eu prometo.

— Posso supor que você estava com Patch? — Eu não perdi a ênfase cínica que ela

deu ao falar o seu nome. Minha mãe considerava Patch com tanto carinho quanto os guaxinins que muitas vezes causavam estragos em nossa propriedade. Eu não duvidava que ela fantasiava estar de pé na varanda com um rifle empoleirado em seu ombro, esperando que ele mostrasse o rosto.

Eu inalei, jurando que esta seria a minha última mentira. Se Patch e eu realmente fôssemos adiante com a briga encenada, era melhor começar a plantar as sementes agora. Eu disse a mim mesma que quando eu pudesse cuidar da minha mãe e de Vee, todo o resto seria muito mais tranquilo. — Eu não estava com o Patch, Mãe. Nós terminamos.

Ela ergueu as sobrancelhas, ainda não parecendo convencida.

— Isso simplesmente aconteceu, e não, eu não quero falar sobre isso. — Eu comecei a me dirigir para as escadas.

— Nora...

Voltei, e haviam lágrimas em meus olhos. Elas apareceram do nada e não eram parte da minha encenação. Eu simplesmente lembrei da última vez em que Patch e eu terminamos de verdade, e uma sensação estranha me apertou, roubando a minha respiração. A memória disso ia para sempre me assombrar. Patch tinha levado as melhores partes de mim com ele, deixando uma menina perdida e vazia

para trás. Eu não queria ser esta garota novamente. Nunca mais.

A expressão de minha mãe relaxou. Ela me encontrou na escada, esfregou minhas costas suavemente, e sussurrou no meu ouvido:

— Eu te amo. Se você mudar de ideia e quiser falar...

Eu assenti e, em seguida, fui para o meu quarto.

Pronto, eu disse a mim mesmo, tentando arduamente soar otimista. Uma já foi, falta uma. Eu não estava exatamente mentindo para a minha mãe e para Vee sobre

a separação; eu estava apenas fazendo o que tinha que ser feito para mantê-las seguras. Honestidade era a melhor política, na maior parte do tempo. Mas às vezes a segurança supera todo o resto, certo? Parecia um argumento válido, mas o pensamento azedou o meu estômago.

Havia outro pensamento preocupante arranhando o fundo da minha mente. Por quanto tempo Patch e eu poderíamos viver uma mentira... e não deixá-la tornar-se verdade?

Cinco horas da manhã de segunda-feira chegou muito cedo. Eu bati no meu alarme, cortando-o no meio da música. Então eu me virei e disse a mim mesma: Mais dois minutos. Fechei os olhos, deixei a minha mente voar, vi um novo sonho começar a tomar forma... e quando percebi, um punhado de roupas era jogado sobre o meu rosto.

— Levante e acorde — disse Dante, de pé ao lado da minha cama, no escuro.

— O que você está fazendo aqui? — Eu gritei grogue, arrebatando meu cobertor e puxando-o para cima.

— Fazendo o que qualquer personal trainer decente faria. Tire sua bunda da cama e comece a se vestir. Se você não estiver na calçada em três minutos, eu vou voltar com um balde de água fria.

— Como foi que você entrou?

— Você deixou sua janela destrancada. Pode querer parar com esse hábito. Difícil de controlar o que vem de fora quando você dá ao mundo um passe livre.

Ele caminhou em direção a porta do meu quarto bem quando eu vacilava para fora da cama.

— Você está louco? Não use o corredor! Minha mãe pode ouvir você. Um cara fazendo o que parece ser a “caminhada da vergonha” para fora da porta do meu

quarto? Eu vou ficar de castigo para o resto da vida!

Ele parecia estar se divertindo.

— Para o seu registro, eu não ficaria envergonhado.

Eu fiquei parada no lugar por mais dez segundos após a sua saída, me perguntando se eu deveria compreender mais profundamente as suas palavras.

Claro que não. Sua fala poderia ter parecido como um flerte, mas não foi. Fim da história.

Eu coloquei minhas leggings pretas e uma camisa elástica de microfibra, alisando o meu cabelo em um rabo de cavalo. No mínimo eu ficaria bonita enquanto Dante me arremessasse no chão.

Exatamente três minutos depois, eu o encontrei na entrada da garagem. Eu olhei ao redor, sentindo a ausência de algo importante.

— Onde está o seu carro?

Dante me deu um soco de leve no ombro.

— Sentindo-se preguiçosa? Tsk, tsk. Pensei que nós poderíamos nos aquecer com uma corrida refrescante de 16 quilômetros. — Ele apontou para a área densamente arborizada do outro lado da rua. Quando crianças, Vee e eu tínhamos explorado os bosques, e até construímos um forte num verão, mas eu nunca tinha tido tempo para me perguntar até onde eles iam. Aparentemente, pelo menos dezesseis quilômetros. — Depois de você.

Eu hesitei. Eu não me sentia bem em correr na imensidão com Dante. Ele tinha sido um dos principais homens de Hank... razão suficiente para não gostar ou confiar nele. Em retrospecto, eu nunca deveria ter concordado em treinar sozinha com ele, especialmente se a nossa arena de treinamento era erma.

— Após o treinamento, provavelmente devíamos examinar o feedback que estou

recebendo de vários Grupos Nephilim sobre moral, expectativas, e você. — Dante acrescentou.

Após o treinamento. Isto significava que ele não tinha intenção de me descartar no fundo de um galpão abandonado na próxima hora. Além disso, Dante responde à mim agora. Ele tinha jurado lealdade. Não mais tenente de Hank, ele agora era meu. Ele não se atreveria a me prejudicar.

Permitindo-me o luxo de um pensar pela última vez em um sono feliz, eu retirei a fantasia e corri para a onde as árvores começavam. Os ramos das árvores se esticavam como um dossel acima, impedindo os poucos vestígios da luz do início do dia que o céu poderia ter a oferecer. Baseando-me em minha visão Nephilim elevada, corri arduamente, saltando sobre árvores caídas, esquivando dos ramos baixos, e mantendo meus olhos atentos às rochas afiadas submersas e outros detritos camuflados. O chão era traiçoeiramente desigual, e na velocidade que eu viajava, um passo falso poderia ser desastroso.

— Mais rápido! — Dante gritou atrás de mim. — Pise mais leve com seus pés. Você parece um rinoceronte em debandada. Eu poderia te encontrar e pegá-la com os olhos fechados!

Tomei suas palavras a sério, levantando meus pés no momento em que batiam no chão, repetindo este processo a cada passo, concentrando-me e tornando-me o mais silenciosa e indetectável quanto possível. Dante correu à frente, me passando com facilidade.

— Me pegue! — ordenou.

Correndo atrás dele, fiquei maravilhada com a força e agilidade do meu novo

corpo Nephilim. Fiquei impressionada pela forma como o meu desajeitado, lento e descoordenado corpo humano tinha sido em comparação. Meu atletismo não estava meramente melhorado, estava superior.

Eu mergulhei por baixo de ramos, pulei sobre fossas, e disparei em volta de pedregulhos como se fosse uma pista de obstáculos que eu tinha há muito tempo memorizado. E embora eu sentisse como se estivesse correndo rápido o suficiente para decolar e voar para o céu a qualquer momento, meu ritmo ficava para trás de Dante. Ele se movia como um animal, ganhando o impulso de um predador que persegue sua próxima refeição. Logo eu o perdi de vista completamente.

Eu diminuí, forçando meus ouvidos. Nada. Momento depois ele saltou adiante para fora da escuridão.

— Isso foi patético — criticou. — Mais uma vez.

Passei as duas horas seguintes correndo atrás dele e ouvindo as mesmas diretrizes repetidas vez atrás de outra: Mais uma vez. E mais uma vez. Ainda não está certo, faça mais uma vez.

Eu estava prestes a desistir (os músculos da minha perna tremiam de exaustão e meus pulmões pareciam arranhados) quando Dante circulou de volta. Ele me deu um tapinha de felicitações no ombro.

— Bom trabalho. Amanhã nós vamos mudar para o treinamento de força.

— Oh? Levantando pedras? — Consegui falar cinicamente, ainda que travada e com dificuldades.

— Arrancando árvores.

Eu olhei para ele.

— Empurrando-as — ele elaborou alegremente. — Tenha uma noite inteira de sono... você vai precisar.

— Ei! — Eu gritei para ele. — Não estamos ainda a quilômetros da minha casa?

— Oito, na verdade. Considere isso como a sua caminhada para relaxar.

CAPÍTULO 5

DOZE HORAS DEPOIS, EU ESTAVA RÍGIDA E DOLORIDA POR causa do exercício dessa

manhã, tendo cuidado ao subir e descer as escadas, que pareciam dar aos meus músculos a pior dor. Mas qualquer descanso e repouso teria que esperar; Vee viria me buscar em dez minutos, e eu ainda não tinha tirado o moletom que passei o dia usando.

Patch e eu decidimos encenar nossa briga publicamente hoje à noite, então não haveria nenhuma dúvida sobre o estado do nosso relacionamento: nós tínhamos nos separado e estávamos firmemente em lados opostos nessa guerra de preparação. Nós também optamos por fazer nossa cena no Devil's Handbag, sabendo que os Nephilim iam lá para se encontrar. Embora nós não soubéssemos as identidades dos Nephilim que me atacaram, ou se eles estariam lá esta noite, Patch e eu estávamos certos de que a notícia do nosso término se espalharia rápido. Por fim, Patch tinha descoberto que o barman escalado para trabalhar no turno da noite era um Nephilim supremacista de temperamento forte. Vital, Patch me assegurou, para o nosso plano.

Eu tirei o meu moletom e coloquei um vestido volumoso de tricô de ponto trançado, meia-calça, e ankle boots. Eu prendi meu cabelo em um coque baixo, soltando algumas partes para moldar meu rosto. Exalando, eu encarei o meu reflexo no espelho e fabriquei um sorriso. Depois de tudo, eu não parecia nada mal

para uma garota que estava prestes a se envolver em uma briga devastadora com o amor de sua vida.

As consequências da briga de hoje à noite só têm que durar algumas semanas, eu disse para mim mesma. Apenas até que toda essa bagunça de Cheshvan acabe. Ademais, a briga não era real. Patch me prometeu que nós encontraríamos maneiras para nos encontrar. Em momentos secretos e olhares roubados. Nós apenas teríamos que ser muitos cuidadosos.

— Nora! — minha mãe me chamou pela escada. — Vee está aqui.

— Me deseje sorte — eu murmurei para o meu reflexo, então apanhei meu casaco e cachecol e desliguei a luz do quarto.

— Eu quero você em casa as nove — minha mãe me disse quando eu desci para a sala de estar. — Sem exceções. É noite de escola.

Eu a beijei na bochecha e empurrei a porta para fora.

Vee estava com as janelas do Neon abertas, e estava tocando Rihanna no som. Eu sentei no banco do passageiro e falei por sobre a música:

— Eu estou surpresa que sua mãe tenha deixado você sair em uma noite de escola.

— Ela teve que viajar para Nebraska. O tio dela, Marvin, morreu e eles estão dividindo a sua propriedade. Tia Henny está cuidando de mim. — Vee olhou para o lado e seu sorriso era travesso.

— A sua tia Henny não estava na reabilitação há alguns anos ?

— Essa mesma. Pena que não adiantou. Ela tem um galão de suco de maçã na geladeira, mas é o suco de maçã mais fermentado que eu já provei.

— E a sua mãe a considerou responsável o suficiente para cuidar de você?

— Acho que a perspectiva de conseguir algum dinheiro do tio Marvin a suavizou.

Nós descemos pela Hawthorne, cantando as letras e dançando em nossos lugares.

Eu estava impaciente e nervosa, mas achei que era melhor agir como se nada estivesse fora do normal.

O Devil's Handbag estava apenas moderadamente cheio essa noite, um público decente, mas todos não precisavam ficar de pé. Vee e eu encontramos uma mesa, nos livramos dos nossos casacos e bolsas, e pedimos coca-cola para uma garçonete que passava por ali. Disfarçadamente, procurei por Patch, mas ele não tinha aparecido. Eu tinha ensaiado minhas falas vezes demais para contar, mas minhas palmas ainda estavam suando. Eu as enxuguei na minha meia-calça, desejando ser uma atriz melhor. Desejando que eu gostasse de drama e atenção.

— Você não parece bem — Vee disse.

Eu estava prestes a fazer uma piada sobre como a sua falta de sutileza ao dirigir tinha me deixado enjoada, quando os olhos de Vee passaram por mim e a expressão dela azedou.

— Ah, diabos não. Me diga que não é Marcie Millar flertando com o meu homem.

Eu estiquei o meu pescoço em direção ao palco. Scott e os outros membros da banda Serpentine estavam no palco se preparando para o show, enquanto Marcie apoiava seus cotovelos lindamente no palco, chamando Scott para uma conversa.

— O seu homem? — eu perguntei para Vee.

— Vai ser em breve. Não faz diferença.

— Marcie flerta com todo mundo. Eu não me preocuparia quanto a isso.

Vee respirou fundo, o que na verdade fez as narinas dela se alargarem. Marcie, como se sentindo a vibração negativa de Vee como um vodu, olhou em nossa direção. Ela nos deu o seu melhor aceno de miss.

— Faça alguma coisa — Vee me disse. — Afaste ela dele. Agora.

Eu saltei e caminhei até Marcie. No caminho, eu abri um sorriso. No momento em

que eu cheguei perto dela, eu tinha certeza que parecia quase verdadeiro.

— Oi — eu falei para ela.

— Oh, oi, Nora. Eu estava apenas dizendo para o Scott o quanto eu gosto de música indie. Ninguém nessa cidade se importa com nada. Eu acho que é legal ele tentar seguir o estrelato.

Scott piscou para mim. Eu tive que fechar os meus olhos brevemente para não rolá-los.

— Então... — eu falei, lutando para preencher o lapso na conversa. A mando de Vee, eu tinha vindo aqui, mas e agora? Eu não poderia simplesmente arrastar Marcie para longe de Scott. E por que eu estava aqui bancando a juíza? Isso era problema da Vee, não meu.

— Nós podemos conversar? — Marcie me perguntou, me salvando de ter que bolar uma tática eu mesma.

— Claro, eu tenho um minuto — eu disse. — Por que nós não vamos para um lugar mais calmo?

Como se estivesse lendo minha mente, Marcie agarrou meu pulso e me levou até a

porta dos fundos e depois para o beco. Depois de olhar para os dois lados para ter certeza que estávamos sozinhas, ela disse:

— O meu pai te contou alguma coisa sobre mim? — ela baixou sua voz ainda mais.

— Sobre ser Nephilim, eu quero dizer. Eu tenho me sentido esquisita ultimamente.

Cansada e com cólica. Isso é algum tipo estranho de menstruação Nephilim?

Porque eu pensei que eu já tinha passado por isso.

Como eu iria dizer para Marcie que Nephilim de raça pura, como os pais dela, raramente acasalavam com sucesso, e quando eles conseguiam, a prole era fraca e doente, e que algumas das palavras finais de Hank para mim incluíam a verdade

sombria que Marcie provavelmente não viveria muito tempo?

Em resumo, eu não poderia.

— Algumas vezes eu me sinto cansada e com cólica também — eu disse — Eu acho que é normal...

— Sim, mas o meu pai disse alguma coisa sobre isso? — ela pressionou. — O que esperar, como lidar, esse tipo de coisa.

— Eu acho que seu pai amava você e queria que você continuasse vivendo a sua vida, sem se estressar com essa coisa de Nephilim. Ele queria que você fosse feliz. Marcie me olhou incrédula.

— Feliz? Eu sou uma aberração. Eu não sou nem mesmo humana. E não pense por um minuto que eu esqueci que você também não é. Nós estamos nisso juntas. — Ela apontou acusadoramente para mim.

Ai, minha nossa. Justamente o que eu precisava. Solidariedade... com Marcie Millar.

— O que você realmente quer de mim, Marcie? — eu perguntei.

— Eu quero ter certeza que você entende que se você insinuar, mesmo que de leve, para alguém que eu não sou humana, eu vou queimar você. Eu vou te enterrar viva. Eu estava perdendo a paciência.

— Primeiro, se eu quisesse anunciar para o mundo que você é Nephilim, eu já teria feito. E segundo, quem acreditaria em mim? Pense sobre isso “Nephilim” não é

uma palavra cotidiana no dicionário da maioria das pessoas que nós conhecemos.

— Ok — Marcie bufou, aparentemente satisfeita.

— Já acabamos?

— E se eu precisar de alguém para conversar? — ela persistiu. — Não é como se eu pudesse contar isso para o meu psiquiatra.

— Hm, sua mãe? — Eu sugeri. — Ela é uma Nephilim também, lembra?

— Desde que o meu pai desapareceu, ela se recusou a aceitar a verdade sobre ele. Está ocorrendo momentos de negação séria. Ela está convencida que ele vai voltar, que ele ainda ama ela, que ele vai anular o divórcio, e que nossas vidas voltarão a ser floridas como antes.

Negação, talvez. Mas eu não duvidaria que Hank tivesse enganado sua ex-mulher com um encantamento tão poderoso que seus efeitos duraram além de sua morte. Hank e a vaidade andavam juntos como meias combinando. Ele não teria querido que alguém falasse mal de sua memória. E até onde eu sabia, ninguém em Coldwater tinha. Era como se uma névoa entorpecente tivesse se assentado sobre a comunidade, fazendo com que moradores humanos e Nephilim não perguntassem sobre o que tinha acontecido com ele. Não havia uma única história percorrendo a cidade. As pessoas, quando falavam dele, apenas murmuravam “Que choque. Que a alma dele descanse em paz. Pobre família, deveria perguntar como eu posso ajudar...”

Marcie continuou:

— Mas ele não irá voltar. Ele está morto. Eu não sei como ou por que ou quem fez isso, mas de jeito nenhum meu pai iria desaparecer a menos que algo acontecesse. Ele está morto. Eu sei disso.

Eu tentei manter minha expressão compreensiva, mas minhas palmas começaram a suar de novo. Patch era a única pessoa na Terra que sabia que eu tinha mandado Hank para a sepultura. Eu na tinha a intenção de adicionar o nome de Marcie na lista privilegiada.

— Você não parece tão arrasada quanto a isso — eu disse.

— Meu pai estava metido em algumas coisas muito ruins. Ele mereceu.

Eu poderia ter me aberto com Marcie bem ali, mas algo não parecia certo. O seu olhar cínico nunca vacilou do meu rosto, e eu tinha a sensação de que ela suspeitava que eu sabia algo importante sobre a morte do pai dela, e a sua indiferença era uma ato para conseguir que eu revelasse.

Eu não iria cair na armadilha, se é o que isso era.

— Não é fácil perder seu pai, acredite em mim — eu disse. — A dor nunca desaparece de verdade, mas acabará se tornando suportável. E, de alguma maneira, a vida continua.

— Eu não estou procurando por um cartão de simpatia, Nora.

— Está bem — eu disse com um relutante encolher de ombros. — Se você precisar conversar, eu acho que você pode me ligar.

— Eu não vou precisar. Eu estou indo morar com você. — Marcie anunciou. — Eu vou levar minhas coisas ainda essa semana. Minha mãe está me enlouquecendo, e nós duas concordamos que eu preciso de outro lugar para ficar por um tempo. A sua casa é tão boa quanto qualquer outra. Bem, eu pelo menos estou feliz que nós tivemos essa conversa. Se tem alguma coisa que meu pai me ensinou, é que Nephilim ficam juntos.

CAPÍTULO 6

NÃO — EU NEGUEI AUTOMATICAMENTE. — NÃO, NÃO, NÃO. VOCÊ não pode

simplesmente... ir morar comigo. — Um sentimento de puro pânico se intensificou das pontas dos meus pés até os meus ouvidos, me golpeando mais rápido do que eu poderia conter. Eu precisava de um argumento. Agora. Mas o meu cérebro continuava enviando o mesmo pensamento frenético e completamente inútil: Não.

— Eu já decidi — Marcie disse, e foi para dentro.

— E quanto a mim? — Eu gritei. Eu chutei a porta, mas o que eu realmente senti vontade era de chutar eu mesma por uma ou duas horas. Eu tinha feito uma favor para Vee e olhe onde eu acabei.

Eu abri a porta e marchei para dentro. Eu encontrei Vee na nossa mesa.

— Para onde ela foi? — eu perguntei.

— Quem?

— Marcie!

— Eu pensei que ela estivesse com você.

Eu dei a Vee o meu melhor olhar indignado.

— É tudo sua culpa! Eu tenho que encontrá-la.

Sem mais explicações, eu passei pela multidão, com os olhos alertas e atenta a qualquer sinal de Marcie. Eu precisava resolver isso antes que ficasse totalmente fora de controle. Ela está testando você, eu disse para mim mesma. Tentando descobrir o que está acontecendo. Nada está decidido. Além disso, minha mãe tinha a palavra final sobre isso. E ela não iria deixar Marcie morar conosco. Marcie tinha a sua própria família. Ela tinha apenas a sua mãe, claro, mas eu era testemunha de que família era muito mais do que números. Animada com esse pensamento, eu senti que minha respiração começava a se acalmar.

As luzes se apagaram e o vocalista da banda Serpentine pegou o microfone, balançando a cabeça em um ritmo silencioso. Aproveitando a deixa, o baterista

tocou uma introdução, e Scott e o outro guitarrista se juntaram, começando o show com uma música violenta e angustiante. A plateia foi à loucura, balançando a cabeça e cantando a música. Eu dei uma última olhada frustrada procurando por Marcie, então desisti. Eu teria que resolver as coisas com ela mais tarde. O começo do show era o sinal para eu encontrar Patch no bar, e, bem assim, meu coração voltou a se agitar no meu peito.

Eu fui para o bar e peguei o primeiro banquinho que eu vi. Eu sentei com um pouco de força demais, perdendo o equilíbrio no último segundo. Minhas pernas

pareciam que eram feitas de borracha, e meus dedos tremiam. Eu não sabia como eu iria passar por isso.

— Identidade, querida? — o barman perguntou. Uma corrente elétrica vibrava dele, me alertando que ele era Nephilim. Exatamente como Patch disse que ele seria.

Eu balancei minha cabeça.

— Apenas uma Sprite, por favor.

Nem um segundo depois, eu senti Patch atrás de mim. A energia que irradiava dele era, de longe, mais forte que a do barman, deslizando como calor pela minha pele. Ele sempre tinha aquele efeito em mim, mas ao contrário do habitual, hoje à noite a corrente de calor me deixou doente de ansiedade. Isso significava que Patch tinha chegado, e que eu estava sem tempo. Eu não queria seguir em frente com isso, mas eu entendia que eu realmente não tinha uma escolha. Eu tinha que fazer isso de forma inteligente, pela minha segurança e pela das pessoas que eu mais amava.

Preparada? Patch me perguntou na privacidade dos nossos pensamentos.

Se o fato de que eu estou sentindo que vou vomitar a qualquer momento significa preparada, claro.

Eu vou até a sua casa mais tarde e nós conversamos sobre isso. Agora, vamos simplesmente acabar com isso.

Eu concordei com a cabeça.

Assim como nós ensaiamos, ele falou calmamente na minha mente.

Patch? Não importa o que aconteça, eu amo você. Eu queria dizer mais, essas três palavras pareciam lamentavelmente inadequadas comparadas ao jeito que eu me sentia sobre ele. E ao mesmo tempo, tão simples e precisas, nada mais poderia ser dito.

Sem arrependimentos, Anjo.

Nenhum, eu respondi.

O barman terminou de atender um cliente e se aproximou para pegar o pedido de

Patch. Seus olhos analisaram Patch, e pela carranca que logo apareceu em seu rosto, era óbvio que ele tinha percebido que Patch era um anjo caído.

— O que você vai querer? — ele perguntou, seu tom cortante, enquanto ele limpava as mãos em um pano de prato.

Patch falou com uma inconfundível voz de bêbado:

— Uma linda ruiva, de preferência alta e magra, com pernas que um homem não consegue achar o final. — Ele traçou o dedo pela minha bochecha, e eu fiquei tensa e me afastei.

— Não estou interessada — eu disse, tomando um gole de Sprite e fixando meu olhar na parede espelhada atrás do bar. Eu soei ansiosa o suficiente para chamar a atenção do barman.

Ele inclinou-se sobre o bar, descansando os seus enormes antebraços no balcão de granito, e encarou Patch.

— Na próxima vez, olhe o menu antes de você desperdiçar o meu tempo. Nós não

oferecemos garotas desinteressadas, ruivas ou sei lá o que. — Ele deu uma pausa com efeito ameaçador, e então encaminhou-se para o próximo cliente.

— E se ela é Nephilim, melhor ainda — Patch anunciou, bêbado.

O barman parou, os olhos brilhando com malícia.

— Você se importa de manter a sua voz baixa, camarada? Nós estamos em um local misto. Esse lugar é aberto para humanos, também.

Patch ignorou o aviso com um aceno com o braço.

— Legal da sua parte se preocupar com os humanos, mas basta um truque de mente depois e eles não lembrarão uma palavra que eu disse. Já fiz o truque tantas vezes que eu consigo fazer isso até quando estou dormindo — ele disse, deixando um pouco de arrogância fluir na sua voz.

— Você quer esse idiota fora daqui? — o barman me perguntou. — É só dizer e eu vou chamar o segurança.

— Eu agradeço a sua oferta, mas eu posso lidar com isso eu mesma — eu disse a

ele. — Você terá que desculpar o meu ex-namorado por ser um total idiota.

Patch riu.

— Idiota? Não foi disso que você me chamou na última vez que estivemos juntos

— ele disse sugestivamente.

Eu apenas o encarei, enojada.

— Ela nem sempre foi uma Nephilim, sabe — Patch disse para o barman com uma nostalgia melancólica. — Talvez você tenha ouvido sobre ela. A herdeira de Mão Negra. Eu gostava mais dela quando ela era humana, mas há um certo prestígio em andar por aí com a Nephilim mais famosa da Terra.

O barman me olhou especulativamente.

— Você é a filha de Mão Negra?

Eu olhei para Patch.

— Obrigada por isso.

— É verdade que Mão Negra está morto? — o barman perguntou. — Eu não consigo nem compreender isso. Um grande homem, que a alma dele descanse em paz. Minhas condolências à sua família. — Ele pausou, aturdido. — Mas morto... realmente morto?

— É verdade — eu murmurei calmamente. Eu não conseguia nem derramar uma lágrima por Hank, mas eu falei com uma melancólica reverência que pareceu satisfazer o barman.

— Uma rodada de bebida de graça para o anjo caído que matou ele — Patch interrompeu, levantando o meu copo em um brinde. — Eu acho que nós todos podemos concordar que foi isso o que aconteceu. Imortal já não tem mais o mesmo significado de antes. — Ele riu, batendo o punho no balcão em comemoração.

— E você costumava namorar esse porco? — o barman me perguntou.

Eu dei uma olhada em Patch e franzi a testa.

— Um erro que eu reprimi.

— Você sabe que ele é um — o barman baixou a voz — anjo caído, certo?

Outro gole e uma tragada difícil.

— Nem me lembre disso. Eu consertei meus erros... meu novo namorado é Dante Matterazzi, cem por cento Nephilim. Talvez você já tenha ouvido sobre ele? — Não existia momento melhor que o presente para começar um rumor.

Seus olhos iluminaram, impressionado.

— Claro, claro. Ótimo cara. Todo mundo conhece Dante.

Patch fechou sua mão sobre o meu pulso com muita força para ser carinhoso.

— Ela entendeu tudo errado. Nós ainda estamos juntos. O que você acha de nós irmos embora daqui, doçura?

Eu me afastei de seu toque, como se tivesse levado um choque.

— Tire as suas mãos de mim.

— Eu estou com a minha moto lá fora. Me deixe te levar para um passeio. Pelos velhos tempos. — ele se levantou, e então me puxou do banco tão bruscamente que ele caiu.

— Chame o segurança, — Eu pedi ao barman, deixando a ansiedade inundar a minha voz. — Agora.

Patch me arrastou em direção à porta da frente, e enquanto eu dava um show convincente tentando me soltar, eu sabia que o pior ainda estava por vir.

O segurança do clube, um Nephil que não tinha a vantagem apenas de ser vários centímetros maior que Patch, mas também de ter vários quilos a mais, abriu caminho em nossa direção. Ele agarrou Patch pelo colarinho, afastando ele de mim e o jogando na parede. A banda Serpentine estava agitando, abafando a briga, mas aqueles que estavam por perto se separaram, formando um semicírculo de curiosos ao redor dos dois homens.

Patch levantou as mãos no nível dos ombros dele. Ele deu um sorriso breve e embriagado.

— Eu não quero nenhum problema.

— Tarde demais — o segurança disse, e esmagou o punho dele no rosto de Patch.

A pele acima da sobrancelha de Patch se cortou, escorrendo sangue, e eu me esforcei para não estremecer ou ir até ele.

O segurança sacudiu a cabeça em direção à porta.

— Se você aparecer aqui de novo, você vai arranjar problemas bem rápido. Você

entendeu?

Patch tropeçou em direção à porta, dando ao segurança uma saudação desleixada.

— Sim, sim, senhor.

O segurança colocou o pé na dobra do joelho de Patch, o fazendo tropeçar pelo chão de cimento.

— Olhe só para isso. Meu pé escorregou.

Um homem perto da porta riu, baixo e áspero, e o som chamou minha atenção.

Essa não era a primeira vez que eu escutava aquela risada. Quando eu era humana, eu não teria reconhecido, mas todos os meus sentidos estavam aguçados agora. Eu olhei através da escuridão, tentando ligar a risada amargurada com um rosto.

Lá.

Chapéu de Caubói. Ele não estava usando um chapéu ou óculos de sol essa noite, mas eu conseguiria reconhecer aqueles ombros curvados e aquele sorriso sarcástico em qualquer lugar.

Patch! Eu gritei, incapaz de ver se ele ainda estava dentro do alcance auditivo enquanto a multidão a minha volta estava ocupando os lugares vazios agora que a luta tinha acabado. Um dos Nephilim da cabana. Ele está aqui! Ele está perto da porta, usando uma camisa vermelha e preta de flanela, jeans, e botas de caubói.

Eu esperei, mas não obtive nenhuma resposta.

Patch! Eu tentei novamente, usando todo o poder mental que eu tinha. Eu não poderia seguir ele até lá fora... não se eu queria manter a farsa.

Vee apareceu ao meu lado.

— O que está acontecendo aqui? Todo mundo está falando sobre uma briga. Eu

não posso acreditar que eu perdi isso. Você viu alguma coisa?

Eu a puxei para o lado.

— Eu preciso que você faça uma coisa para mim. Está vendo o cara perto da porta, usando camisa de flanela, parecendo um jeca? Eu preciso que você descubra o nome dele.

Vee franziu a testa.

— Do que se trata isso?

— Eu irei explicar mais tarde. Flerte, roube a carteira dele, qualquer coisa. Apenas não mencione o meu nome, ok?

— Se eu fizer isso, eu quero um favor em troca. Um encontro duplo. Você e o seu namorado maluco, e eu e o Scott.

Sem tempo para explicar que eu e Patch tínhamos acabado, eu disse:

— Sim. Agora se apresse antes que nós o percamos na multidão.

Vee estalou os dedos e se afastou. Eu não fiquei por perto para ver como ela se saiu. Eu andei através da multidão, passando pela porta dos fundos e correndo para o beco. Eu dei a volta no prédio, procurando em ambos os lados por Patch. Patch! Eu gritei para as sombras.

Anjo? O que você está fazendo? Não é seguro se nós formos vistos juntos.

Eu me virei, mas Patch não estava lá. Onde você está?

No outro lado da rua. Na van.

Eu olhei para o outro lado da rua, e havia mesmo uma van Chevy marrom enferrujada estacionada no meio-fio. Estava misturada ao pano de fundo dos prédios dilapidados. As janelas foram escurecidas, protegendo o interior da cabine de olhares curiosos.

Um dos Nephilim da cabana está no Devil's Handbag!

Um momento pesado de silêncio.

Ele viu a briga? Patch me perguntou depois de um tempo.

Sim.

Como ele se parece?

Ele está usando uma camisa de flanela preta e vermelha e botas de caubói.

Faça com que ele saia do prédio. Se os outros da cabana estão com ele, faça com que eles saiam também. Eu quero conversar com eles.

Vindo de Patch, isso soou ameaçador, mas eles mereciam. Eles perderam a minha compaixão no momento em que eles me jogaram dentro da van deles.

Eu corri de volta para dentro do Devil's Handbag e fui em direção à multidão que se aglomerava ao redor do placô. Serpentine ainda estava arrasando, tocando uma música lenta que agitou todo mundo. Eu não sabia como eu conseguiria fazer o Chapéu de Caubói deixar o local, mas eu conhecia uma pessoa que poderia me ajudar a esvaziar todo o local.

Scott! Eu gritei. Mas foi inútil. Ele não conseguia me ouvir por causa da música ensurdecadora. E provavelmente não ajudou o fato de que ele estava profundamente concentrado.

Eu me levantei na ponta dos pés e procurei por Vee. Ela estava vindo pra cá.

— Eu utilizei todo o meu charme, mas ele não estava interessado — ela me disse.

— Talvez eu precise de um novo corte de cabelo. — Ela cheirou suas axilas. — Até onde eu posso dizer, o desodorante ainda está funcionando.

— Ele te deu um fora?

— Sim, e eu não consegui o nome dele também. Isso significa que o nosso encontro duplo está cancelado?

— Eu já volto — eu disse, e fui em direção ao beco novamente. Eu tinha toda a intenção de chegar perto o suficiente de Patch para falar em sua mente que forçar o nosso amigo Nephil a sair do Devil's Handbag iria ser mais difícil do que eu

esperava, quando duas figuras sombrias em pé na varanda traseira do prédio ao lado, conversando em voz baixa, me fizeram parar abruptamente.

Pepper Friberg e... Dabria.

Dabria costumava ser um anjo da morte, e namorou Patch antes de ambos serem banidos do paraíso. Patch tinha jurado que a relação entre eles era chata, casta e mais uma conveniência do que qualquer outra coisa. Ainda assim. Depois de decidir que eu era uma ameaça para os seus planos de reacender a relação deles aqui na Terra, Dabria tentou me matar. Ela era legal, loira e sofisticada. Eu nunca tinha visto ela com o cabelo feio, e o seu sorriso tinha a capacidade de preencher as minhas veias com gelo. Agora um anjo caído, ela ganhava a vida enganando vítimas com a falsa pretensão de ter o dom da clarividência. Ela era um dos anjos caídos mais perigosos que eu conhecia, e eu não tinha dúvidas de que eu estava no topo da lista das pessoas que ela odiava.

Instantaneamente eu recuei contra o Devil's Handbag. Eu segurei a minha respiração por cinco segundos, mas nem Pepper ou Dabria pareceram me notar. Eu cheguei mais perto, mas eu não brinquei com a minha sorte. No momento em que eu conseguisse chegar perto o suficiente para ouvir o que eles estavam dizendo, um ou ambos iriam notar a minha presença.

Pepper e Dabria conversaram por alguns minutos a mais antes de Dabria girar sobre seus calcanhares e se afastar pelo beco. Pepper fez um gesto obsceno pelas costas dela. Apenas eu que achava, ou ele parecia especialmente descontente? Eu esperei até Pepper ir embora também antes de sair das sombras. Fui diretamente para dentro do Devil's Handbag. Encontrei Vee na nossa mesa e me sentei ao lado dela.

— Eu preciso esvaziar esse lugar agora — eu disse.

Vee piscou.

— O quê?

— E se eu gritar “fogo”? Será que funciona?

— Gritar “fogo” parece um pouco antiquado. Você poderia tentar gritando “polícia”, mas isso cai na mesma categoria. Não que eu tenha qualquer coisa contra coisas antiquadas. Mas qual é a pressa? Eu não acho que o Serpentine esteja

tocando tão mal assim.

— Eu irei explicar...

— Mais tarde. — Vee acenou. — Eu sabia que ia dizer isso. Se fosse eu, eu gritaria “polícia”. Devem ter mais do que algumas poucas pessoas fazendo coisas ilegais nesse lugar. Grite “polícia!” e você verá o movimento.

Eu mordi nervosamente o meu lábio, pensando.

— Você tem certeza? — Esse parecia um plano que tinha um grande potencial de explodir na minha cara. Mas também, eu estava sem opções. Patch queria conversar com o Chapéu de Caubói, e era isso o que eu queria também. Eu também queria acabar com o interrogatório rapidamente, para que então eu pudesse contar para Patch sobre Dabria e Pepper.

Vee disse:

— Trinta e cinco por cento de certeza...

Sua voz sumiu enquanto um ar frio tomava o lugar. No começo eu não consegui afirmar se a queda brusca de temperatura vinha da porta, que tinha sido aberta, ou da minha própria resposta física para intuitivamente sentir problemas... da pior espécie.

Anjos caídos encheram o Devil's Handbag. Eu perdi a conta no número dez, sem nenhum sinal de que havia um fim em seus números. Eles se moveram tão rápido

que eu vi apenas borrões de movimento. Eles vieram preparados para brigar, balançando facas e com as articulações dos dedos portando aço, tirando qualquer coisa que estivesse em seu caminho. Entre a briga, eu olhava impotente enquanto dois garotos Nephil caíram de joelhos, inutilmente resistindo aos anjos caídos que estavam em pé sobre eles, claramente exigindo seus juramentos de fidelidade.

Um anjo caído, magro e pálido como a lua, bateu seu braço no pescoço de uma menina Nephil tão violentamente, que ele o quebrou no meio do seu grito.

Ele inspecionou o rosto da menina, que estranhamente parecia o meu próprio, à distância. O mesmo cabelo longo e cacheado. Ela também tinha quase a minha

altura e forma.

Ele estudou o seu rosto e rosnou impacientemente. Seus olhos gélidos vasculharam a multidão, e eu tive a sensação de que ele estava caçando a sua próxima vítima.

— Nós precisamos sair daqui — Vee disse urgentemente, segurando a minha mão com força. — Por aqui.

Antes que eu pudesse perguntar se Vee, também, tinha visto que o anjo caído quebrou o pescoço da menina, e se ela tinha visto, como ela estava possivelmente permanecendo tão calma, ela me empurrou para frente entre a multidão.

— Não olhe para trás — ela berrou no meu ouvido. — E ande depressa.

Andar depressa. Certo. O problema era que nós estávamos competindo com pelo menos umas cem pessoas para conseguir chegar até a porta. Em questão de segundos, a multidão tinha enlouquecido, empurrando e lutando para chegar a uma saída. A banda Serpentine tinha parado no meio da música. Não tinha tempo para voltar para Scott. Eu só poderia esperar que ele conseguisse escapar pelas

portas do palco.

Vee ficou atrás de mim, me empurrando tantas vezes por trás que eu imaginei se ela estava tentando proteger o meu corpo. Mal ela sabia que eu tentaria protegê-la se os anjos caídos fossem atrás de nós. E apesar da minha única (porém torturante) sessão de treinamento com Dante essa manhã, eu não achava que eu teria alguma chance de sucesso.

A tentação de voltar e lutar cresceu de repente dentro de mim. Nephilim tinham direitos. Eu tinha direitos. Nossos corpos não pertenciam aos anjos caídos. Eles não tinham um motivo justo para nos possuir. Eu tinha, apressadamente, prometido aos arcanjos que eu pararia a guerra, mas eu tinha um interesse pessoal no resultado. Eu queria guerra, e queria liberdade, de modo que eu nunca, nunca teria que me ajoelhar e prometer o meu corpo para outra pessoa.

Mas como eu poderia conseguir o que eu queria, e acalmar os arcanjos?

No fim, Vee e eu mergulhamos no ar frio da noite. A multidão fugiu na escuridão

pelos dois lados da rua. Sem parar para recuperar o fôlego, nós corremos em direção ao Neon.

CAPÍTULO 7

VEE ESTACIONOU O NEON NA ENTRADA DA GARAGEM DA casa da fazenda e desligou

o som.

— Bem, aquilo foi loucura o bastante para uma noite — ela disse. — O que foi aquilo? Greasers contra Socs?

Eu estava segurando minha respiração, mas eu exalei suavemente em alívio. Nada

de hiperventilar. Nada de gestos histéricos. Nada de mencionar pescoços quebrados. Felizmente, Vee não tinha visto o pior. — Olha quem fala. Você nunca leu Outsiders – Vidas Sem Rumor.

— Eu vi o filme. Matt Dillon era gostoso antes de envelhecer.

O carro foi tomado por um silêncio espesso e expectante.

— Ok, chega de papo furado — Vee disse. — A conversinha acabou. Desembucha.

— Quando eu hesitei, ela adicionou — Aquilo que aconteceu lá foi uma loucura, mas algo estava errado bem antes daquilo. Você estava agindo de maneira esquisita toda a noite. Eu vi você correndo para dentro e para fora do Devil's Handbag. E então, de repente, você quis esvaziar o lugar. Eu tenho que te dizer, querida. Eu preciso de uma explicação.

Foi aí que as coisas ficaram complicadas. Eu queria dizer para Vee toda a verdade, mas também era vital para a segurança dela que ela acreditasse nas mentiras que eu estava prestes a falar. Se o Chapéu de Caubói e seus amigos estavam falando sério sobre investigar a minha vida pessoal, mais cedo ou mais tarde eles iriam descobrir que Vee era minha melhor amiga. Eu não podia suportar a ideia de eles ameaçando ou interrogando ela, mas se fizessem, eu queria que cada resposta que ela desse soasse convincente. Acima de tudo, eu queria que ela falasse para eles,

sem nenhuma hesitação, que todos os meus laços com Patch tinham sido cortados. Eu pretendia resolver esse problema antes que saísse do controle.

— Enquanto eu estava no bar essa noite, Patch apareceu, e não foi nada bom — eu comecei calmamente. — Ele estava... bêbado. Ele disse algumas coisas estúpidas, eu me recusei a sair com ele, e ele ficou violento.

— Que merda — Vee murmurou baixinho.

— O segurança expulsou Patch de lá.

— Uau. Eu estou sem palavras. O que você acha de tudo isso?

Eu flexionei minhas mãos, abrindo e fechando-as no meu colo.

— Patch e eu terminamos.

— Terminaram terminaram?

— Não dá pra terminar mais que isso.

Vee se inclinou sobre o painel de controle e me deu um abraço. Ela abriu a boca, viu minha expressão, e pensou melhor.

— Eu não vou falar, mas você sabe que eu estou pensando nisso.

Uma lágrima escorreu do meu olho. O alívio evidente de Vee só fez a mentira parecer pior dentro de mim. Eu era uma amiga horrível. Eu sabia disso, mas eu não sabia como ajeitar isso. Eu me recusava a colocar Vee em perigo.

— Qual a história do cara de camisa de flanela?

O que ela não sabe não pode machucá-la.

— Antes do Patch ser expulso, ele me avisou para ficar longe do cara de camisa de flanela. Patch disse que o conhecia, e que ele era trazia problemas. Foi por isso que eu pedi para você descobrir o nome dele. Eu vi que ele ficava me encarando, e isso me deixou nervosa. Eu não queria que ele me seguisse até em casa, se isso era o que ele planejava fazer, então eu decidi causar uma confusão gigantesca. Eu queria que nós conseguíssemos sair do Devil's Handbag sem facilitar para ele nos seguir.

Vee exalou, longo e lentamente.

— Eu acredito que você terminou com Patch. Mas eu não acredito nem por um

minuto na outra história.

Eu me encolhi.

— Vee...

Ela colocou a mão para cima.

— Eu entendo. Você tem os seus segredos, e um dia você vai me dizer o que está acontecendo. E eu vou te dizer também. — Ela arqueou suas sobrancelhas intencionalmente. — É isso mesmo. Você não é a única que tem segredos. Eu vou falar quando chegar o momento certo, e eu acho que você também.

Eu a encarei. Não era assim que eu esperava que nossa conversa acabaria.

— Você tem segredos? Que segredos?

— Segredos picantes.

— Me diga!

— Olhe só para isso — Vee disse, batendo no relógio do painel. — Eu acredito que é o seu toque de recolher.

Eu sentei de boca aberta.

— Eu não posso acreditar que você está escondendo segredos de mim.

— Eu não posso acreditar que você está sendo tão hipócrita.

— Essa conversa não acabou — eu disse, abrindo a porta relutantemente.

— Não é fácil do outro lado, né?

Eu disse boa noite para minha mãe, então fui para o quarto, me tranquei e liguei para o Patch. Quando Vee e eu fugimos do Devil's Handbag, a van Chevy marrom já não estava mais estacionada no meio-fio. O meu palpite era que Patch tinha ido embora antes da invasão surpresa dos anjos caídos, já que ele teria invadido o clube se ele soubesse que eu estava em perigo, mas eu estava mais curiosa para saber se ele tinha pegado o Chapéu de Caubói. Pelo que eu sabia, eles estavam tendo uma conversa agora mesmo. Eu me perguntei se Patch estava fazendo perguntas ou ameaças. Provavelmente ambos.

O correio de voz de Patch atendeu, e eu desliguei. Deixar uma mensagem parecia

muito arriscado. Além disso, ele veria a chamada perdida e saberia que era minha.

Eu esperava que ele ainda planejasse vir essa noite. Eu sabia que a nossa briga desordenada tinha sido encenada, mas eu queria a garantia de que nada tinha mudado. Eu estava agitada, e precisava saber que nós ainda estávamos no mesmo patamar, emocionalmente, que estávamos antes da briga.

Eu liguei para Patch uma vez mais, para me certificar, então fui para cama me sentindo inquieta.

Amanhã era terça-feira. Cheshvan começava com a ascensão da lua nova.

Com base na terrível noite de vale-tudo hoje, eu tinha a sensação de que os anjos caídos estavam contando as horas para poderem desencadear toda sua ira.

Eu acordei com o som do assoalho rangendo. Minha visão se ajustou à escuridão, e eu me encontrei encarando um par de pernas bastante grandes e musculosas vestidas com calças brancas de corrida.

— Dante? — eu disse, estendendo um braço em direção ao criado-mudo, procurando o relógio. — Uuhn. Que horas são? Que dia é hoje?

— É manhã de terça-feira — ele disse. — Você sabe o que isso significa. — Uma bola de roupas de ginástica caiu no meu rosto. — Me encontre na entrada da garagem da sua casa.

— Sério?

No escuro, os dentes dele brilharam com um sorriso.

— Não posso acreditar que você caiu nessa. É melhor que o seu bumbum esteja lá fora em menos de cinco minutos.

Cinco minutos depois eu me arrastei para fora, tremendo por causa do frio de meados de outubro. Um vento leve fez as folhas das árvores caírem e os seus ramos rangerem. Eu estiquei as minhas pernas e pulei para cima e para baixo para fazer o sangue fluir.

— Continue — Dante instruiu, e ele saiu correndo para a floresta.

Eu ainda não estava animada em perambular pela floresta sozinha com Dante, mas eu cheguei à conclusão de que, se ele iria me machucar, ele tinha tido muitas oportunidades ontem. Então eu corri atrás dele, olhando para a faixa branca aqui e ali que me alertava sobre a presença dele. Sua visão deve ter me envergonhado, porque enquanto eu tropeçava aqui e ali em toras, pisei em buracos naturais, e bati minha cabeça em galhos baixos, ele percorria o terreno com uma precisão perfeita. Toda vez que eu ouvia sua risada zombando, se divertindo, eu ficava rapidamente de pé, determinada a empurrá-lo de uma encosta íngreme na primeira chance que eu tivesse. Havia muitos barrancos ao redor; eu só precisava chegar perto o suficiente dele para realizar o trabalho.

Finalmente, Dante parou, e quando eu o alcancei, ele estava estendido sobre uma grande pedra com as mãos entrelaçadas frouxamente atrás de seu pescoço. Ele tirou sua calça de corrida e seu casaco, ficando com um short até o joelho e uma camiseta apertada. À exceção de um ligeiro aumento e queda de seu peito, eu nunca poderia ter imaginado que ele tinha corrido cerca de dezesseis quilômetros colina acima.

Eu me arrastei para a pedra e cai perto dele.

— Água — eu disse, ofegante.

Dante se levantou sobre um cotovelo e sorriu para mim.

— Não vai acontecer. Eu irei te espremer a seco. Água produz lágrimas, e lágrimas são uma coisa que eu não suporto. E uma vez que você veja o que eu planejei, você vai querer chorar. Para minha sorte, você não ser capaz.

Ele me pegou por debaixo das axilas e me fez ficar em pé. O amanhecer estava apenas começando a iluminar o horizonte, colorindo o céu de um rosa gélido. Lado

a lado na pedra, nós conseguíamos ver quilômetros adiante. As árvores sempre-verdes, abetos e cedros, espalhados como um tapete imponente em todas as direções, rolando sobre as colinas e na bacia de uma profunda ravina que atravessava a paisagem.

— Escolha uma — Dante instruiu.

— Escolher uma o quê?

— Uma árvore. Depois de você arrancar uma, você pode ir para casa.

Eu olhei para as árvores, com pelo menos cem anos de idade, e tão espessas quanto três cabines telefônicas, e eu senti meu queixo cair ligeiramente.

— Dante...

— Treinamento Básico de Força. — Ele me deu um tapa de incentivo nas costas, então se acomodou relaxadamente na pedra. — Isso vai ser melhor do que assistir ao Today Show.

— Eu te odeio.

Ele riu.

— Ainda não, você não me odeia. Mas daqui uma hora...

E uma hora depois eu tinha utilizado cada grama de energia (e talvez a minha alma também) para arrancar um cedro branco muito teimoso e inflexível. Além de fazê-lo se inclinar ligeiramente, era um espécime perfeito de uma árvore batalhadora. Eu já havia tentado puxá-la, cavá-la, chutá-la para se submeter a mim, e, inutilmente, bater meus punhos contra ela. Dizer que a árvore tinha ganhado era um eufemismo. E todo o tempo Dante tinha ficado sentado na pedra, bufando, rindo e gritando observações reclamonas. Que bom que um de nós achou isso divertido. Ele andou até mim, um leve, mas muito desagradável sorriso puxando sua boca. Ele coçou o cotovelo.

— Bem, Comandante do Grande e Poderoso Exército Nephilim, alguma sorte?

O suor escorria como um riacho pelo meu rosto, pingando do meu nariz e queixo.

Minhas mãos estavam arranhadas, meus joelhos estavam ralados, meu tornozelo estava torcido, e cada músculo do meu corpo gritava em agonia. Eu agarrei a frente da camisa de Dante e usei para limpar meu rosto. E então eu assuei meu nariz nela.

Dante deu um passo para trás, com as palmas levantadas.

— Epa.

Eu aponteí meu braço na direção da minha árvore escolhida.

— Eu não consigo fazer isso — admiti com um soluço. — Eu não sirvo para isso. Eu nunca vou ser tão forte quanto você, ou qualquer outro Nephil. — Eu senti meu lábio tremer com decepção e vergonha.

Sua expressão suavizou.

— Respire fundo, Nora. Eu sabia que você não seria capaz de fazer isso. Esse era o objetivo. Eu queria te dar um desafio impossível para que depois, quando você finalmente puder fazer isso, você olhar para trás e ver o quão longe você chegou. Eu o encarei, sentindo meu temperamento ferver.

— O quê? — ele perguntou.

— O quê? O quê? Você está louco? Eu tenho escola hoje. Eu tenho que estudar para uma prova! E eu pensei que estava desistindo de estudar por algo que valesse a pena, mas agora eu descobro que tudo isso foi apenas para provar seu ponto? Bem, aqui estou eu mostrando um ponto! Eu estou jogando a toalha. Pra mim

chega! Eu não pedi por isso. Treinar foi ideia sua. Você tem tomado todas as decisões, mas agora é minha vez. EU DESISTO! — eu sabia que estava desidratada e provavelmente não estava pensando racionalmente, mas eu tinha tido o suficiente. Sim, eu queria aumentar a minha resistência e força e aprender a me defender. Mas isso era ridículo. Arrancar uma árvore? Eu tinha dado o meu melhor, e ele só se sentou e riu, sabendo muito bem que eu nunca seria capaz de fazer isso.

— Você parece realmente chateada — ele disse, franzindo a testa e acariciando seu queixo de forma perplexa.

— Você acha?

— Considere isso uma lição objetiva. Um tipo de avaliação.

— É? Avalie isso. — E eu lhe mostrei um dedo do meio duro.

— Você está exagerando. Consegue ver isso, certo?

Claro, daqui duas horas talvez eu percebesse isso. Depois que eu tomasse um banho, me reidratasse, e desabasse na minha cama. O que, por mais que eu

quisesse, não iria acontecer, porque eu tinha escola.

Dante disse:

— Você é a comandante desse exército. Você também é uma Nephilim presa em um corpo humano. Você tem que treinar mais que o resto de nós, porque está começando com uma séria desvantagem. Eu não te faria nenhum favor ao tornar isso mais fácil.

Com suor escorrendo pelos meus olhos, eu o olhei feio.

— Já te ocorreu que talvez eu não queira essa posição? Talvez eu não queira ser comandante?

Ele deu de ombros.

— Não importa. Está feito. Não adianta fantasiar com outros cenários.

Meu tom soou desapontado.

— Por que você não organiza um golpe e rouba a minha posição? — Eu murmurei, meio que brincando, meio que falando sério. Pelo que eu sabia, Dante não tinha nenhuma razão para me manter no poder e viva. — Você seria um milhão de vezes melhor nisso. Você realmente se importa.

Ele acariciou o queixo novamente.

— Bem, agora que você colocou a ideia na minha cabeça...

— Não é engraçado, Dante.

Seu sorriso desapareceu.

— Não, não é. Se vale alguma coisa, eu jurei para Hank que eu ajudaria você a ter sucesso. Meu pescoço está correndo tanto risco quanto o seu. Eu não estou aqui todas as manhãs para ganhar alguns pontos extras de carma. Eu estou aqui porque eu preciso que você ganhe. Minha vida depende de você.

As palavras dele fizeram efeito em mim.

— Você está dizendo que se eu não for para a guerra, e ganhar, você irá morrer? É esse o juramento que você fez?

Ele exalou, longo e lentamente, antes de responder.

— Sim.

Fechei meus olhos, massageando minhas têmporas.

— Eu realmente queria que você não tivesse me contado.

— Estressada?

Recostando-me contra a pedra, eu deixei a brisa soprar contra a minha pele.

Respirações profundas. Não só eu poderia, potencialmente, matar minha mãe e a mim mesma se eu fracassasse ao liderar o exército de Hank, mas agora eu mataria Dante também, se eu não liderasse o exército à vitória. Mas e a paz? E a minha

negociação com os arcanjos?

Maldito Hank. Isso era culpa dele. Se ele tivesse ido para qualquer outro lugar que não diretamente pro inferno depois da sua morte, não havia justiça no mundo, ou fora dele.

— Lisa Martin e os Nephilim do alto escalão querem te encontrar de novo — disse Dante. — Fiquei enrolando, porque sei que você não está convencida de que deve haver uma guerra, e agora estou preocupado de que vão reagir. Precisamos deles para te manter no poder. Para fazer isso, precisamos que eles achem que os seus desejos estão alinhados com os deles.

— Ainda não quero me encontrar com eles — disse automaticamente. — Continue enrolando. — Eu precisava de tempo para pensar. Tempo para decidir em um curso de ação. Quem apresentava maior ameaça: arcanjos descontentes ou Nephilim rebeldes?

— Você quer que eu diga a eles que, por ora, você quer que tudo passe por mim?

— Sim — disse, grata. — Faça o que for preciso para me dar um pouco mais de tempo.

— À propósito, ouvi falar sobre o seu falso término ontem à noite. Você deve ter dado um show e tanto. Os Nephilim acreditaram.

— Mas você não.

— Patch me avisou. — Ele piscou. — Eu não teria acreditado mesmo. Eu já vi vocês

dois juntos. O que vocês têm não morre de uma hora para outra. Aqui — disse Dante, dando-me uma garrafa gelada de Gatorade azul. — Beba. Você perdeu muito fluido.

Girando a tampa, eu balancei a cabeça, agradecendo, e bebi bastante. O líquido verteu pela minha garganta, instantaneamente ficando espesso e entupindo o meu

esôfago. Um calor arranhou a minha garganta, transpassou por ela, e pululou pelo resto do meu corpo. Eu me inclinei para frente, tossindo e ofegando.

— Que negócio é esse? — eu engasguei.

— Hidratação pós-treino — disse ele, mas ele não me olhava nos olhos.

Eu continuei a me afogar, meus pulmões lutando e sofrendo espasmos.

— Eu achei... eu achei que fosse Gatorade... é isso que... a garrafa diz!

Qualquer tipo de emoção sumiu de seu rosto.

— É para o seu próprio bem — disse ele vagarosamente. E então ele fugiu em um borrão de velocidade.

Eu ainda estava dobrada ao meio, sentindo como se o meu interior estivesse lentamente liquefazendo.

Partículas elétricas azuis pipocavam sobre os meus olhos. O mundo balançou para a esquerda... e então para a direita.

Apertando a minha garganta, eu andei, com dificuldade, para frente, temendo que, se eu desmaiasse aqui, eu nunca seria encontrada.

CAPÍTULO 8

COM UM PASSO CAMBALEANTE ATRÁS DO OUTRO, eu consegui sair da floresta.

Quando cheguei na casa da fazenda, a maior parte da sensação de fogo—nos-meus-ossos tinha se dissipado. Minha respiração tinha voltado ao normal, mas o

meu medo ainda estava ocupando um papel principal. O que Dante tinha me

dado? E por quê?

Eu tinha uma chave no colar em volta do meu pescoço, e eu entrei por conta própria. Tirando meus sapatos, eu rastejei até o andar de cima e passei silenciosamente pelo quarto da minha mãe. O relógio no meu criado-mudo marcava dez para as sete. Antes de Dante entrar na minha vida, esta seria uma hora normal, talvez um pouco cedo, de acordar. Na maioria dos dias eu acordava me sentindo revigorada, mas esta manhã eu me sentia exausta e preocupada. Agarrando roupas limpas, eu me dirigi até o banheiro para tomar banho e me preparar para a escola.

Dez minutos antes das oito eu levei o Volkswagen para o estacionamento dos estudantes e marchei até a escola, um edifício cinza imponente similar a uma Igreja Protestante antiga. Do lado de dentro, eu enfiei meus pertences no meu armário, peguei meus livros do primeiro e segundo períodos, e fui para aula. Meu estômago se apertou de fome, mas eu estava agitada demais para comer. A bebida azul ainda nadava desconfortavelmente no meu estômago.

A primeira do dia era História Americana Avançada. Eu tomei meu lugar e procurei em meu novo celular mensagens. Ainda nada do Patch. Sem problema, eu disse a mim mesma. Algo provavelmente aconteceu. Mas eu não conseguia ignorar a sensação de que algo não estava certo. Patch tinha me dito que passaria na minha casa na noite passada, e não era costumeiro que ele quebrasse uma promessa. Especialmente já que sabia que eu tinha ficado bastante chateada por causa do rompimento.

Eu estava prestes a guardar o meu celular quando ele vibrou com uma mensagem.

ENCONTRE-ME PERTO DO RIO WENTWORTH EM 30 MINUTOS, lia-se na mensagem

de Patch.

VOCÊ ESTÁ BEM? eu imediatamente escrevi de volta. SIM. ESTAREI NAS DOCAS.

CERTIFIQUE-SE DE QUE NÃO TE SIGAM.

Não era o melhor dos momentos, mas eu não iria simplesmente não encontrar com Patch. Ele disse que estava bem, mas eu não estava convencida. Se ele estivesse bem, por que estava me pedindo para sair da escola, e por que íamos nos encontrar lá nas docas?

Eu me aproximei da mesa da Sra. Warnock.

— Com licença, Sra. Warnock? Não estou me sentindo bem. Posso ir me deitar na enfermaria?

A Sra. Warnock retirou os óculos e me examinou.

— Está tudo certo, Nora?

— É aquela época do mês — sussurrei. Será que eu conseguia ser menos criativa?

Ela suspirou.

— Se eu ganhasse um centavo cada vez que uma aluna dissesse isso...

— Eu não pediria se a minha cólica não estivesse absolutamente me matando. —

Eu até considerei esfregar meu estômago, mas decidi que poderia ser demais.

Por fim, ela disse:

— Peça a enfermeira paracetamol. Mas assim que estiver se sentindo melhor, quero você de volta à sala. Estamos começando a unidade sobre o Republicanismo Jeffersoniano hoje. Se não tiver alguém de confiança de quem pegar anotações emprestado, vai passar as próximas duas semanas tentando alcançar a matéria.

Balancei a cabeça vigorosamente.

— Obrigada. Eu realmente agradeço.

Escapei porta afora, desci correndo por alguns lances de escadas, e, depois de olhar

para os dois lados do corredor para me certificar de que o vice-diretor não estava fazendo suas rondas, fugi por uma porta lateral.

Me joguei dentro do Volkswagen e parti. É claro, essa era a parte fácil. Voltar para a aula sem um papel de permissão assinado pela enfermeira ia exigir no mínimo magia. Sem problema, pensei. Na pior das hipóteses, eu seria pega cabulando aula e passaria a próxima semana tendo detenção no começo das manhãs.

Se eu precisava de uma desculpa para ficar longe do Dante, quem eu já não mais confiava, essa era uma tão boa quanto qualquer outra.

O sol estava a toda, o céu era de um azul nebuloso outonal, mas o ar puro cortava o meu colete acolchoado como o mau presságio implacável do inverno que chegava. O estacionamento das docas no alto do rio estava vazio. Ninguém pescando por lazer hoje. Depois de estacionar, eu me agachei na vegetação na beirada do estacionamento por alguns minutos, esperando para ver se alguém tinha me seguido. Então peguei o caminho pavimentado que levava às docas. Percebi rapidamente porque Patch tinha escolhido o local: fora alguns pássaros gorjeando, estávamos completamente sozinhos.

Três rampas para barcos se espalhavam pelo amplo rio, mas não havia barcos. Caminhei até a beirada da primeira rampa, protegi meus olhos da claridade do sol, e olhei ao redor. Nada do Patch.

Meu celular chamou.

ESTOU NO BOSQUE CERRADO DE ÁRVORES NO FINAL DO PASSADIÇO, Patch tinha digitado.

Segui pelo passadiço, passando pelas docas e chegando a mata cerrada, e foi aí que Pepper Friberg surgiu por trás de uma árvore. Ele estava com o celular do Patch em uma mão e uma arma na outra. Meus olhos se fixaram na arma, e eu dei um passo involuntário para trás.

— Não vai te matar, mas um tiro pode ser excruciante de tão doloroso — disse ele. A calça de poliéster dele tinha um cóis alto, até a cintura, e a camisa dele pendia de um ângulo mal ajustado; ele não havia alinhado os botões apropriadamente. No entanto, apesar da sua aparência idiotizada e espalhafatosa, senti seu poder ondular até mim como os raios mais quentes de sol. Ele era muito mais perigoso do que aparentava.

— Devo acreditar nisso porque você sabe? — eu retruquei.

Seus olhos correram de um lado ao outro do caminho. Ele enxugou a testa com um lenço branco, mais uma prova de sua ansiedade. Suas unhas haviam sido roídas até ficarem um toco.

— Se você sabe o que eu sou, e aposto que Patch te disse, então sabe que não posso sentir dor.

— Eu sei que você é um arcanjo, e sei que não está fazendo um jogo limpo. Patch me disse que você está vivendo uma vida dupla, Pepper. Um poderoso arcanjo se passando de humano? Com os seus poderes, você poderia realmente influenciar o sistema. Está atrás de dinheiro? Poder? Diversão?

— Eu já te disse do que estou atrás: Patch — disse ele, um brilho novo de suor ultrapassando sua testa. Ele não parecia conseguir enxugar rápido o bastante. — Por que ele não me encontra?

Hm, porque você quer acorrentá-lo ao inferno. Eu inclinei meu queixo para o celular na mão de Pepper.

— Belo truque, me atraindo até aqui com o celular dele. Como conseguiu?

— Eu peguei dele ontem à noite no Devil's Handbag. Encontrei ele se escondendo em uma van marrom estacionada na rua da frente da entrada. Fugiu antes que eu

pusse as mãos nele, mas na pressa, ele esqueceu de pegar seus pertences, inclusive o celular com todos os contatos. Estive discando e mandando mensagens para vários números a manhã toda, tentando te encontrar.

Secretamente, eu suspirei, aliviada. Patch tinha escapado.

— Se me trouxe até aqui para me interrogar, está sem sorte. Não sei onde o Patch está. Não falo com ele desde ontem. De fato, parece que você foi o último a vê-lo.

— Interrogar? — As pontas de suas orelhas de Dumbo brilharam rosa — Céu, isso parece nefasto. O que, eu pareço um criminoso comum?

— Se não quer me questionar, por me atrair até aqui? — Até agora nós tínhamos mantido uma conversa leve, mas eu estava ficando cada vez mais nervosa. Eu não confiava nas graças mal feitas e ineptas do Pepper. Tinha que ser um truque.

— Vê aquele barco ali?

Eu segui o olhar de Pepper até a margem do rio. Um barco a motor branco resplandecente sacudia-se na superfície da água. Elegante, caro, e provavelmente muito rápido.

— Barco legal. Vai viajar? — perguntei, tentando não soar preocupada.

— Sim. E você vem comigo.

CAPÍTULO 9

TE DEI CHANCE DE FAZER DA MANEIRA MAIS FÁCIL, mas a minha paciência está acabando —

disse Pepper. Ele colocou a arma na cintura da calça, liberando as suas mãos para secar

sua testa brilhante — Se não consigo chegar até Patch, o farei vir até mim.

Eu comecei a ver onde isto ia dar.

— Isto é um sequestro? Você definitivamente não é um criminoso comum, Pepper.

Delinquente, sociopata e um malvado nefasto são termos mais próximos da sua classificação.

Ele afrouxou o colarinho e fez uma careta.

— Preciso que Patch faça algo por mim. Um pequeno... favor. Isto é tudo. Inofensivo, de

verdade.

Tive a sensação de que o “favor” incluía seguir o Pepper até o inferno, um pouco antes que

ele pulasse para longe e fechasse os portões para Patch. Era uma maneira de cuidar de um

chantagista.

— Sou um dos bonzinhos — disse Pepper. — Um arcanjo. Ele pode confiar em mim. Você

deveria ter dito para ele confiar em mim.

— A maneira mais rápida de quebrar a confiança dele seria me sequestrando. Pense nisto,

Pepper. Me levar não fará que Patch coopere contigo.

Ele puxou seu colarinho com mais força. Seu rosto estava tão vermelho que chegava ao

ponto de parecer um porco suado rosa.

— Aqui tem muito mais coisas em jogo do que se pode ver. Está me deixando sem opções,

será que não se dá conta disto?

— É um arcanjo, Pepper. No entanto está aqui, passeando pela Terra, carregando uma

arma e me ameaçando. Não acredito que é inofensivo, assim como não acredito que não

tenha nenhuma má intenção contra Patch. Os arcanjos não vagam pela Terra por longos

períodos de tempo, e não fazem reféns. Sabe o que eu penso? Você está ficando mau.

— Estou aqui em uma missão. Não sou mau, porém tenho que tomar algumas... liberdades.

— Caramba, estou quase tentada a acreditar em você.

— Tenho um trabalho para o seu namorado que só ele pode fazer. Não quero te sequestrar, porém você está me forçando a fazer isto. Preciso da ajuda de Patch e preciso

agora. Ande até o bote, devagar e com cuidado. Se fizer qualquer movimento brusco, vou

atirar.

Pepper fez um gesto de invocação e o bote deslizou obedientemente pela água, se movendo até a rampa de embarcação mais próxima. Patch não havia me contado que arcanjos podiam dar ordens a objetos. Não gostei da surpresa e me perguntei o quanto

isto iria atrapalhar a minha tentativa de fuga.

— Não ficou sabendo? Ele não é mais o meu namorado — eu disse a Pepper — Estou

saindo com Dante Matterazzi. Tenho certeza que já ouviu falar dele. Todo mundo o conhece. Patch está 100% no meu passado.

— Suponho que vamos descobrir, não é mesmo? Se tiver que voltar a pedir para andar,

vou atirar nos seus pés.

Levantei meus braços no nível dos meus ombros e caminhei até a rampa para botes. Um

pouco tarde demais, desejei ter usado a minha jaqueta jeans com o dispositivo de rastreamento. Se Patch pudesse saber onde eu estava, viria me buscar. Talvez ele tivesse

colocado um dispositivo no meu colete acolchoado também, mas não podia contar com

isto. E já que não sabia onde Patch estava, também não poderia contar com ele.

— Suba no bote — me ordenou Pepper — Pegue a corda no banco e prenda as suas mãos

nas grades.

— Você está levando isso mesmo a sério — disse, tentando distraí-lo. Olhei para as árvores que cercavam o rio. Se eu pudesse chegar até elas, poderia me esconder. As balas

de Pepper teriam mais êxito atingindo as árvores do que a mim.

— A cinquenta quilômetros daqui tenho um bonito e espaçoso depósito com seu nome

nele. Uma vez que chegarmos lá, farei uma ligação para o seu namorado. — Ele fechou o

punho, estendendo o polegar e o dedo mínimo e levou o seu telefone de mão até o ouvido

— Assim veremos se não podemos chegar a um acordo. Se ele fizer um juramento de se

encarregar de um assunto pessoal para mim, você talvez possa voltar a vê-lo, e também a

sua família e seus amigos.

— Como vamos chamá-lo? Você tem o telefone dele.

Pepper franziu o rosto. Não havia pensado nisto. Talvez eu pudesse usar a sua confusão ao

meu favor.

— Então teremos que esperar que ele nos ligue. Para o seu próprio bem, espero que ele

não perca tempo.

De má vontade, subi no bote. Peguei a corda e comecei a enrolá-la em um nó. Não podia

acreditar que Pepper fosse tão estúpido. Realmente acreditava que uma simples corda comum poderia me segurar?

Pepper respondeu a minha pergunta.

— No caso de estar pensando em escapar, deveria saber que esta corda está enfeitiçada.

Parece inofensiva, mas é mais forte que cantoneira. Ah, e uma vez que suas mãos estejam

presas, vou enfeitiçar de novo. Se ao menos tentar puxar a corda para fugir, uma descarga

de duzentos volts de eletricidade atingirá o seu corpo.

Tratei de manter a compostura.

— Um truque especial dos arcanjos?

— Só digamos que sou mais forte do que pensa.

Pepper passou uma perna curta sobre o bote, equilibrando o pé sobre o assento do condutor. Antes que pudesse passar a outra perna, golpeei o meu corpo contra a lateral

do bote, balançando o duramente para longe da rampa. Pepper ficou com um pé dentro e

outro fora, enquanto o espaço de ar entre suas pernas se tornava cada vez maior.

Ele reagiu na hora. Se lançou para o ar, flutuando vários centímetros sobre o bote.

Voando. Durante a fração de segundo em que tomei a decisão de desequilibrá-lo, me esqueci que ele tinha asas. E não só isto, mas agora ele estava furioso.

Me lancei na água, nadando arduamente até o meio do rio, ouvindo os tiros que eram

disparados na água, de cima de mim.

Um som de mergulho e soube que Pepper havia se jogado atrás de mim. Em questões de

segundos ele me alcançaria e cumpriria a promessa de atirar no meu pé... e

provavelmente algo muito pior. Eu não era tão forte quanto um arcanjo, mas agora eu era

uma Nephilim, e havia treinado com Dante... duas vezes. Decidi fazer algo incrivelmente

estúpido ou incrivelmente corajoso.

Plantando os pés firmemente no leito arenoso do rio, me empurrei para cima com todas

as minhas forças, saltando diretamente para fora da água. Para a minha surpresa, errei o

alvo, me elevando sobre as copas das árvores que se amontoavam nas margens. Pude ver

quilômetros e quilômetros de distância, além das fábricas e dos campos, até a estrada

onde se podiam ver pequenos carros e tratores de reboque. Mais além disto, eu vi a

própria Coldwater, um agrupamento de casas, lojas e parques de gramados verdes.

Com a mesma rapidez, perdi velocidade. Meu estômago se contraiu e ar passou pelo meu

corpo quando inverti minha direção. O rio se precipitou até mim. Tive o impulso de girar

freneticamente os meus braços, mas foi como se o meu corpo não tolerasse isto, se

recusasse a ser qualquer coisa que não elegante e eficaz, me dobrando em um míssil

apertado. Meus pés bateram na rampa para os botes, atravessando as toras de madeira,

me submergindo novamente na água.

Mais balas passaram zunindo pelos meus ouvidos. Saí tateando pelos escombros, me

impulsionei até a borda do rio e corri em disparada até as árvores. Duas manhãs correndo

na escuridão me deram um pouco de preparação, mas não explicavam porque eu estava

correndo em uma velocidade que rivalizava com a de Dante. As árvores passavam como

vertiginosos borrões, mas os meus pés saltavam com facilidade, quase como se pudessem

antecipar os passos necessários meio segundo antes que a minha mente.

Corri a toda velocidade pelo caminho, me lancei dentro do Volkswagen e saí do estacionamento. Para a minha surpresa, nem sequer estava sem fôlego.

Era a adrenalina? Talvez. Mas eu não acreditava nisto.

Dirigi até a FARMACIA e DROGARIA Allen e deslizei o Volkswagen em uma vaga de estacionamento situada entre dois caminhões que me ocultavam da rua. Logo me recostei

no assento, tentando ficar invisível. Estava bastante segura de que havia despistado

Pepper no rio, mas não se perdia nada sendo cautelosa. Precisava de tempo para pensar.

Não podia ir para casa. O que eu realmente precisava era encontrar Patch, mas não sabia

por onde começar.

Meu celular tocou, me tirando dos meus devaneios.

— E aí, Grey — disse Scott. — Vee e eu estamos à caminho da Taco Hut para almoçar, mas

a grande pergunta de hoje é: onde você está? Agora que você: (a) pode dirigir e (b) tem

rodas (cofcof, graças à mim) não precisa comer mais no refeitório da escola. Se liga.

Ignorei o seu tom de chacota.

— Preciso do número de Dante. Me mande por mensagem e mande rápido — disse ao

Scott. Eu tinha o número de Dante no meu antigo telefone, mas não neste.

— Hum, por favor?

— O que é isto? Terça-feira do dois pesos, duas medidas?

— Para que precisa do número dele? Pensei que Dante fosse seu namo...

Desliguei o telefone e tratei de pensar nas coisas. O que eu sabia com certeza? Que um

arcanjo com uma vida dupla queria me sequestrar e me usar como um incentivo para obrigar Patch a lhe fazer um favor. Ou para deixar de chantageá-lo. Ou ambas as coisas.

Também sabia que Patch não era o chantagista.

Que informação me faltava? Sobretudo a do paradeiro de Patch. Estava a salvo? Me contataria? Precisava da minha ajuda?

Onde está você, Patch? Eu gritei para o universo.

Meu celular tocou.

AQUI ESTÁ O NÚMERO DE DANTE. ALÉM DISTO, OUVI POR AÍ QUE CHOCOLATE FAZ BEM

PARA A TPM, Scott mandou por mensagem.

— Engraçadinho — disse em voz alta, digitando o número de Dante. Ele atendeu no terceiro toque.

— Temos que nos encontrar — disse, com os nervos à flor da pele.

— Escuta, se é sobre hoje de manhã...

— É claro que é sobre hoje de manhã! O que você me deu? Bebi um líquido desconhecido

e de repente posso correr tão rápido quanto você e saltar quinze metros no ar e tenho certeza de que a minha visão é melhor do que 20/20.

— Vai sumir. Para manter esta velocidade, você precisa beber a parada azul todos os dias.

— A parada azul tem nome?

— Não por telefone.

— Está bem. Nós nos encontraremos pessoalmente.

— Me encontre na Rollerland em meia hora.

Pisquei.

— Quer que eu te encontre em um ringue de patinação?

— É meio-dia de um dia da semana. Não há ninguém lá além de mães e crianças pequenas. É mais fácil para detectar os espiões em potencial.

Não estava segura de quem Dante pensava que estaria nos espionando, mas tinha uma

incômoda sensação borbulhando em meu estômago de que, fosse o que fosse a parada

azul, Dante não era o único que a queria. Meu melhor palpite era de que se tratava de uma droga de algum tipo. Eu havia testado em primeira mão suas propriedades de aprimoramento. Os poderes que ela me forneceu eram surreais. Era como se eu não tivesse limites e a extensão da minha própria destreza física fosse... ilimitada. A sensação

era estimulante e antinatural. Este último era o que me deixava preocupada.

Quando Hank estava vivo, ele havia experimentado com artes do mal, convocando os poderes do inferno ao seu favor. Os objetos que ele havia enfeitiçado sempre emitiam um

tom azul fantasmagórico. Até agora, eu havia acreditado que os conhecimentos sobre as

artes do mal haviam morrido com Hank, mas começava a ter as minhas dúvidas. Queria ter

a esperança de que a misteriosa bebida azul de Dante fosse uma coincidência, mas o meu

instinto dizia o contrário.

Sai do carro e caminhei as poucas quadras que me levavam até Rollerland, olhando por

sobre o ombro em busca de sinais de que estava sendo seguida. Nada de homem

estranhos com capas pretas e óculos de sol. Tão pouco nada de pessoas demasiadamente

altas, um claro indicativo de Nephilim.

Atravessei as portas de Rollerland, aluguei um par de patins tamanho 36 com rodas e me

sentei em um banco do lado de fora da pista. As luzes estavam baixas e uma bola de discoteca dispersava sombras de uma brilhante e saturada luz pelo solo de madeira polida.

Pelos alto-falantes se escutava uma canção antiga da Britney Spears. Como Dante havia

previsto, só crianças pequenas e suas mães estavam patinando a esta hora.

Uma mudança no ar, alterando a tensão, me alertou da presença de Dante. Ele se sentou

no banco ao meu lado, vestido com um jeans escuro feito sob medida e camisa polo azul

marinho. Ele não havia retirado os seus óculos de sol, fazendo impossível olhar em seus

olhos. Me perguntei se ele havia se arrependido de ter me dado a bebida e se estava experimentando algum nível de conflito moral. Eu esperava que sim.

— Vai patinar? — perguntou, fazendo um gesto com a cabeça para os meus pés.

Me dei conta de que ele estava sem patins.

— O cartaz dizia que precisamos vestir os patins para passar da entrada.

— Poderia ter enganado mentalmente o encarregado.

Meu humor piorou.

— Esta realmente não é a minha forma de agir.

Dante encolheu os ombros.

— Então está perdendo um monte das vantagens em ser Nephilim.

— Me conte sobre a bebida azul.

— É uma bebida de aprimoramento.

— Até aí eu entendi. Com o que ela foi aprimorada?

Dante inclinou a cabeça na direção da minha e falou num sussurro.

— Artes do mal. Não é tão ruim quanto parece.

Minhas costas se endureceram, e os pelos da minha nuca latejaram. Não, não, não. As

artes do mal deveriam ter sido erradicadas da Terra. Tinham desaparecido com Hank.

— Eu sei o que são. E achei que tinham sido destruídas.

As sobrancelhas escuras de Dante ficaram franzidas.

— Como sabe sobre as artes do mal?

— Hank as usava. Assim como o seu cúmplice, Chauncey Langeais. Mas quando Hank

morreu... — me contive. Dante não sabia que eu tinha matado Hank, e dizer que isto não

ajudaria na minha relação com os Nephilim, Dante incluído, se meu segredo viesse à tona,

seria o eufemismo do ano — Patch espionava para Hank.

Ele assentiu.

— Eu sei. Eles tinham um acordo. Patch nos informava sobre os anjos caídos.

Não sabia se Dante omitiu intencionalmente que Patch havia espiado para Hank com a

condição de preservar a minha vida, ou se Hank tinha mantido os detalhes em segredo.

— Hank disse ao Patch sobre as artes do mal — menti, cobrindo minhas pegadas. — Mas

Patch me disse que, quando Hank morreu, as artes do mal haviam ido com ele. Patch tinha

a impressão de que Hank era o único que sabia como manipular isso.

Dante negou com a cabeça.

— Hank colocou o seu mão direita, Blakely, para desenvolver os protótipos de artes do mal. Ele sabe mais sobre artes do mal do que Hank jamais soube. Ele passou os últimos

meses em um laboratório, enfeitiçando adagas, chicotes e anéis ornamentados com artes

do mal, os transformando em armas mortais. Mais recentemente, ele formulou uma bebida que eleva os poderes dos Nephilim. Estamos no mesmo nível, Nora — disse ele,

com um brilho de emoção nos olhos. — Antes precisávamos de dez Nephilim para cada

anjo caído. Já não é mais assim. Eu provei a bebida de Blakely, e quando tomo, o campo de

jogo sempre se inclina ao meu favor. Posso ir de encontro a um único anjo caído sem

nenhum temor de que ele seja mais forte.

Meus pensamentos giraram violentamente. Artes do mal estavam prosperando na Terra?

Os Nephilim tinham uma arma secreta, sendo fabricada em um laboratório secreto? Tinha

que contar isto para Patch.

— A bebida que me deu é a mesma que você tem provado para Blakely?

— Sim. — Ele sorriu astutamente. — Agora entende o que estou te falando.

Se queria elogios, não iria recebê-los de mim.

— Quantos Nephilim sabem sobre a bebida ou a ingeriram?

Dante se recostou em seu banco e suspirou.

— Está perguntando isto para si mesma? — Ele fez uma pausa intencionada. — Ou para

compartilhar o segredo com Patch?

Hesitei, e o rosto de Dante desmoronou.

— Tem que escolher, Nora. Não pode ser leal a nós e a Patch. Está persistindo admiravelmente nisto, mas no final, lealdade tem a ver com escolher um lado. Ou está com os Nephilim, ou contra nós.

A pior parte desta conversa é que Dante tinha razão. No fundo, eu sabia. Patch e eu havíamos entrado em acordo que o nosso ato final na guerra seria sair a salvo dela, porém,

se este fosse o meu único objetivo, onde isso deixaria os Nephilim? Era eu a suposta líder

deles, pedindo que acreditassem que eu iria ajudá-los, mas na verdade não iria.

— Se contar ao Patch sobre artes do mal, ele não guardará a informação para si — disse

Dante. — Ele irá atrás de Blakely e tratará de destruir o laboratório. Não por um elevado

sentido de dever moral, mas sim por instinto de sobrevivência. Isto não é mais sobre o

Cheshvan. — explicou. — Meu objetivo não é empurrar os anjos caídos para trás de uma

linha arbitrária, a fim de impedi-los de nos possuir. Meu objetivo é aniquilar a raça inteira

de anjos caídos com artes do mal. E se já não sabem disso, vão descobrir logo, logo.

— O quê?! — cuspi.

— Hank tinha um plano. Era isso. A extinção da raça deles. Blakely acredita que, com um

pouco mais de tempo, ele poderá produzir um protótipo de arma suficientemente forte para aniquilar um anjo caído, algo que nunca nem sequer considerávamos possível. Até

agora.

Saltei do banco e comecei a andar de um lado para o outro.

— Por que está me dizendo isto?

— Está na hora de escolher. Está conosco ou não?

— Patch não é o problema. Ele não está trabalhando com os anjos caídos. Ele não quer a

guerra. — O único objetivo de Patch era se assegurar de que eu continuasse na liderança,

cumprisse o meu juramento e permanecesse com vida. Mas se revelasse sobre as artes do

mal para ele, Dante tinha razão: Patch faria de tudo para destruí-las.

— Se contar sobre isso para ele, estamos acabados — disse Dante.

Ele estava me pedindo para trair ele, Scott e milhares de Nephilim inocentes... ou Patch.

Um grande peso revirou-se no meu estômago. A dor era tão forte que quase me dobrei.

— Tire a tarde para pensar nisto — disse Dante, colocando-se de pé. — A menos que me

diga o contrário, vou esperar que esteja pronta para treinar amanhã bem cedo. — Me olhou fixamente por um momento com seus olhos castanhos fixos, porém mantendo um

sombra de dúvida. — Espero que estejamos no mesmo barco, Nora — ele disse isto em

voz baixa e se foi.

Fiquei no edifício por vários minutos, sentada na penumbra, rodeada por gritos bizarros e

alegres e risadas das crianças tentando dançar o Hokey Pokey sobre os patins. Baixei a

cabeça e escondi o meu rosto entre as minhas mãos. Não era como as coisas deveriam ser.

Eu tinha que suspender a guerra, declararia um cessar fogo e me fugir de tudo para ficar

com Patch.

Em vez disso, Dante e Blakely haviam planejado diante, continuando justo aonde Hank

havia parado e subiram a aposta para tudo ou nada. Estúpidos, estúpidos, estúpidos.

Em circunstâncias normais, não acreditaria que Dante, Blakely e, para falar a verdade, todos os Nephilim teriam chance de aniquilar os anjos caídos, porém suspeitava que as

artes do mal mudavam tudo. O que significava isto para a minha metade do trato? Se os

Nephilim entrassem em guerra sem mim, será que os arcanjos me responsabilizariam?

Sim. Sim, eles o fariam.

Aonde quer que Blakely estivesse escondido, sem dúvidas protegido por seu próprio, pequeno e vigilante destacamento de segurança Nephilim, estava claro que estava experimentando com protótipos mais potentes e mais perigosos. Ele era a raíz do

problema.

O que fazia de encontrar ele e o seu laboratório a minha prioridade.

Logo após eu encontrar Patch. Meu estômago deu um salto mortal de preocupação, e mandei outra oração silenciosa para ele.

CAPÍTULO 10

EU ESTAVA A UMA CURTA DISTÂNCIA DO VOLKSWAGEN QUANDO vi uma figura

sombreada tomar o banco do motorista. Parei, meus pensamentos mergulhando, inicialmente, no cenário de Chapéu de Caubói, o Retorno. Segurei a respiração, debatendo se era sábio ou não correr. Mas quanto mais eu debatia, mais minha imaginação hiperativa declinava, e a figura tomou sua forma verdadeira. Patch dobrou o dedo, me chamando para o lado de dentro. Eu sorri amplamente, minha preocupação se dissolvendo instantaneamente.

— Matando aula para andar de patins? — ele perguntou, enquanto eu entrava no carro.

— Você me conhece. Rodinhas roxas são o meu fraco.

Patch sorriu.

— Não vi o seu carro na escola. Estive te procurando. Tem uns minutos sobrando? Eu lhe dei as minhas chaves.

— Você dirige.

Patch nos levou por um maravilhoso e luxuoso condomínio de casas geminadas com vista para a Baía Casco. O charme histórico das construções (tijolos de um vermelho profundo misturados a pedras da pedreira local) o fazia ser estimado em

bem mais de uma centena de anos, mas havia sido renovado por completo, com janelas reluzentes, colunas de mármore preto, e um porteiro. Patch estacionou em uma garagem privada e abaixou a porta, deixando-nos em uma escuridão fria.

— Casa nova? — perguntei.

— Pepper contratou alguns bandidos Nephilim para redecorarem o meu estúdio embaixo da Delphic. Precisava de um lugar rápido com boa segurança.

Nós saímos do Volkswagen, subimos por um lance estreito de escada, passamos por uma porta, e saímos na nova cozinha do Patch. Janelas de uma parede à outra ofereciam uma visão incrível da baía. Alguns veleiros brancos pontilhavam a água,

e uma neblina pitoresca encobria os penhascos em volta. A folhagem outonal rodeava a baía, queimando em tons vibrantes de vermelho, parecendo incendiar a paisagem. A doca na base das casas geminadas parecia ser acessada apenas de carro.

— Maneiro — eu disse ao Patch.

Por trás, ele me deu uma xícara de chocolate quente e beijou a minha nuca.

— É mais exposto do que eu gostaria, e isso não é algo que eu diga com muita frequência.

Eu me reclinei contra ele, bebericando a minha bebida.

— Estava preocupada com você.

— Pepper me surpreendeu do lado de fora do Devil's Handbag ontem à noite. Com isso quero dizer que não tive chance de falar com o nosso amigo Nephilim, o Chapéu de Caubói. Mas dei alguns telefonemas e andei por aí, começando com a cabana para onde ele te levou. Ele não é muito esperto. Levou você para a cabana da avó dele. O verdadeiro nome do Chapéu de Caubói é Shaun Corbridge, e ele tem dois anos, pela contagem dos Nephilim. Jurou fidelidade dois Natais atrás e se

alistou voluntariamente no exército de Mão Negra. Tem temperamento curto e um histórico de uso de drogas. Está procurando uma maneira de se destacar, e acha que você é a saída dele. Nem preciso falar sobre a tendência dele para fazer burrices. — Patch beijou o meu pescoço novamente, desta vez prolongando a estadia de sua boca. — Também senti a sua falta. O que tem para mim?

Hmm, por onde eu começo?

— Poderia te contar sobre como Pepper tentou me raptar esta manhã e me manteve refém, ou talvez você gostaria de ouvir sobre como Dante, em segredo, me deu uma bebida acentuada com artes do mal? Parece que Blakely, mão direita do Hank, está brincando com as artes do mal há meses e desenvolveu uma droga de alta-performance para os Nephilim.

— Eles fizeram o quê? — ele rugiu em uma voz que não poderia ser mais raivosa.

— Pepper te machucou? E eu vou fazer pedacinhos do Dante!

Eu balancei minha cabeça, indicando que não, mas fiquei surpresa quando lágrimas saltaram aos meus olhos. Eu sabia por que Dante tinha feito aquilo (ele precisava que eu fosse forte o bastante fisicamente para liderar os Nephilim à vitória), mas me senti do modo como fez. Ele tinha mentido para mim. Havia me enganado e me feito beber uma substância não só proibida na Terra, mas potencialmente perigosa. Eu não era ingênua o bastante para achar que as artes do mal não tinham efeitos colaterais negativos. Os poderes podiam perecer, mas uma semente do mal havia sido embutida dentro de mim.

Eu disse:

— Dante falou que os efeitos da bebida passam depois de um dia. Essa é a boa notícia. A má é que eu acho que ele planeja apresentar a bebida para inúmeros outros Nephilim, e logo. Dará a eles... superpoderes. É a única maneira que consigo

descrever isso. Quando eu bebi, corri mais rápido e pulei mais alto, e afiou os meus sentidos. Dante disse que, um a um, um Nephilim poderia vencer um anjo caído. Eu acredito nele, Patch. Eu fugi do Pepper. Um arcanjo. Sem a bebida, ele me teria presa agora mesmo.

Uma fúria gelada queimou nos olhos de Patch.

— Diga onde posso achar o Dante — ele falou nitidamente.

Eu não esperava que Patch ficasse com tanta raiva (um descuido gigantesco, em retrospecto). É claro que ele estava fervendo de raiva. O problema era que, se ele fosse encontrar o Dante agora, Dante saberia que eu tinha contado sobre as artes do mal para o Patch. Eu precisava planejar meu jogo com cuidado.

— O que ele fez foi errado, mas ele achou que estava pensando no que era melhor para mim — eu ofereci.

Uma risada rouca.

— Acredita realmente nisso?

— Acho que ele está desesperado. Ele não tem mais muitas opções.

— Então ele não está procurando por mais opções.

— Ele também me deu um ultimato. Ou estou com ele e os Nephilim, ou com você.

Ele me contou sobre as artes do mal para me testar. Para ver se eu te contaria. —

Eu levantei as minhas mãos e as deixei cair. — Eu nunca esconderia esta informação de você. Somos um time. Mas precisamos pensar em como agir.

— Eu vou matá-lo.

Suspirei, apertando as pontas dos dedos nas minhas têmporas.

— Você não está vendo além do seu desprezo pessoal pelo Dante... isso, e sua raiva por ele.

— Raiva? — Patch deu gargalhada, mas, sem dúvida, foi ameaçador. — Ah, Anjo.

Isso é um pouco dócil para o que eu estou sentindo. Acabei de descobrir que um Nephil forçou artes do mal para dentro do seu corpo. Não ligo se ele não estava pensando, e eu não ligo se ele estava entrando em desespero. É um erro que ele não vai cometer de novo. E antes que se sinta tentada a ter pena dele, saiba disso: ele sabia das consequências. Eu o avisei que se você se arranhasse enquanto estivesse sob a vigilância dele, eu o responsabilizaria.

— Sob a vigilância dele? — eu ecoei lentamente, tentando ligar os pontos.

— Eu sei que está treinando com ele — Patch anunciou bruscamente.

— Você sabe?

— Você é uma menina crescida. Pode tomar suas próprias decisões. Obviamente teve seus motivos para querer aprender autodefesa com Dante, e eu não ia impedi-la. Eu confio em você; é com ele que me preocupo, e parece que tenho toda razão. Vou perguntar mais uma vez. Onde ele está se escondendo? — ele quase rosnou, seu rosto escurecendo.

— O que te faz pensar que ele está se escondendo? — eu disse, miserável, chateada por, mais uma vez, eu me sentir presa entre Patch e Dante. Entre anjos caídos e Nephilim. Eu não tinha escondido intencionalmente de Patch as nossas sessões de treinamento; simplesmente tinha pensado que seria melhor não

provocar mais competição entre ele e Dante.

A risada gélida de Patch fez arrepios dançarem pela minha espinha.

— Se ele for esperto, está se escondendo.

— Também estou com raiva, Patch. Confie em mim, gostaria de voltar no tempo e desfazer esta manhã. Mas odeio sentir como se você comandasse tudo sem mim.

Primeiro, você colocou um dispositivo de rastreamento em mim. Depois, ameaçou Dante pelas minhas costas. Você está operando de modo perpendicular a mim.

Quero sentir que está do meu lado. Quero sentir que estamos trabalhando nessa juntos.

O novo celular do Patch tocou, e ele espiou a tela. Um comportamento estranho para ele. Agora ele costumava deixar todas as chamadas irem para o correio de voz, e então, cuidadosamente, peneirava as que devia retornar.

— Está esperando uma ligação importante? — perguntei.

— Sim, e preciso lidar com ela agora. Estou do seu lado, Anjo. Sempre estarei.

Desculpa se você sente como se eu estivesse minando os seus desejos. É a última coisa que eu quero, acredite em mim. — Ele roçou um beijo na minha boca, mas pareceu brusco. Patch já estava caminhando com propósito na direção das escadas, que desciam até a garagem. — Preciso que faça uma coisa para mim. Veja se consegue descobrir alguma coisa sobre Blakely. Onde é a casa dele atualmente, os locais que ele visitou por último, quantos guarda-costas Nephilim ele tem para protegê-lo, e quando ele planeja introduzir essa superbebida ao público geral.

Você está certa, não acho que artes do mal se espalharam para além de Dante e Blakely. Se tivessem, os arcanjos teriam interferido. Nós falamos em breve, Anjo.

— Então vamos terminar essa conversa depois? — eu gritei para ele, ainda estupefata com a partida rápida dele.

Ele parou no alto da escada.

— Dante te deu um ultimato, mas isso já iria acontecer, com ou sem ele. Não posso tomar essa decisão por você, mas se quiser a minha opinião, me avise. Ficarei feliz

em ajudar. Coloque o alarme antes de sair. Sua chave pessoal está na bancada.

Você é sempre bem-vinda. Entrarei em contato.

— E quanto ao Cheshvan? — disse. Eu não tinha passado por nem metade das coisas que eu queria discutir com ele, e agora ele estava fugindo. — Começa hoje à

noite, com a lua cheia.

Patch assentiu bruscamente.

— Há um pressentimento ruim no ar. Vou ficar de olho em você, mas quero que você também fique alerta. Não fique fora de casa mais tarde que o necessário. O seu toque de recolher hoje é ao pôr do sol.

Já que eu não via razão para voltar para escola sem um papel válido de permissão, e já que, se saísse agora, eu ficaria apenas por uma hora antes do sino final tocar, decidi ficar na casa do Patch e vasculhar meus pensamentos-barra-alma.

Fui caçar um lanche na geladeira, mas estava vazia. Era bem aparente que Patch havia se mudado às pressas e que a mobília havia sido inclusa. Os cômodos eram imaculados, pecando pela falta de qualquer toque pessoal. Utensílios de aço inoxidável, pintura cinza-acastanhada, chão de imbuia. Mobília moderna americana com cores sólidas. TV de tela plana e poltronas de couro de frente uma para outra. Masculino, estiloso e sem calor.

Eu repassei minha conversa com Patch e decidi que ele não tinha parecido nem um pouquinho compreensivo em relação ao ultimato de Dante e ao meu grande dilema. O que isso significava? Que ele achava que eu podia resolver as coisas por conta própria? Que escolher entre Nephilim e anjos caídos era moleza? Porque não era. A escolha ficava mais difícil a cada dia que passava.

Eu refleti sobre as coisas que eu sabia. Isso é, que Patch queria que eu descobrisse o que Blakely estava tramando. Patch provavelmente achou que Dante fosse meu melhor contato, um intermediário entre eu e Blakely, por assim dizer. E para que as linhas de comunicação entre nós continuassem abertas, provavelmente era melhor

que eu deixasse Dante pensando que estava do lado dele. Que eu estou de acordo com os Nephilim.

E estou. De muitas maneiras. Eu simpatizava com eles porque eles não lutavam para dominar ou por alguma outra ambição desvirtuosa; eles lutavam pela sua liberdade. Eu entendia. E admirava isso. Faria qualquer coisa para ajudar. Mas eu não queria que Blakely ou Dante colocassem os anjos caídos em risco. Se eles fossem exterminados da Terra, Patch sumiria junto. Eu não estava disposta a perder o Patch, e faria o que fosse necessário para me certificar de que a espécie dele sobrevivesse.

Em outras palavras, eu não estava nem um pouco mais perto das repostas. Eu tinha voltado a estaca zero, jogando dos dois lados. A ironia disso tudo me atingiu. Eu era igual ao Pepper Friberg.

A única diferença entre eu e Pepper era que eu queria tomar partido. Todo esse negócio de ficar me escondendo e mentindo e fingindo ter alianças com dois lados opostos estava me mantendo acordada de noite. Logo a minha mente seria consumida por mentiras memorizadas, para que assim eu não fosse pega na minha própria rede elaborada.

Eu arfei. E olhei de novo o freezer do Patch. Nenhum pote de sorvete tinha aparecido como mágica desde a última vez em que eu chequei.

CAPÍTULO 11

ÀS CINCO HORAS DA MANHÃ SEGUINTE, O MEU COLCHÃO afundou sob o peso de um segundo

corpo. Meus olhos se abriram de imediato e encontraram Dante sentado no pé da cama

com uma expressão sombria.

— E daí? — ele perguntou, direto.

Eu tinha passado o dia todo ontem, até anoitecer, tentando me decidir, e finalmente tinha

escolhido que atitude tomar.

As sobrancelhas dele se levantaram ligeiramente, fazendo uma pergunta, com a esperança

visível.

— Isso significa o que eu acho que significa?

— Não vou treinar lá fora com anjos caídos, vou? — Não era exatamente uma resposta

direta, e esperei que Dante não pressionasse mais.

Ele sorriu.

— Se demorar mais que cinco minutos, vai.

— Mas chega da parada azul — disse, fazendo-o parar abruptamente na porta. — Para

deixar bem claro.

— A amostra de ontem não te convenceu? — Para minha consternação, ele não parecia

ter sentido remorso. De fato, a expressão dele revelava decepção.

— Eu tenho a sensação de que ela não passaria na lista de aprovados da Anvisa.

— Se mudar de ideia, é cortesia da casa.

Decidi tirar proveito do rumo dessa conversa.

— Blakely está desenvolvendo alguma outra bebida aprimorada? E quando acha que ele

vai aumentar o grupo de teste?

Ele deu de ombros, evasivo.

— Não falo com Blakely faz um tempinho.

— Sério? Está testando artes do mal para ele. E vocês dois eram próximos de Hank. Fico

surpresa de saber que não mantém contato.

— Conhece o ditado “não ponha todos os ovos na mesma cesta”? Essa é a nossa

estratégia. Blakely desenvolve os protótipos no laboratório e outra pessoa os entrega para

mim. Se algo acontecer a um de nós, o outro está a salvo. Não sei onde Blakely está, então, se anjos caídos me capturarem e me torturarem, não poderei lhes contar nada de

útil. É o procedimento padrão. Vamos começar com uma corrida de 24km, então esteja bem hidratada.

— Espera. E o Cheshvan? — eu estudei o rosto dele firmemente, me preparando para o

pior. Fiquei deitada acordada ontem à noite por várias horas, aguardando nervosa por uma manifestação exterior de sua chegada. Esperei uma mudança no ar, uma corrente de

energia negativa crepitando pela minha pele, ou algum outro sinal sobrenatural. Invés disso, o Cheshvan havia chegado sem nem mesmo um sussurro. Ainda assim, em algum

lugar lá fora, eu tinha certeza que milhares de Nephilim estavam sofrendo de maneiras que eu nem conseguia imaginar.

— Nada — disse, carrancudo.

— O que quer dizer com “nada”?

— Até onde eu saiba, nenhum anjo caído possuiu seu vassalo ontem à noite.

Eu me sentei.

— Isso é bom! Não é? — Eu acrescentei, após ver a expressão grave de Dante.

Ele respondeu devagar.

— Não sei o que significa. Mas não acho que seja bom. Eles não adiariam isso sem razão...

e uma bem boa. — ele acrescentou, hesitante.

— Não entendo.

— Bem-vinda ao clube.

— Pode ser uma guerra psicológica? Acha que estão tentando perturbar os Nephilim?

— Acho que eles sabem algo que a gente não sabe.

Após Dante fechar cuidadosamente a porta do meu quarto, eu coloquei um moletom e

armazenei mentalmente essa nova informação. Eu estava morrendo de vontade de conseguir a opinião do Patch sobre o começo inesperado e anticlimático do Cheshvan.

Já que ele era um anjo caído, era provável que tivesse uma explicação mais detalhada. O

que essa pausa significava?

Decepcionada por não ter uma resposta, mas sabendo que era perda de tempo especular,

eu me foquei no que mais eu tinha aprendido. Eu me sentia um passo infinitésimo mais

perto de localizar a origem das artes do mal. Dante disse que ele e Blakely nunca se encontravam pessoalmente, e que um intermediário atuava como ligação, passando os

protótipos de Blakely para Dante. Eu precisava encontrar o elo de ligação.

Do lado de fora, Dante meramente correu em disparada até a floresta, meu sinal para segui-lo. Logo de cara eu consegui perceber que a bebida azul batizada com arte do mal

tinha desaparecido do meu sistema. Dante ziguezagueava entre árvores em velocidades

perigosas, enquanto eu ficava para trás, concentrando-me em cada passo para minimizar

machucados. Mas mesmo eu só podendo contar apenas com a minha própria força, eu

conseguia perceber que estava melhorando. Rapidamente. Um pedregulho enorme estava

diretamente afrente do meu caminho, e ao invés de dar uma guinada e desviar, em um milésimo de segundo tomei a decisão de saltar sobre ele. Plantei meu pé no meio da superfície curvada, me projetei para cima, e alcei voo acima do pedregulho. Ao pousar, deslizei imediatamente sob uma árvore espinhenta com galhos baixos, e sem parar para

descansar, fiquei de pé do outro lado e retomei a corrida.

Ao fim da volta de 24km, eu estava empapada de suor e respirando com dificuldade.

Reclinei-me contra uma árvore e virei a cabeça para cima, a fim de recuperar o fôlego.
—

Está melhorando — disse Dante, parecendo surpreso. Eu o espiei de lado. Ele, é claro,

ainda parecia ter acabado de sair do banho, sem um cabelo fora do lugar.

— E sem a ajuda das artes do mal — eu apontei.

— Você veria resultados ainda maiores se concordasse em tomar a superbebida.

Eu me propeli da árvore e girei os braços, esticando os músculos do ombro.

— O que tem na lista? Mais treinamento de força?

— Truques mentais.

Isso me pegou desprevenida.

— invadir mentes?

— Fazer pessoas, em especial anjos caídos, verem algo imaginário.

Não precisava de uma definição. Tinham feito truques mentais em mim, e nunca essa experiência tinha sido agradável. O objetivo de um truque mental era enganar a vítima.

— Não sei não — eu me esquivei. — É realmente necessário?

— É uma arma poderosa. Especialmente para você. Se puder fazer seu oponente, que é

mais rápido, mais forte e maior que você, acreditar que você é invisível ou que ele está prestes a cair de um precipício, estes poucos segundos a mais podem ser a sua salvação.

— Tudo bem, me mostra como é que se faz — eu disse, relutante.

— Primeiro passo: invada a mente do seu oponente. É como falar mentalmente. Tente em mim.

— Isso é mole — disse, lançando minha rede mental na direção de Dante, aprisionando

sua mente, e empurrando palavras em seus pensamentos conscientes. Estou na sua mente, dando uma olhadinha, e é terrivelmente vazio por aqui.

Sabichona — retrucou Dante.

Ninguém mais diz isso. Falando nisso, quantos anos Nephilim você tem? Eu nunca tinha

pensado em perguntar.

Jurei lealdade durante a invasão napoleônica na Itália, minha terra natal. E isso foi no ano

de...? Dá uma mãozinha aqui. Não sou cdf em história.

Dante sorriu. 1796.

Uau. Você é velho.

Não, sou experiente. Próximo passo: Separe os fios que formam os pensamentos do seu

oponente. Estilhe-os, misture-os, quebre-os ao meio, o que quer que funcione para você.

Os modos de cumprir este passo variam entre os Nephilim. Para mim, estilhar os pensamentos das minhas vítimas é melhor. Eu vou até a parede na mente deles, aquela

que protege o centro onde cada pensamento é formado, e a estilhaço. Assim.

Antes que eu a menos percebesse o que estava acontecendo, Dante tinha me encostado

contra uma árvore, retirando gentilmente algumas mechas de cabelo da minha testa. Ele

elevou meu queixo para cima para me olhar nos olhos, e eu não conseguiria me

desvencilhar daquele olhar penetrante nem se eu quisesse. Eu saboreei seus lindos traços.

Olhos de um castanho escuro localizados em uma distância igual de seu forte e reto nariz.

Lábios exuberantes que se curvavam em um sorriso confiante. Cabelo castanho espesso

que caía por cima de sua testa. Seu maxilar era amplo, esculpido e macio, recém-barbeado. Tudo isso contra um fundo de pele cremosa, cor de oliva.

Eu não conseguia pensar em mais nada, exceto em como seria bom beijá-lo. Qualquer outro pensamento na minha cabeça havia sido retirado, e não me importei com isso.

Estava perdida em um sonho celestial, e se eu nunca mais acordasse, eu nem ligaria.
Beije

Dante. Sim, era exatamente isso que eu queria. Fiquei na ponta dos pés, apertando a
distância entre as nossas bocas, uma batida trêmula e emocionante parecida com
asas no

meu peito. Asas. Anjos. Patch.

Por impulso, levantei uma nova parede na minha cabeça. E de repente vi como a
situação

realmente era. Dante estava me encostando contra uma árvore, até aí era verdade,
mas

eu não queria ficar de pegação com ele.

— Demonstração terminada — disse Dante, seu sorriso um tanto arrogante demais
para o

meu gosto.

— Da próxima vez, escolha uma demonstração mais apropriada — eu disse, tensa. —
Patch te mataria se ficasse sabendo disso.

O sorriso dele não vacilou.

— Essa é uma figura de linguagem que não funciona muito bem com os Nephilim.

Eu não estava no clima para piadinhas.

— Eu sei o que está fazendo. Está tentando provocá-lo. Essa rivalidade mesquinha
entre

vocês dois vai estourar e ficar muito mais séria se você mexer comigo. Patch é a
última

pessoa que você quer irritar. Ele não guarda rancor, porque as pessoas que cruzam o
caminho deles tendem a desaparecer bem rapidinho. E isso que você acabou de fazer
irritaria ele.

— Foi a primeira ideia que eu tive — disse ele. — Não vai acontecer de novo. — Eu
poderia

ter me sentido melhor com o pedido de desculpas dele se ele tivesse parecido, mesmo
que

remotamente, arrependido.

— Certifique-se de que não aconteça — eu respondi em um tom de ferro.

Dante parecia dispensar qualquer sentimento ruim com facilidade.

— Agora é a sua vez. Entre na minha cabeça e estilhace os meus pensamentos. Se conseguir, substitua-os com alguma criação própria. Em outras palavras, crie uma ilusão.

Já que voltar ao trabalho era o modo mais rápido de acabar com esta tarefa e com o tempo que estava passando com Dante, eu empurrei a minha irritação pessoal de lado e

me concentrei na tarefa em mãos. Com as minhas redes ainda nadando pela mente de

Dante, primeiro visualizei apanhar os pensamentos dele, e então afastar cada fio pequeno,

um por vez. A imagem que estava na minha mente não era muito diferente do que fatiar

queijo, uma fatia fina depois da outra.

Trabalhe mais depressa, ordenou Dante. Sinto você na minha cabeça, mas você não está

criando nenhuma turbulência. Crie ondas, Nora. Balance o barco. Atinja antes que eu

perceba. Pense que isso é uma armadilha. Se eu fosse um oponente de verdade, tudo que

isso conseguiria seria me informar de que você está se aventurando na minha cabeça. E

isso vai te deixar cara a cara com um anjo caído bastante irritado.

Eu recuei da mente de Dante, respirei profundamente, e lancei minhas redes de novo, desta vez mais longe. Fechando meus olhos para bloquear qualquer distração, criei uma

nova imagem. Tesouras. Tesouras gigantescas e reluzentes. Eu cortei os pensamentos de

Dante...

— Mais rápido — ladrrou Dante. — Consigo sentir a sua hesitação. Está tão insegura de si

mesma que praticamente sinto o cheiro das suas dúvidas. Qualquer anjo caído que valesse

seu peso iria se apoderar desse fato. Tome o controle!

Eu me retirei novamente, fechando as mãos em punhos enquanto ficava cada vez mais

frustrada. Com Dante e comigo mesma. Ele me forçava demais e colocava suas expectativas nas alturas. E eu não conseguia banir as vozes de dúvida que riam dentro da

minha cabeça. Eu me censurei por ser aquilo que Dante achava que eu era: fraca.

Eu tinha vindo esta manhã para manter a minha relação com Dante, motivada em usá-lo

para chegar até Blakely e seu laboratório das artes do mal, mas isso não significava nada

para mim agora. Eu queria dominar isso. Fúria e indignação estouraram na parte de trás

dos meus olhos como pequenas bolinhas vermelhas. A minha visão se estreitou. Eu não

queria mais ser inadequada. Não queria ser menor, mais devagar, mais fraca. Uma determinação feroz pareceu fazer o meu sangue ferver. Meu corpo inteiro tremeu com uma resolução obstinada à medida que eu encarava o olhar de Dante. Todo o restante sumiu. Só havia eu e ele.

Lancei uma rede mental na mente de Dante com todo o fervor que eu tinha. Joguei na mente de Dante a raiva que sentia de Hank, as inseguranças sobre mim mesma e a sensação horrível de cabo de guerra que me rasgava toda vez que eu pensava em escolher

entre Patch e os Nephilim. Visualizei instantaneamente uma enorme explosão, nuvens de

fumaça e escombros espalhando-se, como uma praga, mais para o alto, em alturas infinitas. Eu disparei outra explosão, e mais uma. Causei danos em qualquer esperança

que ele tinha de manter seus pensamentos ordenados.

Dante se balançou nos calcanhares, visivelmente perturbado.

— Como fez isso? — por fim ele conseguiu perguntar. — Eu... não conseguia ver. Nem sei

ao certo onde eu estava. — Ele piscou diversas vezes sucessivas, me encarando como se

não acreditasse que eu fosse real. — Foi como... ficar pendurado entre dois instantes de

tempo. Não havia nada. Nada. Era como se eu não existisse. Nunca algo assim aconteceu

comigo antes.

— Imaginei que estava bombardeando a sua cabeça — confessei.

— Bem, funcionou.

— Então eu passei?

— É, pode-se dizer que sim — Dante me disse, balançando a cabeça em descrença.

— Faço

isso há muito tempo e nunca vi nada parecido.

Eu não sabia se devia me sentir exultante por finalmente ter feito algo certo ou culpada,

por ter sido surpreendentemente boa em invadir a mente de Dante. Não era o talento mais honrado no qual se sobressair. Se eu pudesse ter algum troféu na minha penteadeira,

não escolheria por vontade própria um sobre corromper a mente das pessoas.

— Então acho que acabamos por aqui? — perguntei.

— Até amanhã — disse Dante, sua expressão ainda de estupefação. — Bom trabalho, Nora.

Eu corri o restante do caminho até a minha casa em uma velocidade normal e humana (excruciantes e lerdos 9km por hora), porque o sol já tinha começado a nascer, e embora

eu não sentisse nenhum humano nas proximidades, não fazia mal ser prudente. Eu saí da

floresta, cruzei a estrada até a casa de fazenda, e parei abruptamente na base da garagem.

O Toyota 4Runner vermelho de Marcie Millar estava estacionado bem à frente.

Com meu estômago se apertando cada vez mais, eu corri até a sacada. Diversas caixas de

mudança estavam empilhadas na porta. Eu as empurrei para entrar em casa, mas antes

que eu conseguisse dizer uma palavra, minha mãe pulou da mesa da cozinha.

— Aí está você! — exclamou ela, impaciente. — Onde esteve? Marcie e eu passamos a

última meia hora tentando pensar para onde você poderia ter fugido a uma hora dessas.

Marcie estava sentada na minha mesa da cozinha, com as mãos enroladas ao redor de

uma xícara de café. Ela me lançou um sorriso inocente.

— Fui correr — eu disse.

— Estou vendo — minha mãe afirmou. — Só queria que tivesse me contado. Nem se incomodou em deixar um bilhete.

— São sete da manhã. Você devia estar na cama. O que ela está fazendo aqui?

— Estou bem aqui — Marcie disse docemente. — Pode falar comigo.

Fixei os olhos nela.

— Está bem. O que você está fazendo aqui?

— Eu te disse. Não estou me dando bem com a minha mãe. Precisamos de espaço para

respirar. Por ora, acho que o melhor é eu me mudar para cá. Minha mãe não vê problema

nisso. — Não parecendo nem um pouco embaraçada, ela tomou um gole de café.

— Por que você acha que isso é uma boa ideia, quanto mais uma razoável?

Marcie revirou os olhos.

— Se liga. Somos parentes.

Meu queixo caiu e meus olhos imediatamente foram até a minha mãe. Para minha descrença, ela não parecia aturdida.

— Ai, Nora — disse ela. — Todos nós sabíamos, mesmo sem ninguém disposto a dizer. Sob

as circunstâncias, Hank iria querer que eu recebesse Marcie de braços abertos.

Eu estava sem palavras. Como ela podia ser boa com Marcie? Ela não se lembrava da nossa história com os Millars?

Isso era culpa do Hank, eu fervei por dentro. Eu esperei que seu laço com a minha mãe fosse acabar com a morte dele, mas todas as vezes que eu tentava conversar sobre ele, ela

adotava a mesma atitude serena: Hank iria voltar para ela, ela queria isso, e ela esperaria

lealmente por ela. Seu comportamento bizarro era mais uma evidência da minha teoria:

Hank havia utilizado algum truque mental maluco com artes de mal nela antes de morrer.

Nenhum argumento meu penetraria na lembrança perfeita dela de um dos homens mais

malignos que já havia habitado o nosso planeta.

— Marcie é da família, e embora as circunstâncias sejam um pouco estranhas, ela fez certo

em nos procurar para pedir ajuda. Se não puder contar com a sua família, com quem poderá contar? — minha mãe continuou.

Eu ainda a encarava, frustrada por sua atitude sedada, quando uma segunda luz se acendeu. É claro. Hank não era o único culpado nessa farsa. Como eu havia levado tanto

tempo para perceber? Voltei meus olhos para Marcie.

Está fazendo truques mentais nela? Eu falei acusatoriamente na mente dela . É isso? Eu sei

que está fazendo alguma coisa, porque de jeito nenhum minha mãe, se estivesse racional,

te deixaria morar com a gente.

A mão de Marcie voou até sua cabeça, e ela ganiu.

— Oh! Como fez isso?

Não se finja de burra comigo. Eu sei que você é uma Nephil, se lembra? Você pode fazer

truques mentais e pode falar mentalmente. Eu não caio nesse seu teatrinho. E de jeito

nenhum você vai se mudar para cá.

Que seja, Marcie disparou de volta. Conheço as conversas mentais. E conheço os truques

mentais. Mas não estou fazendo nada disso na sua mãe. Minha mãe justifica o comportamento maluco dela dizendo que meu pai também iria querer isso, sabe. Ele provavelmente fez truques mentais nas nossas mães antes de morrer. Ele não iria querer as

nossas famílias brigando. Não me culpe só porque sou um alvo a disposição para a sua

raiva.

— Marcie, vou limpar o quarto sobressalente para você até a hora que voltar da escola, de

tarde — minha mãe disse, olhando ferozmente para mim. — Perdoe a Nora por ser tão indelicada. Ela está acostumada a ser filha única e a conseguir o que quer. Talvez esse

novo arranjo de moradia lhe dê uma nova percepção.

— Eu estou acostumada a conseguir o que eu quero? — eu a desafiei. — Marcie também é

filha única. Se vamos apontar dedos, que pelo menos sejamos justas.

Marcie sorriu, juntando suas mãos numa demonstração de deleite.

— Muito obrigada, Sra. Grey. Agradeço mesmo. — Ela teve a audácia de sair pulando e

abraçar a minha mãe.

— Só me mate — murmurei.

— Cuidado com o que deseja — cantarolou Marcie em um tom açucarado.

— Está pronta para isso? — perguntei a minha mãe. — Duas adolescentes, uma terrível

rivalidade, e, o mais importante de tudo, um banheiro compartilhado.

Para meu nojo, a minha mãe sorriu.

— Família: o esporte mais radical de todos. Depois da escola vamos levar as caixas da

Marcie para o andar de cima, instalá-la, e então vamos sair para comer pizza. Nora, poderia chamar o Scott para ajudar? Algumas caixas devem ser pesadas.

— Acho que o Scott ensaia com a banda nas quartas — menti, sabendo muito bem que

Vee teria um ataque histérico se descobrisse que eu permiti que Marcie e Scott ficassem

no mesmo cômodo juntos.

— Eu falo com ele — intrometeu-se Marcie. — Scott é um amorzinho. Posso convencê-lo a

vir para cá depois do ensaio. Tudo bem se eu convidá-lo para comer pizza, Sra. Grey?

Oi? Scott Parnell? Um amorzinho? Eu era a única que ouvia o absurdo que era isso?

— É claro — minha mãe disse.

— Tenho que tomar banho — disse, procurando alguma desculpa para fugir de cena. Eu

tinha atingido a minha cota máxima de Marcie do dia e precisava me recuperar. Um pensamento desencorajador me atingiu. Se Marcie se mudasse, eu atingiria o meu limite

todos os dias às sete da manhã.

— Ah, Nora? — minha mãe me chamou antes que eu alcançasse as escadas. — A escola

deixou uma mensagem no telefone ontem de tarde. Acho que era da secretaria. Sabe por

que eles ligariam?

Eu congelei.

Marcie permaneceu atrás da minha mãe, balbuciando Pega para mim, quase incapaz de

conter seu júbilo.

— Hm, vou dar uma passadinha na secretaria hoje e ver o que eles precisam — disse. —

Provavelmente foi uma ligação de rotina.

— É, provavelmente — Marcie repetiu, com aquele sorriso presunçoso e soberbo dela que

eu odiava mais que tudo.

CAPÍTULO 12

POUCO DEPOIS DO CAFÉ DA MANHÃ, EU ESBARREI EM MARCIE NA varanda da frente. Ela estava saindo pela porta, papeando no seu celular, e eu estava voltando para

dentro, procurando por ela.

— Seu 4Runner está bloqueando o meu carro — eu disse.

Ela ergueu um dedo, sinalizando para eu esperar. Eu agarrei o celular dela, finalizei a chamada e repeti mais irritadamente.

— Você está bloqueando meu carro.

— Não precisa ficar tão nervosinha. E não me enche. Se você tocar no meu celular de novo, eu vou mijar no seu cereal Cheerios.

— Isso é nojento.

— Era Scott no telefone. Ele não tem ensaio hoje, e ele quer ajudar com as caixas.

Ótimo. Eu já ansiava discutir sobre isso com Vee, que não iria acreditar em mim quando eu dissesse “Eu tentei”.

— Tanto quanto eu amaria sentar aqui e ficar de papo furado, eu tenho aula.

Então... — eu gesticulei dramaticamente para o 4Runner de Marcie, que estava inconvenientemente encurralando o Volkswagen.

— Sabe, se você precisa de um passe para faltar aula, eu tenho alguns extras. Eu trabalho na secretaria, e de vez em quando eles encontram o caminho para dentro da minha bolsa.

— Por que você acha que eu precisaria de um passe desses?

— A secretaria deixou uma mensagem em seu telefone — Marcie afirmou, claramente não impressionada com minha inocência fingida. — Você cabulou aula,

não foi? — Não era realmente uma pergunta.

—Ok, então talvez eu precise de um passe da enfermaria — eu admiti.

Marcie me deu um olhar condescendente.

— Você usou a velha desculpa de “eu estou com dor de cabeça”? Ou talvez a clássica: TPM. E por que matou aula?

— Não é da sua conta. Pode me conseguir o passe ou não?

Ela abriu sua bolsa, escavou-a, e retirou um papel de passe rosa com a logomarca da escola. Até onde eu sabia, não era uma cópia.

— Pegue-o — ela disse.

Eu hesitei.

— Essa é uma daquelas coisas que vai voltar para me assombrar?

— Minha nossa, como somos desconfiadas.

— Se parece bom demais para ser verdade...

— Pegue logo o passe — ela disse, acenando-o no meu rosto.

Eu tinha a má sensação de que esse era um favor com restrições.

— Daqui a dez dias você vai precisar de alguma coisa em troca? — eu pressionei.

— Talvez não em dez dias...

Eu parei a minha mão.

— Então esqueça.

— Eu estou apenas brincando! Aff. Você não é divertida. Essa é a verdade. Eu estava tentando ser legal.

— Marcie, você não sabe como ser legal.

— Considere isso como uma tentativa sincera — ela disse, e estalou o passe cor-de-rosa em minha palma. — Pegue isso, e eu irei tirar o meu carro.

Eu guardei o passe no bolso e disse:

— Enquanto nós ainda estamos em condições de conversar, eu tenho uma pergunta. Seu pai era amigo de um cara chamado Blakely, e eu preciso encontrá-lo. O nome dele te soa familiar?

Seu rosto era uma máscara. Difícil de dizer se ela tinha tido uma reação.

— Depende. Você vai me dizer por que você precisa encontrá-lo?

— Eu tenho algumas perguntas pra ele.

— Que tipo de perguntas?

— Eu prefiro não compartilhar.

— Então eu também não vou.

Eu engoli alguns comentários desagradáveis e tentei novamente.

— Eu gostaria de contar a você, Marcie, eu realmente contaria, mas existem algumas coisas que é melhor você não saber.

— Isso era o que meu pai sempre me dizia. Eu acho que ele estava mentindo na época, e eu acho que você está mentindo agora. Se você quer minha ajuda encontrando Blakely, eu quero uma revelação completa.

— Como eu sei que você sequer sabe alguma coisa sobre Blakely? — eu protestei.

Marcie era boa em encenar jogos, e eu não ia isentá-la de blefar agora.

— Meu pai me levou na casa de Blakely uma vez.

Eu pulei sobre a informação.

— Você tem um endereço? Você sabe voltar lá?

— Blakely não vive mais lá. Ele estava se divorciando na época, e meu pai temporariamente o colocou em um apartamento. Mas eu vi algumas fotografias sobre a lareira. Blakely tem um irmão caçula. Você o conhece, porque ele vai a escola com a gente. Alex Blakely.

— O jogador de futebol americano?

— A estrela da posição de running back.

Eu estava atordoada. Isso significava que Alex era Nephilim também?

— Blakely e o irmão dele são próximos?

— Blakely se gabou de Alex o tempo todo que eu estive lá. O que era, tipo, estúpido, porque nosso time de futebol é uma droga. Blakely disse que nunca

perdeu um jogo.

Blakely tinha um irmão. E seu irmão era a estrela de running back da escola Coldwater.

— Quando é o próximo jogo de futebol americano? — eu perguntei a Marcie, tentando conter minha animação.

— Sexta-feira, duh. Os jogos são sempre nas sextas.

— Em casa ou fora?

— Em casa.

Um jogo em casa! Blakely estava, presumivelmente, trabalhando todo o tempo desenvolvendo protótipos; mais uma razão para ele querer deixar o laboratório por algumas poucas horas e fazer alguma coisa que ele realmente gostasse. Havia chances de que ele saísse algumas horas nessa noite de sexta para assistir seu irmão caçula jogar futebol americano. Já que Blakely estava divorciado, Alex devia ser a única família que ele tinha sobrando. Atender o jogo de Alex seria importante para ele.

— Você acha que Blakely vai ir ao jogo — Marcie disse.

— Seria muito útil se ele fosse.

— Essa é a parte em que você me conta o que você vai perguntar a ele.

Eu encontrei os olhos de Marcie e menti para ela de cara dura.

— Eu quero saber se ele tem alguma ideia sobre quem matou nosso pai.

Marcie quase se encolheu, mas se impediu no último momento. Seus olhos encaravam a frente, sem piscar, não indicando nada de seus pensamentos.

— Eu quero estar lá quando você perguntar a ele.

— Claro — eu menti de novo. — Sem problema.

Eu assisti Marcie recuar pela garagem. Assim que ela deu a volta na esquina, eu enfiei a chave na ignição do Volkswagen. Seis tentativas depois, ele ainda não tinha ligado, com seu choramingo costumeiro. Eu deixei de lado minha impaciência; nada poderia azedar o meu humor, nem mesmo o Volkswagen. Eu tinha acabado

de encontrar a pista que eu tão desesperadamente precisava.

Depois da escola eu dirigi até a casa do Patch. Eu tomei as precauções de segurança/consciência e circulei algumas vezes o quarteirão antes de estacionar no recém-pavimentado lote com espaços extra amplos de vagas. Eu não gostava de me sentir como se tivesse que constantemente observar a minha volta, mas eu gostava de visitas surpresas de Nephilim não amigáveis e arcanjos desviados ainda menos. E pelo que mundo lá fora sabia, Patch e eu estávamos na Vila dos Separados. Usando minha chave, eu me permiti entrar.

— Olá? — eu chamei. O lugar parecia vazio. As almofadas do sofá não estavam amassadas de um uso recente, e o controle da TV não tinha sido movido desde ontem. Não que eu pudesse imaginar Patch sentado assistindo ESPN a tarde toda. Se eu tivesse que adivinhar, ele tinha provavelmente gastado o dia tentando encontrar o verdadeiro chantagista de Pepper ou rastreando o Chapéu de Caubói e Cia.

Eu andei mais adentro do recinto. Um lavabo à direita, um quarto livre à esquerda, quarto principal no fundo. O covil de Patch.

Sua cama tinha um edredom azul-marinho, lençóis marinhos que combinavam e almofadas decorativas que também pareciam intocadas. Eu abri as persianas e sorvi a deslumbrante visão panorâmica da Baía de Casco e Peaks Island sob o céu nublado. Se Marcie me enchesse demais, eu sempre poderia me mudar para a casa

do Patch. Minha mãe iria amar isso.

Eu enviei a Patch uma sms. ADIVINHA ONDE EU ESTOU?

EU NÃO TENHO QUE ADIVINHAR. VOCÊ ESTÁ USANDO O RASTREADOR, ele respondeu.

Eu olhei para baixo. Certo, eu tinha vestido a jaqueta jeans hoje.

EM 20 EU ESTAREI AÍ, Patch escreveu. EM QUAL CÔMODO ESPECIFICAMENTE VOCÊ

ESTÁ?

SEU QUARTO.

CHEGO EM DEZ MINUTOS.

Eu sorri e coloquei o celular dentro da minha bolsa. Depois eu caí de costas na cama kingsize. O colchão era macio, mas não macio demais. Eu imaginei Patch deitado aqui, esticado nessa mesma cama, vestindo Deus sabia o que. Boxers? Cuecas? Nadica de nada? Eu tinha os meios e o método para descobrir, mas percorrer essa rota não parecia a opção mais segura. Não quando eu estava fazendo meu melhor para manter meu relacionamento com Patch tão descomplicado quanto possível. Eu precisava que nossas vidas se acalmassem antes de descobrir quando e se eu queria tomar aquele próximo grande passo... Dez minutos depois Patch marchou adentro para me encontrar zapeando canais no sofá. Eu desliguei a TV.

— Você trocou de quarto — ele disse.

— É mais seguro desse modo.

— Eu sou tão assustador?

— Não, mas as consequências podem ser. — Quem eu estava enganando? Sim, Patch era muito assustador. Com 1,88m de altura, ele era a personificação da perfeição física masculina. Eu tinha uma figura esguia e bem proporcional e sabia

que eu era atraente, mas eu não era uma superdeusa. Eu não sofria de baixa autoestima, mas eu era suscetível a intimidação, então não, muito obrigada.

— Fiquei sabendo do Cheshvan — eu disse. — Eu ouvi dizer que estava um pouco anticlimático.

— Não acredite em tudo que você ouve. As coisas ainda estão bem tensas lá fora.

— Alguma ideia do que os anjos caídos estão esperando?

— Quem quer saber?

Eu lutei contra a urgência de rolar meus olhos.

— Eu não estou espionando para Dante.

— Fico feliz em ouvir isso. — O tom de Patch estava cuidadosamente evasivo.

Eu suspirei, odiando essa tensão entre nós.

— No caso de você estar se perguntando, eu fiz minha escolha. Eu sou sua — eu disse suavemente. — Toda sua.

Patch jogou as chaves no prato.

— Mas?

— Mas esta manhã eu basicamente disse a Dante a mesma coisa. Eu pensei sobre o que você disse, que nós precisamos encontrar Blakely e erradicar as artes do mal. Eu decidi que Dante era provavelmente minha melhor chance em conseguir chegar perto de Blakely, assim eu meio que...” Era difícil dizer isso em voz alta e não se sentir como uma total nojenta.

— Você está jogando com ele.

— Soa horrível quando você coloca dessa forma, mas sim. Eu acho que é isso que eu estou fazendo. — Ser clara sobre isso não fez eu me sentir melhor. Dante e eu nem sempre concordávamos, mas ele também não merecia ser manipulado.

— Ele ainda está fingindo namorar você? — O tom de Patch esfriou um grau.

— Se eu tiver que adivinhar, ele tem plantado sementes sobre nosso relacionamento já faz dias. De qualquer modo, é uma farsa, e ele sabe disso melhor do que ninguém.

Patch sentou-se do meu lado. Diferente do usual, ele não enlaçou seus dedos nos meus. Eu tentei não deixar isso me incomodar, mas um caroço se prendeu em minha garganta.

— Cheshvan? — eu propus novamente.

— Eu sei tanto quanto você. Eu tenho deixado claro para os anjos caídos que eu não quero com essa guerra. Eles se ressentem de mim e se calam quando eu estou por perto. Eu não vou ser a melhor fonte de informação das atividades dos anjos caídos tão cedo. — Ele inclinou sua cabeça pra trás para aproveitar o encosto do sofá e cobriu seu rosto com seu boné de beisebol. Eu meio que esperei que ele começasse a roncar, ele parecia tão cansado.

— Dia longo? — eu perguntei.

Ele fez um grunhindo de concordância.

— Eu persegui algumas pistas sobre Pepper, esperando lançar alguma luz sobre a identidade do chantagista, mas acabei de volta à estaca zero. Eu posso lidar com um monte de coisas, mas um dia improdutivo não é uma dessas coisas.

— Isso vindo do cara que está constantemente tentando me convencer a passar o dia na cama com ele — eu provoquei, esperando aliviar o humor.

— Anjo, esse seria um dia muito produtivo. — Suas palavras eram brincalhonas, mas seu tom soou mais desgastado do que qualquer outra coisa.

— Alguma chance de Dabria ser a chantagista? — eu perguntei. — Na outra noite, no Devil's Handbag, eu a vi discutindo com Pepper no beco. Ele não parecia feliz. Patch ficou rígido, ponderando essa notícia.

— Você acha que é possível? — eu pressionei.

— Dabria não está chantageando Pepper.

— Como você sabe? — Eu não gostei que ele tinha tomado dois segundos inteiros para decidir. Chantagem parecia se encaixar em Dabria como uma luva.

— Eu apenas sei. Como foi o seu dia? — ele perguntou, claramente não querendo elaborar.

Eu disse a ele sobre a decisão executiva de Marcie de se mudar, e sobre a cumplicidade da minha mãe. Quanto mais eu falava, mais irritada eu ficava. — Ela tem um esquema sobre isso — eu disse a Patch. — Eu tenho uma sensação incômoda de que Marcie suspeita de que eu sei quem matou o pai dela. E se mudar é uma manobra para me espionar.

Patch descansou sua mão em minha coxa, e eu senti uma onda de esperança. Eu odiava sentir como se houvesse uma divisão entre nós.

— Existem apenas duas pessoas no mundo que sabem que você matou Hank, e é um segredo que eu irei carregar para o Inferno e de volta se for preciso. Ninguém irá descobrir.

— Obrigada, Patch — eu disse a ele sinceramente. — Eu sinto muito se eu magoei seus sentimentos mais cedo. Eu sinto muito sobre Dante, e sobre toda essa bagunça. Eu só quero me sentir próxima de você novamente.

Patch beijou a palma da minha mão. Depois ele a colocou sobre seu coração, segurando-a lá. Eu quero você próxima também, Anjo, ele murmurou em minha mente.

Eu me aconcheguei ao lado dele, descansando minha cabeça em seu ombro. Apenas tocá-lo fez a corrente de nós dentro de mim afrouxar. Eu tinha esperado o dia todo por este momento. Eu podia suportar a tensão entre nós tão bem quanto

eu podia tolerar estar longe dele. Algum dia será apenas você e Patch, eu disse a mim mesma. Algum dia vocês escaparão do Cheshvan, guerra, anjos caídos, e Nephilim. Algum dia... apenas os dois.

— Eu descobri uma coisa interessante — eu disse, e eu contei a Patch sobre o irmão caçula estrela de futebol americano de Blakely, e o registro de comparecimento perfeito de Blakely aos jogos em casa.

Patch subiu seu boné e olhou dentro de meus olhos.

— Bom trabalho, Anjo — ele disse, claramente impressionado.

— O que faremos agora? — eu perguntei.

— Na noite de sexta nós apareceremos no jogo.

— Você acha que nós iremos assustar Blakely se ele nos vir?

— Ele não vai achar estranho se você estiver no jogo, e eu estarei disfarçado. Eu irei agarrá-lo e levá-lo a uma propriedade que eu tenho perto do Lago Sebago. Fica vazio lá em cima essa época do ano. Ruim para Blakely, bom para nós. Eu irei conseguir que ele me conte sobre os protótipos, onde ele os está fabricando, e nós iremos encontrar um modo de desativá-los. Então eu irei mantê-lo permanentemente sob vigilância. Isso será o fim dos dias dele trabalhando com artes do mal.

— Eu devo avisar a você que Marcie acha que ela vai estar envolvida no

interrogatório dele.

Patch ergueu suas sobrancelhas.

— Foi o preço que eu tive que pagar para conseguir essa informação — eu expliquei.

— Você fez um juramento de deixá-la acompanhar? — Patch perguntou.

— Não.

— Você fica de consciência pesada?

— Não. — Eu mordi meu lábio. — Talvez. — Uma pausa. — Ótimo. Sim! Sim, eu fico. Se nós deixarmos a Marcie, eu irei passar a noite toda me sentindo culpada. Eu menti na cara dela essa manhã, e isso me assombrou o dia todo. Eu moro com ela agora, Patch. Eu tenho que encará-la. Talvez nós possamos usar isso em nossa vantagem. Se nós mostrarmos a ela que ela pode confiar na gente, ela pode talvez nos dar mais informação.

— Há modos mais fáceis de conseguir info, babe.

— Eu digo para nós deixarmos ela acompanhar. O que de pior pode acontecer?

— Ela pode descobrir que nós não terminamos de verdade e contar aos Nephilim. Eu não tinha pensado sobre isso.

— Ou nós podemos deixar ela nos acompanhar, e eu posso apagar a memória dela depois. — Ele deu de ombros. — Sem culpa aqui.

Eu refleti sobre isso. Parecia um plano viável. Isso também fazia de mim bem hipócrita.

Um traço de sorriso rastejou para a boca de Patch.

— Você vai participar dessa operação, ou você vai ser babá da Marcie?

Eu sacudi minha cabeça.

— Você faz o trabalho sujo, e eu ficarei de olho em Marcie.

Patch inclinou-se de lado e me beijou.

— Por mais que eu vá desfrutar em questionar Blakely, eu estou desapontado de não conseguir assistir você medir forças com Marcie.

— Não vai ser uma luta. Eu vou calmamente explicar que ela pode vir junto no passeio, mas que ela terá que esperar comigo no carro enquanto você enfrenta Blakely. Essa é nossa oferta final. Ela pode pegar ou largar. — Enquanto eu dizia

isso, eu percebi o quão estúpida eu soava por acreditar que isso realmente seria assim fácil. Marcie odiava receber ordens. Na opinião dela, a única coisa pior do que receber ordens era recebê-las de mim. Por outro lado, ela podia muito bem vir a ser útil no futuro. Ela era a filha legal de Hank, afinal de contas. Se Patch e eu íamos montar uma aliança, agora era o momento.

— Eu serei firme — eu prometi a Patch, adotando uma expressão séria. — Sem recuar.

Agora Patch estava com um sorriso cheio. Ele me beijou de novo, e eu senti minha boca suavizar sua resolução.

— Você fica fofa quando está tentando ser durona — ele disse.

Tentando? Eu podia ser durona. Eu podia! E na noite de sexta, eu iria provar isso. Fique de olho, Marcie. Eu estava a alguns quilômetros de casa quando eu passei por um carro de polícia escondido fora de vista em uma rua lateral. Eu não tinha passado quinze metros do cruzamento quando o policial ligou sua sirene e choramingou atrás de mim.

— Ótimo — eu murmurei. — Apenas ótimo!

Enquanto eu esperava pelo policial se aproximar da minha janela, eu mentalmente contei o dinheiro do meu trabalho de babá, me perguntando se eu teria o suficiente para pagar a multa.

Ele raspou sua caneta na minha janela e sinalizou para eu baixá-la. Eu olhei através do vidro para o seu rosto... e o encarei. Não era apenas qualquer policial, mas o meu menos favorito. Detetive Basso e eu tínhamos uma longa história de suspeita mútua e forte antipatia.

Eu baixei minha janela.

— Eu estava indo apenas cinco quilômetros acima! — Eu argumentei antes de ele soltar uma palavra.

Ele estava mastigando um palito.

— Eu não te parei por excesso de velocidade. A lanterna traseira esquerda está quebrada. Essa é uma multa de cinquenta dólares.

— Você tem que estar brincando.

Ele rabiscou em seu bloco e passou a multa pela janela.

— Perigo para a segurança. Nada sobre o que brincar.

— Você me segue por aí procurando meios de me prender? — eu perguntei, meio sarcástica, meio temendo.

— Bem que você queria. — Com isso, ele perambulou de volta para o seu carro de patrulha. Eu o observei dirigir para a estrada e passar por mim. Ele acenou enquanto fazia isso, mas eu não consegui me forçar a fazer um gesto rude em resposta. Alguma coisa não estava certa.

Minha coluna formigava, e minhas mãos pareciam como se eu as tivesse mergulhado em água gelada. Eu tinha sentido uma vibração fria desprendendo-se do Detetive Basso, fria como um sopro de ar no inverno, mas eu tinha que ter imaginado isso. Eu estava ficando paranóica. Por que...

Por que eu apenas me sentia daquele modo ao redor de não humanos.

CAPÍTULO 13

NA NOITE DE SEXTA TROQUEI A ROUPA DO COLÉGIO POR UMA CALÇA, MEU

SUÉTER DE LÃ QUENTINHO, um casaco, chapéu e luvas. O jogo não começaria até o

anoitecer e é nessa hora que começa a ficar mais frio. Enquanto eu colocava o suéter, vi um músculo no espelho. Parei, olhei, e cheguei mais perto pra ver melhor. Havia uma

definição tanto nos meus bíceps quanto nos tríceps. Incrível. Havia treinado uma semana, e já podia notar. Parecia que o meu corpo Nephilim desenvolvia músculos muito mais rápido do que podia se esperar de um corpo humano.

Desci correndo a escada, dei um beijo na minha mãe e sai com pressa. O motor do Volkswagen protestou de novo contra o frio, mas logo ele cedeu.

- Pensa que isso é ruim? Espera até chegar fevereiro! - Disse ao carro.

Dirigi até a escola, estacionei ao lado da rua ao sul do estádio de futebol, e liguei pra Patch.

- Estou aqui! - Disse. - Estamos ainda com o plano A?

- A não ser que escute de mim, sim. Estou no meio do povo. Mas não estou achando Blakely. Sabe alguma coisa da Marcie?

Olhei no relógio que tinha sincronizado com o de Patch mais cedo.

- Eu vou encontrar com ela na lanchonete em 10 min.

- Quer repassar o plano pela última vez?

- Se eu ver o Blakely, te chamo imediatamente. Não me aproximo dele, mas não deixo ele fora da minha vista.

No começo eu não gostei por Patch querer me manter por fora da ação, mas a verdade é que eu não queria pegar Blakely sozinha. Não sabia quão forte ele era, e sejamos realistas, nem conhecia minha própria força. Era melhor deixar isso com Patch,

quem era de longe muito mais experiente com esse tipo de táticas, manusear a derrota

era o melhor movimento.

- E Marcie?

- Vou ficar grudada com ela a noite toda. Depois que você pegar o Blakely, eu levo ela para sua cabana perto do Sebage Lake. Tenho as instruções aqui. Pego o caminho mais longo, dando tempo pra você imobilizar e fazer algumas perguntas a Blakely. Isso é tudo, né?

- Mais uma coisa. - Disse Patch. - Tenha cuidado.

- Sempre. - Disse, e desliguei o carro.

Mostrei minha carteirinha de estudante na bilheteria, comprei um ingresso e fui direto para a lanchonete, atenta a algum sinal de Blakely. Ele era alto e distinto com seus cabelos grisalhos e inteligentes, mas um pouco parecido com um professor de química. Me perguntei, se assim como Patch, ele estaria disfarçado, assim seria mais difícil encontrar ele no meio da multidão. Será que ele estaria vestido como um lenhador? Com o traje elegante habitual? Ele poderia pintar o cabelo? Pelo menos, ele estava no alto do patamar quanto a altura. E eu gostava da ideia de começar com isso.

Encontrei Marcie na lanchonete, tremendo em uma calça de cor rosa e uma camisa de gola alta e um colete rosa chiclete. Ao ver ela vestida desse jeito algo no meu cérebro fez um click.

- Onde tá a sua roupa de líder de torcida? Não tem que animar eles essa noite?

- Perguntei.

- É um uniforme e não uma roupa qualquer, e já saí.

- Deixou a equipe?

- Deixei a equipe.

- Serio?

- Tenho coisas maiores com que me preocupar, todo o resto deixa de ter importância quando descobre o que é. - Ela deu um olhar tenso em volta. - Nephilim.

Inesperadamente, senti um estranho sentimento de afinidade com a Marcie. O

que rapidamente se dissolveu quando me lembrei das diferentes maneiras que a Marcie fez a minha vida miserável somente no ano passado. Podíamos ser Nephilins, mas toda a similaridade acabava aí. E seria muito mais inteligente lembrar-se disso.

- Acha que vai reconhecer Blakely se olhar pra ele? - Perguntei, mantendo a minha voz baixa.

Ela me lançou um olhar irritado.

- Disse que o conhecia, não? Agora sou a melhor ara pra encontrar ele. Então não me questione.

- Quando você o vir, mantenha discrição. Patch quer pegar Blakely, e nós vamos seguir até a cabana dele, onde vamos poder fazer as perguntas.

A exceção por um ponto, Blakely estaria desmaiado e nada bem para Marcie.

Pequenos detalhes.

- Pensei que você tinha terminado com Patch.

- E terminei. - Menti, ignorando a culpa que corria por meu estômago. - Mas eu não confio em mais ninguém para me ajudar com o Blakely. Só porque Patch e eu não estamos mais juntos, não quer dizer que não posso mais pedir favores.

Se ela não acreditava na minha explicação, eu não estava nem um pouco preocupada. Patch poderia apagar da memória dela essa pequena conversa.

- Quero perguntar a Blakely antes que Patch faça isso. - Disse.

- Não pode. Temos um plano e temos que seguir.

Marcie encolheu os ombros em um gesto realmente presunçoso.

- Veremos.

Mentalmente, respirei fundo. E sufoquei o impulso de apertar os dentes. Era hora de ensinar a Marcie que ela não mandava.

- Se você se meter, você vai sofrer.

- Você realmente acha que Blakely tem alguma informação sobre a morte do meu pai? - Perguntou Marcie, pousando seus olhos em mim, calculando, de maneira quase perspicaz.

Meu coração bateu rápido, mas mantive minha expressão sobre controle.

- Espero que essa noite possamos averiguar isso.

- E agora? - Disse Marcie.

- Agora vamos caminhar por aqui tratando de não chamar atenção.

- Fale por você. - Disse Marcie bufando.

Bem, talvez isso esteja certo. Ela era fantástica. Era bonita e irritantemente

segura de si mesma. Tinha dinheiro, e mostrava tudo, desde seu bronzado de salão ao

seu sutiã Push-up. Uma miragem da perfeição. A medida que subíamos as escadas, os

olhos das pessoas se moviam na nossa direção, mas nenhum deles me viam.

Pensa em Blakely, me ordenei. Tem coisas mais importantes pra se preocupar do que com a inveja.

Caminhamos a grandes avanços pela escada, passando os banheiros e atravessando em círculos o campos de futebol, indo para a sessão de visitantes. Para o

meu desgosto, vi o detetive Basso no uniforme habitual no alto da fila do terraço, olhando o tumulto com dificuldade, com seus olhos desconfiados. Seu olhar caiu direto em mim, e duvida se aprofundou na sua expressão.

Lembrando da estranha sensação a duas noites atrás, agarrei o cotovelo de Marcie, e a forcei a ir para outra direção comigo.

Não poderia acusar Basso de me seguir, estava claramente na área, mas isso não significava que quisesse ser objeto de piada por mais tempo.

Dei a volta ao longo do caminho e Marcie e eu caminhamos. As arquibancadas estavam cheias, já estava de noite, o jogo já havia começado e separei de Marcie a

multidão de admiradores masculinos, não acreditava que tínhamos chamado atenção indesejada, mesmo estando no lugar por somente 30 min.

- Isso está ficando chato. - Marcie reclamou. - Estou cansada de andar, caso você não tenha notado, estou usando botas de salto.

Não é problema meu! Eu quiz gritar. Em troca disse: - Quer encontrar Blakely ou não?

Ela bufou, e o som contraiu os meus nervos.

- Uma caminhada mais e logo vamos ter terminado.

Já está na hora! Pensei.

Voltamos para a seção de estudantes, senti uma estranha cosquinha na minha

pele. Automaticamente eu girei, buscando a origem da sensação. Alguns homens percorriam na escuridão de fora da alta cerca que rodeava o estádio, colocando seus dedos nas cercas. Homens que não haviam comprado ingresso, mas queriam ver o jogo. Homens que preferiam ficar na escuridão a mostrar suas caras nas luzes do estádio. Um homem em particular, magro e alto apesar da maneira como abaixava os seus ombros, chamou minha atenção. Uma vibração de energia não humana saía dele,

sobrecarregando meu sexto sentido.

Continuei andando mais disse a Marcie: - Olha por ali, algum dos homens de lá se parece com Blakely?

A seu favor, Marcie se limitou olhar com um pequeno movimento dos olhos.

- Acho que sim. No meio. Aquele que está com os ombros curvados. Esse pode ser ele.

Era toda a confirmação que precisava. Caminhei por uma parte curva da pista, peguei o meu celular e liguei.

- Encontramos ele. - Eu disse a Patch. - Está no lado norte do estádio, por fora

da cerca. Está usando jeans e um suéter cinza de Razorbill. Tem alguns homens em volta, mas não acho que estejam com ele. Só estou sentindo um Nephil, e é a mesma pessoa.

- Já estou indo. - Disse Patch.

- Veremos você na cabana.

- Vai devagar. Tenho muitas perguntas pra Blakely. - Ele disse.

Tinha parado de escutar, Marcie não estava mais do meu lado.

- Ai, não. - sussurrei, de repente me sentindo meio pálida. - Marcie está correndo na direção de Blakely, tenho que ir! - Saí correndo atrás dela.

Marcie estava quase na cerca e escutei sua voz aguda gritar.

- Sabe quem matou meu pai? Me diz o que você sabe!

Muitos palavrões saíram juntos com a sua pergunta, imediatamente Blakely deu

a volta e escapou.

Com determinação, Marcie escalou a cerca, deslizando e lutando antes de balançar suas pernas sobre ela, e saiu atrás de Blakely na passagem escura no túnel entre o estádio e a escola.

Alcansei a cerca um minuto depois, e fui colocando meus sapatos entre os buracos sem diminuir a velocidade e saltei por cima. Só percebi as expressões de surpresa dos homens em volta. Poderia tentar apagar as suas memórias, mas não tinha

tempo. Corri atrás de Blakely e Marcie, prestando atenção a escuridão enquanto avançava, feliz que a minha visão estivesse mais nítida do que quando eu era humana.

Senti Blakely mais a frente. E Marcie também, ainda que seu poder fosse muito mais fraco. Como seus pais era Nephilins de raça pura, ela tinha sorte de ter sido concebida, e ainda mais sorte de ter nascida viva. Ela era Nephilim por definição, mas eu tinha mais força que ela quando era humana.

Marcie! Eu disse na mente dela. Volta aqui agora!

Blakely saiu do meu radar. Não conseguia detectar ele. Parei, tentando sentir mentalmente o caminho escuro através da passagem, tentando recuperar o rastro dele.

Ele tinha corrido pra tão longe tão rápido que tinha sumido do meu radar? Marcie?!

Falei outra vez.

E então eu a vi. De pé no outro extremo da passagem, com a luz da lua iluminando a sua silhueta. Corri, tentando manter minha raiva sobre controle. Ela tinha arruinado tudo, tínhamos perdido Blakely, e pior, agora ele sabia que estávamos atrás dele. Não conseguia imaginar ele saindo para ver outra partida de futebol depois dessa

noite. Provavelmente ele tinha ido para o seu atual esconderijo secreto. Nossa única oportunidade... desperdiçada!

- O que foi isso? - Exigi, espreitando Marcie. - Tínhamos combinado que íamos

deixar Patch ir atrás de Blakely... - Minhas últimas palavras saíram lentas e roucas. Engoli minha saliva. Estava vendo Marcie, mas alguma coisa nela estava horrível e terrivelmente mal.

- Patch está aqui? - Perguntou Marcie, só que não era a voz dela. Era baixa, masculina e acidamente divertida. - Não fui tão cuidadoso quanto pensei.

- Blakely? - Perguntei, com a boca seca. - Onde está a Marcie?

- Oh, ela está aqui. Exatamente aqui. Estou possuindo o corpo dela.

- Como? - Mas eu já sabia. Devilcraft. Era a única explicação. Isso e o Cheshvan. O único mês onde a posse de outro corpo era possível.

Passos eram ouvidos por trás de onde estávamos, e ainda na escuridão, vi os olhos de Blakely se escurecerem. Ele se lançou pra cima de mim sem nenhum sinal. Se

moveu tão rápido, que não tive tempo de reagir. Me girou contra ele, me sustentando em seu peito. Patch apareceu mais a frente, mas parou quando me viu parada contra Marcie.

- Que aconteceu, anjo? - Perguntou em uma voz preocupada e incerta.

- Não dê uma palavra. - Sussurrou Blakely no meu ouvido.

Lágrimas brilharam nos meus olhos. Ele usava um braço para me segurar, mas com o outro segurava uma faca, e a senti pressionada contra a minha pele, alguns centímetros acima do meu quadril.

- Nem uma palavra. - Repetiu Blakely, com sua respiração no meu cabelo.

Patch parou, e pude ver a confusão em seu rosto. Ele sabia que algo estava errado, mas não podia decifrar o que era. Ele sabia que eu era mais forte que Marcie e poderia escapar se eu quisesse.

- Deixe a Nora ir. - Patch disse a Marcie, sua voz tranquila e cuidadosa.

- Não dê outro passo. - Ordenou Blakely a Patch, só que dessa vez fez a sua voz soar como a de Marcie, aguda e tremula. - Tenho uma faca, e vou usar se realmente tiver que fazer isso. - Blakely expos a adaga para mostrar que estava falando sério.

Devilcraft. Falou Patch na minha mente. Eu posso sentir em todas as partes.

Toma cuidado! Blakely está possuindo o corpo de Marcie. Tratei de dizer, mas meus pesamentos foram bloqueados. De alguma maneira Blakely estava cubrindo eles.

Era como se eu tivesse gritando para uma parede. Ele parecia ter completo e absoluto controle sobre o Devilcraft, usando como uma arma que não poderia ser parada e altamente adaptável.

Do canto do olho, vi Blakely levantar a faca. A lâmina brilhava em um tom azul.

Antes que pudesse piscar, ele enfiou a faca do lado do meu corpo, e foi como se eu tivesse sido empurrada pra um forno em chamas.

Desmoronei, tentando gritar e chorar de dor, mas estava tão chocada que não conseguia emitir nenhum som. Me retorci no chão, querendo tirar a faca, mas cada músculo do meu corpo estava paralisado por uma grande agonia.

A próxima coisa que vi, foi Patch ao meu lado, pronunciando muitas palavras ruins com o medo aflorando em sua voz. Ele tirou a faca. E eu gritei, o som me destruindo de dentro pra fora. Escutei Patch dando ordens, mas as palavras se partiam em dois, insignificantes em comparação com a dor que torturava cada parte do meu corpo. Estava ardendo, as chamas queimando de dentro para fora. O calor era tão forte, grandes tremores convulsivos faziam com que eu me retorcesse e me chivoteavam contra a minha vontade.

Patch me levantou em seus braços. Vagamente notei que ele estava correndo para fora da passagem. O som dos seus passos fazendo eco nas paredes foi a última coisa que eu escutei.

CAPÍTULO 14

EU ACORDEI COM UM ESTALO, INSTANTANEAMENTE TENTANDO ME situar. Eu estava

numa cama vagamente familiar, em um quarto escuro que cheirava a terra e calor.

Um corpo estava deitado ao meu lado, e se agitava.

— Anjo?

— Eu estou acordada — eu disse, sentindo uma inundação de alívio sabendo que Patch estava ao meu lado. Eu não sabia por quanto tempo eu havia dormido, mas eu me sentia segura aqui na casa dele, com ele cuidando de mim. — Blakely estava possuindo o corpo da Marcie. Eu não o senti e caminhei direto até ele sem nem ter

ideia de que era uma armadilha. Eu tentei te avisar, mas Blakely me colocou em algum tipo de bolha, minha conversa mental ficava retornando para mim.

Patch assentiu, colocando um cacho solto atrás da minha orelha.

— Eu o vi saindo do corpo da Marcie e fugindo. Marcie está bem. Chocada, mas bem.

— Por que ele tinha que me esfaquear? — eu disse, fazendo uma careta de dor, enquanto levantava o meu suéter para ver a ferida. Meu sangue Nephilim já deveria ter me curado a essa altura, mas a ferida continuava fresca e lançava uma tonalidade azulada.

— Ele sabia que, se você fosse ferida, eu ficaria ao seu lado em vez de ir atrás dele. Mas isso vai custar caro para ele — Patch disse, sua mandíbula dura. — Quando te trouxe até aqui, todo o seu corpo estava irradiando uma luz azul, da cabeça aos pés. Você parecia estar em coma. Eu não conseguia alcançá-la, nem mesmo mentalmente, e isso me deixou aterrorizado. — Patch me puxou mais para perto dele, enrolando seu corpo no meu de modo protetor, me apertando quase forte demais, e foi quando eu soube o quanto ele estava preocupado.

— O que isso significa para mim?

— Eu não sei. Mas não pode ser coisa boa você ter tido artes do mal introduzidas à força em seu corpo por duas vezes agora.

— Dante bebe isso diariamente. — Se ele estava bem, eu ficaria bem também. Ou não? Eu queria acreditar nisso.

Patch não disse nada, mas eu tinha uma boa ideia para onde seus pensamentos estavam indo. Como eu, ele também sabia que deveria haver efeitos colaterais por ingerir artes do mal.

— Onde está Marcie? — Eu perguntei.

— Eu alterei a memória dela para ela não ser capaz de lembrar que me viu essa noite, e fiz Dabria levá-la para casa. Não me olhe desse jeito. Eu estava com poucas opções, e tinha o número de Dabria no celular.

— É isso que me deixa preocupada! — Eu imediatamente estremeci quando a minha forte reação fez meu ferimento latejar.

Patch abaixou a cabeça para beijar a minha testa, rolando os olhos enquanto o fazia.

— Não me faça falar de novo para você que eu não tenho nada com a Dabria.

— Ela não superou você.

— Ela está fingindo que sente algo por mim para maltratar você. Não torne as coisas fáceis para ela.

— Não chame ela para pedir favores como se ela fosse parte do time — retruquei.

— Ela tentou me matar, e ela roubaria você de mim num piscar de olhos se você permitisse. Não importa quantas vezes você negue. Eu vi bem o jeito como ela olha para você.

Patch parecia ter uma resposta na ponta da língua, mas ele forçou-se a engoli-la e rolou de modo agitado para fora da cama. Sua camiseta preta estava amassada, o cabelo despenteado, o que fazia ele parecer um perfeito pirata.

— Posso pegar algo para você comer? Beber? Eu estou me sentindo inútil e isso está me deixando louco.

— Você pode ir atrás de Blakely já que quer fazer alguma coisa — eu disse secamente. O que seria necessário para tirar Dabria das nossas vidas de uma vez por todas?

Um sorriso que era igualmente desonesto e verdadeiramente sinistro tomou conta

da expressão de Patch.

— Não precisaremos encontrá-lo, ele virá até nós. Ele deixou a faca para trás quando fugiu. Ele sabe que a temos, e ele sabe que isso é uma evidência que eu posso usar para provar aos arcanjos que ele está usando artes do mal. Ele vai vir buscar a faca. Logo.

— Vamos entregá-lo agora para os arcanjos. Deixe que eles se preocupem em como erradicar as artes do mal.

Patch começou a soltar uma risada, mas não era de toda animada.

— Eu já não confio mais nos arcanjos. Pepper Friberg não é o único ovo podre. Se eu entregar isso para eles, eu não terei qualquer garantia de que eles vão cuidar dessa bagunça. Eu costumava pensar que os arcanjos eram incorruptíveis, mas eles têm feito um ótimo trabalho me convencendo do contrário. Eu os vi mexer com a morte, desviar o olhar quando se tratava de delitos graves nas leis, e me punirem por crimes que não cometi. Eu errei, e paguei por eles, mas eu suspeito que eles não vão desistir enquanto não me trancafiarem no inferno. Eles não gostam de oposição, e essa é a primeira palavra que vem a mente deles quando pensam em mim. Dessa vez eu vou resolver tudo com minhas próprias mãos. Blakely vai vir atrás de sua faca, e quando ele chegar, eu vou estar preparado.

— Eu quero ajudar — eu disse imediatamente. Eu queria derrubar o Nephil que foi burro o suficiente para me esfaquear. Blakely estava ajudando o exército Nephilim, mas eu o estava liderando. Embora eu considerasse suas ações severamente desrespeitosas, alguns até mesmo considerariam isso como uma traição. E eu sabia com certeza que, na raça Nephilim, traidores não são bem vistos. Patch fixou os olhos em mim, me estudando silenciosamente, como se estivesse julgando a minha capacidade de ficar contra Blakely. Para a minha profunda satisfação, ele deu um aceno de cabeça.

— Tudo bem, Anjo. Mas uma coisa de cada vez. O jogo de futebol americano

terminou há duas horas, e a sua mãe deve estar se perguntando onde você está.

Hora de ir para casa.

As luzes estavam desligadas na casa da fazenda, mas eu sabia que minha mãe não iria dormir sem que eu chegasse em casa. Eu bati suavemente na porta do quarto dela, abri-a, e sussurrei para a escuridão:

— Estou em casa.

— Divertiu-se? — Ela perguntou, bocejando.

— O time jogou muito bem — eu disse, evasiva.

— Marcie chegou em casa algumas horas atrás. Ela não comentou muita coisa, apenas foi direto para o quarto e fechou a porta. Ela parecia... quieta. Chateada, talvez. — Houve uma sugestão investigativa no seu tom.

— Provavelmente TPM. — Provavelmente ela estava fazendo o impossível para não ter um ataque completo de pânico. Eu tinha sido possuída antes, e não há palavras que possam descrever o quanto isso era violador. Mas eu não estava me sentindo particularmente simpática. Se Marcie tivesse feito o que eu pedi, nada disso teria acontecido.

No meu quarto, eu tirei as minhas roupas e examinei de novo meu ferimento. A tonalidade azul elétrica estava desaparecendo. Lentamente, mas mesmo assim estava desaparecendo. Tinha que ser um bom sinal.

Eu tinha acabado de me deitar na cama quando ouvi uma batida leve na porta.

Marcie abriu e ficou parada na entrada.

— Eu estou enlouquecendo — ela disse, e realmente parecia que estava.

Eu fiz sinal para ela entrar e fechar a porta.

— O que aconteceu lá? — ela exigiu, com a voz embargada. Seus olhos encheram

de lágrimas. — Como ele entrou no meu corpo assim?

— Blakely te possuiu.

— Como você pode estar tão calma com isso? — ela gritou baixinho. — Ele estava vivendo dentro de mim. Como uma espécie de... parasita!

— Se você tivesse deixado eu lidar com Blakely como nós combinamos, nada disso teria acontecido. — Assim que disse isso, eu me arrependi por ter soado tão insensível. Marcie tinha feito algo estúpido, mas quem era eu para julgar? Eu tinha feito minha parcela de decisões impulsivas. Pega de surpresa, ela tinha reagido. Ela quisera saber quem tinha matado o pai dela, e quem poderia culpá-la por isso? Certamente eu não.

Eu suspirei.

— Sinto muito, eu não quis dizer isso.

Mas já era tarde de mais. Ela me deu um olhar ferido e foi embora.

CAPÍTULO 15

EU ACORDEI COM UM SOLAVANCO. DANTE ESTAVA INCLINADO ACIMA DA MINHA cama,

suas mãos paradas sobre o meu ombro.

— Bom dia, raio de sol.

Eu tentei me afastar, mas seus braços me mantiveram presa.

— É sábado — eu protestei, cansada. Os treinamentos estavam indo bem, mas eu

mereceria um dia de folga.

— Eu tenho uma surpresa para você. Uma das boas.

— A única surpresa que eu quero é ter mais duas horas de sono. — Na janela eu vi que o céu ainda estava totalmente escuro, e eu duvidava que já tivesse passado das cinco e meia.

Ele puxou meus lençóis e eu guinchei, tentando agarrá-los às cegas.

— Você se importa?!

— Bonito pijama.

Eu estava usando uma camiseta preta que tinha pegado do armário do Patch, e ela não chegava nem a metade das minhas coxas.

Tentei puxar a camiseta para cobrir as partes visíveis enquanto, simultaneamente, puxava os lençóis mais para cima.

— Ok — cedi em um acesso de raiva. — Te encontro lá fora.

Depois de vestir minhas roupas de corrida e calçar meus tênis, eu marchei para fora. Dante não estava na frente da garagem, mas eu podia senti-lo nas proximidades, e tinha quase certeza de que ele estava perto da floresta do outro lado da rua.

Sem dúvida, também, Dante havia trazido um amigo. Só que, pela aparência de seu amigo (dois olhos roxos, um corte no lábio, uma mandíbula inchada, e um galo enorme e com uma aparência horrível em sua testa), parecia que os dois não pareciam muito amigáveis.

— Você o reconhece? — Dante perguntou alegremente enquanto segurava o Nephil ferido pela nuca para eu poder avaliá-lo.

Eu me aproximei, incerta de que tipo de jogo Dante estava jogando.

— Não. Ele foi muito espancado. Você fez isso com ele?

— Tem certeza de que esse lindo ladrãozinho não te parece familiar? — Dante perguntou de novo, segurando o queixo do Nephil de um lado ao outro, claramente se divertindo. — Ele estava se esbanjando sobre você ontem à noite. Ele se gabava de ter dado uma bela surra em você. É claro que com isso ele conseguiu minha atenção. Eu disse a ele que era impossível. Mas se ele tivesse feito isso, bem só vamos dizer que eu não tolero esse tipo de comportamento de um Nephil para com seus superiores, especialmente com a comandante do exército de Mão Negra.

— Toda a leveza desapareceu do rosto de Dante, e ele olhou o Nephil ferido com claro desprezo.

— Era uma brincadeira — disse o Nephil amargamente. — Eu pensei que nos poderíamos ver o quanto ela estava sendo sincera sobre seguir a visão de Mão Negra. Ela nem mesmo nasceu Nephil. Pensamos em dar a ela um gostinho do que ela enfrentaria...

— Chapéu de Caubói? — eu soltei em voz alta. Seu rosto estava tão desfigurado que eu não notei qualquer semelhança com o Nephil que me arrastou até a cabana, me algemou a um poste, e me ameaçou, mas ouvindo sua voz, eu reconheci quem ele era. Era definitivamente o Chapéu de Caubói. Shaun Corbridge.

— Brincadeira? — Dante riu amargamente. — Se é isso que você chama de brincadeira, talvez você ache algo para rir quando descobrir o que vamos fazer com você. — Ele bateu a cabeça do Chapéu de Caubói tão violentamente que ele caiu de joelhos.

— Eu posso falar com você? — Pedi a Dante. — Em particular?

— Claro. — Ele apontou um dedo de advertência para o Chapéu de Caubói. — Você se mexe, você sangra.

Depois de ter certeza que saímos do campo de audição do Chapéu de Caubói, eu

disse:

— O que está acontecendo?

— Eu estava no Devil's Handbag ontem à noite, e ouvi aquele bufão imbecil ali se vangloriava de te usar como saco de pancada particular. No começo, eu pensei que tinha escutado errado. Mais quanto mais ele falava, mais eu percebia que ele não estava mentindo, de qualquer forma, modo ou maneira. Por que você não me contou que alguns dos nossos soldados atacaram você? — Dante exigiu. Seu tom não demonstrava raiva. Mágoa, quem sabe, mas não raiva.

— Você está me perguntando isso por que está preocupado em como isso afeta meu comando, ou é por que está preocupado comigo?

Dante balançou a cabeça.

— Não fale isso. Você sabe que eu não estou pensando na sua popularidade. A verdade é que eu parei de me preocupar com isso quase imediatamente depois de te conhecer. Isso é sobre você. Aquele idiota ali colocou as mãos em você, e eu não gosto disso. Nenhum pouquinho. Sim, ele deveria demonstrar respeito pelo comandante do exército ao qual ele pertence, mas é mais que isso. Ele deveria

respeitar você porque você é uma pessoa boa, e você está dando o seu melhor. Eu vejo isso e quero que ele veja também.

Eu estava desconfortável com a honestidade e intimidade dele. Especialmente depois do quase beijo que ele tentou me enganar a dá-lo. As palavras dele estavam indo além do profissional, e era isso que nosso relacionamento era. E eu queria que permanecesse assim.

Eu disse:

— Eu aprecio tudo que você disse, mas não acho que vingança fará ele mudar de ideia. Ele me odeia. Muitos Nephilim odeiam. Essa pode ser uma boa oportunidade

de mostrar a eles que estão errados a meu respeito. Eu acho que devemos deixá-lo ir e continuar com nosso treinamento.

Dante não pareceu balançado. De fato, ele parecia desapontado e talvez até mesmo impaciente.

— Compaixão não é o caminho. Não dessa vez. Aquele imbecil ali só fará com que a história dele ganhe mais força se você o deixar ir facilmente. Ele está tentando convencer as pessoas de que você não serve para liderar o exército, e se você o deixar ir assim, ele apenas provará isso. Castigue-o um pouco. Faça-o pensar duas vezes antes de dar com a língua nos dentes ou te tocar de novo.

— Deixe-o ir. — Eu disse com mais firmeza. Eu não acreditava que violência se resolvia com violência. Nem agora, nem nunca.

Dante abriu a boca para protestar, com o rosto um pouco vermelho, mas eu o cortei.

— Eu não vou deixar pra lá. Ele não me machucou. Ele me levou até aquela cabana porque estava assustado e não sabia o que fazer. Todos estão assustados. O Cheshvan já começou, e nosso futuro está na balança. O que ele fez foi errado, mas eu não posso descontar nele quando ele fez algo para acabar com seus medos.

Então abaixe o seu forcado e deixe-o ir. Eu falo sério, Dante.

Dante soltou um longo suspiro de desaprovação. Eu sabia que ele não estava feliz,

mas eu também acreditava que estava fazendo a coisa certa. Eu não queria por mais fogo na fogueira da rivalidade do que eu já tinha posto. Se todos os Nephilim iriam passar por isso, tínhamos que estar unidos nesse momento. Nós tínhamos que estar dispostos a demonstrar compaixão, respeito e civilidade, mesmo quando não concordávamos em tudo.

— Então é isso? — Dante perguntou, claramente insatisfeito.

Eu pus minhas mãos ao redor da minha boca para amplificar a minha voz.

— Você está livre para ir embora — gritei para o Chapéu de Caubói. — Me desculpe por qualquer inconveniência.

Ele nos encarou com os lábios tortos em descrença, mas resolveu não abusar da sorte e correu para dentro da floresta como se estivesse sendo perseguido por ursos.

— Então — disse para Dante. — Que treinamentos cruéis você tem para mim hoje? Correr uma maratona? Mover montanhas? Partir o oceano em dois?

Uma hora depois meus músculos dos braços e das pernas estavam quase entrando em colapso por exaustão. Dante me pressionou arduamente em sofridos intervalos de ginástica: flexões, puxadas, abdominais e batidas rápidas de pé. Nós estávamos já no caminho de volta, pela floresta, quando eu subitamente ergui meu braço e pus uma mão no peito de Dante. Coloquei um dedo sobre meus lábios, indicando que era para sermos silenciosos.

A distância eu podia ouvir de leve o suave crepitar de passos.

Dante deve ter ouvido também. Veado? ele perguntou.

Eu espreitei os olhos ao olhar para as sombras. A floresta ainda estava obscura e as árvores agrupadas de modo denso apenas diminuía a minha visibilidade.

Não. O ritmo não parece certo.

Dante me tocou no ombro e apontou na direção do céu. De começo, eu não entendi. Depois ficou claro. Ele queria que nós escalássemos as árvores, assim poderíamos ter uma boa visão do problema que talvez estivesse vindo até nós.

Apesar da minha exaustão, eu escalei uma árvore de cedro branco sem barulho, com alguns saltos experientes e colocando os pés nos lugares certos. Dante subiu em uma árvore vizinha.

Nós não precisamos esperar muito. Momentos depois de subirmos para a segurança, seis anjos caídos apareceram na clareira abaixo. Três homens e três mulheres. Seus tórax nus eram marcados com um tipo estranho de hieróglifo que se assemelhavam ligeiramente às pinturas que Patch tinha nos pulsos, e seus rostos estavam pintados com uma cor vermelho sangue. O efeito era arrepiante, e eu não consegui evitar pensar que eles me lembravam de guerreiros Pawnee. Um deles me chamou a atenção, em particular. Um garoto magricela com olhos roxos. Seu rosto familiar gelou o meu sangue. Eu lembrei da marcha selvagem dele no Devil's Handbag, e o modo como a mão dele brilhou. Eu lembrei da vítima dele. Eu lembrei de como ela se parecia muito comigo.

Um rosnado feroz endureceu seu rosto, e ele espreitou as árvores com afinco. Seu peito tinha uma ferida recente, pequena e circular, como se uma faca tivesse sido usada cruelmente para tirar aquele pedaço de carne. Ele tinha um brilho frio e implacável em seu olhar, e eu estremeci.

Dante e eu ficamos nas árvores até que eles foram embora. Quando voltamos para a terra firme, eu disse:

— Como eles encontraram a gente?

Seus olhos pararam em mim, nebulosos e frios.

— Eles cometeram um grande erro vindo atrás de você desse jeito.

— Você acha que eles estavam espionando nós dois?

— Eu acho que alguém disse que estaríamos aqui.

— O magrelo. Eu já tinha visto ele antes, no Devil's Handbag. Ele atacou uma garota Nephilim que se parecia muito comigo. Você o conhece?

— Não. — Mas, para mim, parece que ele hesitou por um momento antes de responder.

Cinco horas depois, eu tinha tomado banho e me vestido, tomado um café da manhã saudável com ovos mexidos com cogumelos e espinafre, e, como bônus, eu terminei toda a minha lição de casa. Nada mau, considerando que não era nem meio dia.

No final do corredor, a porta do quarto da Marcie se abriu e ela emergiu lá de dentro. O cabelo dela estava uma bagunça para todos os lados, e havia círculos negros embaixo de seus olhos. Eu podia quase sentir o seu mau hálito matinal de onde eu estava.

— Oi — eu disse.

— Oi.

— Minha mãe quer que nós tiremos as folhas do quintal, então é melhor segurar o banho até que a gente termine.

As sobrancelhas de Marcie se juntaram.

— Como é que é?

— Tarefas de sábado — eu expliquei. Eu sabia que isso provavelmente era algo novo para Marcie. E eu apreciava completamente ser eu aquela que ia ensinar um pouco de trabalho duro para ela.

— Eu não faço essas coisas.

— Faz a partir do momento que veio morar aqui.

— Certo — disse Marcie relutante. — Me deixe tomar café da manhã primeiro e fazer algumas ligações.

Em um dia normal, eu nunca pensei que veria a Marcie concordando tão rapidamente, mas eu comecei a pensar que esse comportamento era uma desculpa pela grande confusão que ela causou ontem à noite. Ei, eu podia viver com isso.

Enquanto a Marcie comia cereal como café da manhã, eu fui até a garagem achar o

equipamento. Eu já tinha limpado a metade do jardim quando um carro estacionou na rua. Era Scott em sua Barracuda, que agora saía do carro. Ele estava usando uma

camiseta que destacava todos os seus músculos, e, para o bem da Vee, eu gostaria de ter uma câmera.

— E aí, Grey? — ele disse. Puxou suas luvas de trabalho do bolso de trás e as vestiu.

— Eu vim ajudar. Coloque-me para trabalhar. Eu sou seu escravo por um dia. Tudo bem que quem deveria estar aqui é o seu garoto, Dante. — Ele ficava me enchendo por causa do Dante, mas eu não conseguia ter certeza se ele acreditava no meu relacionamento ou não. Eu sempre notava sinais de ironia quando ele falava disso. Mas, claro, eu sempre notava isso em uma em cada dez palavras que ele falava. Debrucei-me sobre meu arado.

— Eu não entendo. Como você ficou sabendo sobre a limpeza do jardim?

— Pela sua nova melhor amiga.

Eu não tinha uma nova melhor amiga, mas eu tinha uma arqui-inimiga inoportuna.

Eu espremi meus olhos.

— A Marcie te recrutou? — Eu supus.

— Ela disse que precisava de ajuda com as tarefas. Ela é alérgica e não pode trabalhar fora de casa.

— Total mentira! — E eu fui ingênua o suficiente para pensar que ela realmente iria ajudar.

Scott pegou as ferramentas extras que eu coloquei na frente da varanda e veio me ajudar.

— Vamos fazer uma grande pilha e te jogar nela.

— Isso não ajudaria em nada.

Scott sorriu e me deu um tapinha no ombro.

— Mas seria divertido.

Marcie abriu a porta da frente e saiu na varanda. Ela se inclinou sobre os degraus, cruzando as pernas e se apoiando neles.

— Oi, Scott.

— Hey.

— Obrigada por vir ao meu resgate. Você é meu cavalheiro de armadura branca.

— Oh, vômito — eu disse, revirando meus olhos dramaticamente.

— A qualquer hora — Scott disse para ela. — Eu não podia recusar atormentar a Grey. — Ele veio pelas minhas costas e jogou um maço de folhas dentro da minha camiseta.

— Hey! — Eu gritei. Eu peguei um grande maço de folhas e joguei na cara dele.

Scott abaixou os ombros, movimentou-se em grande velocidade até mim, e me jogou no chão, espalhando minha pilha organizada de folhas para tudo quanto era lugar. Eu fiquei muito brava por ele ter destruído todo o meu árduo trabalho, mas ao mesmo tempo eu não era capaz de parar de rir. Ele estava em cima de mim, estufando minha camiseta com folhas, e também meus bolsos e as pernas da calça.

—Scott. — Eu disse entre as risadas.

— Arrumem um quarto — Marcie disse com uma voz entediada, mas eu podia ver que ela estava irritada.

Depois de Scott finalmente me soltar, eu disse a Marcie:

—Que pena que você tem alergia. Limpar o quintal pode ser muito divertido. Eu me esqueci de mencionar isso?

Ela me deu um olhar de desgosto profundo e marchou para dentro.

CAPÍTULO 16

DEPOIS QUE SCOTT E EU TÍNHAMOS COLOCADO TODAS AS FOLHAS EM

SACOLAS DE LIXO LARANJAS , decoradas para parecerem abóboras, e colocamos

enfeitando o pátio, entramos para tomar um pouco de leite e os deliciosos biscoitos de chocolate e menta da minha mãe. Pensei que Marcie tivesse ido para o quarto dela, mas ao invés disso esla estava esperando por nós na cozinha.

- Acho que deríamos fazer uma festa de Halloween aqui. - Anunciou.

Eu bufei e deixei o meu copo de leite.

- Não se ofenda, mas essa família não é muito fã de festas.

O rosto da minha mãe se iluminou.

- Acho que é uma idéia maravilhosa, Marcie. Não temos feito muitas festas aqui desde que Harrison morreu. Posso passar na loja de fantasias mais tarde e ver o que eles tem de decoração.

Olhei para Scott procurando por ajuda, mas ele simplesmente deu de ombros.

- Pode ser legal.

- Você tem um bigode de leite. - Eu disse, cortando ele.

Ele limpou com o dorso da mão.... e então, limpou a mão no meu braço.

- Eeeew! - Gritei, dando um empurrão no ombro dele.

- Acho que deveríamos ter um tema. Como casais famosos da história, e pedir para todos virem em casais. - Disse Marcie.

- Isso já foi feito antes. - Disse a ela. - Tipo, um milhão de vezes!

- O tema deveria ser um personagem favorito dos filmes de Halloween. - Scott

disse com um sorriso sádico.

- Sério. Voltem pra cá. Todo mundo... se acalmem! - Disse sustentando minhas mãos com um sinal de pare. - Mãe, você se dá conta de que teríamos que limpar toda a

casa, né?

Ela riu insultada.

- Acasa não está suja, Nora.

- Vai ser "traga sua própria cerveja" ou nós vamos bancar? - Perguntou Scott.

- Nada de cervejas. - Dissemos mamãe e eu juntas.

- Bom, eu gosto da idéia de casais famosos. - Disse Marcia, certamente depois de tomar uma decisão. - Scott, deveríamos ir juntos.

Scott não perdeu a oportunidade.

- Poderia ser Michael Myer e você uma das babás que multam?

- Não. - Disse Marcie. - Iremos como Tristão e Isolda.

Mostrei a língua.

- Uma forma de ser original.

Scott chutou minha perna de brincadeira.

- Bom, oi, pequena senhorita feliz.

Acho que é muito sem sentido, estarmos planejando uma festa de

Halloween quando estamos no meio do Cheshvan, disse criticamente aos seus pensamentos, os anjos caídos podem esperar sentados, mas não por muito tempo.

Nós dois sabemos que a guerra pode acontecer a qualquer momento e todo mundo está esperando que eu faça alguma coisa a respeito. Então me perdoe se eu pareço um pouco mal humorada.

Muito bem, contestou Scott, mas talvez a festa possa te ajudar a deixar de

pensar nessas coisas.

Está realmente pensando em ir com a Marcie?

Um sorriso apareceu nos lábios dele. Acha que deveria ir com você ao invés de ir com ela?

Acho que você deveria ir com a Vee.

Antes que pudesse sondar a reação de Scott, Marcie disse:

- Vamos juntas a loja de fantasias, senhora Grey. E depois poderíamos passar pela papelaria pra gente comprar convites. Quero uma coisa horripilante e festiva, mas também sentimental. - Ela balançou os ombros e gritou. - Isso vai ser muito divertido.

- Quem você vai convidar pra festa, Nora? - Perguntou minha mãe.

Eu pressionei os lábios, incapaz de pensar na resposta certa. Scott já tinha um par, Dante iria, isso ajudaria a alimentar o rumor sobre a nossa relação, mas eu não estava com humor, e minha mãe detestava Patch. Pior, a suposição era que eu odiava ele até a morte. Éramos inimigos mortais, até aonde as pessoas sabiam.

Não queria estar em uma festa. Tinha problemas maiores. Tinha um arcanjo

vingador atrás de mim, era líder de um exército, mas precisava de uma direção, apesar

do meu pacto com os arcanjos, estava começando a sentir que a guerra não so seria inevitável, mas podia ser o passo certo; minha melhor amiga estava guardando segredos e saber quais eram esses segredos estavam me mantendo acordada a noite toda e agora isso. Uma festa de Halloween. Na minha própria casa. Onde esperam que

eu banque a anfitriã.

Marcie sorriu.

- Anthony Amowitz tem uma queda por vc.

- Oh, me conta mais sobre esse Anthony. - Minha mãe pediu.

Marcie amava boas histórias, e se lançou justo nessa.

- Ele estava na nossa turma de educação física ano passado, toda vez que jogávamos Softbol, ele jogava como recebedor e ficava olhando de boca aberta pras pernas de Nora o tempo todo enquanto dava as rebatidas. Ele não pegava nenhum lançamento, de tão distraído que estava.

- Nora tem umas pernas lindas. - Minha mãe brincou.

Ergui o polegar apontando a escada.

- Vou pro meu quarto bater a cabeça na parede algumas milhares de vezes.

Qualquer coisa é melhor do que isso.

- Você e Anthony poderiam ser Scarlett e Rhett. - Gritou Marcie atrás de mim. - ou Buffy e Angel. E Tarzan e Jane?

Essa noite deixei minha janela fechada e logo depois da meia noite, Patch se arrastou pra dentro. Cheirava a terra, como os bosques, enquanto deslizava silenciosamente pra minha cama perto de mim. Ainda que preferisse encontrar com ele

ao ar livre, havia algo inegavelmente sexy sobre os nossos encontros secretos.

- Eu trouxe uma coisa pra você. - Ele disse colocando uma bolsa de papel marrom na minha barriga.

Sentei e olhei dentro do saco.

- Uma maçã de caramelo da praia de Delphic. - Sorri. - Ninguém faz melhor. E ainda conseguiu uma polvilhada com flocos de coco, minha favorita.

- É um presente, pra que você fique melhor. Como está a ferida?

Levantei minha camiseta, mostrando eu mesma a boa notícia pra ele.

- Muito melhor. - A última coloração de azul tinha desaparecido ha algumas horas, e assim que isso aconteceu, a ferida tinha cicatrizado quase que instantaneamente. Só ficou um pálido risco de uma cicatriz.

Patch me beijou.

- Essa é uma boa notícia.

- Alguma notícia de Blakely?

- Não, mas é só uma questão de tempo.

- Você o sentiu te seguindo?

- Não. - Uma pontada de frustração deslizou pela voz dele. - Mas estou certo de que ele está me vigiando. Ele precisa da faca de volta.

- O Devilcraft está mudando todas as regras, né?

- É o que me obriga a ser criativo, e vou fazer isso.

- Você trouxe a faca de Blakely com você? - Procurei em seus bolsos, mas pareciam vazios.

Ele levantou a camisa alto o suficiente para mostrar o punhal sobressaindo sobre o seu cinto de couro.

- Nunca perco de vista.

- Você tem certeza que ele vai vir atrás disso? Pode ser que seja só um blefe.

Talvez ele saiba que os arcanjos não são tão puritanos como todos pensávamos que eram e sabe que pode escapar com o Devilcraft.

-É uma possibilidade, mas não acho. Os arcanjos são bons ocultando coisas, sobre tudo os Nephilins. Acho que Blakely tem medo, e acho que ele vai fazer algum movimento logo.

- E se ele trazer apoio? E se somos só nós dois contra vinte deles?

- Ele vai vir sozinho. - Disse Patch com confiança. - Ele meteu os pés pelas mãos, e agora vai tratar de corrigir essa bagunça sozinho. Sabendo quão valioso ele é para os Nephilins, de maneira nenhuma seria permitido que ele assistisse um jogo de futebol sozinho. Aposto que Blakely fugiu. Pior, deixou pra trás uma faca encantada com Devilcraft. Ele tá morrendo de medo, e sabe que tem que consertar o erro antes

que alguém fique sabendo. Vou usar o medo e o desespero dele a nosso favor. Ele sabe que estamos juntos. E vou fazer ele jurar que não vai dizer nada ninguém sobre o

nosso relacionamento e não vou dar a faca até que ele faça.

Afrouxei o nó do saco da maçã de caramelo e mordi pela metade. Lutei com uma boa falsa calma.

- Alguma coisa a mais? - Perguntou Patch.

- Huuumm... sim. Durante o treinamento dessa manhã, Dante e eu fomos interrompidos por alguns anjos caídos malfeitores. - Eu encolhi os ombros. - Ficamos escondidos até que eles fossem embora, mas posso dizer que Cheshvan tem esquentado o sangue de todo mundo. Não conhece um anjo caído com marcas em todo o peito, né? Essa é a segunda vez que eu vejo ele.

- Não. Mas vou manter os olhos abertos. E você está bem?

- Sim. Por outro lado, Marcie está fazendo uma festa de Halloween aqui.

Patch sorriu.

- Estilo drama familiar Grey-Millar?

- O tema são os casais famosos da história. Poderia ser menos original? Pior, está colocando a minha mãe nisso. Hoje elas foram fazer compras procurando as decorações. Durante 3 horas inteiras. É como se já fossem melhores amigas. - Comi o outro pedaço da maçã e fiz uma careta. - Marcie está arruinando tudo. Queria que Scott fosse com Vee, mas Marcie já convenceu ele a ir com ela.

O sorriso de Patch se alargou. Fiz a minha melhor cara mau humorada pra ele.

- Isso não é lindo. Marcie está destruindo a minha vida. De que lado você está afinal?

Patch levantou as mãos em sinal de rendição.

- Eu vou ficar fora disso.

- Preciso de um encontro. Tenho que chamar a atenção de Marcie. - Inspirei. -

Quero o cara mais quente nos meus braços, e quero uma fantasia melhor. Vou conseguir alguma coisa um milhão de vezes melhor do que Tristão e Isolda. - Olhei pra Patch esperançosa.

Ele simplesmente me olhou.

- Não podemos ser vistos juntos.

- Você vai estar disfarçado. Pense nisso como um desafio pra passar despercebido. Tem que admitir que toda essa história de nos vermos escondido é bastante quente.

- Eu não vou a festas a fantasia.

- Por favor, por favor, por favor. - Pisquei os olhos.

- Você está me matando.

- Só conheço um cara que é mais bonito que Scott... - Deixei que a idéia tentasse seu ego.

- Sua mãe não vai me deixar colocar um pé dentro dessa casa. Já vi a pistola que ela guarda dentro da dispensa.

- Mais uma vez, você vai estar disfarçado, bobo. Ela não vai saber que é você.

- Não vai deixar passar, né?

- Não. O que você acha de John Lennon e Yoko Ono? Ou Sansão e Dalila?

Robin Hood e Lady Marian?

Ele levantou uma sobrancelha.

- Você já pensou em Patch e Nora?

Entrelacei os dedos ao meu estômago, e olhei para o teto.

- Marcie vai morrer.

O celular de Patch tocou e ele olhou a tela.

- Número desconhecido. - Ele murmurou e o meu sangue congelou.
 - Acha que é Blakely?
 - Só tem uma forma de saber. - Ele atendeu, sua voz calma, mas não acolhedora. Imediatamente, senti o corpo de Patch tenso junto ao meu e sabia que era Blakely. A ligação durou só alguns poucos segundos.
 - É o nosso homem. - Ele me disse. - Quer conversar. Agora.
 - Isso é tudo? Quase parece fácil.
- Patch me olhou nos olhos e eu soube que tinha alguma coisa a mais. Não consegui interpretar sua expressão, mas o modo como ele me olhava, fez com que a ansiedade borbulhasse dentro de mim.
- Se dermos a ele a faca, ele nos dará o antídoto.
 - Que antídoto? - Perguntei.
 - Quando ele te apunhalou, ele te infectou. Não disse com o que. Só disse que se não conseguíssemos o antídoto logo... - Interrompeu, engolindo um pouco de saliva. - Disse que você ia lamentar, nós dois iríamos.

CAPÍTULO 17

- “**E**LE ESTAVA BLEFANDO. ERA UMA ARMADILHA. Ele está tentando nos fazer

entrar em pânico então vamos estar muito ocupados nos focando em qualquer doença fictícia que ele colocou dentro de mim jogando dessa forma inteligente.” Eu saltei da

cama e passei pelo meu quarto. “Ele é bom. Muito bom. Eu digo que devemos chama-

lo e dizer-lhe que ele vai pegar a faca de pois que ele fez um juramento de parar de usar devilcraft. Essa é uma troca que eu vou concordar.”

- “E se ele não estiver mentindo?” Patch perguntou quietamente.

Eu não queria pensar nisso. Se eu pensasse, eu estaria direto nas mãos de

Blakely. “Ele está,” Eu disse com mais convicção. “Ele era pupilo de Hank, e se Hank era

bom em uma coisa, era mentir. Tenho certeza de que a imoralidade o contagiou. Ligue de volta para ele. Diga que não há nenhum acordo. Diga a ele que minha ferida estava curada, e que se havia algo de errado comigo, nós queremos saber agora.”

- “Nós estamos falando de devilcraft. Isso não joga conforme as regras.” Havia preocupação e frustração por trás das palavras de Patch. “Eu não acho que nós devemos fazer suposições, e eu não acho que devemos nos arriscar subestimando ele.

Se ele fez alguma coisa que machucou você, Anjo...” Um músculo do maxilar de Patch se contraiu com a emoção, e eu temi que ele estava fazendo exatamente o que Blakely

queria. Pensando com a raiva e não com a cabeça.

- “Vamos esperar isso. Se nós estivermos errados, e eu não acho que estamos, mas se

esse for o caso, Blakely ainda vai querer a faca de volta dois, quatro, seis dias a partir de hoje. Estamos segurando as cartas. Se nós começarmos a suspeitar que ele realmente me infectou com alguma coisa, nós vamos ligar pra ele. Ele ainda vai nos encontrar, porque ele precisa da faca. Nós não temos nada a perder.”

Patch não parecia convencido. “Ele disse que você iria precisar do antídoto em breve.”

- “Observe o quão vago ‘em breve’ soa. Se ele estivesse dizendo a verdade, nós teríamos um período de tempo mais específico. Minha coragem não era uma representação. Nenhuma parte de mim acreditava que Blakely estava sendo honesto. Minha ferida tinha curado, e eu nunca tinha me sentido melhor. Ele não tinha injetado

uma doença em mim. Eu não iria cair nessa. E me frustrava que Patch estava sendo tão

cauteloso, tão ingênuo. Eu queria me fixar no nosso plano original: arrastar Blakely e cortar a produção de devilcraft. “Ele estabeleceu um lugar de encontro? Onde ele quer

fazer a troca?”

- “Eu não vou te dizer.” Patch falou num tom calmo e medido.

Eu vacilei confusa. “Desculpe. O que você disse?”

Patch caminhou e colocou suas mãos em volta do meu pescoço. Sua expressão era imóvel. Ele estava sério – ele pretendia me segurar. Ele poderia muito bem ter me dado um tapa, a traição era ruim assim. Eu não podia acreditar que ele estava contra mim nisso. Eu comecei a me afastar, muito enfurecida para falar, mas ele me pegou pelo pulso.

- “Eu respeito sua opinião, mas eu venho fazendo isso há muito mais tempo,” ele disse,

sua voz baixa, séria e cordial.

- “Não me proteja.”

- “Blakely não é um cara legal.”

- “Obrigada pela dica.” Eu disse sarcasticamente.

- “Eu não deixaria passar ele infectar você com alguma coisa. Ele está bagunçando por

aí com o devilmcraft muito tempo para ter qualquer resto de decência ou humanidade sobrando. Isso tem endurecido seu coração e colocado ideias em sua cabeça – astúcia,

más intenções, ideias desonrosas. Eu não acho que ele esteja fazendo ameaças vazias.

Ele parecia sincero. Ele parecia determinado à realização de todas as ameaças que ele

falou. Se eu não me encontrar com ele hoje a noite, ele vai jogar o antídoto fora. Ele não está com medo de nos mostrar que tipo de homem ele é.”

- “Então vamos mostrar para ele quem nós somos. Me diga onde ele quer se encontrar.

Vamos arrastá-lo e trazê-lo para um interrogatório,” eu desafiei. Eu olhei para o

relógio. Cinco minutos tinham se passado desde que Patch encerrou a ligação. Blakely não iria esperar a noite toda. Nós tínhamos que ir andando – estávamos perdendo

tempo.

- “Você não vai encontrar Blakely hoje à noite. Fim de papo.” Patch disse.

- “Como você pode dizer isso? Você o está deixando chamar os tiros! O que aconteceu

com você?”

Os olhos dele prenderam os meus. “Eu pensei que fosse bastante óbvio, Anjo.

Sua saúde é mais importante do que obter respostas. Haverá outra chance de pegar Blakely.”

Fiquei boquiaberta e sacudi minha cabeça de um lado para o outro. “Se você sair daqui

sem mim, eu nunca vou te perdoar.” Uma ameaça forte, mas eu acreditava que eu quis

dizer aquilo. Patch prometeu que nós éramos um time de agora em diante. Se ele me tirasse agora, eu veria isso como uma traição. Nós tínhamos passado por muita coisa para ele me mimar assim agora.

- “Blakely já está no limite. Se algo parecer desligado, ele corre, e lá se vai nosso antídoto. Ele disse que queria me encontrar sozinho, e eu vou honrar esse pedido.”

Eu sacudi minha cabeça ferozmente. “Isso não é sobre Blakely. Isso é sobre eu e você.

Você disse que nós éramos um time de agora em diante. Isso se trata do que nós queremos – não do que ele quer.”

Houve uma batida na porta do meu quarto, e eu retruquei, “O quê?”

Marcie abriu a porta e ficou parada na entrada, braços dobrados rentes sobre o peito. Ela estava usando uma velha camiseta folgada e um bermudão. Não o que eu imaginei que Marcie usasse para dormir. Eu esperava mais rosa, mais rendas, mais pele.

-“Com quem você estava falando?” ela quis saber, esfregando o sono para fora dos seus olhos. “Dá para ouvir você gritando por todo corredor.”

Eu voltei minha atenção para Patch, mas estávamos apenas eu e Marcie no meu quarto.

Patch tinha desaparecido.

Eu peguei um travesseiro da minha cama e atirei-o contra a parede.

Domingo eu acordei com uma estranha, insaciável fome arranhando minha barriga. Eu me empurrei da cama, passei pelo banheiro, e fui direto para a cozinha. Abri

a geladeira, olhando as prateleiras avidamente. Leite, frutas, sobras de stroganoff. Salada, pedaços de queijo, salada de gelatina. Nada disso parecia remotamente atraente, e ainda assim meu estômago revirou de fome. Com minha cabeça presa na despensa, eu passei meus olhos para cima e para baixo nas estantes, mas cada item que eu passava tinha o apelo de gosto de poliéster. Meus desejos inexplicáveis se intensificaram com a falta de comida, e eu comecei a me sentir enjoada.

Ainda estava escuro lá fora, alguns minutos antes das 05:00 a.m. e eu me arrastei de volta para cama. SE eu não poderia corroer minhas dores, eu iria dormir com elas. O problema era, que minha cabeça se sentiu empoleirada com um turbilhão, vertigens me cambaleando em sua loucura. Minha língua estava seca e inchada de sede, mas o pensamento de beber algo tão suave como água fez as minhas entranhas ameaçarem um refluxo em revolta. Eu brevemente me perguntei se isso poderia ser algum efeito colateral da facada, mas eu estava muito desconfortável para pensar demais.

Eu passei os próximos vários minutos rolando, tentando achar a parte mais fresca dos meus lençóis para alívio, quando uma voz sedosa sussurrou no meu ouvido.

“Adivinha que horas são?”

Eu deixei sair um gemido autêntico. “Eu não posso treinar hoje, Dante. Estou doente.”

- “A desculpa mais velha do mundo. Agora saia da cama,” ele disse, batendo na minha perna.

Minha cabeça pendia para o lado do colchão e eu olhava os sapatos dele. “Se eu

vomitam nos seus pés, você vai acreditar em mim?”

- “Eu não sou tão rabugento. Quero você lá fora em 5 minutos. Se você se atrasar, você

vai me compensar. Mais 8 quilômetros para cada minuto que você atrasar parece justo.”

Ele saiu, e precisei de toda minha motivação e então algo para me arrastar para fora da cama. Eu amarrei meus sapatos vagarosamente, presa numa batalha com a fome furiosa me atacando de um lado, e a vertigem afiada de outro.

Quando eu consegui chegar à entrada da garagem, Dante disse, “Eu tenho uma atualização sobre seus esforços de treinamento. Um dos meus primeiros atos como tenente era atribuir oficiais para nossas tropas. Espero que você aprove. O treinamento

dos Nephilins está indo bem,” ele continuou sem esperar por minha resposta. “Nós temos nos focado em técnicas anti possessão, truques de mentes, ambas como estratégias defensivas e ofensivas. E um rigoroso condicionamento físico. Nossa maior

fraqueza é recrutar espiões. Nós precisamos desenvolver boas fontes de informações.

Nós precisamos saber o que os anjos caídos estão planejando, mas nós não obtivemos

sucesso até este ponto.” Ele olhou para mim com expectativa.

- “Uh... ok. Bom saber. Vou pensar em umas ideias.”

- “Sugiro que você pergunte ao Patch.”

- “Para espionar para nós?”

- “Use seu relacionamento em sua vantagem. Ele deve ter informações dos pontos fracos dos anjos caídos. Ele deve saber qual dos anjos caídos merece uma sacudida.”

- “Eu não estou usando Patch. E digo a você: Patch está fora dessa guerra. Ele não está

do lado dos anjos caídos. Eu não vou pedir para ele espiar para os nephilins,” eu disse

quase friamente. “Ele não vai se envolver.”

Dante deu um breve aceno. “Entendido. Esqueça que eu pedi. Aquecimento padrão.
16

km. Empurre-se na metade do caminho – quero você suando.”

- “Dante – “ Eu protestei fracamente.

- “Esses quilômetros extras que eu te avisei? Eles valem para desculpas também.”

Apenas passe por isso, eu tentei me encorajar. Você tem o resto do dia para dormir. E comer, e comer, e comer.

Dante trabalhou duro comigo; depois do aquecimento de 16 quilômetros, eu pratiquei saltando sobre pedra do dobro da minha altura, corri pelas encostas íngremes de um barranco, e repassei pelas lições que eu já havia aprendido, particularmente os truques mentais.

Finalmente, no fim da segunda hora, ele disse, “Vamos chamar isso de um dia.

Você consegue achar seu caminho de volta pra casa?”

Nós tínhamos vindo bem longe dentro da floresta, mas eu podia dizer pelo nascer do sol que era a leste, e eu me senti confiante de que poderia voltar sozinha. “Não se preocupe comigo,” eu disse, e saí.

A meio caminho da casa da fazenda, eu encontrei uma pedra que havia sido depositada em nossos pertences – o blusão que eu joguei depois do meu aquecimento

e a bolsa de ginástica da marinha de Dante. Ele a trazia todo dia, carregando vários quilômetros dentro da floresta, que não deve ser apenas pesada e desajeitada, mas também pouco prática. Até agora, ele nunca a havia aberto nenhuma vez. Pelo menos, não na minha presença. A bolsa poderia estar abastecida com uma infinidade de instrumentos de tortura que ele podia empregar em mim em nome do meu treinamento. Mais provavelmente, guardava roupas para trocar e sapatos de reposição.

Possivelmente incluindo – eu ri com o pensamento – um par de cuecas apertadas ou

boxers com pinguins estampados e eu poderia atormentá-lo interminavelmente sobre isso. Talvez até mesmo pendurar em uma árvore próxima. Não havia ninguém por

perto para ver, mas ele ficaria envergonhado o bastante sabendo que eu tinha visto.

Sorrindo secretamente, eu puxei o zíper alguns centímetros. Assim que eu vi garrafas de vidro cheias de um líquido azul alinhadas dentro, a dor no meu estômago revirou ferozmente. As garras de fome passaram por mim como algo vivo.

Uma necessidade insaciável ameaçava explodir dentro de mim. Um grito estridente rugiu em meus ouvidos. Em uma onda avassaladora, lembrei-me do sabor potente do devilcraft. Horrível, mas mesmo assim vale a pena. Eu lembrei do surto de poder que ele tinha me dado. Eu mal conseguia manter meu equilíbrio, eu estava tão consumida pela necessidade de sentir aquela grandeza incontrolável de novo. Os saltos estratosféricos, a velocidade, a incomparável agilidade animalesca. Meu pulso estava tonto, batendo e vibrando com preciso, preciso, preciso. Minha visão estava embaçada e meus joelhos caíram. Eu quase podia saborear o alívio e a satisfação que viria com um pequeno gole.

Eu rapidamente contei os vidros. Quinze. De modo algum Dante perceberia que um estava faltando. Eu sabia que era errado roubar, como eu sabia que devilcraft não era bom para mim. Mas esses pensamentos eram argumentos maçantes flutuando sem

rumo atrás da minha cabeça. Eu percebi que prescrição médica em doses erradas também não era bom para mim. Mas eu precisava. Assim como eu precisava de um pouco de devilcraft.

Devilcraft. Eu mal podia pensar. Eu estava tão ferida que essa era a 'erva' que eu sabia que me daria poder. Um pensamento súbito me pegou – eu morreria se não

tomasse, a necessidade era potente assim. Eu faria qualquer coisa por isso. Eu precisava

me sentir daquele jeito de novo. Indestrutível. Intocável.

Antes de saber o que eu tinha feito, eu peguei um frasco. Senti fresco e reconfortante em meu domínio. Eu ainda não tinha tomado um gole, e minha cabeça já estava clareando. Sem mais vertigens, e em breve, sem mais desejos.

O frasco se encaixava perfeitamente na minha mão, como se devesse estar lá o tempo todo. Dante queria que eu tivesse essa garrafa. Afinal, quantas vezes ele tentou me dar devilcraft para beber? E ele não havia dito que a minha próxima dose era por conta da casa?

Eu levaria um frasco e seria o suficiente. Eu sentiria a adrenalina e o poder só mais uma

vez e estaria satisfeita.

Só mais uma vez.

CAPÍTULO 18

MEUS OLHOS SE ABRIRAM DIANTE DE UMA BATIDA REPENTINA NA PORTA.

Sentei, desorientada. A luz do sol passava pela janela, indicando que já era tarde da manhã. Minha pele estava úmida de suor, e meus lençóis estavam enrolados na minha perna. Na minha mesa de cabeceira, uma garrafa vazia estava inclinada para o lado.

A lembrança veio de novo.

Apenas consegui chegar a minha casa antes de tirar a tampa, jogando ela

depressa para o lado, e acabar com o devilcraft em segundos. Me afogava, me sentindo

como se fosse sufocar enquanto o líquido obstruía minha garganta, mas sabia que quanto mais rápido tomasse, mais rápido acabaria. Uma onda de adrenalina, como

nunca tinha sentido, se expandiu dentro de mim, levando os meus sentidos ao estímulo máximo. Havia tido a urgência tentadora de correr e levar o meu corpo ao limite, correndo, pulando e desviando de tudo no meu caminho. Como voar, só que melhor.

E então, tão rápido quanto o impulso se alastrou dentro de mim, acabou. Nem mesmo me lembro de ter caído na minha cama.

- Acorda dorminhoca! - Minha mãe chamou da porta. Sei que é fim de semana, mas não vai dormir o dia todo. Já são mais de 11 horas.

<< 11? Eu fiquei inconsciente durante 4 horas?>>

- Já vou descer em um segundo. - respondi, todo o meu corpo estava tremendo pelo que deveria ser um efeito secundário do devilcraft. Tinha tomado muito, muito rápido. Isso explicava por que o meu corpo apagou durante horas, e a sensação peculiar e nervosa pulsando dentro de mim.

Não podia acreditar que tinha roubado o devilcraft de Dante. Pior, não podia acreditar que tinha tomado. Estava envergonhada. Tinha que achar uma maneira de corrigir isso, mas não sabia por onde começar. Como poderia dizer a Dante? Ele já pensava que eu era tão fraca como um humano, e se eu não podia controlar o meu apetite, isso só provava que ele estava certo.

Deveria só ter pedido. Mas era horrível ele pensar que eu estava roubando.

Havia um pouco de emoção em fazer alguma coisa ruim. Do mesmo jeito que tinha sido emocionante me exceder com o Devilcraft, bebendo tudo imediatamente me recusando a guardar um pouco.

<< Como pude ter esses pensamentos horríveis? Como pude agir assim?

Essa não era eu.>>

Jurando que essa manhã seria a última vez que usaria o Devilcraft, enterrei a

garrafa no fundo do lixo, e tratei de tirar o acidente da minha cabeça.

Achei que por causa da hora tomaria o café da manhã sozinha, mas encontrei a Marcie na mesa da cozinha, vendo uma lista de números telefônicos.

-

Passei a manhã toda convidando o povo para a festa de Halloween. – explicou –
Fique a vontade para convidar quem você quiser.

-

Pensei que os convites iam pelo correio.

-

Não vai dar tempo. A festa é na quinta.

-

Uma noite de escola? O que tem de errado com a sexta?

-

O jogo de futebol americano. – minha expressão deve ter ficado confusa, porque ela disse: - Todos os meus amigos vão estar no jogo, ainda por cima, é um jogo

fora de casa, então não podemos convidar eles para depois do jogo.

-

E o sábado? – Perguntei, não acreditando que iríamos fazer uma festa durante a semana. Minha mãe nunca concordaria. Mas, Marcie tinha um jeito de convencer ela de qualquer coisa.

-

No sábado seria o aniversário dos meus pais. Não faremos no sábado. – disse e empurrou a lista de telefone para mim. – Estou fazendo todo o trabalho e realmente está começando a me deixar irritada.

-

Não quero ser responsável pela festa. - Lembrei a ela.

-

Só está irritada por que não tem um par.

Era verdade. Não tinha um par. Já tinha falado sobre levar Patch, mas isso iria pressupor que eu tinha perdoado ele por ter ido se encontrar com o Blakely na noite anterior. A lembrança do que tinha acontecido veio rapidamente. Entre dormir a noite, treinar com o Dante essa manhã e ficar inconsciente por várias horas, esqueci completamente de verificar as mensagens no meu telefone.

A campainha tocou, e Marcie deu um pulo.

- Eu atendo.

Queria gritar: << Para de agir como se você morasse aqui! >>, mas ao invés disso, passei por ela devagar e subi as escadas de 2 em 2 degraus até o meu quarto. Minha bolsa estava pensurada atrás da porta do meu armário, procurei nela até encontrar o meu celular.

Respirei fundo. Nenhuma mensagem. Não sabia o que isso significava, e não sabia se seria ficar preocupada. E se Blakely tivesse feito uma armadilha pro Patch? Ou o silêncio dele era por que a gente tinha brigado na noite passada? Quando eu estava chateada, eu gostava de espaço e Patch sabia disso.

Enviei uma mensagem de texto rápida pra ele. << Podemos conversar? >>

Lá embaixo, ouvi Marcie conversando nervosa.

- Disse que iria por ela. Tem que esperar aqui! Eii! Não pode entrar sem ser convidada.

- Quem disse? - Vee respondeu a ela, e eu ouvi o barulho na escada.

Me juntei a elas no corredor do lado de fora do meu quarto.

- O que tá acontecendo?

- Sua amiga gorda, entrou sem ser convidada. - Reclamou Marcie.

- Essa vaca mafrela está agindo como se fosse dona desse lugar. - Vee me disse. - O que ela tá fazendo aqui?

- Moro aqui agora! - disse Marcie.

Vee soltou uma risada.

- Sempre engraçada. - Ela disse, negando com o dedo.

O queixo de Marcie se levantou.

- Eu moro aqui sim, vai, pergunta pra Nora.

Vee me olhou e eu suspirei.

- É temporário.

Vee se sacudiu em seus calcanhares como se tivesse sido atingida por um punho invisível.

- Marcie? Morando aqui? Eu sou a única que se dá conta de que toda a lógica foi embora?

- Foi idéia da minha mãe. - Eu disse.

- Foi idéia minha e da minha mãe, mas a Sra. Grey estava de acordo que isso era o melhor a ser feito. - Corrigiu Marcie.

Antes que Vee fizesse mais perguntas, peguei ela pelo cotovelo e arrastei até o meu quarto. Marcie veio atrás, mas fechei a porta na cara dela. estava tentando com todas as minhas forças ser civilizada, mas deixar ela entrar em uma conversa particular

com a Vee era levar a idéia de ser amigável muito longe.

- Por que motivo realmente ela está aqui? - Vee exigiu, sem se importar em falar baixo.

- É uma longa história. Encurtando... não sei o que ela está fazendo aqui. - Evasiva, sim,

mas honesta também. Não tinha idéia do que Marcie estava fazendo aqui. Minha mãe tinha sido amante de Hank, e eu era fruto desse amor, e o racional seria que Marcie nada com nenhuma de nós duas.

- Bom, tudo está claro agora! - Disse Vee.

Era hora de dar a ela uma distração.

- Marcie vai fazer uma festa de Halloween aqui. É obrigatório vir com um par, do mesmo jeito que é obrigatório vir fantasiada. O tema é "Casais famosos da história".

-E? - Disse Vee, sem se importar.

- Marcie está de olho no Scott.

Vee cerrou os olhos.

- Claro que está.

- Marcie já perguntou a ele, mas ele não parecia muito comprometido com ela. - falei amavelmente.

Vee juntou seus dedos.

- É hora de fazer a mágica da Vee antes que seja tarde demais.

Meus celular vibrou com um texto. << Tenho o antídoto. Temos que nos encontrar.>> Era uma mensagem de Patch.

Ele estava bem. A tensão nos meus ombros foi embora.

Discretamente, coloquei o telefone no bolso e disse a Vee: - Minha mãe precisa que eu coloque a roupa na lavanderia e que devolva alguns livros na biblioteca. Mas posso passar na sua casa mais tarde.

- E então podemos planejar como roubar Scott da puta. - disse Vee.

Dei a Vee uma vantagem de 5 min. e logo levei o Volkswagen de volta pro caminho.

<< Deixando a fazenda agora. >> Escrevi pra ele. << Onde você tá? >>

<< Chegando em casa. >> Ele respondeu.

<< Te vejo aí. >>

Dirigi até Casco Bay. Muito ocupada formulando o que diria a Patch para poder aproveitar a impressionante paisagem do entardecer. Era somente a água azul escura

brilhando com o sol e as ondas respingando e formando e as ondas respingando e formando espuma quando se chocavam com os penhascos íngremes. Estacionei a poucas ruas do lugar onde ia encontrar com Patch e entrei. Fui a primeira a chegar e fui

para a varanda organizar meus pensamentos uma última vez.

O ar era frio e pegajoso com sal, apenas o suficiente para deixar a pele arrepiada, esperava que isso acalmasse a minha raiva, e a persistente sensação de traição. Eu gostava do fato do Patch ter a minha segurança sempre em mente, me comovia a sua preocupação e eu não queria parecer mal agradecida de ter um namorado que faria qualquer coisa por mim, mas um acordo era um acordo.

Concordamos em trabalhar em equipe, e ele havia quebrado a minha confiança.

Ouvi a porta da garagem deslizar ao se abrir, seguido pelo barulho da moto de Patch entrando. Um momento depois, ele apareceu na sala de estar. Ele manteve distancia, mas os seus olhos estavam sobre mim. Seus cabelos estava sendo arrastado

pelo vento e uma barba escura salpicava a sua mandíbula. Ele usava a mesma roupa que usava quando eu o vi pela última vez, e sabia que ele tinha estado fora a noite

toda.

- Uma noite ocupada? - Perguntei.

- Tinha muitas coisas na cabeça.

- Como está Blakely? - Perguntei a Patch com a indignação necessária para que ele soubesse que não tinha esquecido nem perdoado.

- Ele fez um juramento para deixar a nossa relação em paz. - Ele fez uma pausa. - E me

deu o antídoto.

- Assim dizia a mensagem.

Patch suspirou e passou a mão pelo cabelo.

- É assim que vai ser? Entendo que você está chateada, mas você pode voltar um

minuto e ver as coisas do meu ponto de vista? Blakely me disse pra ir sozinho, e eu não

confiava em como ele reagiria se eu fosse com você ao meu lado. Não me oponho a me arriscar, mas não quando as possibilidades estão claramente contra mim. Mas ele tinha vantagem dessa vez.

- Você prometeu que seríamos uma equipe.

- Também jurei fazer tudo que estivesse ao meu alcance para proteger você. Quero o melhor pra você. Isso é tão simples, anjo.

- Não pode continuar querendo manter o controle, e depois dizer que é pra minha segurança.

- Ter certeza de que você está segura é mais importante pra mim do que a sua boa vontade. Não quero brigar, mas se você tá decidida a me ver como o malvado da história, que assim seja. É melhor do que perder você. - Ele encolheu os ombros.

Dei um grito diante da arrogância dele e cerrei os olhos rapidamente.

- É isso o que você realmente sente?

- Alguma vez você me viu mentir, especialmente quando se trata dos meus sentimentos por você?

Peguei a minha bolsa no sofá.

- Esquece isso. Estou indo embora.

- Faz o que você quiser. Mas você não vai dar um passo pra fora desse lugar antes de tomar o antídoto. - Para provar que estava falando a verdade, ele se apoiou contra a porta principal, cruzando os braços sobre o peito.

Olhando fixamente para ele, disse: - Pelo que sabemos, o antídoto poderia ser veneno.

Ele sacudiu a cabeça.

- Dabria analisou. Está limpo.

Apertei os dentes. Controlar meu temperamento estava oficialmente fora de questão.

- Você levou pra Dabria? Suponho que vocês dois são uma equipe agora. - Alfinetei.

- Ela se manteve suficientemente longe do radar de Blakely para não alertar ele, mas o suficientemente perto para ler fragmentos do seu futuro. Nada ali indicou uma jogada suja com respeito ao antídoto. Ele fez um trato justo. O antídoto é bom.

- Por que você não tenta ver as coisas do meu ponto de vista? - Eus estava furiosa. - Tenho que suportar que o meu namorado escolha trabalhar perto da sua ex... ela continua apaixonada por você, e você sabe disso!

Patch manteve o olhar fixo em mim.

- E eu estou apaixonado por você. Mesmo quando você é irracional, ciumenta e intencional. Dabria tem uma prática mais substancial nos truques mentais, as retiradas e a luta dos Nephilins em geral. Cedo ou tarde vai ter que começar a confiar em mim. Não temos uma grande quantidade de aliados e precisamos de toda a ajuda que possamos conseguir. Enquanto Dabria estiver contribuindo, estou disposto a manter ela a bordo.

Meus punhos estavam apertados tão fortes, que as minhas unhas estavam começando

a cortar a minha pele.

- Em outras palavras, não sou boa o suficiente para ser sua companheira de equipe.

Diferente de Dabria, não tenho nenhum poder especial.

- Não é isso. Já falamos sobre isso. Se algo acontecer a ela, não vou me considerar infeliz, mas por outro lado, se acontecer alguma coisa com você...

- Sim, bom, suas ações já dizem tudo. - Estava ferida e chateada e decidida a mostrar ao Patch que ele estava me subestimando, e tudo isso me levou a seguinte declaração:

- Levarei os Nephilins a guerra contra os anjos caídos. É o certo. Me encarregarei dos arcanjos depois. Posso viver com medo deles, ou posso superar e fazer o que é melhor

para os Nephilins. Não quero outro Nephil jurando lealdade para sempre. Já tomei a

minha decisão, sendo assim, não se incomode em me dissuadir. - Disse categoricamente.

Os olhos negros de Patch me observaram, mas ele não disse nada.

- Eu tenho me sentido assim por um tempo - disse impulsionada pelo silêncio incomodo e ansiosa para provar o meu ponto de vista. - Não permitirei que os anjos caídos continuem intimidando os Nephilins.

- Estamos falando dos anjos caídos e dos Nephilins, ou de nós dois?- Finalmente Patch

perguntou em voz baixa.

- Estou cansada de jogar na defensiva. Ontem um grupo de anjos caídos veio até mim. Isso foi a última gota. Os anjos caídos precisam saber que nós estamos cansados de sermos irritados. Eles já nos assediaram tempo suficiente. E os arcanjos? Não acho que

eles se importem. Se fosse assim, já teriam feito uma intervenção e teriam colocado um ponto final ao devilmcraft. Temos que assumir que eles sabem e estão procurando outra saída.

- Dante tem alguma coisa a ver com a sua decisão? - Patch perguntou, sem abalar a sua postura calma.

A pergunta dele me irritou.

- Sou a líder do exército dos nephilins. Tomo as decisões.

Esperava que a próxima pergunta dele fosse: << E como nós ficamos? >>, mas suas palavras me deixaram surpresa.

- Eu quero você do meu lado, Nora. Estar com você é a minha prioridade. Tenho estado

em guerra com Nephilins por muito tempo. Isso tem me levado por um caminho que eu gostaria de mudar. As enganações, os truques baratos, até mesmo a força bruta. Tem dias que eu desejo poder voltar atrás e pegar caminhos diferentes. Não quero que você se arrependa da mesma coisa que eu. Preciso saber que é suficientemente forte

fisicamente, mas também preciso saber que você se manterá forte aqui. - Ele tocou na minha testa suavemente. Então acariciou minha bochecha, sustentando meu rosto na palma da mão dele. - Você realmente estende no que está se metendo?

Me separei dele, mas não tão forte quanto pretendia.

- Se você deixar de se preocupar comigo, vai ver que eu sei.

Pensei em todo treinamento que já tinha feito com Dante. Pensei em como ele pensava que eu era talentosa com os truques mentais. Patch não tinha nem idéia do quão longe eu já havia chegado. Era mais forte, mais rápida e mais poderosa do que nunca poderia ter me imaginado. Também tinha passado por coisas suficientes nos últimos meses para saber que agora estava firmemente em seu mundo. Nosso mundo. Sabia no que estava me metendo, mesmo se Patch não gostava da idéia.

- Você pode ter me impedido de me encontrar com Blakely, mas não pode deter a guerra que se aproxima. - Assinalei.

Estávamos na ponta de um conflito mortal e poderoso. Não ia endoçar, e não estava disposta a olhar de outra forma. Estava pronta pra brigar. Pela liberdade dos Nephilins. E pela minha.

- Uma coisa é pensar que está pronta. - Disse Patch em voz baixa. - Pular para uma guerra e ver tudo na primeira fila é um jogo diferente. Admiro a sua valentia, anjo, mas estou sendo honesto quando penso que você está se precipitando sem pesar as

consequencias.

- Acha que não pensei nisso? Sou eu quem dirige o exército de Hank. Já passei muitas

noites sem dormir pensando nisso.

- Dirigir o exército, sim. Mas ninguém disse nada sobre brigar. Pode cumprir o seu juramento e ao mesmo tempo se manter longe do perigo. Delegar as tarefas mais poderosas. Para isso você tem o seu exército. Para isso eu tô aqui.

O argumento dele estava começando a me irritar.

- Não pode me proteger pra sempre, Patch. Gosto que você pense assim, mas eu sou uma Nephilim agora. Sou imortal e preciso menos da sua proteção. Sou um alvo dos anjos caídos, dos arcanjos e de outros nephilins, e não tem nada que você possa fazer a respeito. Exceto também aprender a brigar.

Seu olhar era sereno, seu tom nivelado, mas senti um pouco de tristeza por trás da sua fachada.

- Você é uma garota forte, e é minha. Mas ser forte, nem sempre se refere a força bruta.

Não tem que chutar alguns traseiros para ser uma lutadora. A violencia não é o equivalente a força. Por exemplo: liderar o seu exército. Tem uma resposta melhor pra tudo isso. A guerra não vai resolver nada, mas vai separar nossos mundos, e haverá vítimas, incluindo humanos. Não tem nada de heroico nessa guerra. Isso vai levar a uma destruição pior do que qualquer outra que já temos visto.

Engoli a saliva. Por que Patch sempre tem que fazer isso? Dizer coisas que só me faziam entrar mais em conflito. Ele estava me dizendo isso por que honestamente acreditava nisso, ou estava tentando me tirar do campo de batalha? Queria confiar nas intenções dele. A violencia nem sempre era a saída. Na verdade, na maior parte do tempo não era. Eu sabia disso. Mas via a coisa do ponto de vista de Dante também. Tinha que lutar. Se passasse por tudo isso sendo fraca, só teria um alvo ainda maior nas

minhas costas. Tinha que demonstrar que era forte e que poderia fazer algumas

retalhações. Em futuro previsível, a força física era mais importante do que a força de caráter.

Pressionei os dedos em minhas temporais, tentando acabar com a preocupação que soava como uma dor surda.

- Não quero falar sobre isso agora. Só preciso... de um pouco de tranquilidade, ok?
Tive

uma manhã agitada, e vou lidar com isso quando eu me sentir melhor.

Patch não parecia convencido, mas não disse nada mais sobre o assunto.

- Te ligo mais tarde. - Disse com cansaço.

Ele tirou um frasco com um líquido branco, leitoso do bolso e estendeu para mim.

- O antídoto.

Estava tão absorta na nossa discussão, que tinha esquecido completamente disso. Analisei o frasco com desconfiança.

- Eu consegui que Blakely me disse que a faca com a qual ele te acertou era o protótipo mais poderoso que ele já criou. Isso colocou 20 vezes mais de Devilcraft no seu sistema, do que aquele que o Dante te deu para beber. Essa é a razão por que precisa do antídoto. Sem ele, você vai desenvolver um vício inquebrável pelo devilcraft.

Em doses suficientemente altas, alguns protótipos de devilcraft vão te apodrecendo de dentro pra fora. Vai embaralhar seu cérebro como qualquer outra droga letal.

As palavras de Patch me deixaram surpresa. Eu tinha acordado essa manhã com um apetite insaciável por Devilcraft, por que Blakely tinha feito que eu ansiasse isso mais do que comer, beber e até mesmo respirar?

O pensamento de acordar todos os dias, movida pela fome, colocava uma sensação queimante em minhas veias. Não tinha me dado conta do quanto estava em jogo. Inesperadamente, me peguei agradecendo a Patch por ter conseguido o antídoto. Faria qualquer coisa para não sentir essa necessidade invencível de novo.
Destapei o frasco.

- Algo que eu deveria saber antes de tomar isso? - Passei o frasco por debaixo do meu nariz. Sem odor.

- Não vai funcionar se você tiver o devilcraft em seu sistema pelas últimas 24 horas, mas isso não deveria ser um problema. Já passou mais de um dia desde que Blakely te

apunhalou. - Ele disse.

Tinha o frasco a centímetros dos meus lábios, quando me detive. Só essa manhã tinha tomado um frasco inteiro de Devilcraft. Se tomasse esse antídoto agora não iria funcionar. Continuaria viciada.

- Tapa o nariz e toma. Não pode ser tão ruim quanto o devilcraft. - Disse Patch.

Queria contar a ele sobre o frasco que tinha roubado de Dante. Queria explicar.

Ele não ia me culpar. Isso era culpa de Blakely. Era o Devilcraft. Eu tinha bebido uma garrafa inteira quando eu tive a oportunidade. Estava cega pela necessidade.

Abri minha boca para confessar tudo, mas alguma coisa me deteve. Uma voz obscura, e estranha plantada no mais profundo de mim, que me murmurava que não queria ser livre do devilcraft. Não. Não podia perder o poder a força que vinha com ele... não quando estávamos perto de uma guerra. Tinha que manter esses poderes perto, se caso precisasse. Não se tratava do devilcraft. Se tratava de me proteger.

A ansiedade começou a lamber minha pele, umedecendo a minha pele, me fazendo tremer de fome. Coloquei os sentimentos de lado, orgulhosa de mim mesma quando fiz isso. Não agiria da mesma forma que agi esta manhã. Roubaria e beberia devilcraft quando realmente necessitasse fazer isso. E manteria o antídoto comigo sempre, e assim poderia acabar com o hábito quando quisesse. Faria do meu jeito. Tinha uma opção. Estava no controle.

Então fiz uma coisa que nunca imaginei que pudesse fazer. O impulso se incendiou na minha consciência, e agi sem pensar. Cravei meus olhos em Patch por um breve instante, convocando toda a minha energia mental, sentindo ela se desprender de mim como um grande poder, desencadeante e natural e enganei Patch

mentalmente o fazendo pensar que tinha bebido o antídoto.

<< Nora bebeu. >>, sussurrei enganosamente na mente dele, plantando uma imagem como suporte da minha mentira, << até a última gota. >>

Então, coloquei o frasco no meu bolso. Todo o assunto tinha terminado em questão de segundos.

CAPÍTULO 19

DEIXEI A CASA DE PATCH COM A INTENÇÃO DE DIRIGIR ATÉ A MINHA CASA, o

tempo todo lutando com uma dor violenta no meu estômago que era metade culpa e metade doença. Não conseguia me lembrar de nenhum outro momento na minha vida que me senti tão envergonhada.

Ou mais faminta.

Meu estômago se contraiu, de fome. Era tão intenso que fazia com que eu me contorcesse contra o volante. Era como se eu tivesse engolido pregos e eles estivessem

rasgando dentro de mim até deixar em carne viva. Tinha a estranha sensação de sentir

os meus órgãos murchando. E eu me perguntava se o meu corpo comeria ele mesmo para se nutrir.

Mas não era comida que eu precisava. Parei no acostamento e liguei pra Scott.

- Preciso do endereço do Dante.

- Nunca foi a casa dele? Você não é namorada dele?

Me irritava que ele estivesse prolongando a conversa. Precisava do endereço de Dante

e não tinha tempo de conversar.

- Tem ou não?

- Vou te mandar po mensagem. Aconteceu alguma coisa? Você parece ansiosa. E tem estado assim por alguns dias.

- Estou bem. - Disse a ele, voltei para o carro. Tinha gostas de suor nos meus lábios.

Segurei o volante tentando afastar o desejo que parecia me agarrar pelo pescoço e me

sacudir. Meus pensamentos estavam agarrados a umA única palavra: Devilcraft. Tratei de acalmar a tentação. Tinha tomado o Devilcraft essa manhã. Uma garrafa inteira. Eu podia vencer toda essa ansia. Eu decidiria quando ia precisar do Devilcraft. Quando e quanto.

O suor se estendeu pelas minhas costas, pequenas gotas correndo por baixo da minha camiseta. A parte inferior das minhas coxas, quentes e úmidas, pareciam estar grudadas a almofada do banco do motorista. Ainda era outubro, aumento no máximo o ar condicionado.

Girei o volante para voltar para a estrada, mas o barulho ensurdecedor da buzina de um carro que estava passando me frear. Uma van branca acelerou para passar, o motorista olhou pela janela e fez um gesto obsceno pra mim.

Se controla, eu disse pra mim mesma, presta atenção!

Depois de algumas respirações para controlar a mente, conferi o endereço de Dante no meu celular. Estudei o mapa, dei uma risadinha ironica e dei a volta em U.

Dante, ao que tudo indicava, morava a menos de 8 KM da casa do Patch.

Dez minutos depois, tinha passado por baixo de um arco de árvores que coroavam a estrada, ceuzei uma ponte e estacionei o carro em uma rua pitoresca e curvilinea cheia

de árvores.

As casas eram vitorianas e brancas, com detalhes de gengibre e telhados

íngrimes. Tudo era extravagante e excessivo. Identifiquei a de Dante, número 12 na rua

Shore, que era tudo de parafuso, torres e empenas. A porta estava pintada de vermelho

com uma grande aldrava de bronze. Ignorei a aldrava e fui direto para a campainha, apertando várias vezes. Se ele não se apressasse pra atender a porta...

Dante entreabriu a porta, demonstrando surpresa.

- Como encontrou esse lugar?

- Scott.

Ele franziu a testa.

- Não gosto que as pessoas apareçam na minha casa sem me comunicar antes. Muito entra e sai soa como algo bem suspeito. E eu tenho vizinhos bem intrometidos.

- É importante.

Ele indicou a estrada com o queixo.

- Aquele monte de lixo que você dirige parece uma monstruosidade.

Não estava de bom humor para trocar insultos espirituosos. Se não conseguisse colocar devilmachine pra dentro do meu sistema logo, pelo menos algumas gotas, o meu coração ia sair do peito. Tanto que o meu pulso estava acelerado e estava ficando difícil respirar. Estava tão sem ar que parecia que eu tinha passado a última hora subindo uma montanha.

Disse a ele: - Mudei de opinião. Quero o devilmachine. como precaução. -

Acrescentei rapidamente. - Caso eu esteja em uma situação de inferioridade numérica e precise.

Não conseguia me concentrar o suficiente para saber se meu raciocínio soava meio lento. Manchas vermelhas centelhavam diante dos meus olhos. Desejava desesperadamente secar o meu rosto, mas não queria atrair mais atenção pra minha sudorese abundante.

Dante me deu uma olhada questionadora, que não consegui entender, por que ele logo me levou para dentro de casa. Fiquei parada na entrada, olhando para as

paredes impecavelmente brancas e os exuberantes tapetes orientais. Um corredor levava até a cozinha. A sala de jantar ficava a minha esquerda e a sala de estar, pintada

do mesmo vermelho que aparecia como manchas em frente aos meus olhos, a direita.

Pelo que podia ver, toda a mobília era antiga. Um lustre de gotas de cristal estava pendurado em cima.

- Lindo. - Consegui dizer com uma voz engasgada, entre o meu pulso que batia nervosamente e as minhas extremidades dormentes.

- A casa pertencia a alguns amigos. Eles me deixaram como testamento.

- Lamento que tenham morrido.

Entrou na sala de estar, e inclinou para o lado uma enorme pintura de um celeiro revelando um cofre escondido na parede. Ele apertou o código e abriu a caixa.

- Aqui. É um novo protótipo. Incrivelmente concentrado, então tem que beber em pequenas doses. - Ele advertiu. - Duas garrafas. Se decidir começar a tomar agora, deve

durar umas duas semanas.

Assegurei com a cabeça, tentando ocultar que a minha boca estava cheia de água enquanto eu agarrava as garrafas com um azul intenso.

- Tem uma coisa que quero te dizer, Dante. Vou levar os Nephilins pra guerra. Então se

eu precisar de mais duas garrafas, eu posso usa-las. - Eu tinha toda a intenção de contar a Dante sobre a minha intenção de ir para a guerra. Mas isso não significava que

eu fiz isso com a intenção de que ele me desse mais devilcraft, parecia uma manobra arriscada, mas estava muito faminta para sentir algo mais do que uma pontada de culpa.

- Guerra? - Repetiu Dante, parecendo surpreso. - Tem certeza?

- Pode dizer aos Nephilins superiores que eu estou elaborando alguns planos contra os

anjos caídos.

- Essa é... uma notícia genial. - Disse Dante ainda parecendo confuso, enquanto colocava

uma garrafa extra de devilcraft nas minhas mãos. - O que te fez mudar de opinião?

- Uma transformação do coração. - Disse a ele, por que pensei que soava bem. - Não só estou liderando os Nephilins, como sou uma deles.

Dante me acompanhou até a porta, e caminhar calmamente até o volkswagem tomou cada grama de controle que eu tinha dentro de mim. Fiz uma despedida curta, e logo dei a volta na esquina, estacionei imediatamente e tirei a tampa da garrafa. Estava

quase tomando quando meu telefone tocou com o toque de Patch e me assustou, espirrando o líquido azul no meu colo.

Se evaporou em um instante, subindo no ar como a fumaça de um fogo apagado. O amaldiçoei em voz baixa, furiosa por perder algumas gotas preciosas.

- Oi? - Respondi, as manchas vermelhas beiravam a minha visão.

- Não gosto de te encontrar na casa de outro homem, anjo.

Imediatamente olhei para os dois lados da janela. Coloquei o devilcraft embaixo do banco do carro.

- Onde você tá?

- Três carros atrás.

Meus olhos voaram para o espelho retrovisor. Patch se balançou para fora da moto e veio na minha direção com o telefone na orelha. Limpei o rosto com a manga da camisa.

Abaixei o vidro.

- Está me seguindo? - Perguntei pra ele.

- Dispositivo de rastreamento.

Estava começando a odiar essa coisa. Patch apoiou o braço no teto do carro, se inclinando para frente.

- Quem mora na rua Shore?

- Esse dispositivo de rastreamento é bastante específico.

- Só compro as melhores coisas.

- Dante mora no numero 12 da rua Shore. - Não tinha sentido mentir quando parecia que ele já tinha feito sua própria investigação.

- Não gosto de te encontrar na casa de outro homem, mas odeio te encontrar na sua também. - Sua expressão era tranquila o suficiente, mas sabia que ele queria uma explicação.

- Precisava confirmar nosso horário de treinamento para amanhã de manhã. Estava perto e pensei que podia dar uma volta por aqui. - A mentira saiu fácil, fácil. Tudo o que eu podia pensar agora era me livrar de Patch. Minha garganta se enchia com o sabor do Devilcraft. Suspirei com impaciência.

Gentilmente, Patch empurrou meus óculos de sol por cima do meu nariz , se inclinou pela janela e me beijou.

- Estou indo investigar mais algumas pistas daquele chantagista do Pepper. Precisa de alguma coisa antes que eu vá embora? - Neguei com a cabeça. - Se precisar conversar, sabe que eu tô aqui pra você. - Acrescentou em voz baixa.

- Falar sobre o que? - Perguntei na defensiva. Será que ele sabia sobre o devilcraft? Não, não sabia.

Ele me estudou por um momento.

- De qualquer coisa.

Esperei até que Patch fosse embora para beber um ganancioso gole de cada vez, até que estivesse satisfeita.

CAPÍTULO 20

A NOITE DE QUINTA CHEGOU, E COM ELA, A COMPLETA TRANSFORMAÇÃO DA

CASA DA FAZENDA. Guirlandas de folhas de outono em vermelho, dourado e castanho,

derramadas fora do beiral. Sacas de espigas de milho secas emolduravam a porta.

Parecia que Marcie tinha comprado cada abóbora de toda Maine, e as alinhou ao longo

de toda calçada, a garagem e cada centímetro quadrado da varanda. Foram esculpidas

algumas lanternas de abóbora, piscando luz de velas em suas expressões assustadoras.

Uma parte vingativa de mim queria dizer que uma loja de artesanato tinha sido jogada em nosso gramado, mas na verdade ela tinha feito um bom trabalho.

Dentro, música assombrada tocava do aparelho de som. Caveiras, morcegos, teias de aranha e fantasmas se confundiam com os móveis. Marcie tinha alugado uma máquina de gelo seco – como se nós não tivéssemos neblina de verdade o suficiente no jardim.

Eu tinha duas sacolas de papel nos meus braços cheias de itens que última hora que estavam faltando, e eu os levei até a cozinha.

- “Voltei!!” eu gritei. “Copos plásticos, um saco de anéis de aranha, dois sacos de gelo, e mais confetes de esqueleto – como você pediu. A soda ainda está no porta malas.

Alguém voluntário pra me ajudar a trazê-las para dentro?”

Marcie escorregou do quarto, e eu fiz meu queixo cair. Ela usava um sutiã de vinil preto e calças legging correspondentes. Nada mais. Suas costelas apareciam através de sua pele e ela tinha coxas que nem palitos de picolé. “Coloque a soda na geladeira, o gelo no freezer, e espalhe os confetes de esqueleto na mesa de jantar, mas

não deixe cair na comida. Só isso por enquanto. Esteja por perto caso eu precise de mais alguma coisa. Eu tenho que terminar minha fantasia.”

- “Bem, isso é um alívio. Por um minuto, eu achei que isso fosse tudo que você estava planejando usar.” Eu disse, gesticulando para o vinil acanhada.

Marcie olhou para baixo. “E é. Eu sou a Mulher Gato. Eu só preciso colar as orelhas de feltro preto na minha cabeça.

- “Você vai usar sutiã na festa? Só sutiã?”

- “Um top.”

Oh, essa vai ser boa. Mal posso esperar pelo comentário da Vee. “Quem é o Batman?”

- “Robert Boxler.”

- “Então isso significa que Scott se salvou?” Essa era mais uma pergunta retórica.

Apenas para dar uma facada notória na uma reviravolta.

Marcie deu de ombros numa caminhada pouco pomposa. “Que Scott?” ela disse, e marchou escada acima.

- “Ele escolheu Vee ao invés de você!” Eu disse triunfantemente atrás dela.

- “Eu não ligo.” Marcie cantou de volta. “Você provavelmente fez a cabeça dele. Não é segredo que ele faz tudo o que você diz. Coloque a soda na geladeira antes da virada do século.”

Eu dei língua para ela, mesmo sabendo que ela não podia ver. “Eu tenho que me aprontar também, você sabe!”

Às 19:00 os primeiros convidados chegaram. Romeu e Julieta, Cleopatra e Mark Anthony, Elvis e Priscila. Até mesmo vidros de ketchup e mostarda passeavam pela porta da frente. Eu deixei Marcie bancar a anfitriã e fui para a cozinha, empilhando no meu prato ovos cozidos, coquetel de salsichas e milho doce. Eu estava muito ocupada

concedendo as ordens pré-festa de Marcie para jantar. Isso, e a nova fórmula de devilcraft que Dante tem me dado, parecia reduzir meu apetite após as primeiras horas que eu tomava.

Eu tinha feito um trabalho razoavelmente bom racionando isso e ainda tinha o suficiente para os próximos dias. Os suores noturnos, dores de cabeça e estranhas sensações de formigamento que me apanhavam nos momentos mais estranhos quando eu comecei a tomar a nova fórmula tinham ido embora. Eu tinha certeza que

isso significava que os perigos do vício tinham passado e eu tinha aprendido a usar devilcraft seguramente. Moderação era a chave. Blakely pode ter tentado me ligar ao devilcraft, mas eu era forte o suficiente para definir meus próprios limites.

Os efeitos do devilcraft eram inacreditáveis. Eu nunca tinha me sentido tão excepcional fisicamente e mentalmente. Eu sabia que eu teria que parar de tomar isso eventualmente, mas com o estresse, perigos do Cheshvan e a guerra iminente, eu estava alegre de eu estar sendo cautelosa. Se mais algum dos meus duvidosos soldados nephilins me atacasse, dessa vez eu estaria preparada.

Depois de me encher de aperitivos e Sprite servida em um caldeirão preto, eu acotovelei o caminho até a sala de estar, procurando ver se Vee e Scott tinham chegado. As luzes tinham esmaecido, todos estavam fantasiados, e eu tinha dificuldade

em encontrar rostos na multidão. Mais, eu espiei a lista de convidados. Foi fortemente ponderada em favor dos amigos de Marcie.

- “Adorei a fantasia, Nora. Mas você não passa de um demônio.”

Olhei para o lado para Morticia Addams. Eu olhei confusa, e depois sorri. “Oh, hey, Bailey. Quase não te reconheci com o cabelo preto.” Bailey sentava do meu lado na aula de matemática, e nós éramos amigas desde o ginásio. Eu peguei minha cauda de diabo, com uma pequena pontinha no fim, para salvá-la do cara atrás de mim, que

ficava acidentalmente pisando nela, e disse, “Obrigada por vir esta noite.”

- “Você terminou o dever de matemática? Eu não entendi nada do que o Sr. Huron tentou nos ensinar hoje. Toda vez que ele começava a resolver um problema no quadro, ele parava na metade, apagava o que tinha feito, e começava de novo. Eu acho

que ele não sabe o que está fazendo.”

- “Yeah, provavelmente vou passar horas fazendo isso amanhã.”

Os olhos dela se iluminaram. “Nós devíamos nos encontrar na biblioteca e fazer juntas.”

- “Eu prometi pra minha mãe que limparia o celeiro depois da escola.” Eu encobri.

Verdade seja dita, dever de casa tinha se esvaído da minha lista de prioridades para fazer mais tarde. Era difícil me preocupar com a escola quando eu temia que qualquer dia agora o sinistro cessar fogo entre anjos caídos e nephilins estourasse. E eu daria qualquer coisa para descobrir qual.

- “Oh. Talvez da próxima vez.” Bailey disse, soando desapontada.

- “Você viu Vee?”

- “Ainda não. De quem que ela vem?”

- “De babá. Seu par é Michael Myers de Halloween.” Eu expliquei. “Se você a vir, Diga que eu a estou procurando.”

Quando eu atravei a sala de estar, eu esbarrei em Marcie e seu par, Robert, Boxler.

- “Como está a comida?” Marcie me perguntou autoritariamente.

- “Minha mãe está cuidando disso.”

- “Música?”

- “Derrick Coleman é o DJ.”

- “Você está trabalhando na multidão? Todos estão se divertindo?”

- “Acabei de terminar a ronda.” Mais ou menos.

Marcie me olhou com criticismo. “Onde está seu par?”

- “Isso importa?”

- “Eu soube que você está namorando um cara novo. Fiquei sabendo que ele não vai à escola. Quem é ele?”

- “Quem te disse isso?” O boato sobre Dante e eu estava rolando afinal de contas.

- “Isso importa?” ela repetiu sarcasticamente. Ela torceu o nariz em desgosto. “Do quê você está vestida?”

- “Ela é uma diaba.” Robert disse. “Tridente, chifres e vestido vermelho de vampiro.”

- “Não esqueça as botas pretas de combate,” eu disse, mostrando-as. Eu tinha que agradecer a Vee por elas, assim como pelos laços vermelhos de glitter.

- “Estou vendo.” Marcie disse. “Mas o tema da festa são casais famosos. Um diabo não

sai com ninguém.”

Foi quando Patch apareceu na porta da frente. Tive que conferir duas vezes para ter certeza de que era ele. Eu não esperava que ele viesse. Nós não tínhamos resolvido

nossa briga, e eu orgulhosamente me recusei a dar o primeiro passo, me forçando a trancar meu celular em uma gaveta toda vez que eu era seduzida a ligar para ele e me desculpar, apesar da minha crescente angustia dele nunca ligar também. Meu orgulho imediatamente se transformou em alívio quando o vi. Eu odiava brigar. Eu odiava não ter ele por perto. Se ele estava disposto a consertar isso, eu também estava.

Um sorriso iluminou meu rosto quando vi a fantasia dele: jeans escuros, camisa preta e máscara preta. Este último ocultava tudo menos seu semblante fresco e taxativo.

- “Lá está meu par.” Eu disse. “Elegantemente atrasado.”

Marcie e Robert se viraram. Patch me deu um pequeno aceno e colocou a

jaqueta de couro em uma pobre novata que Marcie tinha enganado com a tarefa de pegar os casacos. O preço que algumas garotas pagariam para ir a uma festa dos populares era quase vergonhoso.

- “Não é justo,” Robert disse tirando sua máscara de Batman. “O cara não se aprontou.”

- “O que quer que você faça, mas não chame ele de ‘cara’.” Eu disse para Robert, sorrindo para Patch enquanto ele fazia seu caminho.

- “Eu conheço ele?” Marcie perguntou. “Quem ele deveria ser?”

- “Ele é um anjo,” Eu disse. “Um anjo caído.”

- “Não é com isso que um anjo caído se parece!” Marcie protestou.

Mostra o quanto você sabe. Eu pensei, enquanto Patch pendurou seu braço em volta do meu pescoço e me puxou para um beijo leve.

‘Tenho sentido sua falta,’ Ele falou nos meus pensamentos.

‘Sinto o mesmo. Não vamos mais brigar. Podemos deixar isso pra trás?’

‘Considere feito. Como está indo a festa?’ Ele perguntou.

‘Eu ainda não quis pular do telhado.’

‘Estou feliz em ouvir isso.’

- “Oi,” Marcie disse para Patch, o tom dela mais galanteador do que eu poderia imaginar com o par dela a centímetros de distância.

- “Hey,” Patch retornou, estendendo o reconhecimento com um breve aceno.

- “Eu conheço você?” ela perguntou, inclinando a cabeça curiosamente para o lado.

“Você vai ao Coldwater High School?”

- “Não.” Ele disse sem elaborar.

- “Então como você conhece Nora?”

- “Quem não conhece Nora?” ele retornou suavemente.

- “Esse é meu par, Robert Boxler,” Marcie disse a ele com um ar de superioridade. “Ele é

o quarterback do time de futebol.”

- “Impressionante.” Patch respondeu, seu tom educado o suficiente para retornar se estivesse interessado. “Como está a temporada, Robert?”

- “Nós temos tido uns jogos difíceis, mas não é nada que não possamos nos recuperar.” Marcie cortou, dando tapinhas no peito de Robert consoladoramente.

- “Qual academia você frequenta?” Robert perguntou a Patch, olhando o físico dele com admiração. E inveja.

- “Não tenho tido muito tempo ultimamente para academia.”

- “Bom, você está ótimo, man. Se você quiser levantar pesos com alguém, me chame.”

- “Boa sorte com o restante da temporada,” Patch disse a Robert, dando a ele um daqueles apertos de mão complicados que todos os garotos parecem saber institivamente.

Patch e eu fomos vagamos para dentro da casa, nos enrolando através dos corredores e quartos, tentando encontrar um canto isolado. No fim das contas ele me

puxou para o lavabo, chutou a porta fechando-a, e a trancou. Ele se inclinou para mim contra a parede e passou o dedo em uma das minhas orelhas vermelhas de diabo, seus

olhos profundamente negros com o desejo.

- “Bela fantasia,” ele disse.

- “Idem. Posso dizer que você pensou muito na sua.”

Ele curvou a boca em divertimento. “Se você não gosta, eu posso tirar.”

Eu bati no meu queixo pensativamente. “Essa deve ser a melhor proposta que eu tive esse noite.”

- “Minhas ofertas sempre são as melhores, Anjo.”

- “Antes da festa começar, Marcie me pediu para amarrar a parte de trás de seu traje de

Mulher Gato.” Eu levantei e abaixei minhas mãos com um gesto de peso. “Entre as duas

ofertas, é uma decisão difícil.”

Patch tirou a máscara dele e sorriu suavemente no meu pescoço, colocando meu cabelo atrás dos meus ombros. Ele tinha um cheiro incrível. Ele era caloroso, sólido e muito próximo. Meu coração batia mais rápido, espremendo com a culpa. Eu tinha mentido para Patch. Eu não podia esquecer. Eu fechei meus olhos, deixando a boca dele explorar a minha, tentando me perder no momento. Durante todo tempo, as mentiras batiam, batiam, batiam, em minha cabeça. Eu tinha tomado devilcraft, e tinha enganado a mente dele. Eu ainda estava tomando devilcraft.

- “O problema da sua fantasia é, que não esconde sua identidade muito bem.” Eu disse,

me afastando. “E nós não deveríamos ser vistos juntos em público, lembra?”

- “Apenas parei por um minuto. Não podia perder a festa da minha garota.” Ele murmurou. Ele abaixou sua cabeça e me beijou de novo.

- “Vee ainda não está aqui,” eu disse. “Tentei o celular dela. E o de Scott. Fui encaminhada para o correio de voz nas duas vezes. Eu devo me preocupar?”

- “Talvez eles não queiram ser incomodados,” ele falou no meu ouvido, sua voz profunda e grave. Ele puxou meu vestido mais pra cima da minha perna, acariciando seu polegar sobre minha coxa nua. O calor se sua carícia anulou o peso da minha consciência. A sensação me fez estremecer. Fechei meus olhos de novo, dessa vez involuntariamente. Todos os nós soltos. Minha respiração era um pouco mais rápida. Ele sabia como me tocar.

Patch me levantou para a borda da pia, com as mãos espalmadas sob meus quadris. Eu fiquei calorosa e tonta por dentro, e quando ele colocou sua boca na minha, eu podia jurar que saíram faíscas. O toque dele me queimava com paixão. O palpitante, inebriante calor líquido de estar perto dele nunca envelhecia, não importa quantas vezes nos tocamos, flertamos ou beijamos. Se qualquer coisa, que se

intensificou com essa faísca elétrica. Eu queria Patch, e eu não confiava em mim mesma

quando eu queria.

Eu não sei quanto tempo a porta do banheiro ficou aberta antes que eu percebesse. Eu me afastei de Patch, com a boca aberta. Minha mãe ficou como uma sombra na entrada, resmungando sobre como a fechadura nunca tinha funcionado corretamente, e ela estava querendo consertar há séculos, quando seus olhos se ajustaram à escuridão, porque ela parou a meia desculpa.

Sua boca se fechou. Seu rosto empalideceu... então corou em um profundo, vermelho escaldante. Eu nunca a havia visto tão enfurecida. “Fora!” ela apontou seu dedo longe. “Fora da minha casa nesse instante, e não pense em voltar, ou tocar na minha filha de novo!” ela sibilou para Patch, pálida.

Eu saltei da pia. “Mãe – “

Ela se virou para mim. “Nenhuma palavra de você!” ela balbuciou. “Você disse que tinha terminado com ele. Você disse que esse – esse lance – entre você e ele – tinha acabado. Você mentiu para mim!”

- “Eu posso explicar,” eu comecei, mas ela tinha se voltada para Patch.

- “É isso que você faz? Seduz moças jovens em suas próprias casas, com as suas mães a

metros de distância? Você deveria se envergonhar de si próprio!”

Patch entrelaçou sua mão na minha, agarrando-a firmemente. “Pelo contrário, Blythe.

Sua filha é tudo para mim. Completamente e totalmente. Eu a amo – é simples assim.”

Ele falou calma e seguramente, mas seu maxilar estava tão rígido como se fosse esculpido de pedra.

- “Você destruiu a vida dela! No momento que ela te conheceu, tudo desmoronou.

Você pode negar o quanto quiser, mas eu sei que você estava envolvido no sequestro dela. Saia da minha casa.” Ela rosnou.

Eu me agarrei à mão de Patch ferozmente, murmurando ‘Sinto muito, muito mesmo’ de novo, e de novo, na mente dele. Eu passei a vista trancada contra minha vontade numa cabana distante. Hank Millar foi o mentor da minha prisão, mas minha mãe não sabe disso. A mente dela ergueu uma muralha em volta das lembranças dele, prendendo tudo de bom, e jogando fora o resto. Eu culpava Hank, e culpava o devilcraft. Ela colocou na cabeça que Patch tinha sido responsável pelo meu sequestro,

e isso era tão verdade para ela como o nascer do sol de manhã.

- “Eu deveria ir,” Patch me disse, dando em minha mão um aperto tranquilizador. ‘Te ligo mais tarde’, ele adicionou privadamente em meus pensamentos.

- “Eu acho que sim!” minha mãe retrucou, os ombros subindo com o esforço de respirar pesadamente.

Ela deu um passo para o lado, permitindo que Patch saísse, mas fechou a porta antes que eu pudesse escapar.

- “Você está de castigo.” Ela disse com voz de ferro. “Aproveite a festa enquanto ela dura, pois este vai ser seu último evento social por um bom, bom tempo.”

- “Você está mesmo interessada em me ouvir?” eu atirei de volta, enfurecida pelo modo como ela havia tratado Patch.

- “Eu preciso de um tempo para esfriar. É de seu interesse me dar algum espaço. Posso

estar com espírito para falar amanhã, mas essa é a última coisa em que estou interessada agora. Você mentiu para mim. Você agiu pelas minhas costas. Pior, eu tive que encontrar você tirando sua roupa com ele no nosso banheiro. Nosso banheiro! Ele quer uma coisa de você, Nora, e ele vai levar para onde quer que possa conseguir. Não

há nada de especial em perder sua virgindade num banheiro.”

- “Eu não estava – nós não estávamos – minha virgindade?” Eu balancei minha cabeça e

fiz um gesto de aversivo. “Esquece. Você está certa – você não quer ouvir. Você nunca

quer. Não quando se trata de Patch.”

- “Está tudo bem aqui?”

Minha mãe e eu nos viramos para encontrar Marcie do lado de fora da porta. Ela segurava um caldeirão vazio nos braços e atrelou seus ombros se desculpando.

“Desculpe interromper, mas ficamos sem olhos de monstro, também conhecidos como uvas sem casca.”

Minha mãe colocou um pouco de cabelo no rosto dela, tentando se recompor.

“Nora e eu estávamos terminando. Eu posso ir até a loja rapidinho comprar umas uvas.

Mais alguma coisa que tenhamos pouco?

- “Molho de queijo nacho,” Marcie disse numa tímida voz de ratinho, como se ela odiasse impor a bondade da minha mãe. “Mas você realmente não precisa se preocupar. Quero dizer, é só molho de queijo nacho. Não haverá nada para acompanhar os salgadinhos, claro, e é o meu favorito, mas realmente e verdadeiramente – não é grande coisa.” Um pequeno suspiro escapou dela.

- “Ótimo. Uvas e molho nacho. Mais alguma coisa?” minha mãe perguntou.

Marcie abraçou o caldeirão e sorriu. “Não, é só isso.”

Minha mãe pescou as chaves no bolso e saiu, cada movimento seu duro e

rígido. Marcie, no entanto, ficou.

- “Você sempre pode enganar a mente dela, sabe. Fazer ela pensar que Patch nunca esteve aqui.”

Eu virei os olhos frios para Marcie. “O quanto você ouviu?”

- “O bastante para saber que você está em uma profunda encrenca.”

- “Eu não vou enganar a mente da minha própria mãe.”

- “Se você quiser, eu posso falar com ela.”

Eu soltei um riso. “Você? Minha mãe não pro que você acha, Marcie. Ela pegou você

sob alguma forma equivocada de hospitalidade. E provavelmente para provar alguma coisa para sua mãe. A única razão para você estar vivendo debaixo desse teto é que é assim que minha mãe pode jogar na cara da sua mãe: ela era a melhor amante, agora ela é a melhor mãe.” Era uma coisa horrível de se dizer. Tinha soado melhor na minha cabeça, mas Marcie não me deu tempo de alterar minha declaração.

- “Você está tentando fazer me sentir mal, mas não vai funcionar. Você não vai arruinar minha festa.” Mas eu acho que vi a oscilação em seu lábio. Com uma inspiração, ela parecia se recompor.

De repente, como se não tivesse acontecido, ela disse numa voz bizarramente alegre. “Eu acho que é hora de jogar Bob-for-a-Date.”

- “Bob o quê?”

- “É como pegar maçãs, exceto que cada maçã tem o nome de alguém da festa atrelado. Quem quer que você tire é seu próximo encontro às cegas. Nós jogamos todo

ano na minha festa de Halloween.”

Eu fiz uma careta. Nós não tivemos essa ideia do jogo de antemão. “Parece brega.”

- “É um encontro às cegas, Nora. E já que você está de castigo pela eternidade, o que você tem a perder?” Ela me puxou para a cozinha, em direção à gigante banheira de água com maçãs vermelhas e verdes flutuando nela. “Hey, todo mundo, ouçam!”

Marcie chamou por cima da música. “Hora de jogar Bob-for-a-Date. Nora Grey vai

primeiro.”

Aplausos eclodiram através da cozinha, junto com vaias e alguns gritos e assobios de incentivo. Fiquei ali, com a boca movendo-se, mas sem emitir palavras, amaldiçoando Marcie fluentemente em minha mente.

- “Eu não acho que eu seja a melhor pessoa para isso.” Eu gritei por cima do barulho.
“Posso passar?”

- “Sem chance.” Ela me deu o que parecia um empurrou brincalhão, mas foi forte o bastante para me fazer cair de joelhos em frente à banheira de maçãs.

Eu lancei para ela um olhar de pura indignação. Eu vou fazer você pagar por isso, eu disse a ela.

- “Puxe o cabelo pra trás. Ninguém quer desagradáveis cabelos dispersos flutuando na água.”

De acordo, a multidão rugiu um coletivo “Booo!”

- “Maçãs vermelhas correspondem aos nomes dos meninos,” Marcie adicionou.
“Maçãs
verdes das meninas.”

Tudo bem! Tanto faz! Apenas acabe logo com isso, eu disse para mim mesma. Não era como se eu tivesse alguma coisa a perder: começando amanhã, eu estava de castigo. Não haveriam encontros às cegas no meu futuro, com jogo ou sem.

Eu mergulhei meu rosto na água fria. Meu rosto esbarrou em uma maçã após a outra, eu não podia afundar meus dentes em nenhuma delas. Eu subi para pegar ar, e meus ouvidos zumbiam com vaias e assobios zombeteiros.

- “Me deem um tempo,” eu disse. “Eu não tenho feito isso desde os 5 anos. Isso já diz muito sobre esse jogo!” eu adicionei.

- “Nora não tem um encontro às cegas desde que ela tinha 5 anos,” Marcie disse, interpretando mal o que quis dizer e acrescentando seu próprio comentário.

- “Você será a próxima,” eu disse a Marcie, encarando-a de joelhos.

- “Se houver próxima. Me parece que você vai ficar sugando o rosto com maçãs a noite

toda,” ela retornou docemente, e a multidão gritou em diversão.

Eu mergulhei minha cabeça na banheira, atirando meus dentes nas maçãs. Água caiu sobre a borda, encharcando a frente da minha fantasia vermelha de diabo.

Cheguei bem perto de pegar uma maçã com a mão e apertá-la em minha boca, mas

percebi que Marcie desqualificaria o movimento. Eu não estava com disposição para fazer tudo de novo. Assim como eu estava prestes a subir para pegar outro fôlego, meus dentes da frente prenderam uma maçã vermelho sangue.

Eu surgi, sacudindo a água do meu cabelo ao som de aplausos e mais aplausos.

Eu joguei a maçã na Marcie e agarrei uma toalha, acariciando meu rosto para secá-lo.

- “E o sortudo que conseguiu um encontro às cegas com nossa rata afogada aqui é...”

Marcie retirou um tubo selado do miolo da maçã. Ela desenrolou o papel que estava dentro do tubo, e enrugou o nariz. “Baruch? Só Baruch? Ela pronunciava tipo Bar-ooch.

“Estou falando certo?” Ela perguntou ao público.

Nenhuma resposta. As pessoas já estavam indo embora agora que o entretenimento imediato havia acabado. Eu estava agradecida que Bar-ooch, seja lá quem ele fosse, parecia ser uma inscrição falsa. Ou isso, ou ele estava muito envergonhado de ter um encontro comigo.

Marcie me encarou, como se esperasse que eu conhecesse o rapaz.

- “Ele não é um dos seus amigos?” perguntei a ela enquanto eu torcia as pontas do meu cabelo na toalha.

- “Não. Achei que fosse um dos seus.”

Eu estava a ponto de imaginar se esse seria mais um de seus jogos bizarros, quando as luzes da casa piscaram. Uma vez, duas vezes, então elas se apagaram completamente. A música desapareceu no silêncio assustador. Houve um momento de confusão assustada e, em seguida, a gritaria começou. Perplexos e confusos no início,

aumentando a nota para arrepiar os cabelos de terror. Os gritos antecederam o barulho inconfundível de corpos sendo jogados contra as paredes da sala.

- “Nora!” Marcie chorou. “O que está acontecendo?”

Eu não tive a chance de responder. Apenas uma força invisível me fazia recuar um

passo, paralisando-me. Uma energia fria e nítida enrolava o meu corpo. O ar estalava e

flexionava com o poder de vários anjos caídos. Sua súbita aparição na casa da fazendo

era tão tangível como uma rajada de vento ártico. Eu não sabia quantos eram, ou o que

eles queriam, mas eu podia senti-los entrar mais profundamente para dentro da casa, espalhando para preencher todos os quartos.

- “Nora, Nora. Saia para brincar.” Uma voz masculina cantou. Estranha e assustadoramente falsa.

Eu dei duas respirações superficiais. Pelo menos agora eu sabia o que eles queriam.

- “Eu vou te achar minha querida, meu bichinho,” ele continuou a cantarolar em uma voz fria.

Ele estava perto, bem perto. Eu me rastejei atrás do sofá da sala, mas alguém chegou antes de mim no esconderijo.

- “Nora? É você? O que está acontecendo?” Andy Smith me perguntou. Ele sentava duas cadeiras atrás de mim em matemática e era amigo da Marcie, namorado da Addyson. Eu podia sentir o calor de seu suor transpirando.

- “Quieto.” Eu o instruí suavemente.

- “Se você não vier até mim, eu vou até você.” O anjo caído cantou.

Seu poder mental me cortava como uma faca quente. Engoli em seco enquanto ele se sentia dentro da minha mente, sondando todas as direções, analisando meus pensamentos para determinar onde eu estava escondida. Levei paredes e mais paredes

para detê-lo, mas ele passava por elas como se eu tivesse as construído de poeira. Tentei me lembrar de cada mecanismo de defesa que Dante havia me ensinado contra invasão de mente, mas o anjo caído se moveu muito rápido. Ele sempre estava dois – perigosos – passos a frente. Um anjo caído nunca teve esse efeito em mim antes. Havia

apenas uma maneira de descrevê-lo. Ele estava dirigindo toda sua energia mental em mim através de uma lente de aumento, ampliando o efeito.

Sem aviso, um brilho laranja queimou minha mente. Uma grande fornalha de energia explodiu pela minha mente. Eu sentia que o calor disso derreteria minhas roupas. Chamas crepitavam através do tecido, limpando minha pele com um tormento quente. Em uma agonia inimaginável, eu me enrolei em uma bola. Eu coloquei minha cabeça entre os joelhos, rangendo os dentes para não gritar. O fogo não era real. Tinha

que ser um engana – mente. Mas eu realmente não acredito nisso. O calor fervia tanto,

que eu realmente tinha certeza de que ele tinha acendido fogo em mim.

- “Pare!” Eu finalmente chorei, me lançando para o exterior e me contorcendo no chão – qualquer coisa para sufocar as chamas devorando minha carne.

Naquele instante, o calor ardente desapareceu, apesar de eu não ter visto a água que com certeza tinha apagado ele. Eu deitei de costas, meu rosto banhado de suor. Doía respirar.

- “Saiam todos,” o anjo caído comandou.

Eu quase havia esquecido que tinham outras pessoas na sala. Eles nunca esqueceriam isso. Como poderiam? Eles entendiam o que estava acontecendo? Eles sabiam que isso não era encenado para a festa? Eu rezei para que alguém fosse buscar

ajuda. Mas a casa da fazenda era muito remota. Levaria tempo para trazer ajuda.

E a única pessoa que poderia ajudar era Patch, e não havia como eu alcançar ele.

Pernas e pés se embaralhavam pelo chão, correndo para a saída. Andy Smith se esquivou de trás do sofá e saiu freneticamente pela porta.

Eu levantei minha cabeça apenas alto o bastante para ver o anjo caído. Estava escuro, mas eu vi uma silhueta imponente, esquelética e seminua. E dois olhos

selvagens e brilhantes.

O anjo caído com peito nu do Devil's Handbag e da floresta me observou. Seus hieróglifos desfigurados pareciam contrair e relaxar sobre sua pele, como se fosse ligado por fios invisíveis. Na verdade, eu tinha certeza que elas se moviam conforme sua respiração. Eu não podia tirar meus olhos do seu ferimento, pequeno e bruto em seu peito.

- “Eu sou Baruch.” Ele pronunciou Bar-rewk.

Eu fugi para o canto da sala, fazendo uma careta de dor.

- “Cheshvan começou, e eu não tenho um vassalo nephil.” Ele disse. Ele manteve seu tom coloquial, mas não havia brilho em seus olhos. Nenhum brilho, nenhum calor.

Tanta adrenalina fez minhas pernas se sentirem inquietas e pesadas. Eu não tinha muitas opções. Eu não tinha força o suficiente para passar por ele. Eu não poderia

lutar com ele – se eu tentasse, ele chamaria seus colegas e eu estaria em desvantagem

em segundos. Eu amaldiçoei minha mãe por ter expulsado Patch. Eu precisava dele. Eu

não poderia fazer isso sozinha. Se Patch estivesse aqui, eu saberia o que fazer.

Baruch traçou sua língua da parte de dentro do seu lábio. “A líder do exército do Mão Negra, e o que eu vou fazer com ela?”

Ele mergulhou na minha mente. Eu o sentia fazer isso, mas eu estava impotente para evitar isso. Eu estava muito exausta para lutar. A última coisa que eu sabia, era que

eu tinha rastejado obedientemente e deitado nos seus pés como um cachorro. Ele chutou minhas costas, olhando predatoriamente para mim. Eu queria negociar com ele,

mas meus dentes estavam cerrados com tanta força, que era como se minha mandíbula tivesse sido costurada.

Você não pode discutir comigo, ele assobiou hipnoticamente na minha mente. Você não pode me recusar. O que quer que eu mande, você deve fazer.

Eu tentei sem sucesso impedir a entrada da voz dele. Se eu pudesse quebrar esse controle, eu poderia revidar. Era minha única chance.

- “Como é a sensação de se um nephil novo?” ele murmurou numa voz fria e de desprezo. “O mundo não é lugar para um nephil sem um mestre. Eu vou te proteger de outros anjos caídos, Nora. De agora em diante, você pertence a mim.”

- “Eu não pertenço a ninguém.” Eu cuspi, as palavras saindo de mim com um esforço extenuante.

Ele exalou, lento e deliberado. Saiu como um castigo assobiado entre os dentes.

“Eu vou te quebrar meu bichinho. Apenas veja se não vou.” Ele rosnou.

Eu olhei para ele. “Você cometeu um grande erro vindo aqui esta noite, Baruch.

Você cometeu um grande erro vindo atrás de mim.”

Ele sorriu, um flash de afiados dentes brancos. “Eu vou gostar disso.” Ele deu um passo mais perto, poder irradiando dele. Ele era quase tão forte como Patch, mas ahavia uma ponta sanguinária em seu poder que eu nunca tinha sentido com Patch. Eu

não sabia há quanto tempo Baruch tinha caído do Céu, mas eu sabia que, sem sombra

de dúvidas ele havia se entregado ao mal, de todo coração.

- “Faça seu juramento de fidelidade, Nora Grey.” Ele ordenou.

CAPÍTULO 21

NÃO IA FAZER O JURAMENTO. E NÃO IA PERMITIR QUE ELE TIRASSE PALAVRAS DA MINHA BOCA.

Não importava quanta dor ele impusesse sobre mim, eu ia ficar forte. Mas uma defesa resistente não seria suficiente para suportar isso. Precisava de uma ofensiva, e rápido.

Compense os truques da mente dele com os seus, ordenei a mim mesma.

Dante havia me dito que os truques da mente eram a minha melhor arma. Ele tinha dito que eu era melhor nisso do que quase todos os Nephils que ele conhecia. Eu tinha

enganado Patch. E ia enganar Baruch agora. Criaria minha própria realidade e colocaria

com tanta força dentro da cabeça dele, que ele não ia saber o que tinha golpeado ele.

Apertando os olhos fechados para bloquear os cantos corromptos de Baruch ordenando que eu fizesse o juramento, me lancei para dentro da cabeça dele. Minha maior segurança vinha de saber que eu tinha consumido o devilmcraft hoje de manhã. Não confiava na minha própria força, mas o devilmcraft me convertia em uma versão mais forte de mim mesma. Incrementava meus talentos naturais, incluindo minhas aptidões para truques mentais.

Voei pelos corredores escuros e torcidos da mente de Baruch, plantando uma explosão depois da outra. Trabalhei o mais rápido que pude, sabendo que se cometesse um erro, dava ele uma razão para pensar que estava contruindo seus pensamentos, se deixasse uma evidencia da minha presença...

Escolhi a única coisa que sabia que poderia deixar Baruch alarmado. Nephilin.

<< O exército de Mão Negra. >> Pensei explosivamente na cabeça de Baruch. Enchi seus pensamentos com uma imagem de Dante entrando rapidamente na casa, seguido

de 20, 30, ou 40 nephilins. Coloquei a imagem do olhar enfurecido e os punhos apertados dos soldados em seu subconciente. Para deixar mais convincente, fiz com que Baruch visse os seus homens sendo arrastados pelos nephilins.

Apesar de tudo isso, senti a resistencia de Baruch. Ele se manteve colado no mesmo lugar, não reagindo como deveria por estar rodeado de Nephilins. Temi que

ele suspeitasse que tinha alguma coisa errada e fui em frente.

<< Se meche com a nossa líder, meche com a gente também, com todos nós. >>

Lancei as palavras venenosas de Dante na mente de Baruch. << Nora não vai jurar lealdade agora. Nem agora, nem nunca. >>

Criei uma imagem do Dante pegando um poker lareira, e fundindo nas cicatrizes das asas de Baruch. Coloquei a imagem bem nítida dentro da cabeça dele. Escutei Baruch cair de joelhos antes de abrir os meus olhos. Ele estava de quatro, com os ombros encolhidos. Uma expressão de choqu dominava suas feições. Seus olhos estavam vidrados e saliva saia do canto da boca dele. Suas mãos se deslizaram para as costas, agarrando o ar. Ele estava tentando tirar o poker lareira. Exalei de alívio. Ele tinha caído. Tinha acreditado no meu truque da mente.

Uma figura se moveu perto da porta.

Fiquei de pé, e peguei o verdadeiro poker lareira. Levantei sobre o meu ombro me preparando para dar um golpe, quando Dabria entrou no meu campo visual. Na semiescuridão, seu cabelo brilhava como um branco glacial. Sua boca era uma linha severa.

- Fez um truque mental nele? - Adivinhou. - Genial. Mas temos que sair daqui agora. - Ela me disse.

Quase ri, fria e incrédula.

- O que você tá fazendo aqui?

Ela caminhou sobre o corpo imóvel de Baruch.

- Patch me pediu que te levasse para um lugar seguro.

Neguei com a cabeça.

- Você tá mentindo. Patch não te enviou. Ele sabe que você é a última pessoa com quem eu iria. - Apertei mais forte o poker lareira. Se ela desse outro passo, colocaria o

objeto nas cicatrizes das asas dela. E como Baruch, ela ficaria em um estado próximo ao coma, até que encontrasse uma maneira de tirar ele das costas dela.

- Ele não tinha muitas opções. Entre perseguir os outros anjos caídos que incadiram a

sua festa e apagar a memória dos seus amigos cheios de pânico que estão correndo pelas ruas enquanto conversamos, diria que ele está um pouco preocupado. Por acaso

você não tem uma palavra como código secreto para situações como essa? -

Perguntou Dabria sem quebrar a sua fria compostura. - Quando estava com Patch, nós

tínhamos uma. Confiava em qualquer um enviado por Patch.

Não tirei meus olhos dela. << Palavra de código secreto? >> Ai meu Deus, Ela era boa pra se enfiar debaixo da minha pele.

- Na verdade, nós temos um código secreto. - Eu disse. - É Dabria é uma sanguessuga

patética que não sabe quando seguir em frente. - Cubri minha boca. - Oh. Acabo de notar por que o Patch esqueceu de compartilhar o nosso código secreto. - Minhas palavras estavam cheias de desdém. - com você.

Os lábios dela se apertaram ainda mais.

- Ou me diz para que você veio de verdade, ou vou colocar essa coisa tão fundo nas suas cicatrizes, que vai ser o seu novo e permanente apêndice. - Eu disse.

- Não tenho que suportar isso. - Disse Dabria, girando. Segui ela pela casa vazia até o caminho da entrada.

- Sei que você está chantageando Pepper Friberg - Eu disse. Se ela tinha ficado surpresa, ela não demonstrou. Seu caminhar não se sobressaltou. - Ele pensa que Patch

está chantageando ele, e está fazendo tudo o que pode para colocar Patch no caminho

mais rápido para o inferno. Os créditos vão pra você, Dabria. Você diz que ainda ama o

Patch, mas tem um bem engraçado de demonstrar. Por sua causa, ele tá correndo perigo de ser exilado. Esse é o seu plano? Se você não pode ter ele, ninguém vai ter?

Dabria apertou um botão em uma das suas chaves e as luzes do mais exótico carro que

eu já vi se ascenderam.

- Que é isso? - Perguntei. Ela me deu uma olhada condescendente.

- Meu Bugatti.

Um Bugatti. Ostentoso, sofisticado e único da sua classe. Exatamente como Dabria.

Ela foi para detrás do volante.

- Talvez você queira tirar esses anjos caídos da sua sala de estar antes que a sua mãe volte. - Ela fez uma pausa. - E deveria verificar a validade das suas acusações.

Ela começou a fechar a porta, mas eu abri rapidamente.

- Você tá negando que tá chantageando Pepper? - Perguntei enojada. - Eu vi vocês dois discutindo atrás do Devil's Handbag.

Dabria enrolou um cachecol em volta da sua cabeça, jogando as pontas sobre os seus ombros.

- Não deveria escutar atrás das portas, Nora. E Pepper é um arcanjo que você deveria manter distância. Ele não joga limpo.

- Eu também não.

Ela olhou fixamente para mim.

- Não que seja da sua conta, mas Pepper me procurou aquela noite porque ele sabe que eu tenho conexões com o Patch, e incorretamente pensou que eu o ajudaria. - Ela ligou o carro, apertando o acelerador para apagar a minha resposta.

Olhei enojada para ela, sem acreditar que sua interação com Pepper tinha sido assim, tão inocente. Dabria tinha um sólido registro de mentiras. E ainda por cima, não gostávamos uma da outra. Ela era a desagradável lembrança de que Patch tinha estado

com alguém antes de mim. Não seria tão irritante se ela ficasse no passado que era

onde ela pertencia. Ao invés disso, ela continuava a aparecer como o vilão com múltiplas vidas de um filme de serial killer.

- Não é uma boa juíza de caráter. - Ela disse, colocando o Bugatti em marcha.

Saltei para frente, colocando as mãos no capo. Não tinha terminado com ela ainda.

- Quando se trata de você, não me equivoco. - Gritei sobre o motor. - Você é uma daninha, traiçoeira, egoísta, egocêntrica narcisita.

- A mandíbula de Dabria se apertou visivelmente. Ela tirou alguns cabelos soltos do rosto, saiu do carro e caminhou até mim, até ficar na mesma altura que eu.

- Quero limpar o nome de Patch também, sabe? - Disse com sua fria voz de bruxa.

- Agora essa é uma frase digna de Oscar.

Ela me olhou fixamente.

- Disse a Patch que você era imatura e impulsiva e que não podia esquecer o ciúme do

que ele e eu tivemos para fazer esse trabalho.

Minhas buchechas coraram e peguei o braço dela com força antes que pudesse evitar.

- Não fale para o Patch nada sobre mim de novo. Ou melhor, não fale mais com ele, e ponto.

- Patch confia em mim. Isso deveria ser suficientemente bom para você.

- Patch não confia em você. Ele está te usando. Ele te tem em uma cadeia, mas ao final,

você é descartável. E assim que você não for mais útil, acabou.

A boca de Dabria se apertou em algo feio.

- Já que estamos dando conselhos uma a outra, aqui vai o meu. Me solta. - Seus olhos se transformaram em advertência.

Ela estava me ameaçando.

Estava escondendo alguma coisa.

la desenterrar o segredo dela e ia fazê-la cair.

CAPÍTULO 22

DEPOIS DE TIRAR A POEIRA DA ESTRADA QUE O CARRO DE DABRIA LEVANTOU,

EU CORRI PARA DENTRO. Minha mãe estaria em casa a qualquer momento e não só

teria que dar muitas explicações sobre o fim da festa, mas também precisava me desfazer do corpo de Baruch. Se ele realmente acreditava que eu o tinha acertado com

um poker lareira nas cicatrizes das asas, deixaria o corpo dele em um estado quase de

coma por algumas horas a mais, e então seria bem mais fácil de mover ele. Finalmente,

um golpe de sorte.

Encontrei Patch na sala, abaixado perto do corpo de Baruch. O alívio se apoderou de mim quando o vi.

- Patch! - Exclamei, enquanto corria.

- Anjo. - Seus rosto estava cheio de preocupação.

Ele se levantou, abriu os braços enquanto eu me epertava neles. Me abraçou forte. Assenti com a cabeça para acalmar qualquer preocupação qu ele pudesse ter sobre o meu bem estar e engoli o nó na minha garganta.

- Estou bem. Não estou machucada. Enganei a mente dele para que pensasse que estava tendo um ataque dos Nephilins. E fiz ele acreditar que tinha afundado um poker lareira nas cicatrizes dele.- Deixei escapar um suspiro trêmulo. - Como sabia que os anjos caídos tinham acabado com a festa?

- Sua mãe me expulsou, mas não ia te deixar sem proteção. Montei guarda na rua.

Tinha uma grande quantidade de carros vindo na direção da sua casa, mas pensei que fosse por causa da festa. Quando vi o povo saindo correndo pela porta como se tivessem visto um monstro, vim o mais rápido que pude. Tinha um anjo caído fazendo guarda do lado de fora da sua porta, que pensou que eu tinha aparecido para roubar. Não preciso dizer que tive que apunhalar ele, e alguns outros, nas cicatrizes das asas.

Espero que sua mãe não note que eu peguei alguns galhos das árvores do lado de fora. Funcionaram perfeitamente como estacas. - A boca dele se torceu com travessura.

- Ela vai estar em casa a qualquer momento.

Patch assentiu.

- Eu cuido do corpo. Pode fazer com que a eletricidade funcione? A caixa de fusíveis está na garagem. Verifique se algum dos interruptores desligou. Se cortaram os fios da casa, vamos ter muito mais trabalho em nossas mãos.

- Estou indo. - Me detive na metade do caminho para a garagem e voltei. - Dabria apareceu. Veio com uma historinha que você tinha pedido pra ela me tirar da casa. Acha que ela podia estar ajudando eles?

Para minha surpresa, ele disse: - Eu liguei pra ela. Ela estava por perto. Persegui os anjos caídos e pedi pra ele te tirar daqui.

Fiquei sem palavras, tanto por não acreditar quanto por irritação. Não sabia se estava mais chateada por que a Dabria tinha falado a verdade, ou por que ela estava certamente seguindo o Patch, já que estar "por perto" era difícil de conseguir já que minha rua era de 1 KM de comprimento, e nossa casa era a única no caminho e acabava

em um beco sem saída no bosque. Provavelmente ela tinha um dispositivo de rastreamento nele. Quando ele tinha ligado para ela, provavelmente ela estava estacionada a uns 30 metros atrás e estava usando um binóculo.

Não duvidava que Patch tinha sido fiel a mim. Do mesmo modo, não duvidava

que Dabria esperava mudar isso.

Calculando que agora não era o momento certo para começar uma discussão, disse a ele: - O que vamos dizer a minha mãe?

- Eu... eu vou me encarregar disso. - Patch e eu demos a volta e vimos a imagem parecida com um rato perto da porta. Marcie estava ali contorcendo as mãos. Como se pressintisse o quão fraca isso a deixava, ela deixou as mãos caírem para os lados.

Tirando o cabelo dos seus ombros, levantou o queixo e disse com mais confiança em si

mesma: - A festa foi idéia minha, o que faz disso tanto minha bagunça quanto sua. Vou dizer a sua mãe que alguns perdedores apareceram de penetra na festa e começaram os móveis. Fizemos a única coisa responsável: acabamos com a festa.

Eu notei que Marcie estava se esforçando para não olhar o corpo de Baruch deitado de

bruços sobre o tapete. Se não o via, não podia ser real.

- Obrigada Marcie. - Eu disse, e disse sério.

- Não soe tão surpresa. Estou nisso também, você sabe. Não sou... quero dizer... sou... -

Ela respirou fundo. - Sou uma de vocês.

Abriu a boca para dizer algo mais, mas logo fechou. Não a culpava. 'Não humana', eram palavras difíceis de pensar, quanto mais falar em voz alta.

Uma batida na porta principal fez com que eu e Marcie dessemos um pulo.

Trocamos um breve olhar de incerteza antes que Patch falasse.

- Finjam que nunca estivemos aqui. - Disse, lançando Baruch nos ombros e saindo pela

porta traseira.

<< E anjo? >> Acrescentou falando na minha mente. << Apague a memória de Marcie de ter me visto aqui essa noite. Temos que manter o nosso relacionamento em segredo. >>

<< Vou fazer. >> Respondi.

Marcie e eu fomos abrir a porta. Acabei de girar a maçaneta quando Vee entrou se apressando, soltando a mão de Scott.

- Sinto chegar tarde. - Anunciou Vee. - Tivemos uma pequena emerg... - Ela compartilhou um olhar secreto de cumplicidade com Scott e os dois caíram na risada.

- Distração. - Concluiu Scott por ela. Vee se ventilou com a mão.

- Pode falar isso outra vez?

Quando Marcie e eu simplesmente nos olhamos em um silêncio sombrio, Vee olhou em volta, se dando conta pela primeira vez que a casa estava vazia e destruída.

- Espera. Onde está todo mundo? A festa não pode já ter acabado.

- Tivemos uns penetras na festa. - Disse Marcie.

- Estavam com máscaras de Halloween. - Eu expliquei. - Podia ter sido qualquer um.

- Começaram a destruir os móveis.

- Mandamos todo mundo pra casa. - Acrescentei.

Vee examinou os danos muda em um estado de comossão.

<< Penetras na festa? >> Scott falou na minha mente, claramente ele não estava engolindo as minhas habilidades de atuação e estava percebendo que tinha mais coisa

na história.

<< Anjos caídos. >> Respondi. << Um em particular fez todo o possível para me fazer jurar lealdade. Está tudo bem. >> Acrescentei rapidamente quando vi o rosto dele se contorcer de ansiedade. << Ele não conseguiu. Preciso que você tire Vee daqui. Se ela ficar, vai começar a fazer perguntas que não vou poder responder. E tenho que limpar tudo antes que a minha mãe volte pra casa. >>

<< Quando vai contar pra ela? >>

Estremeci, a pergunta direta de Scott me pegou com a guarda baixa.

<< Não posso contar a Vee. Não se quero manter ela a salvo. UM conselho que estou

te pedindo pra levar em conta também. Ela é minha melhor amiga, Scott. Nada pode acontecer com ela. >>

<< Ela merece saber a verdade. >>

<< Ela merece mais do que qualquer pessoa, mas agora, o mais importante pra mim é a segurança dela. >>

<< O que você acha que é mais importante pra ela? >> Scott disse. <<Ela se preocupa com você e confia em você. Mostra a ela o mesmo respeito. >>

Não tinha tempo para discutir. << Por favor, Scott. >> Supliquei.

Ele me deu uma longa e considerável olhada. Me dei conta que ele não estava contente, mas também notei que ele ia me deixar ganhar essa batalha, pelo menos por agora.

- Acabei de ter uma idéia. - Ele disse a Vee. - Vou te compensar. Vamos ver um filme.

Você escolhe. Sem influenciar sua opinião, mas tem um novo filme de super heróis que

quero ver. Tem criticas ruins, o que é sempre um sinal de que o filme vai ser bom.

- Deveríamos ficar e ajudar Nora a limpar esse desastre. - Disse Vee - Vou verificar quem fez isso e vou ensinar boas maneiras para essas pessoas. Talvez um peixe morto

possa ser encontrado dentro dos armários deles. É melhor que fiquem de olhos em seus pneus, por que eu tenho uma faca que está sempre anciosa para furar algumas borrachas.

- Tire essa noite de folga - Disse a ela. - Marcie vai me ajudar a limpar, não é, Marcie? -

Coloquei meu braço sobre seu ombro e falei muito docemente, mas tinha uma nota de arrogancia que subtraia das minhas palavras.

Vee capturou meu olhar, e compartilhamos um momento de entendimento.

- Bom, isso não é muito generoso da sua parte? - Vee disse a Marcie. - O coletor fica debaixo da pia. Os sacos de lixo também. - Ela deu um soco no ombro de Marcie. -

Divirtam-se, e não quebrem muitas unhas.

Quando a porta se fechou atrás deles, Marcie e eu nos jogamos contra a parede. Ao mesmo tempo demos um suspiro de alívio.

Marcie sorriu primeiro.

- Sorte minha, azar o seu.

Eu limpei minha garganta.

- Obrigada pela sua ajuda essa noite. - Disse a ela, e honestamente eu estava falando sério. Pelo menos uma vez na vida, Marcie tinha sido... amável, me dei conta com um

susto. E ia compensar ela apagando sua memória.

Ela desgrudou da parede, tirando o pó das mãos.

- A noite ainda não terminou. O coletor fica debaixo da pia?

CAPÍTULO 23

A MANHÃ SEGUINTE CHEGOU RÁPIDO. A BATIDA NA JANELA DO MEU QUARTO

serviu como um despertador, dei a volta para ver Dante atrás do vidro, agachado sobre

o galho de uma árvore, me chamando para fora. Levantei os 5 dedos sinalizando que sairia nesse número de minutos.

Tecnicamente estava de castigo. Mas não imaginava que a desculpa serviria para Dante.

Lá fora, o ar escuro da manhã tinha o fresco sabor do outono e friccionei

minhas mãos com força para esquentá-las. A lua ainda estava no céu. Ao longe, uma curuja piava lastimadamente.

- Um carro sem placa e com equipamento de radar passou várias vezes pela sua casa essa manhã.- Dante me disse, soprando as suas mãos. – Tenho quase certeza de que era um policial. Cabelos escuros e alguns anos mais velho do que eu, pelo que pude perceber. O que você acha disso?

- Detetive Basso. O que eu fiz dessa vez pra estar no radar dele?

- Não. – Disse, pensando que agora não era o momento para contar a minha vergonhosa história com a polícia local. – Provavelmente era o final do turno dele e ele tava procurando alguma coisa para matar o tempo. Não vai atrapalhar ninguém passando dos limites de velocidade aqui, isso você pode ter certeza.

Um sorriso irônico torceu a boca de Dante.

-

Não em carros, de todo jeito, estrela do atletismo. Está pronta pra isso?

-

Não. Isso serve de alguma coisa?

Ele se abaixou e amarrou o cadarço do tênis.

-

É hora do trabalho. Você já sabe o que tem que fazer.

Eu sabia, e muito bem. O que Dante não sabia era que meu trabalho também consistia em fantasiar que eu estava jogando facas, dardos e outras coisas em suas costas enquanto corria pelo terreno de bosque, seguindo ele até o fundo da nossa isolada aérea de treinamento. O que era para ficar animado, verdade?

Quando estava completamente ensopada de suor, Dante me fez realizar uma série de estiramentos com a intenção de me deixar mais ágil. Tinha visto Marcie fazer

alguns desses mesmos exercícios em sua casa. Ela já não estava mais na equipe de líderes de torcidas, mas aparentemente manter a habilidade de abrir as pernas era importante para ela.

-

Qual é o plano pra hoje? – Perguntei, sentada no chão com as minhas pernas abertas em um amplo V. Me dobrei pela cintura, descansando a minha cabeça no joelho, sentindo uma dor no tendão.

- Possessão.

- Possessão? – Repeti desconcertada.

- Sim, os anjos caídos podem nos possuir, é justo que nós possamos possuir eles também. Quer melhor guerra do que ser capaz de controlar mente e corpo do seu inimigo? – Continuou Dante.

- Não sabia que possuir anjos caídos era uma opção.

- Agora é... agora que temos o devilmcraft. Nunca antes tínhamos sido o suficientemente fortes. Tenho treinando um grupo seletivo de Nephilins, inclusive eu, em segredo.

Dominar essa habilidade vai ser um ponto importante na guerra, Nora. Se pudermos

fazer isso com êxito, vamos ter uma oportunidade.

- Você tem treinado? Como? – A possessão só era possível durante o Cheshvan. Como

podiam estar treinando durante meses?

- Temos treinado em anjos caídos. – Um sorriso malvado brilhou em seus olhos. – Te disse, somos mais fortes do que nunca fomos, um anjo caído vagando sozinho, não pode enfrentar um grupo dos nossos. Temos recolhido eles das ruas pela noite e levado para o centro de treinamento que o Hank organizou.

- Hank estava envolvido nisso? – Parecia que os segredos dele nunca iam deixar de aparecer.

- Escolhemos os solitários, os introvertidos, os que nós achamos que ninguém vai sentir falta. Os alimentamos com um protótipo especial de Devilcraft, que faz com que seja possível a possessão por curtos períodos de tempo, mesmo não sendo Cheshvan.

E então praticamos neles.

- Onde estão agora?

- Detidos no centro de treinamento. Estamos mantendo uma vareta de metal encantada com devilcraft cravada nas cicatrizes das asas dele quando não estamos praticando com eles. Isso os deixa completamente imobilizados. Como ratos de laboratório a nossa disposição.

Tinha certeza de que Patch não sabia de nada disso. Tinha que contar a ele.

- Quantos anjos caídos têm detidos? E onde fica o centro de treinamento?

- Não posso te dizer o endereço. Quando estabelecemos o centro, Hank, Blakely e eu decidimos que seria mais seguro se mantêssemos em segredo. Com Hank morto, Blakely e eu somos os únicos nephilins que sabemos onde fica. É melhor assim. Se relaxa com as regras, acaba conseguindo traidores. As pessoas fazem qualquer coisa por ganância, incluindo trair a sua própria raça. É a natureza dos nephilins, do mesmo jeito que é a natureza dos humanos. Estamos eliminando a tentação.

- Você vai me levar ao centro de treinamento pra praticar? – Estava certa de que havia

um protocolo pra isso também. Teria que ir com os olhos vendados, ou apagariam a rota da minha memória. Mas talvez pudesse encontrar uma maneira de evitar isso. Talvez Patch e eu pudessemos encontrar o caminho para o centro de treinamento juntos...

- Não é necessário. Trouxe um dos ratos de laboratório comigo.

Meus olhos se cravaram nas árvores.

- Onde?

- Não se preocupe... a combinação de devilcraft e a vareta nas cicatrizes das asas manteve ela cooperando. - Dante desapareceu atrás de uma rocha, mas logo voltou arrastando um anjo caído do sexo feminino, que não parecia ter mais de 13 em anos humanos. Suas pernas, eram dois palitos sobresaindo uma calça curta para fazer ginástica, não podiam ser mais grossas que meus braços.

Dante jogou-a, seu corpo frouxo caiu na terra como um saco de lixo. Desviei o olhar da vareta saindo das suas cicatrizes nas costas. Sabia que ela não podia sentir nada, mas a imagem fez que os cabelos na parte de trás do meu pescoço ficassem eriçados de todas as maneiras.

Tinha que lembrar que ela era o inimigo. Agora eu tinha uma participação pessoal na guerra: me negava a jurar lealdade a qualquer anjo caído. Todos eram perigosos. Até o último deles tinha que ser detido.

- Uma vez que eu tirar a vareta, você só vai ter 2 segundos antes que ela começa a brigar. Este devilcraft em particular tem um efeito medianamente curto e não permanecerá em seu corpo. Em outras palavras, não baixe a guarda.

- Ela vai saber que eu tô possuindo ela?

- Oh, ela vai saber. Ela tem passado por isso umas cem vezes. Quero que você a possua

e ordene algumas ações por alguns minutos para que você se acostume com a

sensação de manipular um corpo. Me avisa quando você estiver pronta pra sair do corpo dela, porque eu vou deixar a vareta a postos.

- Como vou entrar no corpo dela? - Perguntei, com meus braços ficando arrepiados.

Me sentia fria, não só pelo frio no ar. Não queria possuir um anjo caído. Mas ao mesmo

tempo, precisava dar ao Patch a maior quantidade de informações possíveis de como funcionava o processo. Não podíamos resolver um problema que não compreendíamos.

- Ela vai estar fraca por causa do devilmcraft, o que vai ajudar. E já entramos no Cheshvan, o que significa que os caminhos para possessão estão abertos de par em par. Tudo o que você tem que fazer é enganar ela com a mente. Ter o controle dos pensamentos dela. Fazê-la acreditar, que ela quer que você a possua. E quando ela baixar a guarda, tudo vai ficar muito fácil. Você vai voar pra ela rapidamente. Vai ser sugada pro corpo dela tão rápido que você nem vai perceber a transição. Em seguida, você vai estar no controle.

- É tão jovem.

- Não deixe que isso te engane. É tão astuta e perigosa como o resto deles. Pegue... tome um pouco de devilmcraft, que vai fazer a sua primeira tentativa um pouco mais fácil.

Não peguei o frasco imediatamente. Meus dedos formigavam com desejo, mas os mantive dos meus lados. Já tinha tomado muito devilmcraft. Tinha prometido pra mim mesma que ia parar e que eualaria a verdade pra Patch. Até agora, não tinha feito nem uma coisa nem outra.

Olhei o frasco com o líquido azul brilhante, e uma fome feroz pareceu roer através do meu estômago. Não queria o devilmcraft, mas ao mesmo tempo, precisava dele desesperadamente. Minha cabeça girou, me fazendo sentir tonta sem ele. Tomar só mais um pouco não poderia ser tão ruim. Antes que pudesse me deter, estendi a mão e peguei o frasco. Minha boca já salivava.

- Deveria tomar tudo?

- Sim.

Inclinei o frasco, com o devilcraft queimando pela minha garganta. Tossi e cuspi, desejando que Blakely pudesse achar uma maneira de fazer o líquido com um sabor melhor. Seria útil também se pudesse minimizar os efeitos secundários.

Imediatamente depois de beber a dose, senti uma forte dor de cabeça. A experiência me dizia que só iria piorar com o passar do dia.

- Pronto? - Perguntou Dante.

Não fui rápida em assentir para afirmar. Dizer qque tinha pouca vontade de possuir a menina era muita subestimação. Eu tinha sido possuída uma vez... por Patch,

em uma tentativa desesperada de me salvar de ser assassinada por Chauncey Langeais,

um parente perdido faz muito tempo, que não sentia nenhum afeto familiar por mim.

Enquanto ficava alegre por Patch ter me protegido, a violação que tinha sentido ao ser possuída, não era algo que quisesse experimentar outra vez. Ou fazer alguém mais passar por isso.

Meus olhos percorreram a menina. Ela tinha sofrido com isso, centenas de vezes antes, e aqui estava eu a ponto de fazê-la passar por tudo isso outra vez.

- Pronto. - Disse pesadamente por fim.

Dante tirou a vareta das cicatrizes das asas da menina, com cuidado para que suas mãos não tocassem a parte de baixo embebida com o líquido azul brilhante.

- Em qualquer momento. - Murmurou com advertência. - Se prepare. Seus pensamentos emitirão impulsos magneticos. Assim que você sentir a atividade mental, você entra na cabeça dela. Não perca tempo tentando convencer ela que da possessão.

O silêncio fluuava, espesso e tenso. Dei um passo para mais perto da menina, tentando me esforçar para detectar qualquer informação mental. Os joelhos de Dante estavam dobrados, como se ele esperasse poder começar a agir a qualquer momento.

Um ganido agudo de um cervo, cruzou a escura extensão por cima da gente. Um fraco sinal de energia apareceu no meu radar, e essa foi toda a advertência que tive, antes que a menina se lançasse pra cima de mim, mostrando os dentes e com as unhas prontas pra arranhar, como um animal selvagem.

Nossas costas se chocaram contra a terra. Meus reflexos eram agudos e eu girei sobre ela. Me lancei sobre os seus pulsos, esperando fixa-los por cima daa cabeça dela, mas ela se safou de mim em uma única manobra. Deslizei sobre a terra, ouvindo-a aterrissar a alguns metros de distância. Olhei pra cima, bem a tempo de vê-la voar no ar, vindo pra cima de mim.

Me enrolando como uma bola, girei para fora do seu alcance.

- Agora. – Gritou Dante. De rabo de olho, o vi levantando a vareta, se preparando para atacar a menina caso eu falhasse.

- Fechei meus olhos, me focando em seus pensamentos. Podia senti-los zumbindo de várias maneiras, como insetos frenéticos. Afundei na cabeça dela, triturando tudo que encontrava na minha frente. Juntei seus pensamentos em uma massa gigante e sussurrei um hipnótico: Me deixe entrar, me deixe entrar agora!

- Muito mais rápido do que esperava as defesas da menina se fundiram. Justo como Dante tinha dito, me senti deslizando para ela, como se minha alma tivesse sido sugada por um poderoso campo de força. Não ofereceu resistência. A sensação era como um sonho, tonto, escorregadio e borrado nas bordas. Não houve um momento para definir quando senti a mudança, simplesmente pisquei e vi o mundo de um ângulo diferente.

Estava dentro dela, corpo, mente e alma, possuindo ela.

- Nora? – Perguntou Dante, cerrando os olhos para mim com ceticismo.

- Estou dentro. – Minha voz me deu um susto; ordenei a resposta, mas tinha saído em outra voz. Mais alta e mais doce do que podia ter esperado de um anjo caído. Por outro lado, ela era tão jovem...

- Está sentindo alguma resistência? Alguma reação dela? – Perguntou Dante.

- Sacudi minha cabeça negando. Não estava pronta para me ouvir falar com a voz dela

outra vez. Por mais que Dante quisesse que eu praticasse dando ordens ao corpo dela,

eu queria sair.

- Me apressei para completar uma pequena lista de exercícios, ordenando ao corpo do anjo que corresse a uma curta distância, que saltasse de um galho de uma árvore caída,

que desamarrasse e amarrasse de volta os cordões do seus sapatos. Dante estava certo,

eu tinha todo o controle. E sabia que em algum lugar lá no fundo, estava arrastando ela contra a vontade de seus movimentos. Poderia ter ordenado que ela apunhalasse a

si mesma nas cicatrizes das asas que ela não faria nenhuma objeção, só iria obedecer.

- << Já fizz.>> Falei na mente de Dante. << Agora vou sair. >>

- Um pouco mais. – Ele acrescentou. – Você precisa de mais prática. Quero que isso seja pra você como sua segunda natureza. Realize os exercícios uma vez mais.

- Ignorando o pedido dele, ordenei que o corpo dela que expulsasse o meu, e outra vez, a transição foi tão fácil quanto abrupta.

Xingando baixinho, Dante colocou de novo a vareta nas cicatrizes das asas do anjo. Seu corpo desabou, como se ela estivesse morta, seus braços e pernas batendo no chão em angulos raros. Queria parar de olhar, mas não podia. Fiquei me perguntando, como tinha sido sua existencia na terra antes. Se alguém procurava por ela. Se alguma vez seria livre de novo. E quão sombria deveria ser sua perspectiva.

- Isso não durou o suficiente. - Me disse Dante, claramente chateado. - Você não me ouviu dizer pra praticar os exercícios mais uma vez? Sei que é um pouco incomodo no começo...

- Como funciona? - Perguntei. - Dois objetos não podem ficar no mesmo espaço ao

mesmo tempo. Então, como funciona a possessão?

- Tudo se resume ao domínio quântico, função de onda e dualidade partícula-onda.

- Não tive teoria quântica ainda. - Eu disse com um toque de rancor. - Traduz pra uma

língua que eu consiga entender.

- Pelo que posso dizer, tudo é demais. Funciona a um nível subatômico. Dois objetos podem sim existir no mesmo lugar ao mesmo tempo. Não estou certo de que alguém realmente possa entender como isso funciona. É simplesmente assim,

- É tudo o que você pode me dizer?

- Tenha um pouco de fé, Grey.

- Bom, vou te dar um pouco de crédito. Mas quero uma coisa me troca. - Disse, olhando para Dante astutamente. - Você é bom com vigilância. né?

- Você pode fazer pior.

- Tem um arcanjo picareta vagabundeando pelo bairro, chamado Pepper Friberg.

Dizendo ele, que um anjo caído está chantageando ele, e tenho quase certeza de que sei quem é. Quero que você me traga a evidência que preciso para pegar ela.

- Pegar ela?

- As mulheres podem ser muito astutas também.

- O que isso tem a ver com liderar os Nephilins?

- Isso é pessoal.

- Certo. - Disse Dante lentamente. - Me diga o que eu tenho que saber.

- Patch me disse que alguns dos anjos caídos aí fora podem chantagear Pepper por muitas coisas - páginas do Livro de Enoch, vislumbres do futuro, perdão total de um crime passado, informação considerada sagrada e secreta, ou mesmo ser elevado a anjo guardião - a lista do que um arcanjo pode prover, pode continuar, imagino.

- O que mais Patch disse?

- Não muito. Também quer encontrar o chantagista. Sei que ele tem seguido pistas e seguindo pelo menos um suspeito. Mas tenho quase certeza de que ele está bisbilhotando nos lugares errados. Na outra noite, vi a ex dele conversando com o

Pepper atrás do Devil's Handbag. Não consegui escutar o que diziam, mas parecia confiante. E Pepper parecia furioso. Seu nome é Dabria.

Me surpreendeu ver uma sombra de reconhecimento nublar a expressão de Dante. Ele cruzou os braços sobre o peito.

- Dabria?

Gemi.

- Não me diga que também a conhece. Eu juro, ela está em todas as partes. Se você me

disser que acha que ela é charmosa, vou chutar a sua bunda bem na beira de um precipício imenso.

- Não é isso. - Dante sacudiu a cabeça, a pena se arrastando por seu rosto. - Não quero

ser a pessoa que vai te contar isso.

- Me contar o que?

- Conheço Dabria, não pessoalmente, mas... - A compaixão em sua voz se afundou. Ele

me olhou como se estivesse a ponto de me contar uma notícia horrível.

Eu tinha sentado sobre um tronco caído para contar minha história pra ele, mas agora já estava de pé.

- Só me diga, Dante.

- Tenho espiões trabalhando pra mim. Gente que contratei para manter um olho nos anjos caídos influentes. - Confessou Dante, quase arrependido. - Não é um segredo que Patch é altamente respeitado na comunidade dos anjos caídos. Ele está sempre pronto, é inteligente e ágil. É um bom líder. Os anos como mercenário, deram mais experiência a ele do que a maioria dos meus homens e eu temos juntos.

- Você tem espionado o Patch? - Disse. - Por que não me contou?

- Confio em você, mas não descarto a possibilidade de que ele exerça algum tipo de influencia sobre você.

- Influencia? Patch nunca tomou decisões por mim, sou capaz de fazer isso sozinha.
Estou no comando dessa operação. Se quisesse enviar espiões, teria feito eu mesma.
-

Disse, minha irritação parecendo evidente.

- Bom ponto.

Caminhei até a árvore seguinte, de costas para Dante.

- Vai me dizer por que está divulgando tudo isso?

Ele suspirou com relutância.

- Enquanto espíava Patch, Dabria apareceu mais de uma vez em nosso radar.

Cerrei meus olhos. Desejando poder dizer a ele que parace por ali mesmo. Não queria ouvir mais nada. Dabria seguia Patch para todos os lados, eu sabia disso. Mas o

tom da voz de Dante, sugeria que ele tinha notícias muito mais devastadoras para oferecer, do que me dizer que Patch tinha uma acusadora que por acaso era sua magnífica ex.

- Faz duas noites, eles estiveram juntos. Tenho evidencia. Muitas fotos.

Apertei minha mandíbula e de a volta.

- Quero ver.

- Nora...

- Posso lidar com isso. - Retruquei. - Quero ver essa prova que seus homens, meus homens, conseguiram.

Patch com Dabria. Busquei na minha memória, tratando de determinar em que noite isso poderia ter acontecido. Me sentia desesperada, ciumenta e instavel. Patch não tinha feito isso. Havia uma explicação. Daria a ele o benefício da dúvida. Já tínhamos passado por muitas coisas, para que eu voasse da pra cima da primeira conclusão que aparecesse no meu caminho.

Tinha que manter a calma. Seria um absurdo julgar ele tão rápido. Dante tinha

fotos? Bem. Analisaria por mim mesma.

Dante pressionou seus lábios juntos, então assentiu.

- Vou enviar elas para a sua casa hoje a tarde.

CAPÍTULO 24

PASSEI PELA ROTINA DO DIA, MAS FIZ TUDO MECANICAMENTE.
Não

conseguia tirar a imagem de Patch e Dabria juntos da minha cabeça. Não tinha pensado em perguntar os detalhes pro Dante, e agora minhas perguntas sem respostas pareciam fazer buracos no meu cérebro. Estiveram juntos. Tenho fotos.

O que isso significava? Juntos, como? Seria ingênua por perguntar? Não.

Eu confiava em Patch. Estava tentada a ligar pra ele, mas, não fiz. Eu ia esperar até ver as fotos. Se fossem culpados... eu saberia de imediato.

Marcie entrou na cozinha, e se sentou na borda da mesa.

- Estou procurando uma companheira de compras para hoje, depois da escola.

Empurrei minha taça de cereal. Estava perdida nos meus pensamentos a tanto tempo, que já não tinha mais nenhuma possibilidades de salva-lo.

- Sempre saio para fazer compras as quintas a tarde. – Disse Marcie. – É como um ritual.

- Quer dizer uma tradição. – Eu corriji.

- Preciso de um novo casaco pro outono. Algo quente e de lã, mas elegante. – Disse, franzindo o cenho ligeiramente em contemplação.

- Obrigada pela oferta, mas tenho muito exercício de trigonometria para fazer.

- Ah, vamos. Você não fez tarefa a semana toda, por que começar agora?

E eu realmente preciso de uma segunda opinião. É uma compra importante. E

justo quando você estava começando a agir com naturalidade. – Murmurou.

Levantei da minha cadeira e coloquei a minha taça de cereal na geladeira.

- As adulações sempre me convencem.

- Vamos nora, não quero discutir. – Ela se queixou. – Só quero que você venha fazer compras comigo.

- E eu quero passar em trigonometria. E ainda por cima, eu to de castigo.

- Não se preocupe, eu já falei com a sua mãe. Ela teve tempo para se acalmar e voltar a razão. Você não está mais de castigo. Vou esperar por 30 min. Depois da aula. Isso vai dar tempo suficiente para você terminar trigonometria.

Cerrei meus olhos especulativamente para ela.

- Você ta brincando com a mente da minha mãe?

- Sabe o que eu acho? Que você está com ciúmes de que sua mãe e eu estejamos unidas.

Ugh.

- Não é só matemática, Marcie. Também preciso pensar. Sobre o que aconteceu a noite, e como prevenir para que não aconteça outra vez. Não vou jurar fidelidade. – Disse com determinação. – E não quero que mais nephilins façam isso também.

Marcie fez um som de exasperação.

- Você é igual ao meu pai. Só por uma vez, deixe de ser tão...

- Nephil? – Sugeri. – Um fenômeno anormal e um acidente da natureza?

Focada?

Marcie apertou suas mãos tão fortes, que ficaram vermelhas de sangue.

Por fim levantou o queixo. Desafio e orgulho brilharam em seus olhos.

- Sim. Um mutante, um monstro, um fenômeno. Como eu.

Levantei minhas sobrancelhas..

- Então, isso é tudo? Finalmente vai aceitar o que você é?

Um tímido sorriso apareceu no seu rosto.

- Bom, sim.

- Eu gosto mais dessa versão de você. – Eu disse.

- Gosto mais dessa versão de você. – Marcie se levantou, pegando sua bolsa da mesa. – Temos um chamado para ir a compras ou o que?

Não tinham passado duas horas depois que o sinal tinha tocado, e Marcie já tinha gastado quase 400 dólares em um casaco de lã, uns jeans e alguns acessórios. Eu não tinha gastado 400 nem com todo o meu guarda roupas em um ano. Eu imaginei o que teria acontecido comigo se eu tivesse crescido na casa de Hank; não pensaria duas vezes antes de gastar todo o meu cartão de crédito durante uma tarde. Na verdade, eu gostaria de ter um cartão de crédito.

Macie dirigia, já que ela já tinha reclamado duas vezes que não queria ser vista no meu carro, e eu não a culpava, essa tinha sido uma mensagem clara. Ela tinha dinheiro e eu não. Hank tinha me deixado o seu maldito exército e para ela a sua herança. Dizer que era injusto, não era o suficiente.

- Podemos fazer uma parada rápida? – Perguntei a Marcie. – Está um pouco longe do caminho, mas preciso pegar uma coisa na casa do meu amigo, Dante. – Me senti tonta diante da ideia de ver as fotos de Patch e Dabria, mas queria acabar com isso de uma vez. Não tinha paciência para esperar até que Dante me entregasse. Já que não tinha como saber se ele já tinha feito, então resolvi ser proativa.

- Dante? Conheço ele?

- Não. Ele não vai pra escola. Pega a próxima a direito. Ele mora perto de Casco Bay. – Disse a ela.

A ironia desse momento não podia passar despercebida. Durante o verão, acusei Patch de se envolver com Marcie. Agora, alguns meses depois, eu

estava no banco do passageiro do carro dela, indo investigar a mesma história..
só que com uma garota diferente.

Pressionei a unha da mão entre os meus olhos. Talvez devesse deixar
passar. Talvez isso dissesse muito sobre as minhas inseguranças e simplesmente
deveria confiar em Patch incondicionalmente. O ponto era, eu confiava nele.

E então, lá estava Dabria.

Até por que, se Patch fosse inocente, e eu esperava com todas as minhas
forças que ele fosse, não tinha nada de mal em ver as fotos.

Marcie seguiu minhas instruções até a casa de Dante e imediatamente

fez um som de apreciação quando viu a arquitetura.

- Esse Dante, amigo seu, tem estilo. – Disse ela, varrendo com os olhos a
excelência da casa estilo Rainha Anne, localizado atrás de um gramado.

- Os amigos dele deixaram tudo que tinham pra ele. – Disse. – Não se
preocupe em sair, simplesmente vou correr até a porta e pegar o que preciso.

- De jeito nenhum, tenho que ver o interior. – Disse ela saindo, antes que
eu pudesse detê-la. – Dante tem namorada? – Colocou seus óculos de sol em
cima da cabeça, admirando descaradamente, a riqueza dele.

Sim, eu pensei. E obviamente estava fazendo um trabalho incrível para
manter a farsa. Incluindo minha meia irmã, que dormia no mesmo corredor que
eu, não sabia nada sobre o meu novo ‘namorado’.

Subimos no alpendre e tocamos a campainha. Esperamos e tocamos
outra vez. Colocando as mãos em volta dos meus olhos, olhei pela janela a sala
escura. Que sorte a minha, passar quando ele não estava em casa.

- Yuhu! Meninas, estão procurando o jovem que mora aí?

Marcie e eu viramos para encontra uma senhora de pé na calçada. Tinha
colocado umas pantufas rosadas, rolinhos rosados no cabelo e um pequeno
cachorro preto ao extremo de uma coleira.

- Estamos procurando Dante. – Eu disse. – A senhora é vizinha dele?

- Me mudei com a minha filha e o marido dela no começo do verão. Na rua de baixo. – Ela disse, sinalizando a rua atrás dela. – Meu marido, John, faleceu. Que Deus o tenha, e agora está em um asilo, ou fica na casa do meu filho. Ele nunca abaixa o assento do vaso. – Nos informou.

<< Do que ela está falando? >> Perguntou Marcie nos meus pensamentos. << E, oooooi, esse cachorro precisa de um banho. Posso sentir

o cheiro dele daqui. >>

Coloquei um sorriso agradável no rosto, e desci os degraus da varanda.

- Sou Nora Grey. Sou amiga do rapaz que vive aqui, Dante Materazzi.

- Materazzi? Sabia! Sabia que ele era italiano! Um nome como esse grita italiano. Eles estão invadindo nossas costas. – Disse a mulher. – Quando nos dermos conta, vou compartilhar o meu jardim com o próprio Mussolini. – Como para confirmar o que ela estava dizendo, o cachorro deu um grunhido de consentimento.

Marcie e eu nos olhamos, e ela deixou seus olhos só na parte branca. Eu disse a mulher: - A senhora viu Dante hoje?

- Hoje? Por que veria ele hoje? Acabo de te dizer que ele se mudou. Faz dois dias. Foi no meio da noite, só como um italiano faria. Dissimulado e astuto como um mafioso siciliano. Com más intenções, tô dizendo pra vocês.

- Deve estar equivocada. Dante ainda mora aqui. – Eu disse tentando manter um tom cordial.

- Ah, esse rapaz está nas últimas. Sempre isolado e tão pouco amigável. Desde o dia em que chegou. Nem sequer disse um oi. Um rapaz como ele, em um bairro como esse bom e respeitável, não é nada bom. Só durou um mês, e não posso dizer que estou triste por vê-lo partir. Deveria haver leis contra os inquilinos neste bairro, que tiram o piso do valor das casas como eles fazem.

- Dante não está alugando. Ele é o dono. Os amigos dele deixaram de herança.

- Foi isso que ele te disse? – Ela sacudiu a cabeça, me olhando com seus olhos azuis aguçados, como se eu fosse a pessoa mais estúpida do mundo. – Meu genro é o dono dessa casa. Tem estado na família dele por anos. Ele só iria

alugar durante o verão, antes que a economia entrasse em colapso. Antes, quando se podia fazer dinheiro com o turismo. Agora temos que aluga-la para italianos mafiosos.

- Deve estar equivocada... – Comecei a dizer pela segunda vez.

- Revise os registros do condado! Eles não mentem. Não posso dizer o mesmo dos sombrios italianos.

O cachorro corria em círculos em volta das pernas da mulher, atando ela com a coleira. De vez em quando parava e dava a Marcie um grunhido gutural de advertência. Depois voltava a correr em círculos. A mulher se desatou sozinha e caminhou rua a baixo.

Fiquei olhando para ela. Dante era o dono da casa, não estava alugando. Uma sensação esquisita de apossou do meu peito. Se Dante tivesse ido, como ia conseguir mais devilmcraft? Quase não tinha sobrado nada. Só me restava o suficiente para um dia. Dois se eu dividisse ao meio.

- Bom, acho que alguém está mentindo. – Disse Marcie. – Acho que é ela. Nunca confio nos velhos, principalmente nos mal humorados.

Quase não a escutei. Tentei de ligar para o celular de Dante, rezando para que ele respondesse, mas não obtive resposta. Nem sequer o correio de voz dele.

Ajudei a Marcie a levar suas bolsas para dentro, minha mãe desceu as escadas e se juntou a nós.

- Um de seus amigos deixou isso aqui. – Ela disse, me entregando um envelope de papel. – Disse que seu nome era Dante. Deveria conhecer ele? – Insistiu.

Tentei de não ficar ansiosa quando peguei o envelope.

- É um amigo de Scott. – Expliquei.

Minha mãe e Marcie, mantiveram seus olhos sobre o envelope, olhando cheias de expectativa.

- Provavelmente é algo que quer que eu entregue a Scott. – Menti, sem querer gerar atenção extra para a situação.

- Parecia maior que seus amigos. Não estou totalmente a vontade sobre o fato de você sair com meninos mais velhos que você. – Disse minha mãe.

- Como disse, é um amigo de Scott. – Respondi evasivamente.

No meu quarto, respirei fundo e tirei o selo do envelope. Tirei várias fotografias ampliadas. Todas em preto e branco.

As primeiras foram tiradas a noite. Patch passeando por uma rua deserta.

Patch fazendo vigilância na sua moto. Patch falando em um telefone público.

Nada de novo, já que eu sabia que ele estava trabalhando para encontrar o chantagista de Pepper.

A foto seguinte era de Patch e Dabria.

Estavam na nova caminhonete Ford F-150 preta do Patch. Uma pequena garoa atravessava o farol acima deles. Dabria tinha seus braços ao redor do pescoço dele, com um tímido sorriso dançando em seus lábios. Estavam presos em um abraço e Patch não parecia estar oferecendo resistência.

Passei as últimas três imagens rapidamente. Meu estômago revirou e sabia que eu ia vomitar. Beijos.

Dabria beijando Patch. Ali mesmo, nas fotos.

CAPÍTULO 25

EU ESTAVA SENTADA NO CHÃO DO BANHEIRO, MINHAS COSTAS CONTRA O BOX.

Meus joelhos estavam dobrados, e mesmo que o aquecedor estivesse ligado, eu me sentia fria e úmida. Uma garrafa vazia de devilcraft estava posta do meu lado. Era a última do meu suprimento. Eu mal me lembrava de tê-la bebido. Uma garrafa inteira tinha ido, e nada tinha feito por mim. Mesmo isso não poderia me fazer imune ao desespero desalentador.

Eu confiava em Patch. Eu o amava demais para acreditar que ele me magoaria dessa maneira. Tinha que haver uma razão, uma explicação.

Uma explicação. A palavra ecoava na minha cabeça, vazia e provocando.

Uma batida soou da porta.

- “Nós temos que dividir o banheiro, lembra? Eu tenho a bexiga do tamanho de um esquilo,” Marcie disse.

Eu era lenta para me levantar. De todas as coisas absurdas para me preocupar, eu imaginei se Dabria beijava melhor. Se Patch quisesse eu seria mais como ela. Astuta,

fria, sofisticada. Imaginei o exato momento que ele tinha voltado pra ela. Eu imaginava que se ele não tinha terminado comigo ainda era porque ele sabia como eu ficaria devastada.

Ainda.

Um pesado sentimento de incerteza pesou sobre mim.

Eu abri a porta e passei por Marcie. Eu tinha dado cinco passos pelo corredor quando senti seus olhos nas minhas costas.

- “Você está bem?” ela perguntou.

- “Eu não quero falar sobre isso.”

- “Ei, espera aí. Nora? Você está chorando?”

Eu passei meus dedos sob meus olhos, surpresa por descobrir que eu estava chorando. Todo o momento parecia congelado e distante. Como se estivesse

acontecendo muito longe, em um sonho.

Sem me virar eu disse, “Eu vou sair. Você pode me acobertar? Posso não chegar pro toque de recolher.”

Eu parei uma vez no meu caminho para a casa do Patch. Eu desviei o Volkswagen bruscamente para o acostamento, saí de dentro dele, e andei de ombros.

Estava completamente escuro e frio o bastante que eu desejava ter trazido meu casaco.

Eu não sabia o que diria quando visse ele. Eu não queria lançar uma explosão delirante.

Eu não queria me reduzir chorando, também.

Eu tinha trazido as fotos comigo, e no fim, eu decidi que elas poderiam fazer a conversa. Eu as seguraria para ele e limitaria minha pergunta em um sucinto, “Por quê?”

O frio que se instalou dentro de mim como uma geada derreteu no momento que eu vi o Bugatti de Dabria estacionado do lado de fora do condomínio de Patch. Travei a meia quadra de distância, engolindo em seco. Um nó de raiva cresceu na minha garganta, e saí do carro.

Eu prendi minha chave na fechadura da casa e entrei. A única luz vinha de uma lâmpada ligada no fim da mesa da sala de estar. Dabria estava andando pela janela da varanda, mas parou quando me viu.

- “O que você está fazendo aqui?” ela perguntou, visivelmente assustada.

Eu sacudi minha cabeça iradamente. “Não. Essa fala é minha. Essa é a casa do

meu namorado, o que dessa pergunta minha, exclusivamente. Onde ele está?” Eu demandei. Já caminhando para o corredor que leva ao quarto principal.

- “Não se incomode. Ele não está aqui.”

Eu me virei. Dei a Dabria um olhar de incredulidade, nojo e ameaça, todos em um só. “Então. O. Que. Você. Está. Fazendo. Aqui?” Eu enunciei cada palavra, eu podia

sentir a raiva borbulhando dentro de mim e eu não tentei acalmá-la. Dabria tinha

previsto isso.

- “Estou encrencada, Nora.” Seu lábio estremeceu.

- “Eu mesma não poderia ter dito melhor.” Eu arremessei o envelope de fotos para ela.

Caíram perto dos pés dela. “Como se sente sabendo que você é uma ladra de namorados? É isso que faz você se sentir bem, Dabria? Pegar o que não pertence a você? Ou é apenas o ato de destruir uma coisa boa que você gosta?”

Dabria curvou-se para recuperar o envelope, mas ela segurou meus olhos todo o tempo. Suas sobrancelhas enrugaram-se com uma cautelosa dúvida. Eu não podia acreditar que ela tinha a audácia de agir como se não soubesse.

- “Caminhonete no Patch.” Eu enfureci. “Você e ele, alguma noite dessa semana, juntos

na caminhonete dele. Você o beijou!”

Ela quebrou o contato visual apenas o bastante para espreitar dentro do envelope. Ela sentou na almofada do sofá. “Você não...”

- “Oh, eu acho que sim. Você não é tão difícil de descobrir. Você não tem senso de respeito ou dignidade. Você leva o que você quer, e esquece todos os outros. Você queria Patch, e parece que você conseguiu tê-lo.” Agora minha voz travou e meus olhos queimaram. Eu tentei piscar as lágrimas para longe, mas elas estavam vindo muito rápido.

- “Eu estou encrencada porque cometi um erro enquanto fazia um favor para Patch.”

Dabria disse numa voz suave, preocupada, claramente esquecida das minhas acusações. “Patch me disse que Blakely está desenvolvendo devilcraft para Dante, e que o laboratório precisa ser destruído. Ele disse que se eu me deparasse com informações que pudessem levar ele a Blakely, ou ao laboratório, eu deveria dizer a ele imediatamente.”

“Duas noites atrás, bem tarde, um grupo de Nephilins veio até mim, querendo que sua sorte fosse dita. Eu rapidamente soube que eles eram empregados como

guarda costas do exército do Mão Negra. Até aquela noite, eles tinham servido como guardas de um Nephil muito poderoso e importante chamado Blakely. Eles prenderam minha atenção. Eles continuaram me dizendo que o trabalho deles era entediante e rotineiro, e as horas longas. Mais cedo naquela noite, eles tinham concordado em jogar

um jogo de pôquer para passar o tempo, embora jogos ou distrações de qualquer tipo fossem proibidos.”

“Um dos homens deixou seu posto para comprar um baralho. Eles jogaram apenas poucos minutos antes de serem descobertos pelo comandante deles. Ele imediatamente os demitiu e expulsou com desonra do exército. O líder dos soldados demitidos, Hanoth, estava desesperado para ter seu emprego de volta. Ele tem família aqui e se preocupa em ajuda-los, e a segurança deles se eles forem punidos ou expulsos pelos crimes dele. Ele veio para mim, esperando que eu dissesse a ele se haveria alguma chance dele ter seu emprego de volta.”

“Eu disse a sorte dele primeiro. Senti um grande estímulo para dizer a Hanoth a verdade: que seu ex-comandante procurou prender e torturar ele, e ele deveria deixar a

cidade imediatamente com sua família. Mas também que se eu dissesse isso a ele, perderia toda a esperança de encontrar Blakely. Então eu menti. Menti por Patch.”

“Eu disse a Hanoth que ele deveria resolver suas preocupações diretamente

com Blakely. Eu disse que se ele implorasse por perdão, Blakely o perdoaria. Eu sabia que se Hanoth acreditasse na minha profecia, ele me levaria até Blakely. Eu queria fazer

isso por Patch. Depois de tudo que ele tem feito por mim, me dando uma segunda chance quando ninguém mais deu” – seus olhos marejados piscaram para os meus – “era o mínimo que eu podia fazer. Eu o amo,” ela declarou simplesmente, encontrando meu olhar duro, sem vacilar. “Sempre irei. Ele foi meu primeiro amor, e não vou esquecê-lo. Mas ele ama você agora.” Ela deu um olhar desanimado. “Talvez chegue o

dia em que vocês não estejam tão sérios, e eu estarei esperando.”

- “Não conte com isso,” eu disse. “Continue falando. Chegue na parte em que você explica essas fotos.” Eu olhei para o envelope no sofá. Ele parecia tomar muito espaço na sala. Eu queria rasgar as fotos e arremessar o que restasse na lareira.

- “Hanoth pareceu acreditar na minha mentira. Ele partiu com seus homens, e eu os segui. Tomei todo o cuidado pra não ser detectada. Eles me deixavam em desvantagem, e se eles me pegassem, eu sabia que estaria em grande perigo.”

“Eles deixaram Coldwater, sentido Nordeste. Eu os segui por mais de uma hora.

Eu achei que devia estar chegando perto de Blakely. As cidades tinham ficado pra trás e nós estávamos longe na zona rural. Os nephilins desceram uma estrada estreita, e eu

seguí.

Aí então, que eu soube que tinha algo errado. Eles estacionaram no meio da estrada. Quatro dos cinco saíram do carro. Eu os senti apressando-se para sair, aos meus lados e atrás de mim, criando uma rede na escuridão para me cercar. Eu não sei como eles descobriram que eu estava seguindo eles. Eu dirigi todo o caminho com os faróis apagados e fiquei longe o bastante que eu quase perdi eles várias vezes.

Temendo que já fosse tarde demais, eu fiz a única coisa que eu podia. Corri a pé em direção ao rio.

Eu chamei Patch, dizendo tudo para ele em uma mensagem. Então eu atravessei a correnteza do rio, esperando que a turbulência da água diminuísse a habilidade deles

de me ouvirem ou me sentirem.

Eles chegaram perto de mim muitas vezes. Eu tive que deixar o rio e correr para a floresta. Eu não podia dizer em qual direção eu estava correndo. Mas mesmo se eu corresse até uma cidade, eu não estaria a salvo. Se alguém testemunhasse Hanoth e seus homens me atacando, os nephilins apenas apagariam suas memórias. Então eu corri o mais rápido e mais longe que eu pude.

“Quando Patch finalmente ligou de volta, eu estava escondida numa serraria abandonada. Eu não sei quanto tempo mais eu teria continuado correndo. Não muito.” Lágrimas brilharam nos olhos dela. “Ele veio para mim. Ele me tirou de lá. Mesmo quando eu falhei em encontrar Blakely.” Ela alisou o cabelo atrás da orelhas e fungou. “Ele me levou até Portland e garantiu que eu tivesse um lugar seguro para ficar. Antes de eu sair da caminhonete dele, eu o beijei.” Os olhos dela encontraram os meus. Eu não sabia dizer se eles brilhavam com um desafio ou um pedido de desculpas. “Eu comecei, e ele imediatamente terminou. Eu sei o que parece nas fotos, mas era meu modo de agradecer a ele. Tinha acabado antes de começar. Ele fez questão disso.” Dabria estremeceu de repente, como se fosse puxada por uma mão invisível. Seus olhos rolaram e ficaram brancos por um momento, e então voltaram ao habitual azul ártico. “Se você não acredita em mim, pergunte para ele. Ele estará aqui em menos de um minuto.”

CAPÍTULO 26

EU NUNCA ACREDITEI QUE DABRIA VERDADEIRAMENTE TINHA O DOM DA

CLARIVIDÊNCIA E PROFECIA – não depois que ela tinha caído, de qualquer maneira – mas ela estava fazendo um bom trabalho recentemente de convencer-me a mudar a minha opinião.

Menos de um minuto depois, a porta da garagem do Patch abriu com um zumbido baixo, e ele apareceu no topo da escada. Ele parecia um pouco pior para o desgaste - linhas de cansaço gravaram seu rosto, e seus olhos tinham uma ponta de cansaço - e ver Dabria e eu de pé em um confronto em sua sala de estar não parece melhorar seu humor.

Ele considerava-nos com olhos escuros, avaliando. "Isso não pode ser bom."

- "Eu vou primeiro", Dabria começou, sugando a respiração tremendo.

- "Nem perto", eu respondi. Eu encarei Patch diretamente, cortando Dabria de fora da conversa. "Ela beijou você! E Dante, que tem seguido você, por sinal, pegou a câmera.

Imagine minha surpresa quando é isso que eu tenho uma completa visão de hoje mais cedo. Você ao menos pensou em me contar?"

- "Eu disse a ela que eu beijei você, e que você me afastou", Dabria protestou estridentemente.

- "O que você ainda está fazendo aqui?" Eu explodi com Dabria. "Isso é entre mim e Patch. Saia já!"

- "O que você está fazendo aqui?" Patch ecoou para Dabria, seu tom de nitidez.

- "Eu - despedacei," ela estalou. "Eu estava com medo. Eu não conseguia dormir. Eu não consigo parar de pensar Hanoth e nos outros nephilins."

- "Você deve estar brincando comigo", eu disse. Eu olhei para Patch para aprovação, esperando que ele não ia se cair na estratégia de donzela indefesa dela.

Dabria tinha vindo aqui esta noite à procura de um determinado tipo de conforto, e eu não aprovo. Nem um pouco.

- "Volte para o esconderijo," Patch ordenou Dabria. "Se você ficasse, você estaria segura." Apesar de seu cansaço, as suas palavras adotaram uma nota dura. "Esta é a última vez que eu vou dizer para você manter sua cabeça baixa e ficar fora de problemas."

- "Por quanto tempo?" Dabria praticamente choramingou. "Estou sozinha lá. Todo mundo na casa é humano. Eles olham para mim engraçado." Seus olhos insistiram com ele. "Eu posso te ajudar. Desta vez eu não vou cometer erros. Se você me deixar ficar aqui."

- "Vá," Patch ordenou-lhe bruscamente. "Você já despertou bastantes problemas. Com Nora, e com os Nephilins que você seguiu. Não podemos ter certeza de que conclusões eles tiraram, mas uma coisa é certa. Eles sabem que você está atrás Blakely.

Se eles têm um cérebro pelo menos, eles também descobriram que significa que você sabe por que Blakely é vital para a operação deles, e o que ele está fazendo naquele laboratório secreto dele, onde quer que seja. Eu não ficaria surpreso se eles mudaram toda a operação. E estamos de volta ao estágio um, menos perto de encontrar Blakely e incapacitar o devilmcraft,"Patch adicionou com frustração.

- "Eu só estava tentando ajudar", Dabria sussurrou, os lábios tremendo. Com um último

olhar para Patch que se assemelhava ao de um cachorro repreendido, ela saiu.

O que deixou eu e Patch sozinhos. Ele atravessou a sala sem hesitar, mesmo que eu tenha certeza de que a minha expressão estava longe de ser convidativa. Ele descansou

sua testa contra a minha e fechou os olhos. Ele exalou, longo e lento, como sob um peso de uma força invisível.

- "Eu sinto muito", ele disse calmamente e com remorso genuíno.

As palavras amargas, 'Sente sobre o beijo, ou simplesmente sente por eu vi?'

Estavam na ponta da língua, pronta para sair, mas eu as engoli de volta. Eu estava

cansado de arrastar meu próprio peso invisível – compreendido com ciúmes e dúvida.

O arrependimento de Patch era tão forte que era quase palpável. Por mais que eu não gostasse e desconfiasse de Dabria, eu não podia culpá-lo por salvar seu traseiro. Ele era um homem melhor do que ele se deu crédito. Eu suspeitava que anos atrás, um Patch muito diferente teria respondido com a situação de outra maneira. Ele estava dando uma segunda chance Dabria - algo que ele, também, lutava diariamente.

- "Eu também sinto muito," eu murmurei no peito de Patch. Seus braços fortes dobraram-me para um abraço. "Eu vi as fotos, e eu nunca estive tão chateada ou com medo. O pensamento de perder você foi - inimaginável. Eu estava tão zangada com ela. Eu ainda sou. Ela beijou você quando ela não deveria. E pelo que eu sei, ela vai tentar de novo."

- "Ela não vai, porque eu vou deixar muito claro como as coisas estão a ser entre nós a

partir de agora. Ela cruzou a linha, e eu vou fazê-la pensar duas vezes antes de fazer isso de novo," Patch disse com determinação. Ele inclinou meu queixo para cima e me beijou, deixando os lábios permanecem quando ele falava. "Eu não estava esperando para voltar para casa com você, mas agora que você está aqui, eu não tenho nenhuma

intenção de deixá-la ir."

Quente, a culpa dolorida passou por mim. Eu não poderia estar perto de Patch e não sentir minhas mentiras penduradas entre nós. Eu menti para ele sobre devilmcraft. Eu ainda estava mentindo. Como eu poderia ter feito isso? Desgosto ferveu em mim, cheio de vergonha e repugnância. Eu queria confessar tudo, mas por onde começar? Eu

tinha sido tão negligente, deixando as mentiras arderem fora de controle.

Eu abri minha boca para lhe dizer a verdade, quando mãos geladas pareceram deslizar pelo meu pescoço e apertá-lo. Eu não podia falar. Eu mal podia respirar. Minha

garganta cheia de matéria espessa, como quando eu tinha tomado devilmcraft pela

primeira vez. Uma voz externa penetrou em minha mente e raciocinou comigo.

Se eu dissesse a Patch, ele nunca confiaria em mim novamente. Ele nunca me perdoaria. Eu só iria lhe causar mais dor, se eu dissesse a ele. Eu só tinha que passar pelo Cheshvan, e então eu pararia de tomar devilmcraft. Apenas um pouco mais. Apenas

mais algumas mentiras.

As mãos frias relaxaram. Eu respirei duramente.

- "Noite ocupada?" Eu perguntei a Patch, querendo avançar em nossa conversa qualquer coisa para esquecer minhas mentiras.

Ele suspirou. "E não mais perto de derrubar o chantagista de Pepper. Eu fico pensando que tem que ser alguém que eu observei, mas talvez eu esteja errado. Talvez

outro alguém. Alguém fora do meu radar. Eu tenho perseguido cada pista, mesmo aqueles que parecem uma ligação. Tanto quanto eu posso dizer, todo mundo está

limpo."

- "Existe uma chance de Pepper está inventando? Talvez ele não esteja realmente sendo chantageado." Foi a primeira vez que eu considerava isso. O tempo todo eu tinha confiado na história dele, quando ele tinha provado ser qualquer coisa, menos digno de confiança.

Patch franziu a testa. "É possível, mas eu não acho. Por que ter o trabalho de fazer uma história tão elaborada?"

- "Porque ele precisa de uma desculpa para prender você no inferno", sugeri calmamente, apenas agora pensando nisso. "E se os arcanjos o colocaram nisso? Ele disse que está aqui na Terra em uma atribuição deles. Eu não acreditei nele primeiro, mas que se ele realmente está? E se os arcanjos o deram a tarefa de te trancar no inferno? Não é nenhum segredo que eles querem isso."

- "Legalmente, eles precisam de um motivo para me trancar no inferno." Patch coçou o

queixo, pensativo. "A menos que tenham ido tão longe ao fundo do poço, eles não se incomodam mais em ficar dentro da lei. Eu definitivamente acho que há alguns ovos podres no grupo, mas eu não acho que a população arcanjos inteira foi corrompida."

- "Se Pepper está em uma missão para um pequeno grupo de arcanjos, e os outros descobrirem ou suspeitarem do jogo sujo, os empregados de Pepper tem o disfarce perfeito: Eles podem alegar que ele foi desonesto. Eles tirar suas asas fora antes que ele pudesse testemunhar, e estariam fora de perigo. Isso não parece tão absurdo para mim. Na verdade, parece que o crime perfeito. "

Patch olhou para mim. A plausibilidade da minha teoria parecia resolver sobre nós um frio nó na garganta.

- "Você acha que é Pepper está a trabalho de um grupo de arcanjos desonestos para se

livrar de mim de vez", disse ele lentamente esse último.

- "Você conhecia Pepper antes de você cair? Como ele era?"

Patch balançou a cabeça. "Eu o conhecia, mas não bem. Mais como eu sabia

dele. Ele tinha uma reputação como um liberal, especialmente frouxo em questões sociais. Eu não estou surpreso que ele caiu nos jogos de azar, mas se bem me lembro,

ele estava envolvido em meu julgamento. Ele deve ter votado para me banir; estranho, uma vez que está em desacordo com a sua reputação ".

- "Você acha que podemos fazer Pepper voltar-se contra os arcanjos? Sua vida dupla pode ser parte de seu disfarce. . . em seguida, novamente, ele poderia estar desfrutando de seu tempo aqui só um pouco demais. Se aplicarmos o tipo certo de pressão, ele pode falar. Se ele nos diz que uma facção secreta dos arcanjos o enviou aqui te prender no inferno, pelo menos, nós sabemos o que estamos enfrentando. "

Um sorriso pouco perigoso apertou a boca do Patch. "Eu acho que é hora de encontrar

Pepper."

Eu balancei a cabeça. "Tudo bem. Mas você vai jogar este jogo do lado de fora.

Eu não quero que você chegue perto de Pepper. De agora em diante, temos de assumir que ele faria qualquer coisa te prender no inferno. "

As sobrancelhas de Patch se juntaram. "O que você está propondo, Anjo?"

- "Vou me encontrar com Pepper. E eu vou levar Scott comigo. Nem pense em discutir comigo," eu disse em advertência antes que ele pudesse vetar a ideia. "Você levou Dabria como reserva em mais ocasiões do que eu quero pensar. Você jurou para mim foi um movimento tático e nada mais. Bem, agora é a minha vez. Estou levando Scott, e ponto final. Até onde eu sei, Pepper não está segurando todos os bilhetes de ida para o inferno com o nome Scott neles."

A boca de Patch se diluiu e seus olhos escureceram, eu praticamente podia sentir a objeção irradiando dele. Patch não tinha cordialidade pelo Scott, mas ele não poderia jogar aquela carta, isso faria dele um hipócrita.

- "Você vai precisar de um plano reserva," ele disse por fim. "Eu não vou deixar você fora da minha vista se há alguma chance das coisas irem ralo abaixo."

Sempre havia uma chance das coisas darem errado. Se eu tinha aprendido alguma coisa durante meu tempo com Patch, foi isso. Patch sabia disso também, e eu me perguntava se isso era parte do plano dele para me impedir de ir. Eu de repente me

senti como Cinderella, impedida de ir ao baile por um pequeno detalhe.

- "Scott é mais forte do que você tem dado crédito a ele," eu argumentei. "Ele não vai deixar nada acontecer comigo. Eu terei certeza que ele entenda que ele não pode conta a uma única alma que eu você ainda estamos muito juntos."

Os olhos negros de Patch ferviam. "E eu terei certeza que ele entenda que se um único cabelo da sua cabeça for perdido, ele terá que lidar comigo. Se ele tiver alguma noção, é uma ameaça que ele vai levar a sério."

Eu sorri tensamente. "Então está decidido. Tudo que precisamos agora é de um plano."

A noite seguinte era sábado. Depois de contar pra minha mãe que eu ia ficar todo o fim de semana na casa da Vee e nós iríamos juntas para a escola na segunda, Scott e eu fizemos uma viagem para o Devil's Handbag. Nós não estávamos interessados em músicas ou bebidas, e sim no porão. Eu tinha ouvido rumores sobre o porão, um emergente paraíso de jogos de azar, mas nunca tinha realmente entrado. Coisa que Pepper não poderia dizer o mesmo. Patch tinha nos suprido com uma lista dos refúgios favoritos de Pepper, e eu esperava que Scott e eu tivéssemos sorte na nossa primeira tentativa.

Ambos tentamos parecer sofisticados e sinceros, eu segui Scott pelo bar. Ele estava mascando chiclete, parecendo tão relaxado e confiante como sempre. Eu, por outro lado, estava suando tanto que sentia como se precisasse se outro banho.

Eu sacudi meu cabelo para um visual elegante e maduro. Atirada em algum delineador líquido, batom, saltos de 10 centímetros e uma bolsa de ponta emprestada por Marcie, eu tinha magicamente envelhecido 5 anos. Dado o físico totalmente desenvolvido e intimidador de Scott, eu não acho que ele tenha que se preocupar em

mostrar a identidade. Ele usava aros de prata minúsculos em suas orelhas, enquanto seu cabelo estava estreitamente cortado, ele conseguiu parecer ao mesmo tempo resistente e bonito. Scott e eu éramos apenas amigos, mas eu podia facilmente apreciar o que Vee viu nele. Liguei meu braço através do dele, um sinal de ser sua namorada, enquanto ele sinalizou para falar com o barman.

- “Nós estamos procurando o Storky,” Scott disse para o barman, inclinando-se para manter sua voz baixa.

O barman, que eu nunca tinha visto antes, nos olhou astutamente. Eu encontrei seu olhar, tentando manter meus olhos frios. Não pareça nervosa, eu disse para mim

mesma. E o que quer que você faça, não aparente como se tivesse algo a esconder.

- “Quem está procurando?” ele perguntou ríspidamente por fim.

- “Nós soubéssemos que tem jogos de apostas altas essa noite,” Scott disse, pegando uma pilha de centenas alinhadas perfeitamente dentro da sua carteira.

O barman elevou seus ombros e voltou para limpar o bar. “Não sei do que você está falando.”

Scott colocou uma das notas no bar, cobrindo-a com a mão. Ele a deslizou em direção ao barman. “Que pena. Tem certeza que não podemos convencer você a repensar?”

O barman olhou a nota de cem dólares. “Eu já vi você por aí?”

- “Eu toco baixo no Serpentine. Eu também tenho jogava pôquer de Portland a Concord, para Boston, e todo o resto.”

Um nó de reconhecimento. “É isso. Eu trabalhava de noite no Z Pool Hall no Springvale.”

- “Boas lembranças do lugar,” Scott disse sem perder o ritmo. “Ganhei muito dinheiro. Perdi ainda mais.” Ele sorriu como se partilhasse uma piada particular com o barman. Deslizando sua mão com a de Scott, e olhando ao redor para ter certeza de que não estava sob vigilância, o barman embolsou a nota. “Tenho que revistar vocês primeiro,” ele nos disse. “Armas não são permitidas lá embaixo.”

- “Sem problemas.” Scott respondeu facilmente.

Eu comecei a suar ainda mais. Patch nos avisou que eles estariam à procura de armas, facas, e qualquer outro objeto pontiagudo que pudesse ser usado como arma. Então tivemos que ser criativos. O cinto segurando a calça de Scott, e escondido embaixo de sua camisa, era da verdade um chicote encantado com devilcraft. Scott tinha jurado de pés juntos que ele não estava ingerindo devilcraft, e que nunca tinha

ouvido falar da super bebida, mas eu percebi que poderia muito bem fazer uso do chicote encantado que ele tinha tirado do carro de Dante por um capricho. O chicote brilhava na sombra reveladora de um azul iridescente, mas desde que o barman não levantasse a camisa de Scott, ele estaria seguro.

À convite do barman, Scott e eu caminhamos pelo bar, fomos para trás de uma tela de privacidade e levantamos nossos braços. Eu fui primeiro, passando por um breve, superficial tapinha para baixo. O barman se moveu para Scott, escovando a parte de dentro de suas pernas e dando batidas nos braços e costas. Estava escuro atrás do bar, e mesmo se Scott estivesse usando uma espessa camisa de algodão, eu pensei ter visto o brilho do chicote vagamente através dela. O barman pareceu ter visto

também. Suas sobrancelhas se juntaram, e ele alcançou a camisa de Scott.

Eu deixei minha bolsa cair nos pés dele. Várias notas de cem dólares foram derramadas. Só assim, a atenção do barman foi puxada para o dinheiro. “Oops,” eu disse, fingindo um sorriso sedutor enquanto eu colocava as notas para dentro. “Esse dinheiro está ardendo no buraco. Pronto para jogar, coisa gostosa?”

Coisa gostosa? Scott ecoou nos meus pensamentos. Ótimo. Ele sorriu e inclinou-se para me beijar, forte, na boca. Eu estava tão surpresa com isso, que eu congelei com o toque dele.

Relaxa. Ele falou na minha mente. Estamos quase dentro.

Dei um aceno com a cabeça quase imperceptível. “Você vai ganha muito essa noite, baby, eu posso sentir isso,” eu sussurrei,

O barman destrancou a grande porta de metal, e agarrando a mão de Scott, o segui por uma escura e não convidativa escadaria que cheirava a mofo e água parada. Ao fundo, nós seguimos o corredor em volta de várias curvas, até sairmos num lugar aberto pouco decorado com mesas de pôquer. Uma única lâmpada pendurado em cima de cada mesa, derramando a a mínima luz. Sem música, sem bebida, sem calor, uma recepção acolhedora.

Uma mesa estava em uso – quatro jogadores – e eu instantaneamente achei Pepper. Ele estava de costas para nós, e ele não se virou com a nossa aproximação. Não é incomum. Nenhum dos outros jogadores olhou para nós também. Eles estavam todos sintonizados com atenção para as cartas em suas mãos. Fichas de pôquer ficaram em torres arrumadas no centro da mesa. Eu não tinha ideia de quanto dinheiro estava envolvido, mas eu apostava que aquele que perdesse iria sentir, e profundamente.

- “Estamos procurando por Pepper Friberg.” Scott anunciou. Ele manteve seu tom leve, mas o modo que seus músculos incharam quando ele cruzou os braços enviaram uma mensagem diferente.

- “Desculpe, querido, meu cartão de dança está completo para a noite,” Pepper atirou de volta cinicamente, remoendo a mão que ele tinha sido abordado. Eu o estudei mais de perto, achando que ele estava muito envolvido no jogo para este ser um disfarce. De fato, ele parecia tão sugado que ele aparentemente não tinha percebido que eu estava de pé do lado de Scott.

Scott pegou uma cadeira da mesa ao lado e abriu espaço para a direita ao lado de Pepper. “Eu tenho dois pés esquerdos de qualquer modo. Seria melhor você dançar com... Nora Grey.”

Agora Pepper reagiu. Ele colocou suas cartas viradas para baixo, virou o corpo, cheio de si para me ver por si mesmo.

- “Olá, Pepper. Já faz um tempo.” Eu disse. “Da última vez que nos encontramos, você tentou me sequestrar, não estou certa?”

- “Sequestro é um crime federal para nós moradores da Terra,” Scott entrou na

conversa. “Alguma coisa me diz que é visto com maus olhos no Céu, também.”

- “Mantenha sua voz baixa,” Pepper rosnou, nervosamente olhando os outros jogadores.

Eu levantei minhas sobrancelhas, falando diretamente com os pensamentos de Pepper. ‘Você não contou para seus amigos humanos o que você realmente é? Embora

eu ache que eles ficariam felizes em descobrir que suas habilidades no pôquer têm muito mais a ver com controle mental do que sorte ou habilidade.’

- “Vamos lá pra fora,” Pepper me disse, dobrando o jogo.

- “Assim que você for,” Scott disse, levantando-o pelo cotovelo.

No beco atrás do Devil's Handbag, eu falei primeiro. “Nós vamos simplificar para você Pepper. Tão divertido quanto foi você ter me usado para chegar ao Patch, eu

estou pronta para seguir em frente. O modo que eu entendo, isso só vai acontecer quando eu realmente descobrir quem está chantageando você,” eu disse, testando ele.

Eu queria contar a ele minha teoria: que ele estava bancando o garoto de recados para

um grupo secreto de arcanjos e precisava de uma desculpa meio decente para enviar Patch para o inferno. Mas em nome de jogar seguramente, eu decidi adiar e ver como isso o balançou.

Pepper olhou para mim, suas características tanto insatisfeitas quanto céticas.

“Que história é essa?”

- “O que é onde nós entramos,” Scott entrou na conversa. “Estamos motivados a encontrar seu chantagista.”

Pepper estreitou os olhos ainda mais em Scott. “Quem é você?”

- “Pense em mim como a bomba relógio embaixo do seu assento. Se você não tomar a decisão de concordar com os termos da Nora, Eu farei isso por você.” Scott começou a arregaçar as mangas.

- “Você está me ameaçando?” Pepper perguntou incrédulo.

- “Aqui estão minhas condições,” eu disse, “encontraremos seu chantagista, e o entregaremos à você. O que queremos em troca é simples. Faça um juramento para deixar Patch em paz.” Bati um palito de dentes pontudo na palma carnuda de Pepper. Desde que o barman tinha me revistado, era o melhor que eu podia fazer. “Um pouco de sangue e algumas palavras sinceras devem fazer o truque.” Se eu o fizesse fazer um

juramento, ele teria que se esgueirar de volta para os arcanjos com o rabo entre as pernas e confessar o fracasso. Se ele se recusasse, apenas daria mais validade a minha teoria.

- “Arcanjos não juram votos de sangue,” Pepper zombou.

Aquecendo, eu pensei.

“Será que eles enviam aos anjos caídos que estão no inferno um carinha?” Scott perguntou.

Pepper olhou para nós como se estivéssemos loucos. “Sobre o que vocês estão delirando?”

- “Como é a sensação de ser peão dos arcanjos?” eu perguntei.

- “O que eles te oferecem em retorno?” Scott demandou?

- “Os arcanjos não estão aqui embaixo,” eu disse. “Você está sozinho. Você realmente quer ir contra Patch sozinho?” ‘Qual é, Pepper,’ eu pensei. ‘Me diga o que eu quero ouvir. Que essa história inventada de chantagem é uma desculpa para cumprir sua missão para um grupo de arcanjos desonestos para se livrar de Patch.’

A expressão de Pepper de descrença se aprofundou, e eu aproveitei o seu

silêncio. “Você vai fazer o juramento agora, Pepper.”

Scott e eu nos aproximamos dele.

- “Sem juramento!” Pepper gritou. “Mas eu vou deixar Patch em paz – eu prometo!”

- “Se eu apenas pudesse confiar em você para manter sua palavra,” eu retornei. “O problema é, que eu não acho que você é um cara muito honesto. De fato, eu acho que toda essa coisa de chantagem é uma estratégia.”

Os olhos de Pepper se alargaram com o entendimento. Ele gaguejou em

descrença, seu rosto ficando rosa. “Deixa eu ver se eu entendi. Você acha que eu estou

atrás de Patch por me chantagear?” ele guinchou por fim.

- “É,” Scott forneceu. “Sim, nós achamos.”

- “É por isso que ele tem se recusado a me encontrar? Por que ele acha que eu quero trancafia-lo no inferno? Eu não estava ameaçando ele!” Pepper gritou, seu rosto redondo ficando mais corado pelo momento. “Eu queria oferecer um emprego a ele. Estive tentando conseguir o tempo todo!”

Scott e eu falamos ao mesmo tempo. “Um trabalho?” Nós compartilhamos um olhar cético e apressado.

- “Você está falando a verdade?” eu perguntei a Pepper. “Você realmente tem um emprego para Patch – só isso?”

- “Sim, sim, um trabalho,” Pepper rosnou. “O que você achou? Caramba, que bagunça. Nada saiu como deveria.”

- “Qual o trabalho?” eu o interroguei.

- “Como se eu fosse te contar! Se você tivesse me ajudado a alcançar Patch em tempo,

eu não estaria em uma confusão. Essa coisa toda é sua culpa. Minha oferta de trabalho

é para Patch, e Patch sozinho!”

- “Deixe-me ver se entendi,” eu disse. “Você não acha que Patch está te chantageando?”

- “Por que eu imaginaria quando eu já sei quem está me chantageando?” ele disparou de volta, irritado.

- “Você sabe quem é o chantagista?” Scott repetiu.

Pepper me lançou um olhar de repulsa. “Tire essa nephil da minha frente. Se eu sei quem está me chantageando?” ele bufou impientemente. “Sim! Eu deveria encontrá-lo hoje a noite. E vocês nunca vão adivinhar quem é.”

- “Quem?” eu perguntei.

- “Ha! Seria muito amável se eu pudesse te dizer, não seria? O problema é, que o chantagista me fez jurar não revelar sua identidade. Não se incomodem em sondar. Meus lábios estão selados, literalmente. Eles disseram que ligaram com o local do encontro vinte minutos antes de eu ter que estar lá. Se eu não acobertar essa bagunça logo, os arcanjos vão estar no meu rastro.” Ele adicionou, torcendo suas mãos. Eu notei

que seu comportamento rapidamente mudou para medo na menção de outros arcanjos.

Eu tentei permanecer estável. Não esse o movimento que eu esperava que ele fizesse. Eu me perguntei se essa era uma tática para nos tirar do seu rastro – ou nos levando para uma armadilha. Mas o suor brilhando em sua sobrancelha e o olhar desesperado de seus olhos parecia genuíno. Ele queria que isso acabasse tanto quanto nós queríamos.

- “Meu chantagista quer que eu encante objetos usando todos os poderes do Céu que todos os arcanjos possuem.” Pepper limpou a testa cor de rosa com um lenço. “É por isso que eles estão me ameaçando.”

- “Que objetos?” eu perguntei.

Pepper sacudiu a cabeça. “Eles vão trazê-los no encontro. Eles disseram que se eu os encantasse de acordo com as suas especificações, eles me deixarão em paz. Eles não

entendem. Mesmo se eu encantasse os objetos, os poderes do Céu só podem ser

usados para o bem. Quaisquer que sejam as ideias do mal que eles estejam tramando,

não irão funcionar.”

- “Entretanto, você realmente está considerando fazer isso?” eu perguntei em reprovação.

- “Eu preciso tirar eles das minhas costas! Os arcanjos não podem saber o que eu tenho

estado fazendo. Eu serei banido. Eles arrancarão minhas asas e tudo estará terminado.

Eu ficarei preso aqui embaixo para sempre.”

- “Nós precisamos de um plano,” Scott disse. “Vinte minutos entre a ligação e o encontro não nos dão muito espaço de manobra.”

- “Quando seu chantagista ligar, concorde com o encontro,” eu instruí Pepper. “Se eles disserem para você ir sozinho, diga que você irá. Soe tão complacente e cooperativo o quanto você poder sem exagerar.”

- “E então o que?” Pepper perguntou, agitando os ombros como se para arejar suas axilas. Eu tentei não encarar. Nunca poderia imaginar que o primeiro arcanjo que eu encontraria seria um rato tão chorão e covarde. Muito para os arcanjos dos meus sonhos – poderosos, inevitáveis, oniscientes, e talvez mais importante, exemplares.

Eu fixei meus olhos nos de Pepper. “E então eu e Scott iremos no seu lugar, derrubar o

chantagista, e os entregar para você.”

CAPÍTULO 27

- “O QUÊ! VOCÊ NÃO PODE FAZER ISSO!” Pepper cuspiu as palavras

veementemente. “Eles não vão ficar felizes, e irão se recusar a trabalhar comigo. Pior, eles podem ir diretamente aos arcanjos!”

- “Seu chantagista não trabalha mais com você. De agora em diante, ele ou ela lida

diretamente conosco,” eu disse. “Scott e eu vamos recuperar os objetos que eles querem que sejam encantados, e nós precisaremos da sua cooperação para avaliá-los.

Se você puder nos dizer o que eles pretendem utilizando-os, a informação pode ser valiosa.”

- “Como eu mesmo posso saber se posso confiar em você?” Pepper disse em um estridente protesto.

- “Há sempre um juramento de sangue...” eu deixei a ideia balançar. “Eu vou jurar minhas intenções, e você vai jurar ficar longe de Patch. A menos, é claro, que você ainda seja bom demais para fazer um juramento.”

- “Isso é horrível,” Pepper disse, puxando a gola como se estivesse apertando-o. “Que confusão.”

- “Scott e eu teremos uma equipe no local. Nada vai dar errado,” eu reassegurei a Pepper, e então adicionei uma rápida instrução particularmente falando em sua mente: ‘Mantenha ele calmo enquanto eu ligo para Patch, você pode?’

Eu caminhei para o fim do beco antes de fazer a ligação. Folhas secas passaram pelos meus pés, e eu me aconcheguei mais fundo no meu casaco para me aquecer. De

todas as noites para sair, eu tinha escolhido a mais fria. Geava um pouco na minha pele

e fez meu nariz escorrer. “Sou eu. Pegamos o Pepper.”

Eu ouvi o suspiro de alívio de Patch.

- “Eu não acho que sua vida dupla é uma farsa,” eu continuei. “Ele tem um verdadeiro problema com jogos de azar. Também não acho que ele está em uma missão dos arcanjos para prender você no inferno. Ele deve ter descido aqui como uma atribuição

originalmente, mas ele desistiu em prol de se entregar ao estilo de vida humano. Agora a grande notícia. Ele sabe que você não o está chantageando – todo esse tempo ele tem tentado te oferecer um trabalho.”

- “Que trabalho?”

- “Ele não disse. Eu acho que ele largou isso. Ele tem problemas maiores para se preocupar. Ele marcou de encontrar com o verdadeiro chantagista hoje a noite.” Eu não

disse o resto, mas eu não parava de pensar naquilo. Eu estava tão confiante de que Dabria estava por detrás disto, que eu podia apostar minha vida. “Nós não sabemos a hora ou o local do encontro ainda. Quando o chantagista ligar para Pepper, nós teremos um espaço de vinte minutos. Precisaremos agir depressa.”

- “Você acha que é uma armadilha?”

- “Eu acho que Pepper é um covarde, e ele está contente que nós estamos indo e ele não precisa.”

- “Estou pronto.” Patch disse sombriamente. “Assim que eu souber para onde estamos indo, eu vou te encontrar lá. Faça uma última coisa por mim, Anjo.”

- “Diga.”

- “Eu quero te encontrar sã e salva quando isso acabar.”

A ligação veio dez minutos antes da meia noite. Pepper não poderia ter dado respostas melhores se ele as tivesse ensaiado. “Sim, eu irei sozinho.” “Sim eu vou encantar os objetos.” “Sim, eu posso estar no cemitério em vinte minutos.”

No instante em que ele desligou, eu disse, “Qual cemitério? O de Coldwater?”

Um aceno. “Dentro do mausoléu. Eu devo esperar lá para mais instruções.”

Me virei para Scott. “Só há um mausoléu no cemitério da cidade. Bem do lado do túmulo do meu pai. Nós mesmos não poderíamos ter escolhido um lugar melhor. Há árvores e lápides por todo lugar, e vai estar escuro. O chantagista não será capaz de

dizer que é você no mausoléu, e não Pepper, até que seja tarde demais.”

Scott puxou o capuz preto que ele estava carregando a noite inteira sobre sua cabeça, deixando-o cobrir parte de seu rosto. “Eu sou muito mais alto do que Pepper.” Ele disse duvidosamente.

- “Ande curvado. Seu moletom é folgado o suficiente que eles não serão capazes de notar a diferença à distância.” Eu encarei Pepper. “Dê-me seu número. Mantenha a

linha disponível. Eu vou te ligar no minuto que tivermos seu chantagista.”

- “Eu tenho um mau pressentimento,” Pepper disse, enxugando as mãos em suas calças.

Scott levantou seu capuz, revelando a Pepper seu cinto incomum, que estava brilhando em um azul celeste. “Não estamos indo despreparados.”

Os lábios de Pepper se apertaram, mas não antes de um gemido de desaprovação escapar. “Devilcraft. Os arcanjos nunca podem saber que eu estava envolvido nisso.”

- “Assim que Scott imobilizar seu chantagista, Patch e eu vamos nos apressar. Isso é tão

simples quanto parece,” eu expliquei para Pepper.

- “Como você sabe que eles não terão seu próprio plano B?” ele desafiou.

Uma imagem de Dabria atravessou minha mente. Ela só tinha um único amigo, e mesmo assim estava colocando gentilmente. Pena que o único amigo seria necessário para fazê-la cair hoje a noite. Mal podia esperar para olhar na cara dela quando Patch espetasse um agudo, e esperançosamente áspero, objeto nas cicatrizes de suas asas.

- “Se vamos fazer isso, temos que detonar,” Scott me disse, olhando para seu relógio. “Temos menos de quinze minutos.”

Eu agarrei a manga de Pepper antes que ele pudesse fugir. “Não esqueça sua parte do acordo, Pepper. Uma vez que tivermos seu chantagista, Você e ele terminam por aí.”

Ele acenou com a cabeça seriamente. “Eu vou deixar Patch em paz. Você tem minha palavra.” Eu não gostei da faísca de malícia que parecia incendiar momentaneamente o fundo dos seus olhos. “Mas eu não posso fazer nada se ele vier me procurar,” ele adicionou enigmaticamente.

CAPÍTULO 28

SCOTT DIRIGIU SEU CARRO POR TODA A CIDADE, ENQUANTO EU CARREGAVA A

ESPINGARDA. Tinha abaixado o volume do rádio, com Radiohead tocando. Suas feições duras, apareciam e desapareciam, enquanto passávamos por baixo dos postes

de luzes das ruas. Ele dirigia com as duas mãos no volante, em uma posição de 'dez para as duas'.

- Nervoso? - Perguntei a ele.

- Não me insulte, Grey. - Ele sorriu, mas não relaxou.

- Então, o que está acontecendo entre você e Vee? - Perguntei, tratando de manter nossas mentes longe do que nos esperava. Não tinha necessidade de pensar muito nas coisas, ou começar a imaginar os piores cenários. Éramos Scott, Patch e eu contra Dabria. A derrota dela, não iria durar mais do que alguns segundos.

- Não fique toda amigável comigo.

- É uma pergunta válida.

Scott mexeu um pouco no rádio.

- Não sou o tipo de cara que beija e sai por aí contando.

- Então vocês já se beijaram. - Movi as sobrancelhas. - Algo mais que eu deva saber?

Estava a ponto de sorrir.

- Absolutamente não. - O cemitério apareceu na curva seguinte. E ele inclinou a cabeça

na direção do lugar. - Onde você quer que eu estacione?

- Aqui mesmo. Vamos caminhando pelo resto do caminho.

Scott concordou.

- Um monte de árvores. Bom para se esconder. Você vai ficar no estacionamento de cima?

- Com vista do alto. Patch vai estar estacionado na porta sul. Não vamos te deixar fora

de nossas vistas.

- Você não vai.

Não fiz nenhum comentário sobre a rivalidade entre Patch e Scott. Patch poderia pegar Scott com a mesma consideração que uma serpente debaixo dos seus pés, mas se disse que estaria ali, ele faria.

Saimos do carro. Scott puxou seu capuz para poder esconder o rosto, e deixou cair seus ombros.

- Como estou?

- Como o gêmeo de Pepper, perdido a muito tempo. Lembre, no momento que o chantagista entrar no mausoléu, você algema ele com o chicote. Vou ficar esperando sua ligação.

Scott me deu um pequeno soco, de boa sorte, suponho, e então correu em um

ritmo constante pelas portas do cemitério. Vi ele pular sobre elas como muita facilidade e desaparecer na escuridão.

Liguei para Patch. Depois de várias tentativas, caiu no correio de voz. Impaciente, deixei uma gravação: - Scott entrou. Vou para o meu posto. Me ligue no momento em que receber isso. Preciso saber se você está na sua posição.

Desliguei, tremendo contra as rajadas do vento gelado. Os galhos que

o

outono tinha deixado sem folhas se sacudia se sacudia com um som oco, repiqueante.

Coloquei minhas mãos por baixo dos meus braços para entrar calor. Algo não estava bem. Não era normal Patch ignorar uma ligação, sobre tudo, uma ligação minha, durante uma situação de emergência. Queria falar sobre essa mudança inoportuna de acontecimentos com Scott, mas ele já estava fora de vista. Se o perseguisse agora, me

arriscaria a colocar toda a operação por água abaixo. Ao invés disso, caminhei costa acima pelo estacionamento que estava localizado em uma colina com vista para o

cemitério.

Uma vez em posição, olhei as fileiras de lápides torcidas abaixo, com a grama escura crescendo tão alto que parecia preta. Anjos de pedra com as asas lascadas, pareciam voar no ar por cima do solo. As nuvens escureciam a lua e duas das cinco luzes no estacionamento não funcionavam. De um lado, o mausoléu branco irradiava uma tênue luminescência fantasmagórica.

<< Scott! >>. Gritei, falando mentalmente para ele, colocando toda a minha energia mental atrás dele. Apenas o vento assobiando, que pairava sobre a colina, me respondeu, supus que estava fora do alcance. Eu não sabia até que ponto podia chegar minha linguagem mental, mas parecia que Scott estava muito longe.

Uma parede de pedra rodeava o estacionamento, me abaixei atrás dela, mantendo meus olhos fixos no mausoléu. Um cachorro preto, esguio, de repente pulou por cima do muro, quase me fazendo cair pra trás. Um par de olhos selvagens me olhavam do estreito rosto do animal. O cão selvagem caminhava ao longo da parede, parando para rosnar territorialmente para mim. Graças a Deus.

Minha visão era melhor do que quando eu era humana, mas estava o suficientemente longe do mausoléu para não conseguir distinguir tantos detalhes como eu gostaria. A porta parecia fechada, mas isso fazia sentido, Scott tinha fechado ela quando ele passou.

Contive a respiração, esperando que Scott saísse arrastando Dabria, atada e indefesa. Os minutos passaram. Me mexia abaixada, tratando de conseguir que o sangue fluísse em minhas pernas. Olhei meu celular. Não tinha chamadas perdidas. Só

podia pensar que Patch estava aderindo ao plano e estava pratulhando a porta baixa do

cemitério.

Um pensamento horrível veio de repente. E se Dabria tivesse visto através do disfarce de Scott? E se ela suspeitava que ele tinha trazido esforços? Meu estômago

caiu até os joelhos. E se ela tinha chamado Pepper para um novo lugar de encontro depois que o Scott e eu tínhamos deixado o Devil's Handbag? De qualquer forma, Pepper tinha como me contactar, trocamos números.

Estava ocupada com esses pensamentos inquietantes quando o cachorro preto voltou, emitindo um rosnado ameaçador para mim, perto das sombras da parede. Achatou seus ouvidos contra a cabeça e arqueou suas costas ameaçadoramente. << Fora! >>. Sussurrei para ele de novo, fazendo um gesto com as minhas mãos.

Dessa vez, ele me mostrou os pontiagudos dentes brancos arreganhados, rasgando o solo ferozmente. Estava quase mudando para uma distância segura pela parede, quando...

Um arame quente se agarrou a minha garganta por trás, bloqueando a minha respiração. Cravei a unha no arame, sentindo ele se contrair mais e mais forte. Tinha caído sentada, minhas pernas se sacudindo. Pela minha visão periférica, notei que uma

estranha luz azul emanava do arame. Parecia queimar minha pele como se tivesse sido

submergida em ácido. Meus dedos formavam bolhas onde roçavam no arame, fazendo

impossível de agarrar.

Meu agressor puxou o fio do arame de volta pra trás, mais forte. Luzes explodiram através da minha visão. Uma armadilha!

O cachorro preto continuou latindo e pulando freneticamente em círculos, mas a imagem estava se dissolvendo rapidamente. Estava perdendo a consciencia. Invocando a pouca energia que ainda tinha, me concentrei no cachorro, falando na mente dele. << Morde! Morde o meu agressor! >>

Estava muito fraca para tentar um truque mental na mente do meu agressor, sabendo que ele iria sentir quando eu tentasse invadir a mente dele. Ainda que nunca tivesse tentado invadir a mente de um animal, o cachorro era mais pequeno que um nephil ou um anjo caído, e se fosse possível obriga-lo, faria sentido que um animal um

pouco menor requeriesse menos esforço...

<< Ataca! >>. Pensei na mente do cachorro outra vez, sentindo minha mente percorrer um sonolento e escuro túnel.

Para meu assombro e incredulidade, o cachorro correu adiante e fundiu suas garras na perna do meu agressor. Escutei alguns dentes cortarem os ossos, e a maldição gutural de um homem. A familiaridade da voz me surpreendeu. Eu conhecia

essa voz. Confiava nessa voz.

Impulsionada pela traição e pela ira, comecei a agir. A mordida do cachorro era distração suficiente para que meu agressor afrouxasse o controle sobre o arame. Fechei

minhas mãos por completo em volta do arame, ignorando a queimadura grande o suficiente para puxar meu pescoço e girar para o lado. O cabo serpenteante caiu sobre

o chão e eu o reconheci imediatamente.

Era o chicote de Scott.

CAPÍTULO 29

MAS NÃO ERA SCOTT QUE ME ATACAVA.

Lutando por ar enquanto inspirava de novo, vi Dante se mover para atacar, imediatamente dei a volta e enfiei o pé no estômago dele. Ele voou para trás, batendo no chão, parecendo desconcertado.

Os olhos dele endureceram instantaneamente. A mesma coisa fizeram os meus.

Ataquei ele, montando sobre seu peito e sem piedade, golpeando sua cabeça repetidamente sobre o solo. Não o suficiente para deixar ele inconsciente; queria ele atordoado, capaz de falar. Tinha um monte de perguntas que eu queria que ele respondesse imediatamente.

<< Me traga o chicote! >>. Ordenei ao cachorro e coloquei a imagem na mente dele,

para que ele entendesse a direção.

O cachorro trotou obedientemente, arrastando o chicote entre os dentes, aparentemente imune aos efeitos do devilcraft. Era possível que esse protótipo não pudesse causar nenhum dano a ele? De qualquer maneira, não podia acreditar. Podia

falar com a mente dos animais. Ou pelo menos, com esse.

Virei Dante de barriga para cima e utilizei o chicote para amarrar seus pulsos.

Queimou os meus dedos, mas eu estava muito zangada para prestar atenção. Ele fez um gemido de protesto.

De pé, dei um chute nas costelas dele, para que ele despertasse completamente.

- É melhor que as primeiras palavras que saiam da sua boca sejam uma explicação. -

Disse a ele.

Com o rosto pressionado contra o chão, seus lábios se curvaram em um sorriso intimidador.

- Não sabia que era você. - Disse inocentemente, zombando de mim.

Abaixei, prendendo os olhos dele nos meus.

- Se não quer falar comigo, vou te entregar ao Patch. Você e eu sabemos que dessa forma vai ser muito mais desagradável.

- Patch. - Ele riu entre os dentes. - Chama ele. Vai em frente. Veja se ele te responde.

Um medo gelado vibrou em meu peito.

- O que você quer dizer?

- Solte as minhas mãos e talvez eu te diga, com riqueza de detalhes, o que fiz com ele.

Dei um tapa no rosto dele tão forte, que a minha própria mão doeu.

- Onde está Patch? - Perguntei outra vez, tratando de manter o pânico fora da minha voz, sabendo que isso só divertiria ainda mais a Dante.

- Você quer saber o que eu fiz ao Patch... ou ao Patch e ao Scott?

O chão pareceu se inclinar. Tínhamos caído em uma armadilha. Dante tinha

tirado Scott e Patch do caminho e logo tinha vindo por mim. Mas, por que?

Montei o quebra-cabeças por mim mesma.

- Você está chantageando Pepper Friberg. Isso é o que você está fazendo aqui no cemitério, não? Não se incomode em responder. É a única explicação que faz sentido.

-

Eu tinha pensado que era Dabria. Se não tivesse ficado tão obcecada com ela, talvez eu

poderia ter visto a imagem completa, talvez eu poderia ter estado aberta a outras possibilidades, talvez poderia ter recorrido aos sinais de alerta...

Dante deu um longo suspiro, indescritível.

- Vou falar quando você desatar as minhas mãos. Não ao contrário.

Estava tão consumida pela raiva, que me surpreendi ao encontrar lágrimas ardendo por

trás dos meus olhos. Eu tinha confiado em Dante. Tinha deixado ele me treinar e me acessorar. Tinha construído uma relação com ele. Tinha chegado a considerar ele como

um dos meus aliados no mundo nephilin. Sem a orientação dele, eu não teria feito nem

a metade do que eu tinha conseguido.

- Por que fez isso? Por que chantagear Pepper? Por que? - Gritei quando Dante simplesmente piscou sobre o meu silêncio, com um ar satisfeito.

Não conseguia chutar ele de novo. Mal conseguia ficar de pé, estando tão chocada com a escandalosa e recente traição. Me apoiei na parede de pedra, respirando fundo para manter a mente centrada. Meus joelhos tremiam.

A parte posterior da minha garganta estava escorregadia e estreita.

- Desamarra as minhas mãos, Nora. Não vou te machucar. Preciso que você se acalme,

isso é tudo. Queria falar e te explicar o que estou fazendo e por que. - Ele falava com uma segurança tranquila, mas eu não ia cair nisso.

- Patch ou Scott estão machucados? - Perguntei a ele. Patch não podia sentir dor física,

mas isso não significava que Dante não estava usando algum tipo de protótipo novo de devilcraft para fazer mal a ele.

- Não. Os amarraram da mesma maneira que você me amarrou. Estão irritados pelo

pouco que vi, mas ninguém está em perigo imediato. O devilcraft não é bom para eles, mas pode durar um tempo mais sem efeitos negativos.

- Então vou te dar exatamente 3 minutos para responder a minhas perguntas antes de ir atrás deles. Se não responder minhas perguntas satisfatoriamente nesse período, chamarei os coiotes. Eles têm sido um estorvo por esses lugares, comendo gatos e cachorros domésticos pequenos, sobre tudo com o inverno se aproximando e os alimentos ficando escassos. Mas tenho certeza de que você assitiu os noticiários.

Dante bufou.

- Do que você está falando?

- Posso falar com a mente dos animais, Dante. O que explica o cachorro que te atacou exatamente no momento que eu precisei. Tenho certeza de que os coiotes não se importariam com um lanche fácil. Não posso te matar, mas isso não quer dizer que não

possa fazer que você se arrependa de ter cruzado o meu caminho. Primeira pergunta, por que está chatageando Pepper Friberg? Os nephilins não brincam com os arcanjos. Dante fez uma careta quando ele tentou, sem sucesso, rodar sobre suas costas.

- Não pode desamarra o chicote para que possamos ter uma conversa civilizada?

- Você jogou a civilização pela janela no momento em que tratou de me estrangular.

- Vou precisar muito mais do que 3 minutos para te explicar o que está acontecendo. -

Respondeu Dante, sem parecer no mínimo preocupado, pela minha ameaça. Decidi mostrar a ele que eu realmente ia fazer o que estava falando.

<< Comida! >>. Disse ao cachorro preto, que tinha ficado por perto para observar o processo com interesse. Com sua pele extra deitado pelo chão, eu percebi que o cão era magro e um pouco desnutrido, e se precisava de mais provas da sua fome, o ritmo

e maneira ansiosa de lamber seus lábios tinham sido suficientes. Para esclarecer minha

ordem, enviei a mente dele uma imagem da carne de Dante, logo dei um passo para

trás, renunciando ao meu direito sobre ele. O cachorro logo se reincorporou e afundou seus dentes na parte posterior do braço de Dante.

Dante amaldiçoou e se contorceu para tentar se livrar do aperto.

- Não podia ter Pepper bisbilhotando em meus planos! - Cuspiu finalmente. - Chama o cachorro!

- Que planos?

Dante se retorceu, subindo o ombro para se esquivar do cachorro.

- Pepper foi enviado a terra pelos arcanjos para poder executar uma investigação sobre

Blakely e eu.

Criei o cenário na minha cabeça, depois assenti.

- Porque os arcanjos suspeitavam que o devilmcraft não desapareceu com o Hanke que você estava usando ele, mas eles queriam ter certeza antes de agir, certo? Faz sentido.

Continue falando.

- Assim que eu precisava de uma maneira de distrair Pepper, de acordo? Tira seu cachorro de mim!

- Ainda não me disse por que estava chantageando ele.

Dante se retorceu de novo para evadir as ferozes mandíbulas do meu cachorro preferido.

- Me dá um tempo aqui.

- Quanto mais rápido falar, mais em breve darei ao meu novo melhor amigo alguma coisa para mastigar.

- Os anjos caídos precisam que Pepper encante vários objetos usando o poder do céu. Sabem sobre o devilmcraft, e sabem que Blakely e eu o controlamos, assim querem aproveitar o poder do céu. Querem se assegurar que os nephilins não tenham

oportunidade de ganhar a guerra. Estão chantageando a Pepper.

De acordo, isso também parecia plausível. Tinha só uma coisa que não fazia sentido.

- Como é que você está nessa confusão?

- Estou trabalhando para os anjos caídos. - Ele disse tão baixo que tinha certeza que tinha ouvido mal.

Me inclinei para mais perto.

- Você se importaria de repetir isso?

- Estou vendido, tá certo? Os nephilins não vão ganhar essa guerra. - Ele agregou na defensiva. - De qualquer forma que veja, quando tudo estiver dito e feito, os anjos caídos vão sair disso com a cabeça em pé. E não só porque planejam aproveitar os poderes do céu. Os arcanjos simpatizam com os anjos caídos. Os antigos laços são profundos. Não é assim para nós. Os arcanjos consideram a nossa raça uma abominação, sempre fizeram isso. Nós queremos fora, e se isso significa aliar-se temporariamente com os anjos caídos para conseguir, eles farão. Só aqueles de nós que formarem uma aliança logo com os anjos caídos terão oportunidade de sobreviver. Olhei fixamente para Dante, incapaz de digerir suas palavras. Dante Matterazzi, confabulando com o inimigo. O mesmo Dante que esteve de pé ao lado do Mão Negra. O mesmo Dante que me treinou fervorosamente. Não podia acreditar.

- E o nosso exército nephilin? - Disse, minha ira ressurgindo.

- Estão condenados. Muito profundamente, você sabe. Não falta muito para que os anjos caídos realizem seus movimentos e nos empurrem para a guerra. Fiz um acordo de dar a eles o devilmcraft. Eles terão os poderes do céu e do inferno e estarão respaldados pelos arcanjos. Todo o assunto vai estar acabado em menos de um dia. Se

me ajudar que Pepper encante os objetos, responderei por você. Me assegurarei de que alguns dos anjos caídos de mais influência saibam que você ajudou e que é leal a

causa.

Dei um passo para trás, vendo Dante através de novos olhos. Nem sequer sabia quem ele era. Ele não podia ser mais estranho para mim do que estava sendo nesse momento.

- Eu não... toda essa revolução, foi mentira? - Finalmente eu consegui cuspir as palavras.

- Instinto de sobrevivência. - Disse. - Fiz isso para salvar a mim mesmo.

- E o resto da raça nephilin? - Balbuciei.

Seu silêncio disse exatamente quanto estava preocupado pela sua segurança.

Um encolhimento de ombros desinteressado não poderia ter sido mais revelador. Dante estava nisso, por si mesmo. E fim da história.

- Eles acreditam em você. - Disse, com um sentimento de mal estar crescendo no profundo do meu coração. - Eles contam com você.

- Eles contam com você.

Estremeci. O impacto completo da responsabilidade que pesava sobre os meus ombros parecia estar me esmagando nesse momento. Eu era a líder deles. Eu era o rosto deles nessa campanha. E agora o meu mais confiável conselheiro estava desertando. Se o exército tinha estado de pé antes com os pés fracos, um desses joelhos tinha sido chutado para o lado.

- Não pode fazer isso comigo. - Disse ameaçadoramente. - Vou te expor. Vou dizer a todos o que você realmente planeja. Não conheço tudo sobre a lei nephilin, mas tenho bastante certeza que eles têm um sistema para se ocupar dos traidores e de alguma maneira duvido que seja judicial.

- E quem vai acreditar em você? - Disse Dante casualmente. Se discutir que você é a verdadeira triadora, em quem você acha que eles vão acreditar?

Ele estava certo. Em quem acreditariam os nephilins? Na jovem inexperiente impostora colocada no poder por seu pai morto? Ou no forte, capaz e carismático homem que tinha a aparência e as habilidades de um deus romano?

- Tenho fotos. - Disse Dante. - De você com o Patch. De você com o Pepper. Incluindo algumas suas sendo amigável com a Dabria. Vou te acusar, Nora. É simpatizante com a

causa dos anjos caídos. É assim que eu vou te apresentar. Eles vão te destruir.

- Não pode fazer isso. - Diss, com a fúria crepitando em meu peito.

- Está caminhando por um beco sem saída. Essa é a sua última oportunidade de dar a volta. Vem comigo. É mais forte do que você pensa. Formariamos uma equipe indestrutível. Você poderia me ser útil.

Soltei uma risada áspera.

- Oh, acabei totalmente com você me usando! - Peguei uma grande rocha da parede de ladrilhos, planejando esmagar ela sobre o crânio de Dante, deixar ele inconsciente e

recrutar a ajuda de Patch para decidir o que fazer com ele depois, quando uma cruel e retorcida expressão transformou as obscuras feições de Dante, fazendo ele parecer decididamente mais um demônio do que um legendário deus romano.

- Que desperdício de talento. - murmurou em um tom de repressão. Sua expressão era muito petulante, dado que eu tinha capturado ele, e aí foi quando um terrível suspiro começou a se formar na minha mente. O chicote que prendia seus pulsos, não estavam

causando bolhas na pele dele como tinha feito a minha. Além de ter o rosto colado ao chão, ele não parecia estar incomodado.

O chicote estalou liberando os punhos de Dante, e em um instante ele ficou de pé em um salto.

- Você realmente achou que eu permitiria que Blakely criasse uma arma que poderia ser usada contra mim? - Ele zombou, seu lábio superior curvando sobre os dentes. Dando uma ordem ao chicote, ele estalou para mim. Um calor abafado cortou através do meu corpo. Me lançando sobre os meus pés. Aterricei fortemente e sem ar. Tonta pelo impacto, eu escorreguei para trás, tentando me concentrar em Dante.

- Acho que gostaria de saber que tenho toda a intenção de tomar seu lugar como

comandante do exército nephilin. - Dante sorriu sarcasticamente. - Tenho o apoio de toda a raça de anjos caídos. E planejo liderar os nephilins justo dentro das mãos dos anjos caídos. Eles não saberão o que fiz até que seja tarde.

A única razão pela qual Dante estava me dizendo qualquer coisa sobre isso, era que ele acreditava sinceramente que eu não tinha nenhuma chance de deter ele. Mas não ia jogar a toalha, agora nem nunca.

- Você fez um juramento diante de Hank para ajudar a liderar o exército dele para a liberdade, seu idiota arrogante. Se você roubar meu título, ambos veremos as consequências de romper nossos votos. A morte, Dante. Não exatamente uma complicação menor. - Lembrei a ele clinicamente.

Dante riu entre os dentes com zombaria.

- Sobre esse juramento, uma completa e total mentira. Quando disse isso a você, pensei que convenceria você a confiar em mim. Não que precisasse fazer algum esforço. Os protótipos de devilmcraft que te dei, tinham feito um bom trabalho, fazendo com que você confiasse em mim.

Não tinha tempo para que a decepção sobre ele se afundasse completamente. O chicote enviou um segundo açoite através das minhas roupas. Impulsionada a agir unicamente por meu instinto de sobrevivência, risquei sobre a parede, ouvindo o cachorro latir e atacar atrás de mim e eu caí no lado oposto. A ladeira íngreme e

escorregadia pelo orvalho me enviou rodando e derrapando até as lápides costa abaixo.

CAPÍTULO 30

N O FINAL DA COLINA, OLHEI PARA CIMA, MAS NÃO VI DANTE. O cachorro preto

brincava atrás de mim, girando com o que parecia ser ansiedade. Me sentei. Nuvens

densas ocultavam a lua, tremia violentamente enquanto o frio beliscava a minha pele.

De repente fiquei consciente do que estava ao meu redor, me coloquei de pé e corri pela multidão de tumbas até o mausoléu. Para minha surpresa, o cachorro se apressou

mais, olhando para trás a cada pequeno passo para se assegurar de que eu estava seguindo ele.

- Scott! - Gritei, me lançando pela porta aberta do mausoléu, me apressando para entrar.

Não tinha janelas. Não podia ver. Impacientemente, tateei com minhas mãos o lugar, tratando de sentir o que me rodeava. Tateei um pequeno objeto e escutei ele se afastar. Tocando o chão de pedra fria, agarrei a lanterna que Scott tinha levado com ele

e que obviamente tinha caído e liguei ela.

Lá. No canto. Scott estava sobre as suas costas, seus olhos estavam abertos, mas aturdidos. Me apressei na direção dele, tirando o chicote azul brilhante que apertava seus pulsos até que ele estava livre. A pele dele estava cheia de bolhas e molhada. Ele

deu um gemido de dor.

- Acho que Dante já foi, mas fique alerta. - Disse a ele. - Tem um cachorro guardando a

entrada... está do nosso lado. Fique aqui até que eu volte. Preciso encontrar Patch.

Scott gemeu de novo, mas dessa vez ele amaldiçoava Dante.

- Não vi ele vindo. - Murmurou.

Isso nos fazia dois.

Me apressei para sair, correndo a toda velocidade pelo cemitério, que tinha ficado em uma perfeita escuridão. Fiz meu caminho por uma cerca de arbustos, pegando meu atalho para o estacionamento. Saltei através da grelha de ferro e corri até a caminhonete preta parada no estacionamento.

Vi o assustador azul brilhante atrás das janelas quando estava a alguns metros

de distância. Abrindo a porta, tirei Patch, e o encostei na calçada, e comecei o trabalhoso processo de desamarrear o chicote, que serpenteava ao longo do peito dele, mantendo seus braços ao longo do corpo, como um espartilho tortuoso. Seus olhos estavam apagados, sua pele emanava um azul pálido. Finalmente soltei o chicote e coloquei-o de lado, sem ter a consciência dos meus dedos queimados.

- Patch. - Eu disse, sacudindo ele. As lágrimas saíram dos meus olhos, e minha garganta estava seca por causa das emoções. - Acorda Patch. - Sacudi ele mais forte. -

Você vai ficar bem. Dante já foi já desamarrei o chicote. Por favor, acorda. - Aumentei a minha voz. - Você vai ficar bem. Agora estamos juntos. Preciso que abra os olhos. Preciso saber que está me escutando.

Seu corpo estava ardendo, o calor emanava de sua roupa, e tirei sua camisa.

Engoli em seco ao ver sua pele cheia de bolhas, com marcas onde o chicote tinha estado. As piores feridas ondulavam como papel queimado e enegrecido. Só um maçarico poderia produzir um dano igual.

Sabia que ele não podia sentir, mas eu sim. Minha mandíbula se apertou com um ódio venenoso de Dante, incluindo quando as lágrimas caíam pelo meu rosto.

Dante tinha cometido um erro enorme e imperdoável. Patch era tudo para mim, e se o

devilcraft deixasse algum dano, faria com que Dante se arrependesse disso pelo resto da sua vida, e posso dizer, que ela não seria longa o bastante. Mas minha raiva a ponto de explodir foi posta de lado pelo sofrimento que me consumia ao olhar para Patch.

Dor, culpa e agitação como gelo frio caíam em pedaços dentro de mim.

- Por favor. - Murmurei, minha voz se quebrava. - Por favor Patch, acorda. - Roguei, beijando sua boca e desejando milagrosamente que ele acordasse. Dei uma sacodida forte na minha cabeça, para tirar os pensamentos ruins. Não iria permitir que eles se formassem. Patch era um anjo caído. Não podia ser machucado. Não dessa maneira. Não importava quão potente fosse o devilcraft... não podia causar um dano permanente ao Patch.

Senti os dedos dele agarrarem os meus, um momento antes que sua voz baixa vibrasse fracamente na minha cabeça.

<< Anjo. >>

Somente com essa palavra, meu coração se encheu de alegria.

<< Estou aqui! Estou somente aqui! Eu te amo, Patch. Eu te amo muito! >> Solucei em resposta. Antes que pudesse me conter, minha boca voou na dele. Estava montada sobre seus lábios, meus cotovelos estavam plantados em cada lado de sua cabeça, sem

querer causar mais dano a ele, mas incapaz de me conter em abraça-lo. Então, ele me abraçou forte, e caí sobre ele.

- Vou te machucar mais. - Gritei, me levantando de perto dele. - O devilcraft... sua pele...

- Você é o que me faz sentir melhor, anjo. - Ele murmurou, se encontrando com a minha boca e cortando efetivamente o meu protesto. Seus olhos se fecharam, as linhas

do cansaço e o estresse pressionavam seus traços, e ainda assim o modo como ele me

beijava, derretia qualquer outra preocupação. Relaxei na minha postura, me afundando

em cima da sua forma larga e inclinada. Sua mão se moveu para a parte de trás da minha camisa, sentindo ela mais quente e sólida equanto chegava mais perto.

- Eu estava apavorada com o que poderia acontecer com você. - Cuspi.

- Estava apavorado pensando a mesma coisa sobre você.

- O devilcraft... - Comecei.

Patch exalou debaixo de mim, e o meu corpo se fundiu com o dele. Sua respiração levava alívio e emoções cruas. Seus olhos cheios de tudo e sinceridade, se encontraram

com os meus.

- Minha pele pode ser substituída. Mas você não, anjo. Quando Dante se foi, pensei que

tivesse terminado. Pensei que tivesse falhado com você. Nunca tinha rezado tanto na minha vida.

Pisquei para tirar as lágrimas que estavam sobre os meus cílios.

- Se ele tivesse te tirado de mim... - Estava muito atordoada para terminar meu pensamento.

- Ele tentou me tirar de você, e isso é razão suficiente para mim, para marcar ele como um homem morto. Ele não vai se sair bem dessa. Já perdoei ele várias vezes por pequenos tropeços em nome de ser civilizado e entender o seu papel como líder do seu exército, mas essa noite ele deixou de lado as regras antigas. Usou devilcraft contra

mim. Não devo a ele nenhum gesto de cortesia. Na próxima vez que nos encontrarmos,

ele vai jogar com as minhas regras. - Apesar do evidente cansaço em cada músculo do

seu corpo, a decisão de sua voz não continha vacilação ou compaixão.

- Ele trabalha para os anjos caídos Patch, eles o têm na palma da mão.

Nunca tinha visto Patch tão surpreso como nesse momento. Seus olhos se ampliaram, digerindo essa nova notícia.

- Ele te disse isso?

Assenti seriamente.

- Ele disse que não há uma maneira de os nephilins saírem vitoriosos dessa guerra que

se aproxima. Apesar de cada palavra convincente, contraditória e cheia de esperança, ele tem estado traindo os nephilins. - Adicionei amargamente.

- Ele disse o nome de algum anjo caído específico?

- Não. Ele tá nisso pra poder salvar a pele dele, Patch. Ele disse que quando a guerra começar, os arcanjos ficarão do lado dos anjos caídos. Depois de tudo, a história deles vem de muito tempo. É difícil dar as costas ao seu sangue, mesmo se for mal. E ainda mais. - Dei uma profunda respiração. - O seguinte movimento de Dante é roubar meu

título como líder do exército da mão negra, e marchar com os nephilins direto para as mãos dos anjos caídos.

Patch estava em um silêncio aturdido, mas vi seus pensamentos correrem tão rápidos como o fogo por trás dos seus olhos negros, o que o faziam ver como a ponta da navalha. Ele sabia, como eu, que se Dante conseguisse com êxito me tirar o título, meu juramento ao Hank estaria rompido. Falhar só significava uma coisa: a morte.

- Dante também é o chantagista de Pepper. - Eu disse.

Patch deu um breve aceno com a cabeça.

- Imaginei isso quando ele me atacou. Como pagou sua dívida com Scott?

- Ele está no mausoléu, com um incrivelmente inteligente cachorro de rua que está vigiando ele.

Patch levantou suas sobrancelhas.

- Devo perguntar?

Acho que o cachorro está competindo intesamente por seu trabalho como meu anjo da guarda. Ele foi pra cima do Dante e essa é a razão por eu ter conseguido me livrar.

Patch traçou a curva do meu rosto.

- Terei que agradecer a ele por salvar a minha garota.

Apesar das circunstâncias, sorri.

- Vai amar ele. Vocês dois compartilham o mesmo senso de moda.

Duas horas depois, estacionei a caminhonete de Patch na garagem dele. Patch estava jogado no banco do passageiro, sua testa estava suada e sua pele continuava irradiando o mesmo tom azul. Ele sorriu com um sorriso frouxo enquanto falava, mas podia dizer que ele estava fazendo esforço; era um complo para me tranquilizar. O devilcraft tinha deixado ele debilitado, mas a pergunta era por quanto tempo. Eu estava agradecida que dante tinha explodido. Imaginei que tinha que agradecer ao meu novo amigo cachorro por isso. Se Dante tivesse terminado o que começou, estaríamos em mais perigo do que sofremos e teria sido difícil escapar. Uma vez mais,

direcioni minha gratidão ao cachorro de rua preto. Desleixado e assustadoramente inteligente. E leal apesar de seu próprio detrimento.

Patch e eu tínhamos ficado no cemitério com Scott até ele se recuperar o suficiente para dirigir para casa sozinho. E o cachorro preto, apesar de várias tentativas

para deixar ele, incluindo forçar para tirar ele do banco da caminhonete de Patch, persistentemente ele pulava de novo para o interior. Nos rendendo, deixamos que ele ficasse.

Levaria ele para um abrigo de animais depois que tivesse dormido o suficiente para pensar claramente.

Mas tanto quanto queria pular na cama de Patch, no momento em que coloquei meus pés dentro da casa dele, tinha muito trabalho para fazer. Dante estava 2 passos a

frente. Se descansássemos antes de tomar as medidas de contra ataque, talvez teríamos que começar a levantar uma bandeira branca de rendição.

Entrei na cozinha de Patch, passando minhas mãos por trás do meu pescoço como se o gesto me desse um novo e brilhante movimento. Em que Dante estaria pensando agora? Qual seria seu próximo movimento? Ele tinha ameaçado me destruir se eu o acusasse de traição, assim que ao menos ele tinha considerado que eu faria isso. O que provavelmente significava que ele estava ocupado com uma das duas coisas. Primeiro, elaborando um álibi irrefutável. E segundo, e o mais longe de problemas, me desafiando a lutar para espalhar a notícia de que eu era uma traidora. O

pensamento congelou meus circuitos.

- Começa do início. - Disse Patch do sofá. Sua voz estava baixa, fatigada, mas seus olhos queimavam com fúria. Ele colocou uma almofada embaixo da cabeça, e dirigiu toda a sua atenção para mim. - Me diz exatamente o que aconteceu.

- Quando Dante me disse que estava trabalhando com os anjos caídos, ameacei deçatar ele, mas ele só riu, dizendo que ninguém acreditaria em mim.

- Não acreditariam. - Patch concordou.

Coloquei minha cabeça contra a parede, suspirando por causa da frustração.

- Ele me disse depois seus planos de ser o líder. Os nephilins amam ele. Eles desejam que ele seja o líder. Posso ver nos olhos deles. Não importa o quanto eu trate de adivertir eles. Vão dar as boas vindas a ele como o novo líder de braços abertos. Não vejo uma solução. Ele nos ganhou.

Patch não respondeu rapidamente, e quando falou sua voz era baixa.

- Se você atacar publicamente Dante, vai dar aos nephilins uma desculpa para realmente ir contra você, isso é certo. As tensões estão ao máximo e eles estão procurando um dreno para as incertezas. Então denunciar Dante publicamente não é o movimento que vamos fazer.

- Então, qual é? - Perguntei, girando para olhar diretamente para ele. Ele tinha

claramente alguma coisa em mente, mas eu não conseguia imaginar o que era.

- Vamos deixar que Pepper se encarregue de Dante por nós.

Cuidadosamente examinei a lógica de Patch.

- E Pepper fará isso porque não pode se arriscar que Dante o delate para os arcanjos? Mas então, Pepper não tem que fazer com que Dante desapareça?

- Pepper não vai sujar suas próprias mãos. Ele não quer deixar um rastro que conduza de volta para ele, para que os arcanjos o encontrem. - A boca de Patch endureceu. - Estou começando a ter uma idéia do que o Pepper queria de mim.

- Você acha que o Pepper espera que você faça com que o Dante desapareça para ele?

É essa a tal oferta de trabalho?

Os olhos negros de Patch me deixaram.

- Só tem uma maneira de averiguar.

- Eu tenho número de Pepper. Vou marcar um encontro agora mesmo. - Disse com desgosto. E quando eu pensava que Pepper não podia ir mais baixo. Ao invés de ser um homem que encara os seus próprios problemas, o covarde tratava de jogar todo o

risco para cima de Patch.

- Sabe, anjo, ele tem algo que poderia ser útil para nós. - Acrescentou Patch

pensativamente. - Poderíamos convencer ele a roubar do céu, se jogarmos bem. Tenho

tentado evitar a guerra, mas talvez seja hora de lutar. Vamos acabar com isso. Se você

derrotar os anjos caídos, seu juramento vai estar cumprido. - Os olhos dele fixaram os meus. - E seremos livres. Juntos. Sem guerra. Sem Cheshvan.

Comecei a pensar em que ele estava pensando, quando a óbvia resposta me pegou. Não podia acreditar que não tinha pensado nisso antes. Sim, Pepper tinha acesso a algo que podia nos dar um poder de negociação sobre os anjos caídos, e proteger a fé em mim. Então realmente queríamos atravessar esse caminho? Era nosso

direito colocar toda a população de anjos caídos em perigo?

- Não sei, Patch...

Patch se levantou e pegou sua jaqueta de couro.

- Ligue para Pepper. Nos reuniremos com ele agora.

A parte de trás do posto de gasolina estava vazio. O céu estava escuro, e as vitrines da loja estavam engorduradas. Patch estacionou sua moto e nós dois fomos. Uma rápida e bochechuda forma se contornou fora das sombras, e depois de olhar com receio em volta, correu com rapidez na nossa direção.

Os olhos de Pepper viajaram hipocritamente para o olhar de Patch.

- Você parece um pouco pior vestido, velho amigo. Creio que seja razoável dizer que a vida na terra não tem sido amável.

Patch ignorou o insulto.

- Sabemos que Dante é o seu chantagista.

- Sim, é o Dante. o porco sujo. Me diga algo que eu não sei.

- Quero saber sobre o seu trabalho. - Pepper bateu seus dedos um no outro, seus olhos penetrantes nunca deixando os de Patch.

- Sei que você e a sua namorada aqui mataram Hank Millar. Preciso de alguém assim, sem piedade.

- Tivemos ajuda. Os arcanjos. - Lembrou Patch.

- Sou um arcanjo. - Pepper disse com mal humor. - Quero que Dante morra, e te darei os instrumentos para fazer isso.

Patch assentiu com a cabeça.

- Faremos. A um preço justo.

Pepper piscou, surpreso. Não pensou que pudesse chegar a um acordo tão facilmente.

Ele limpou a garganta.

- O que você tem em mente?

Patch me olhou, e inclinei a cabeça. Era hora de arregassar as mangas. Com um pouco de tempo para pensar, Patch e eu decidimos que essa era uma carta que não podíamos não ter em mãos.

- Queremos ter acesso a todas as penas de anjos caídos que tem no céu. - Anunciei.

O sorriso peculiar drenou os olhos de Pepper, e eu dei uma risada fria.

- Está louca? Não posso te dar isso. Precisa de todo o comitê para liberar essas penas. E

o que você está planejando fazer? Queimar todas? Vai mandar todos os anjos caídos para o inferno!

- Está realmente decepcionado com isso? - Perguntei com toda seriedade.

- A quem importa o que eu penso? - Ele grunhiu. - Existem regras. Existem procedimentos. Só os anjos caídos que cometeram algum crime sério são enviados para o inferno.

- Essas são suas opções. - Disse Patch friamente. - Ambos conhecemos os procedimentos para liberá-las. Você tem tudo o que precisa. Elabore um plano e leve aos superiores. Ou é isso, ou perde o direito sobre Dante.

- Uma pena possivelmente! Mas milhares? Nunca escaparia deles! - Protestou Pepper

estridentemente.

Patch deu um passo na direção dele, e Pepper foi pra trás com medo, seus braços voando para proteger seu rosto.

- Olhe em volta. - Disse Patch, com uma voz rápida e letal. - Esse não é um lugar para chamar de lar. Você vai ser o mais novo anjo caído, e eles vão fazer com que você se lembre. Não vai durar nem uma semana na iniciação.

- I...i...iniciação? - O olhar obscuro de Patch enviou um calafrio pela minha espinha. - Q...q...que tenho que fazer? - Pepper gemeu suavemente. - Não posso passar pela

iniciação. Não posso viver eternamente na terra. Preciso voltar ao céu quando eu quiser.

- Consiga as penas.

- Não posso f...f...fazer isso. - Gaguejou Pepper.

- Não tem uma oportunidade. Vai conseguir essas penas, Pepper. E eu vou matar Dante. Já pensou nesse plano?

Ele assentiu miseravelmente.

- Vou te trazer um punhal especial. Vai matar Dante. Se os arcanjos forem atrás de você, e você tentar dar o meu nome, ela vai cortar a sua própria língua. O punhal está encantado. Ele não vai deixar você me trair.

- Me parece bom.

- Se você quer continuar com isso, pode me contactar. Não enquanto estiver no céu. Toda a comunicação vai ficar obscura até que termine. Se puder terminar. - Gemeu desdenhosamente. - Vou te deixar saber quando eu tiver as penas.

- Precisamos delas para amanhã. - Ele disse a Pepper.

- Amanha? - Disse preocupado. - Você se dá conta do que está me pedindo?

- Na segunda a meia noite no mais tardar. - Disse Patch sem tempo para mais protestos.

Pepper deu um piscar de olhos nada tranquilo.

- Vou trazer quantas eu puder.

- Vai precisar fazer um inventário. - Disse a ele.

- Temos um trato.

Pepper engoliu em seco.

- Todas e cada uma delas?

Essa era a ideia. Se Pepper conseguisse as penas, os nephilins teriam uma maneira de ganhar a guerra com só um golpe de início. Sendo que não poderíamos aprisionar os anjos caídos em nosso próprio inferno, tínhamos que deixar seu calcanhar

de Aquiles, a forma angelical de suas penas, para nós. A cada anjo caído daria uma opção: Liberar seu nephilin do juramento ou fazer um novo juramento de paz, ou criar um novo lar para eles em um lugar muito mais quente do que Coldwater.

Se nosso plano funcionasse, não iria importar se Dante me acusasse de traição, eu ganharia a guerra, nada mais teria importancia para os nephilins. E apesar da falta de fé

deles em mim, queria ganhar isso por eles. Era o certo. Encontrei o olhar de Pepper.

- Todas elas.

CAPÍTULO 31

SCOTT ME LIGOU ASSIM QUE PATCH E EU ESTÁVAMOS DE VOLTA AO CONDOMÍNIO.

Agora era domingo, apenas um pouco mais de três da manhã. Patch fechou a porta da frente atrás de nós, e eu coloquei o telefone no viva voz.

- “Nós temos um problema,” Scott disse. “Eu tenho recebido uma porção de textos de amigos dizendo que Dante vai fazer um anúncio público hoje a noite mais tarde no Delphic, depois de fechar. Depois do que aconteceu essa noite, mais alguém acha isso curioso?”

Patch praguejou.

Eu tentei me manter calma, mas as extremidades da minha visão foram tingidas de preto.

- “Todos estão especulando, e teorias estão por todo lado,” Scott continuou. “Alguma ideia do que se trata? O idiota fingia ser seu namorado e então wham. Mais cedo essa noite. E agora isso.”

Eu coloquei minha mão na parede para apoio. Minha cabeça girava e meus joelhos cederam. Patch pegou o telefone de mim.

- “Ela vai te ligar de volta, Scott. Nos avise se você ouvir mais alguma coisa.”

Eu afundei no sofá de Patch. Eu prendi minha cabeça entre os joelhos e dei várias respirações rápidas. “Ele vai me acusar publicamente de traição. Hoje mais tarde.”

- “Sim,” Patch concordou quietamente.

- “Eles vão me trancar na prisão. Eles vão me torturar e tentar uma confissão de mim.”

Patch se ajoelhou na minha frente e colocou suas mãos protetoramente nos meus quadris. “Olhe para mim, Anjo.”

Meu cérebro automaticamente ligou-se em ação. “Nós temos que contatar Pepper. Nós precisamos do punhal antes do que pensávamos. Nós precisamos matar Dante antes dele fazer esse anúncio.” Um soluço escapou aturdido do meu peito. “E se não conseguirmos o punhal a tempo?”

Patch puxou minha cabeça contra seu peito, gentilmente massageando os músculos da parte de trás do pescoço que estavam tão rígidos que eu pensei que eles iriam trincar. “Você acha que eu vou deixá-los colocarem a mão em você?” ele disse na mesma voz macia.

- “Oh, Patch!” Eu joguei meus braços em volta do pescoço dele, lágrimas aquecendo meu rosto. “O que nós vamos fazer?”

Ele inclinou meu rosto para olhar o dele. Ele roçou os polegares sob meus

olhos, para secar minhas lágrimas. “Pepper há de vir. Ele vai me trazer o punhal, e eu

vou matar Dante. Você vai ter as penas e ganhar a guerra. E então eu vou te levar pra longe. Algum lugar onde nós nunca ouviremos as palavras ‘Cheshvan’ ou ‘guerra’ de novo.” Ele parecia que queria acreditar nisso, mas sua voz vacilou o suficiente.

- “Pepper nos prometeu as penas e o punhal na segunda à meia noite. Mas e o anúncio

de Dante essa noite? Nós não podemos detê-lo. Pepper tem que trazer o punhal antes.

Nós temos que achar uma maneira de contatá-lo. Nós temos que arriscar.”

Patch ficou em silêncio, esfregando a mão na boca em pensamento. Por fim ele disse, “Pepper não pode resolver o problema de hoje a noite – nós temos que fazer isso nós mesmos.” Seus olhos, inabalados e determinados, uniram-se aos meus. “Você

vai solicitar um encontro urgente e obrigatório com o Nephilim mais importante, marcar para hoje a noite, e roubar o estrondo de Dante. Todos estão esperando você lançar uma ofensiva, para catapultar nossas raças numa guerra, e eles pensarão que é

isso – seu primeiro movimento militar. Seu anúncio vai superar o de Dante. Os Nephilins virão, e por curiosidade, Dante também.

Na frente de todos, você deixará bem claro que está ciente de que há facções em favor

de colocar Dante no poder. Então você vai dizer a eles que vai colocar suas dúvidas para descansar de uma vez por todas. Convença-os de que você quer ser a governante

deles, e que você acredita que você pode fazer um trabalho melhor do que Dante.

Então o desafio para um duelo de poder.”

Eu encarei Patch, confusa e duvidosa. “Um duelo? Com Dante? Não posso lutar com ele – ele vai ganhar.”

- “Se nós conseguirmos atrasar o duelo até Pepper voltar, o duelo não será nada mais do que um truque armado para Dante e nos dar tempo.”

- "E se nós não conseguirmos atrasar o duelo?"

Os olhos de Patch cortaram drasticamente os meus, mas ele não respondeu

minha pergunta. "Nós temos que agir agora. Ele não tem nada a perder. Ele sabe que se você o denunciar publicamente, ele apenas tem que acusar você. Confie em mim, quando ele descobrir que você está desafiando ele para um duelo, ele vai estourar o champagne. Ele é convencido, Nora. E egoísta. Nunca vai passar pela cabeça dele que

você possa ganhar. Ele vai concordar com o duelo, achando que você apenas caiu com

um bolo no colo dele. Um pronunciamento público confuso de sua traição e um julgamento arrastado... ou roubar seu poder com apenas um disparo de pistola? Ele vai

se chutar por não ter pensado nisso primeiro."

Minhas articulações sentiam como se estivessem sendo substituídas por

borracha. "Se houver um duelo, nós lutaremos com armas?"

- "Ou espadas. Sua preferência. Mas eu fortemente sugeriria pistolas. Será mais fácil para você aprender a atirar do que lutar com espada," Patch disse calmamente, claramente não ouvindo a angústia na minha voz.

Senti como se fosse vomitar. "Dante vai concordar com o duelo porque ele sabe que pode me vencer. Ele é mais forte do que eu, Patch. Quem sabe quanto devilcraft ele tem consumido? Não vai ser uma luta."

Patch pegou minhas mãos trêmulas e deu um beijo suave em meus dedos.

"Duelar saiu de moda centenas de anos atrás na cultura humana, mas ainda é socialmente aceitável para Nephilins. Aos olhos deles, é a maneira mais rápida e óbvia de resolver um desentendimento. Dante quer ser líder do exército nephilim, e você vai fazer ele e qualquer outro nephil acreditar que você deseja isso tanto assim."

- "Por que nós apenas não contamos aos nephilins mais importantes sobre as penas no

encontro?" meu coração cresceu com esperança. "Eles não vão se importar com mais

nada, quando eles souberem que eu tenho um modo infalível de ganhar a guerra e reestabelecer a paz.”

- “Se Pepper falhar, eles verão isso como uma falha sua. Se aproximar não vai contar. Ou eles vão aclamar você por obter as penas, ou vão crucificar você por cair. Até nós termos certeza de que Pepper conseguiu, nós não podemos mencionar as penas.”

Eu passei minhas mãos pelo meu cabelo. “Não posso fazer isso.”

Patch disse, “Se Dante está trabalhando para os anjos caídos, e se ele ganhar poder, a raça Nephilim está mais profundamente na escravidão do que jamais esteve antes. Eu me preocupe que os anjos caídos usem devilmcraft para fazer escravos Nephilins muito depois que o Cheshvan acabar.”

Eu balancei minha cabeça miseravelmente. “Há muito na mesa. E se eu falhar?” e inegavelmente eu iria.

- “Tem mais, Nora. Seu juramento a Hank.”

O medo se formou como pedaços de gelo na boca do meu estômago. Mais uma vez, eu lembrei de cada palavra que eu tinha dito a Hank Millar na noite que ele tinha me pressionado para tomar as rédeas da sua insurreição condenada. ‘Eu vou liderar seu exército. Se eu quebrar essa promessa, minha mãe e eu estaremos tão boas

quanto mortas.’ O que não me deixava muita escolha, deixava? Se eu quisesse ficar na

Terra com Patch, e preservar a vida da minha mãe, eu tinha que manter meu título como líder do exército nephilim. Não podia deixar Dante roubá-lo de mim.

- “Um duelo é um espetáculo raro, e jogado por dois nephilins de alto perfil, tais como você e Dante, e esse será um evento que não deve ser perdido,” Patch disse. “Estou pesrando pelo melhor, que nós sejamos capazes de impedir o duelo, e que Pepper não

vá falhar, mas acho que nós devemos nos preparar para o pior. O duelo pode ser nossa

única saída.”

- “Quão grande é a plateia de que estamos falando?”

O olhar de Patch uma vez que encontrou o meu foi fresco e confiante. Mas por

um momento, eu vi compaixão tremer em seus olhos. “Centenas.”

Eu engoli em seco. “Eu não posso fazer isso.”

- “Eu vou treinar você, Anjo. Eu estarei do seu lado em cada passo do caminho. Você é

muito mais forte do que há duas semanas atrás, e tudo isso depois de algumas horas de trabalho com um treinador que só estava fazendo o suficiente para fazer você achar

que ele estava investido. Ele queria que você pensasse que ele estava treinando você, mas eu duvido muito que ele estava fazendo muito mais do que colocar seus músculos

a passar por um mínimo de resistência. Eu não acho que você percebeu o quão poderosa você é. Com um treinamento de verdade, você pode vencer ele.” Patch apertou minha nuca, puxando nossos rostos juntos. Ele olhou para mim com tanta segurança e confiança que quase partiu meu coração. ‘Você pode fazer isso. É uma tarefa que ninguém inveja, e eu a admiro ainda mais por considerar fazer isso,’ ele falou na minha mente.

- “Não há outra maneira?” Mas eu tinha passado os últimos vários momentos freneticamente analisando as circunstâncias de cada ângulo possível. Com a chance questionável de sucesso do Pepper, combinada com o juramento que eu fiz para o Hank, e a situação precária de toda a raça Nephilim, não havia outro jeito. Eu tinha que passar por isso.

- “Patch, eu estou com medo,” eu sussurrei.

Ele me puxou para seus braços. Ele beijou o topo da minha cabeça e acariciou meu cabelo. Ele não precisava dizer as palavras para mim para saber que ele estava apavorado também. “Eu não vou deixar você perder esse duelo, Anjo. Não vou deixar você encarar Dante sem saber que eu controlo o resultado. O duelo vai parecer justo,

mas não será. Dante selou seu destino no momento em que ele se voltou contra você.

Eu não vou deixá-lo fora de perigo.” Ele murmurou suas palavras endurecidas. “Ele não

vai sair dessa com vida.”

- “Você pode fraudar o duelo?”

A vingança latente em seu olhar me disse tudo o que eu precisava saber.

- “Se alguém descobrir – “ eu comecei.

Patch me beijou, forte, mas com um brilho divertido em seus olhos. “Se eu for pego, isso vai significar o fim sobre beijar você. Você realmente acha que eu arriscaria isso?” Seu rosto ficou sério. “Eu sei que eu não posso sentir o seu toque, mas eu sinto seu amor, Nora. Dentro de mim. Isso significa tudo pra mim. Eu queria poder sentir você do mesmo modo que você me sente, mas eu tenho seu amor. Nada vai ter mais importância do que isso. Algumas pessoas vivem suas vidas inteiras sem sentir as emoções que você tem me dado. Não há arrependimento nisso.”

Meu queixo estremeceu. “Eu estou com medo de perder você. Estou com medo de falhar ou do que vai acontecer conosco. Eu não quero fazer isso,” eu protestei, mesmo eu sabendo que não havia alçapão mágico para escapar por ele. Eu não poderia correr;

eu não poderia me esconder. O juramento que eu tinha feito para Hank iria me encontrar, não importa o quanto eu tentasse desaparecer. Eu tinha que permanecer no poder. Enquanto o exército existisse, eu tinha que ver isso. Eu apertei as mãos de Patch.

“Prometa que você vai estar comigo o tempo todo. Prometa que você não vai me fazer passar por isso sozinha.”

Patch inclinou meu queixo para cima. “Se eu pudesse fazer isso passar, eu faria. Se eu

pudesse ficar no seu lugar, eu não hesitaria. Mas sou deixado com uma escolha, e ela é

ficar do seu lado até o fim. Eu não vou vacilar, Anjo, posso te prometer isso.” Ele correu

suas mãos pelos meus braços, inconsciente de que sua promessa fez mais para me aquecer do que seu gesto. Isso quase me trouxe às lágrimas. “Eu vou começar a espalhar notícias de que você chamou um encontro urgente para hoje a noite. Eu vou

ligar para Scott primeiro, e dizer-lhe para passar a palavra adiante. Não vai demorar muito para as notícias se espalharem. Dante vai ter ouvido seu anúncio antes do fim de

uma hora.”

Meu estômago deu um solavanco nauseado. Eu mordi o interior da minha bochecha, então me forcei a acenar com a cabeça. Eu poderia muito bem aceitar o inevitável. Quanto mais cedo eu confrontasse o que estava por vir, mais cedo eu poderia formular um plano para vencer o meu medo.

- “O que eu posso fazer para ajudar?” eu perguntei.

Patch me estudou, franzindo a testa. Ele acariciou o polegar sobre o meu lábio, e depois sobre toda a minha bochecha. “Você é fria como gelo, Anjo.” Ele inclinou sua cabeça para o corredor mais fundo na casa. “Vamos colocar você na cama. Eu vou acender a lareira. O que você precisa agora é de calor e descanso. Eu vou preparar um

banho quente, também.”

Com certeza, calafrios enormes acumularam meu corpo. Era como se, em um instante, todo o calor tivesse sido sugado de mim. Eu acho que eu estava entrando em choque. Meus dentes batiam, as pontas dos meus dedos vibraram com um tremor estranho e involuntário.

Patch me pegou e me levou de volta para o seu quarto. Ele empurrou a porta com o ombro, desforrou o edredom, e colocou-me suavemente em sua cama. “Uma bebida?” ele perguntou. “Chá de ervas? Caldo?”

Olhando para o rosto dele, tão zeloso e ansioso, a culpa rodou dentro de mim.

Eu sabia bem então que Patch faria qualquer coisa por mim. Sua promessa de ficar do meu lado era tão boa para ele como um juramento. Ele parte de mim, e eu era parte

dele. Ele faria o que quer que fosse – o que quer que fosse – qu precisasse para me manter aqui com ele.

Eu me forcei a abrir minha boca antes que eu me acovardasse. “Tem algo que eu preciso te contar,” eu disse, minha voz soando fina e frágil. Eu não tinha planejado chorar, mas as lágrimas brotaram nos meus olhos. Eu fui tomada de vergonha.

- “Anjo?” Patch disse, seu tom questionando.

Eu tinha dado o primeiro passo, mas agora eu congelei. Uma voz de justificativa percorreu minha mente, dizendo que eu não tinha direito de descarregar isso em Patch. Não em seu atual estado enfraquecido. Se eu me importava com ele, eu devia manter minha boca fechada. Sua recuperação era mais importante do que tirar umas mentirinhas do meu peito. Já senti aquelas mesmas mãos geladas deslizarem até minha garganta.

- “É – Não é nada.” Eu corrigi. “Eu só preciso dormir. E você precisa ligar para Scott.” Eu

me virei para o travesseiro, então ele não poderia me ver chorar. As mãos geladas pareciam muito reais, prontas para fecharem em meu pescoço se eu dissesse demais, se eu contasse meu segredo.

- “Eu preciso ligar pra ele, é verdade. Mas mais importante do que isso, eu preciso que você me diga o que está acontecendo,” Patch disse, apenas preocupação suficiente entrando em seu tom de voz para me dizer que eu tinha passado do ponto onde eu poderia usar uma simples distração para sair dessa.

As mãos frias se enrolaram em volta da minha garganta. Eu estava muito assustada para falar. Com muito medo das mãos, de como elas me machucariam. Patch clicou no abajur de cabeceira, puxando delicadamente meu ombro, tentando ver meu rosto, mas eu só me torci mais longe. “Eu te amo,” eu sufoquei. A vergonha me inchou. Como eu podia dizer essas palavras e mentir para ele?

- “Eu sei. Assim como eu sei que você está escondendo alguma coisa. Não é hora para

segredos. Nós chegamos longe demais para voltar por esse caminho,” Patch me lembrou.

Eu assenti, sentindo as lágrimas rolares pela franha. Ele estava certo. Eu sabia disso, mas isso não fazia mais fácil confessar tudo. Eu não sabia se eu poderia. Aquelas

mãos invernais, fechando minha garganta, minha voz...

Patch escorregou na cama ao meu lado, me arrastando contra ele. Eu sentia sua respiração atrás do meu pescoço, o calor da sua pele tocando a minha. O joelho dele se encaixou perfeitamente na curva do meu. Ele beijou meu ombro, seu cabelo preto caindo na minha orelha.

Eu – menti – para – você, eu confessei em seus pensamentos, sentindo como se eu tivesse que empurrar as palavras para fora através de uma parede de tijolos. Eu fiquei tensa, para as mãos frias que iam se apoderar de mim, mas para minha surpresa, seu aperto pareceu enfraquecer com a minha confissão. Seu toque frio escorregou e vacilou. Estimulada por este pequeno avanço, eu pressionei. ‘Eu menti para a única pessoa cuja confiança significa mais para mim do que qualquer coisa. Eu menti para você, Patch, e eu não sei se eu posso me perdoar’.

Ao invés de exigir uma explicação, Patch continuou um rastro de beijos lentos, constantes no meu braço. Não estava, até que ele deu um beijo no inteiro do meu pulso e falou. “Obrigado por me contar.” Ele disse quietamente.

Rolei, piscando em surpresa. “Você não quer saber sobre o que eu menti?”

- “Eu quero saber o que eu posso fazer para você se sentir melhor.” Ele esfregou os ombros em círculos, dando-me certa tranquilidade.

Eu não me sentiria melhor até que eu desabafasse. Não era responsabilidade de Patch aliviar o meu fardo – era minha, e sentia cada última angústia de culpa como se me espetasse com uma lâmina de ferro.

- “Eu tenho tomado – devilmcraft.” Eu não podia imaginar que minha vergonha poderia

crescer, mas parecia inchar dentro de mim o triplo do tamanho. “Todo esse tempo eu tenho tomado. Eu nunca tomei o antídoto que você pegou do Blakely. Eu fiquei com ele, me dizendo que eu tomaria mais tarde, depois do Cheshvan, quando eu não precisasse mais ser sobre-humana, mas isso era uma desculpa. Eu nunca tive a intenção

de tomar. Todo esse tempo eu tenho estado dependendo do devilcraft. Estou apavorada de não ser forte o suficiente sem ele. Eu sei que eu tenho que para, e eu sei

que é errado. Mas ele me dá habilidades que eu não posso obter sozinha. Eu enganei sua mente fazendo você pensar que eu bebi o antídoto, e - eu nunca estive mais arrependida na minha vida!”

Eu baixei meus olhos, incapaz de suportar a decepção e desgosto que com certeza iriam ascender no rosto de Patch. Era horrível o bastante saber a verdade, mas

me ouvir dizer em voz alta cortou o núcleo. Quem eu era afinal? Eu não me reconhecia

e esse era o pior sentimento que eu tinha experimentado. Em algum lugar no caminho, eu tinha me perdido. E tão fácil quanto era culpar o devilcraft, eu tinha feito a escolha de roubar a primeira garrafa de Dante.

Por fim Patch falou. Sua voz estava tão firme, tão cheia de uma quieta admiração, que me fez imaginar se ele podia ter sabido do meu segredo todo o tempo. “Você sabia, a primeira vez que eu te vi, eu pensei: eu nunca tinha visto nada mais cativante e bonita?”

- “Por que você está me contando isso?” eu disse miseravelmente.

- “Eu vi você, e queria estar perto de você. Eu queria que você me deixasse entrar. Eu queria conhecer você de um modo que ninguém mais podia. Eu queria você, toda você. Esse desejo quase me deixou louco.” Patch pausou, inalando suavemente, enquanto expirava em mim. “E agora que eu tenho você, a única coisa que me apavora

é ter que voltar para aquele lugar. Ter que desejar você de novo, sem esperança do

meu desejo ser suprido. Você é minha, Anjo. Cada parte de você. Eu não vou deixar nada mudar isso.”

Eu apoiei meu peso no meu cotovelo, encarando ele. “Eu não mereço você, Patch. Não importa o que você diga. É a verdade.”

- “Você não me merece,” ele concordou. “Você merece alguém melhor. Mas você está presa comigo, e assim como você pode superar isso.” Me escorregando para baixo dele

em um ágil movimento, e rolou por cima de mim, seu olhar negro todo pirata. “Eu não tenho a intenção de te deixar ir facilmente, é algo para se ter em mente. Eu não me importo se é outro homem, sua mãe, ou as forças do inferno tentando nos separar, eu não estou facilitando e eu não estou dizendo adeus.”

Eu pisquei minhas pálpebras molhadas. “Eu não vou deixar nada ficar entre nós também. Especialmente o devilmcraft. Eu tenho o antídoto na minha bolsa. Eu vou toma-

lo agora. E, Patch?” eu adicionei com uma emoção sincera. “Obrigada... por tudo. Eu não sei o que eu faria sem você.”

- “Ainda bem,” ele murmurou. “Porque eu não vou deixar você sair!”

Eu afundei de volta na cama dele, feliz por ser obrigada.

CAPÍTULO 32

COM CERTZA, A INFORMAÇÃO DA MINHA SOLICITAÇÃO DE ENCONTRAR OS

NEPHILINS SUPERIORES SE ESPALHOU. No domingo a tarde, os canais Nephilins

zumbiam com expectativa e especulação. Eu estava recebendo toda a pressão, e as notícias do anúncio de Dante tinham sido um fiasco. Eu tinha roubado o show, e Dante não podia colocar qualquer protesto. Eu não tinha dúvida de que Patch estava certo – Dante iria colocar seus planos em espera até que ele pudesse ver meu próximo

movimento.

Scott ligava a cada hora com uma atualização, que normalmente era pra me dizer as mais recentes teorias que os Nephilins estavam produzindo em relação ao meu

primeiro ataque combativo contra os anjos caídos. Emboscadas, destruição das vias de

comunicação, envio de espiões e sequestrar os comandantes dos anjos caídos todos tinham entrado na lista glorificada. Como Patch tinha previsto, os Nephilins tinham rapidamente concluído a guerra era a única razão de eu ter convocado a reunião. Eu me perguntava se Dante tinha chegado na mesma conclusão. Eu desejava poder dizer sim, eu o havia enganado, mas a experiência me disse que ele era astuto o bastante para saber melhor – ele sabia que eu tramava alguma coisa.

- “Boas novas,” Scott disse animadamente pelo telefone. “Os figurões – os Nehiplins mais importantes – aceitaram sua solicitação para uma reunião. Eles determinaram a localização, e não é no Delphic. Além disso, eles estão mantendo as coisas cômodas. Como esperado, é uma festa somente para convidados. Vinte Nephilins no máximo. Sem furos, muitos guardas. Cada Nephil convidado será examinado antes de entrar. A boa notícia é, eu estou na lista de convidados. Demorou algumas trocas de ideias, mas

eu estarei lá com você.”

- “Apenas me diga o local,” eu disse, tentando não soar enjoada.

- “Eles querem se encontrar na antiga casa de Hank Millar.”

Minha espinha se arrepiou. Eu nunca seria capaz de apagar aqueles olhos azuis árticos quando o nome dele viesse à mente.

Eu deixei seu fantasma de lado e me foquei. Uma sofisticada casa colonial georgiana numa área humana respeitada. Não parecia sombrio o suficiente para um encontro secreto Nephilim. “Por que lá?”

- “Os superiores pensaram que isso mostrava um gesto de respeito ao Mão Negra. Boa

ideia, eu digo. Ele começou toda essa bagunça,” Scott adicionou maliciosamente.

- “Continue falando assim, que eles irão te tirar da lista de convidados.”

- “A reunião foi marcada para às dez da noite. Mantenha seu telefone próximo, no caso de eu saber mais alguma coisa. Não esqueça de agir surpresa quando eles ligarem com

os detalhes. Não pode tê-los pensando que já tem um problema com um espião. Mais uma coisa. Me desculpe sobre Dante. Eu me sinto responsável. Eu apresentei você. Se

eu pudesse, eu desmembraria ele. E em seguida, amarraria um tijolo em cada um dos seus membros, os levaria ao mar, e os jogaria lá. Cabeça erguida. Eu estou nas suas costas.”

Eu desliguei e me virei na direção de Patch, que estava encostado na parede me observando atentamente durante toda a conversa.

- “A reunião é hoje a noite,” eu disse a ele. “Na antiga casa dos Millar.” Eu não teria coragem de terminar o pensamento que estava rolando na minha mente. Uma casa particular? Rastreamentos? Guardas? Como diabos Patch entraria? Para meu grande desânimo, parecia que eu estava indo sem ele hoje à noite.

- “Funciona,” Patch disse calmamente. “Eu estarei lá.”

Eu admirava sua confiança fria, mas eu não via como ele possivelmente iria se esgueirar despercebido. “A casa vai estar altamente guardada. No minuto que você por

o pé no quarteirão, eles saberão. Talvez se eles tivessem selecionado um museu ou um

tribunal, mas não isso. A casa dos Millar é grande, mas não tão grande. Eles vão ter cada centímetro quadrado coberto.”

- “Que é exatamente o que eu planejei. Eu já resolvi os detalhes. Scott vai me deixar entrar.”

- “Não vai funcionar. Eles estarão esperando anjos caídos espiões, e mesmo se Scott destrancar a janela para você, eles vão ter pensado nisso. Não apenas vão capturar

você, como vão saber que Scott é um traídor – “

- “Eu vou possuir o corpo de Scott.”

Eu vacilei. Vagarosamente, sua solução se formou na minha mente. Claro. Era Cheshvan. Patch não teria problema em tomar o controle do corpo de Scott. E a partir de uma perspectiva externa, não haveria como dizer a diferença entre os dois. Patch seria bem vindo na reunião, sem olharem para ele. Era o disfarce perfeito. Com apenas

um pequeno probleminha. “Scott nunca vai concordar com isso.”

- “Ele já concordou.”

Olhei de volta em descrença. “Concordou?”

- “Ele vai fazer isso por você.”

Minha garganta de repente se fechou. Não havia nada no mundo que Scott tinha lutado mais do que manter anjos caídos longe de possuí-lo. Eu percebi naquele momento apenas o quanto minha amizade significava para ele. Para ele fazer isso – a única coisa que ele abominava – não haviam palavras. Só uma profunda, dolorida gratidão por Scott e a determinação de não falhar com ele.

- “Hoje a noite, eu preciso que você seja cuidadoso,” eu disse.

- “Eu serei cuidadoso. E eu não vou ultrapassar minhas boas vindas. No minuto que você estiver fora da reunião segura, e eu tiver ficado tempo suficiente pra saber tudo o que eu puder, Scott terá seu corpo de volta. Eu terei certeza de que nada aconteça com ele.”

Eu apertei Patch em um abraço feroz. “Obrigada,” eu sussurrei.

Mais tarde naquela noite, às nove horas, eu parti da casa de Patch. Eu saí sozinha, dirigindo um carro alugado como solicitação dos meus nephilins. Eles pontilharam cada caminho que eu cruzei o que não dava qualquer chance de algum nephilim intrometido ter me seguido, ou pior, qualquer anjo caído que possa ter apanhado ao vento a reunião de hoje a noite super secreta.

As ruas estavam escuras e escorregadias como a neblina de um filme. Meus faróis varreram a parte negra do pavimento que rolava por cima das colinas e nas curvas. Eu tinha o aquecedor acionado, mas nunca expulsava completamente os calafrios dos meus ossos. Eu não sabia o que esperar dessa noite, e isso fazia desse um

plano difícil. Eu teria que reproduzir as coisas de ouvido, minha maneira menos favorita

de agir. Eu queria entrar na casa dos Millar com algo para segurar além dos meus próprios instintos, mas isso era tudo o que eu tinha. Finalmente eu estacionei em frente à antiga casa de Marcie.

Eu sentei no carro um momento, olhando para as colunas brancas e as pequenas portas pretas. A relva estava perdida sob folhas secas. Ramos marrons, os restos de hortênsias, sobressaíam duplos de vasos de terracota acompanhando a varanda. Jornais em vários estados de decomposição enchiam a passagem. A casa tinha

sido desocupada depois da morte de Hank e não parecia tão atraente e elegante como eu me lembrava. A mãe de Marcie havia se mudado para um apartamento no rio, e Marcie, bem, Marcie tinha levado a frase 'mi casa es su casa' de coração.

Luzes fracas brilhavam atrás de janelas drapeadas, e enquanto eles não revelavam as silhuetas, eu sabia que os mais poderosos e influentes líderes Nephilim do mundo estavam sentados logo atrás da porta da frente. Esperando para formar julgamentos das notícias que eu estava prestes a entregar. Eu também sabia que Patch

estaria lá, se certificando que nenhum perigo sobreviesse a mim.

Apegada a esse pensamento, respirei irregularmente e marchei até a porta da frente.

Eu bati.

A porta da frente se abriu, e eu fui conduzida para dentro por uma mulher alta cujos olhos permaneceram em mim tempo suficiente para confirmar minha identidade.

Seu cabelo tinha sido penteado para trás numa trança apertada, e não havia nada mesmo notável ou memorável em seu rosto.

Ela murmurou um educado mas reservado, “Olá,” e então, com um gesto rígido de sua mão, me direcionou para mais fundo na casa.

A batida dos meus sapatos ecoou pelo corredor mal iluminado. Passei por retratos da família Millar, sorrindo através do vidro empoeirado. Um vaso de lírios mortos estava na mesa de entrada. A casa inteira tinha cheiro de guardado*. Eu segui o rastro de luzes para a sala de jantar.

(*Cheiro de guardado: o termo em inglês é bottled up, que seria engarrafado. Mas achei cheiro de guardado mais apropriado. Pra quem não sabe o que é, significa o mesmo que cheiro de mofo.)

Assim que eu passei pelas portas francesas, a conversa abafada morreu. Havia seis homens e cinco mulheres em cada lado sentados em uma longa, mesa de mogno polido. Mais alguns Nephilins ficaram em torno da mesa, parecendo agitados e apreensivos. Eu quase dei uma segunda olhada quando eu vi a mãe de Marcie. Eu sabia

que Susanna Millar era Nephilim, mas sempre senti como um pensamento intangível à deriva nos fundos da minha mente. Vê-la aqui essa noite, convocada numa reunião secreta de imortais, fez ela se sentir de repente... ameaçada. Marcie não estava com ela.

Talvez Marcie não tinha querido vir, mas uma explicação mais plausível era que ela não

tinha sido convidada. Susanna parecia o tipo de mãe que se inclinava para trás, para

manter sua filha fora do menor tipo de complicação.

Encontrei o rosto de Scott no grupo. Sabendo que Patch estava possuindo ele, o barulho do meu estômago deu um alívio momentâneo. Ele chamou minha atenção e inclinou sua cabeça, um aceno secreto de encorajamento. Um profundo sentimento de certeza e segurança me inundou. Eu não estava nessa sozinha. Patch estava na retaguarda. Eu devia ter sabido que ele encontraria um jeito de estar aqui, não importa

o risco.

E então lá estava Dante. Ele sentou na ponta da mesa, usando uma camiseta de caxemira preta e uma carranca pesada. Seus dedos se juntaram ao longo de sua boca,

e quando os olhos dele prenderam os meus, seus lábios se contraíram com um sorriso de desdém. Suas sobrancelhas se levantaram num discreto mas evidente desafio. Eu desviei o olhar.

Voltei minha atenção para a mulher idosa num vestido de coquetel roxo e diamantes sentada na outra ponta da longa mesa. Lisa Martin. Segundo Hank, ela era a

nephil mais influente e respeitada que eu tinha encontrado. Eu não gostava ou confiava nela. Sentimentos que eu teria que reprimir pelos próximos vários minutos, se eu quisesse passar por isso.

- “Estamos tão alegre que você instigou essa reunião, Nora.” Sua voz quente, real e de aceitação escorria como mel em meus ouvidos. Meu coração acelerado diminuiu. Se eu

poderia ter ela do meu lado, eu já estava a meio caminho.

- “Obrigada,” eu consegui por fim.

Ela gesticulou para o assento vazio ao seu lado, acenando para sentar-me.

Eu fui para a cadeira, mas eu não sentei. Eu estava com medo de que perderia meus nervos se fizesse. Inclinando minhas mãos na mesa para apoio, eu ignorei as gentilezas e me lancei para o verdadeiro significado da minha visita.

- “Eu estou ciente de que nem todos nessa sala pensam que eu sou a melhor pessoa para liderar o exército do meu pai,” eu disse sem rodeios. A palavra “pai” tinha um gosto amargo na minha boca, mas me lembrei da advertência de Patch para conectar-me a Hank de qualquer maneira que eu pudesse essa noite. Nephilins adoravam ele, e se eu pudesse usar essa aprovação, mesmo uma aprovação clandestina, eu deveria. Eu fiz contato visual com todos sentados na mesa, e alguns atrás dela. Eu tinha

que mostrar a eles que eu tinha força moral e coragem, e acima de tudo, que eu estava

descontente com sua falta de apoio. “Sei que alguns de você já vieram com uma lista de homens e mulheres mais adequados para essa tarefa.” Eu pausei de novo, voltando

todo o peso do meu olhar em Dante. Ele segurou meu olhar, mas eu vi ódio crepitar por trás de seus olhos castanhos. “E eu sei que Dante Matterazzi está no topo da lista.”

Um murmurinho circundou a sala. Mas ninguém contestou minha afirmação.

- “Eu não chamei vocês aqui essa noite para discutir meu primeiro ataque ofensivo na guerra contra os anjos caídos. Eu chamei vocês aqui pois sem um líder forte e sua aprovação daquele indivíduo, não haverá uma guerra. Os anjos caídos vão nos separar.

Nós precisamos de unidade e solidariedade,” eu incitei para eles com convicção. “Eu acredito que eu sou a melhor líder, e meu pai pensava do mesmo modo. Claramente, eu não tenho convencido vocês. E é por isso que, essa noite, eu estou desafiando Dante Matterazzi para um duelo. O vencedor lidera esse exército de uma vez por todas.”

Dante disparou de pé. “Mas nós estamos namorando!” Sua expressão pintou um retrato perfeito de choque misturado com orgulho ferido. “Como você pode sugerir duelar comigo?” ele disse, sua voz flácida com a humilhação.

Eu não esperava que ele alegasse nosso completamente falso relacionamento, construído sob a base fraca de um acordo falado e nunca realizado – um

relacionamento que eu tinha esquecido imediatamente, e que agora azedou meus ossos, mas isso não iria me surpreender no silêncio. Eu disse friamente, “Eu estou disposta a derrubar qualquer um – é isso que liderar os Nephilins significa pra mim. Eu tenho a honra de desafiar você para um duelo, Dante.”

Nenhum Nephil falou. A surpresa registrada em suas expressões, rapidamente foi seguida de satisfação. Um duelo. O vencedor leva tudo. Patch estava certo –

Nephilins ainda estavam totalmente enraizados num mundo arcaico, regrados por princípios darwinistas. Eles ficaram satisfeitos com o rumo dos acontecimentos, e estava bem claro pelos olhos de adoração que eles lançaram na direção de Dante que nenhum Nephil na sala duvidava quem seria o vencedor.

Dante tentou manter seu rosto impassível, mas eu vi ele sorrir suavemente da minha insensatez e da sua boa sorte. Ele pensou que eu tinha errado, tudo bem. Mas seus olhos imediatamente se estreitaram com desconfiança. Aparentemente ele não ia pegar a isca precipitadamente.

- "Não posso fazer isso," ele anunciou. "Isso seria traição." Seus olhos varreram a sala, como se para determinar se suas palavras galantes lhe deram mais alguma aprovação.

"Eu tenho dado minha fidelidade para Nora, e eu não poderia pensar em fazer qualquer ato que contradiria isso."

- "Como sua comandante, eu estou ordenando que você duele," eu retorqui secamente. Eu ainda era líder desse exército, droga, e eu não iria deixar ele me enfraquecer com palavras suaves e bajulação. "Se você realmente é o melhor líder, eu vou me afastar. Eu quero o que é melhor para o meu povo." Eu tinha ensaiado as falas

centenas de vezes, e enquanto eu estava dando um discurso bem ensaiado, eu quis dizer cada palavra. Eu pensei em Scott, Marcie, milhares de nephilins que eu nunca conheci, mas ainda me importava porque eu sabia que eles eram bons homens e mulheres que não mereciam ser escravizados por anjos caídos todo ano. Eles mereciam

uma luta justa. E eu ia fazer o meu melhor para dar a eles uma.

Eu estava errada antes – vergonhosamente errada. Eu tinha evitado lutar pelos nephilins por medo dos arcanjos. Ainda mais condenável, eu tinha usado a guerra como desculpa para tomar mais devilcraft. Todo esse tempo eu tinha estado mais preocupada comigo mesma do que com as pessoas que eu tinha sido encarregada de liderar. Isso terminava agora. Hank tinha confiado a mim seu cargo, mas eu não estava

fazendo isso por ele. Eu estava fazendo isso porque era a coisa moral a se fazer.

- “Eu acho que Nora tem um ponto forte,” Lisa Martin falou. “Não há nada mais sem inspiração do que a liderança se propagar. Talvez o Mão Negra estava certo sobre ela.”

Deu de ombros. “Talvez tenha cometido um erro. Vamos resolver o problema com nossas próprias mãos e acabar com isso de uma vez por todas. Então nós podemos ir para a guerra contra nossos inimigos, unidos atrás de um líder forte.”

Eu dei a ela um aceno de apreciação. Se eu tinha ela do meu lado, os outros teriam que entrar na fila.

- “Eu concordo,” um nephil falou do outro lado da sala.

- “Eu também.”

Mais ratificações zubiam através da sala de jantar.

- “Todos a favor, só para saber,” disse Lisa.

Um por um, mãos dispararam. Patch prendeu seus olhos com os meus, então

levantou seu braço. Eu sabia que matava ele por ter que fazer isso, mas nós estávamos

sem alternativas. Se Dante me tirasse do poder, eu morreria. Minha única chance era lutar, e tentar o meu melhor para ganhar.

- “Nós temos uma maioria,” Lisa disse. “O duelo será realizado ao nascer do sol de amanhã, segunda-feira. Eu vou mandar a informação com o local, assim que for determinado.”

- “Dois dias,” Patch imediatamente interveio, falando na voz de Scott. “Nora nunca disparou um revólver antes. Ela vai precisar de tempo para treinar.”

Eu também precisava dar tempo a Pepper de retornar do Céu com sua adaga encantada, esperançosamente fazendo do duelo uma questão discutível.

Lisa sacudiu a cabeça. “Muito tempo. Anjos caídos podem vir até nós qualquer dia agora. Nós não temos ideia por que eles tem esperado, mas nossa sorte não pode durar.”

- “E eu nunca disse nada sobre revolveres,” Dante falou, olhando para mim e Patch astutamente como se tentasse adivinhar o que íamos fazer. Ele observou meu rosto para qualquer indicio de emoção. “Eu prefiro espadas.”

- “É um pedido de Dante,” Lisa expos. “O duelo não foi ideia dele. Ele tem o direito de escolher a arma. Está decidido por espadas, então?”

- “Mais elegante,” Dante explicou, espremendo cada última gota de aprovação dos seus colegas nephilins.

Eu endureci, resistindo à vontade de enviar para Patch um pedido de ajuda.

- “Nora nunca tocou numa espada na vida dela,” Patch argumentou, de novo falando através da voz de Scott. Não será uma luta justa se ela não puder treinar. Dê a ela até terça de manhã.”

Ninguém se apressou para apoiar o pedido de Patch. O desinteresse na sala era

tão espesso, que eu poderia ter estendido a mão e apertá-lo. Meu treinamento era a menor das suas preocupações. De fato, quanto mais cedo Dante estivesse no poder, a atitude indiferente deles disse, melhor.

- “Você está tomando para si mesmo treiná-la Scott?” Lisa perguntou a Patch.

- “Ao contrário de alguns de vocês, eu não me esqueci que ela ainda é nossa líder,” Patch respondeu num tom frio.

Lisa inclinou a cabeça como se quisesse dizer, Muito bem. “Então está decidido.

Duas manhãs a partir de agora. Até lá, desejo o melhor a vocês dois.”

Eu não andava. Com o duelo para rolar adiante, e minha parte nesse plano perigoso mantida, me deixei sair. Eu sabia que Patch teria que ficar um pouco mais, para avaliar a reação da sala e possivelmente ouvir por acaso informações vitais, mas eu me vi desejando que ele se apressasse.

Essa não era uma noite que eu queria estar sozinha.

CAPÍTULO 33

SABENDO QUE PATCH ESTARIA OCUPADO ATÉ O ÚLTIMO NEPHILIM DEIXAR A ANTIGA

CASA DOS MILLAR, eu dirigi até a casa da Vee. Eu estava usando minha jaqueta jeans

com dispositivo de rastreamento e sabia que Patch seria capaz de me encontrar se eu precisasse dele. Ao mesmo tempo, havia uma coisa que eu precisava tirar do meu peito.

Eu não poderia mais fazer isso por conta própria. Eu tinha tentado manter Vee segura, mas eu precisava da minha melhor amiga.

Eu tinha que contar tudo a ela.

Imaginando que a porta da frente não era o melhor modo de chegar até Vee essa hora da noite, eu escolhi meu caminho cuidadosamente através de seu quintal, pulei a cerca de arame, e bati na janela do quarto dela.

Um momento depois as cortinas foram lançadas de lado e o rosto dela

apareceu atrás do vidro. Mesmo que a hora estivesse perto da meia noite, ela não tinha

colocado o pijama. Ela levantou a janela alguns centímetros. “Cara, você escolheu uma

hora ruim para aparecer. Eu achei que você fosse Scott. Ele está a caminho a qualquer

momento.”

Quando eu falei, minha voz soou rouca e trêmula. “Nós precisamos conversar.”

Vee não ficou parada. “Eu vou ligar para Scott e cancelar.” Ela abriu a janela completamente para me convidar para entrar. “Me diga o que está se passando na sua cabeça, babe.”

Para o crédito dela, Vee não gritou, soluçou histericamente, ou fugiu do quarto no momento em que eu terminei de contar a ela os segredos fantásticos que eu tinha mantido para mim mesma nos últimos seis meses. Ela tinha vacilado uma vez quando

eu tinha explicado que nephilins eram as proles de humanos e anjos caídos, mas por outro lado, a expressão dela tinha ficado livre de horror e descrença. Ela ouviu atentamente enquanto eu descrevia duas raças guerreiras de imortais, o papel de Hank

Millar em tudo, e como ele tinha depositado sua bagagem no meu colo. Ela até mesmo conseguiu sorrir levemente enquanto eu tirei os disfarces sobre as identidades verdadeiras de Patch e Scott.

Quando eu terminei, ela meramente levantou a cabeça, me examinando. Depois de um momento, ela disse, “Bem, isso explica muito.”

Era minha vez de pestanejar. “Sério? É tudo que você tem a dizer? Você não está, eu não sei... atordoada? Confusa? Desorientada? Histérica?”

Vee bateu em seu queixo contemplativamente. “Eu sabia que Patch era de algum modo muito hard core para ser humano.”

Eu estava começando a me perguntar se ela já tinha me ouvido dizer que eu não era humana. “E sobre mim? Você está completamente tranquila com a ideia não apenas de eu ser uma nephilim, mas que eu supostamente devo estar liderando todos os outros nephilins por aí” – eu empurrei meu dedo na janela – “numa guerra contra anjos caídos. Anjos caídos, Vee. Como na Bíblia. O Céu tem banido malfeitores.”

- “Na verdade, eu acho que é bem incrível.”

Eu franzi minha sobrancelha. “Eu não acredito que você está sendo tão calma sobre isso. Eu esperava algum tipo de reação. Eu esperava uma explosão. Baseada em experiências passadas, eu esperava agitação de braços e uma dose saudável de palavrões, no mínimo. Eu poderia muito bem contar isso para uma parede de tijolos.”

- “Babe, você está me fazendo soar como uma diva.”

Isso trouxe uma sutileza aos meus lábios. “Você quem disse, não eu.”

- “Eu só acho que é realmente estranho que você disse que a maneira mais fácil de identificar um nephilim é por sua altura, e você, minha amiga, não é extraordinariamente alta,” disse Vee. “Agora eu, por exemplo. Eu sou alta.”

- “Estou tenho altura média porque Hank – “

- “Entendi. Você já explicou a parte sobre fazer o juramento para se tornar nephilim enquanto você era humana, daí o físico na média, mas ainda é meio que uma porcaria,

certo? Quero dizer, se o Voto de Transição tivesse feito você alta? E se tivesse feito você tão alta quanto eu?”

Eu não sabia onde Vee estava indo com isso, mas eu senti que ela estava

perdendo o foco. Isso não era sobre quão alta eu era. Isso era sobre abrir a mente dela

para um mundo imortal que não deveria supostamente existir – e eu tinha acabado de

estourar a bolha pouco segura em que ela estava vivendo.

- “O seu corpo se cura rapidamente agora que você é uma nephilim?” Vee continuou.

“Porque se você não consegue essa recuperação, você realmente está enganada.”

Eu endureci. “Vee, eu não te contei sobre nossas capacidades de cura acelerada.”

- “Huh. Eu acho que você não contou.”

- “Como você poderia saber, então?” Eu encarei Vee, revendo cada palavra da nossa conversa. Eu definitivamente não tinha contado pra ela. Meu cérebro pareceu lutar para

frente em câmera lenta. E então, assim, o entendimento chegou para mim muito rápido

para digeri-lo. Eu cobri minha boca com minha mão. “Você ... ?”

Vee sorriu. “Eu te disse que eu estava guardando segredos de você.”

- “Mas – não pode ser – não é – “

- “Possível? É, isso foi o que eu pensei da primeira vez também. Eu achei que eu estava

passando por algum tipo de segundo lance da menstruação. Essas duas últimas

semanas que se passaram eu tenho estado cansada e com cólica e totalmente

chateada com o mundo. Então, na semana passada, eu cortei meu dedo enquanto

cortava uma maçã. Se curou tão rápido que eu quase pensei que eu tinha imaginado

estar ver sangue. Coisas mais estranhas aconteceram depois disso. Na educação física,

eu servi (bati) a bola de vôlei tão forte que atingiu a parede dos fundos do lado oposto da quadra. Durante os pesos, eu não tinha problema em levantar o que os caras mais volumosos da classe estavam levantando. Eu escondi, claro, porque eu não queria chamar atenção para mim até eu descobrir o que estava acontecendo com o meu corpo. Confie em mim, Nora. Eu sou cem por cento nephilim. Scott entendeu isso imediatamente. Ele tem me ensinado as cordas (?) e me ajudando a lidar com a ideia

de que 17 anos atrás, minha mãe fez o ato com um anjo caído. Ajudou saber que Scott passou por uma mudança física similar e compreensão sobre seus próprios pais. Nenhum de nós pode acreditar que levou tanto tempo para você descobrir isso.” Ela socou meu ombro.

Eu senti meu maxilar pendurado estupidamente. “Você. Você é – realmente uma nephilim.” Como eu não pude ter visto isso? Eu devia ter detectado isso em um instante – eu poderia com qualquer outro nephil, ou anjo caído para esse efeito. Era porque Vee era mesmo minha melhor amiga no mundo, e tinha sido por tanto tempo, que eu não podia vê-la de outra forma?

- “O que Scott tem te contado sobre a guerra?” eu perguntei por fim.

- “Era uma das razões que ele estava vindo hoje a noite, para me trazer a par da situação. Parece que você está num grande problema, Senhora Abelha Rainha. Líder do

exército do Mão Negra?” Vee soltou um assobio apreciativo. “Maldição, garota.

Certifique-se de manter seu resumo.”

CAPÍTULO 34

EU USAVA APENAS TÊNIS, SHORTS E UMA REGATA QUANDO ENCONTREI PATCH cedo na manhã seguinte num pedaço rochoso do litoral. Era segunda, o prazo de Pepper.

Também era um dia de escola. Mas eu não podia me preocupar com nenhuma dessas coisas agora. Treino primeiro, estresse mais tarde.

Eu envolvi minhas mãos em bandagens, prevendo que a versão de treinamento de Patch colocaria vergonha na de Dante. Meu cabelo estava puxado para trás em uma apertada trança francesa, e meu estômago estava vazio exceto por um copo de água.

Eu não tinha ingerido devilcraft desde sexta, e isso mostrava. Eu tinha uma dor de cabeça do tamanho de Nebraska na cabeça, e minha visão entrava e saía de foco quando eu virava minha cabeça muito bruscamente. Uma fome irregular arranhava dentro de mim. A dor era tão feroz, que eu não podia recuperar meu fôlego.

Mantendo minha promessa para Patch, eu tinha tomado o antídoto diretamente após confessar meu vício, mas aparentemente a medicação demorou um pouco para seguir seu curso. Provavelmente não ajudou eu ter bombeado grandes quantidades de devilcraft a minha dieta semana passada.

Patch usava um jeans escuro e uma camisa que combinava e abraçava sua forma. Ele descansou suas mãos nos meus ombros, me encarando. “Pronta?”

Apesar do clima sombrio, eu sorri e estalei meus dedos. “Pronta para lutar com meu namorado deslumbrante? Oh, eu diria que eu estou pronta para isso.”

Divertimento suavizou seus olhos.

- “Vou tentar controlar onde colocar minhas mãos, mas no calor das coisas, quem sabe

o que pode acontecer?” eu adicionei.

Patch sorriu. “Parece promissor.”

- “Tudo bem, treinador. Vamos fazer isso.”

Com a minha palavra, a expressão de Patch se tornou focada e metódica. “Você

não tem sido treinada na esgrima, e eu estou apostando que Dante teve mais do que de sua parcela justa de prática ao longo dos anos. Ele é tão velho quanto Napoleão, e provavelmente saiu do ventre de sua mãe acenando com uma espada de couraça. Sua

melhor opção é tirar a espada dele no início e mover rapidamente para um combate corpo a corpo.”

- “Como eu vou fazer isso?”

Patch pegou dois pedaços de pau perto dos seus pés que ele tinha cortado

aproximadamente do comprimento de uma espada padrão. Ele arremessou um pelo ar,

e eu peguei. “Puxe sua espada antes de você começar a lutar. Leva mais tempo para sacar a espada do que para ser atingido.”

Eu fingi tirar a minha espada de uma bainha invisível no meu quadril, e a segurei pronta.

- “Mantenha os pés ligeiramente afastados em todos os momentos,” Patch instruiu, envolvendo-me em um lento e relaxado esquivo. Você não quer perder seu equilíbrio e jornada. Nunca deixe seus pés juntos, e sempre mantenha a lâmina próxima do seu corpo. Quanto mais você se inclinar ou esticar, mais fácil será para Dante te bater.”

Nós trabalhamos o jogo de pernas e equilíbrio por vários minutos, o choque brusco de nossas espadas improvisadas soando acima da maré baixa.

- “Mantenha o olhar atento nos movimentos de Dante,” Patch disse. “Ele vai se instalar em um padrão de imediato, e você vai começar a aprender quando ele se lançar para um ataque. Quando ele fizer, lance um ataque preventivo.”

- “Certo. Vai precisar de uma dramatização para isso aí.”

Patch escorregou seu pé para frente rapidamente, balançando sua espada sobre a minha tão violentamente, que o bastão vibrou em minhas mãos. Antes que eu pudesse me recuperar, ele fez um segundo golpe rápido, enviando a espada para fora de meu controle.

Peguei minha espada, limpei meu rosto, e disse, “Eu não sou forte o suficiente.

Eu não acho que um dia eu serei capaz de fazer isso com Dante.”

- “Você vai, uma vez que você tiver enfraquecido ele. O duelo está programado para acontecer amanhã ao nascer do sol. Seguindo a tradição, será em um lugar aberto, algum lugar remoto. Você vai forçar Dante numa posição onde o sol nascente esteja nos olhos dele. Mesmo se ele tentar reverter suas posições, ele é alto o bastante que

irá sombrear os raios solares da sua visão. Use a altura dele para sua vantagem. Ele mais alto do que você, e isso irá expor as pernas dele. Um ataque duro mesmo no joelho vai desequilibrar ele. Assim que ele perder sua posição, ataque.”

Desta vez eu refiz o movimento anterior de Patch, forçando-o a perder o equilíbrio com um golpe em seu joelho, seguida por uma rápida sucessão de ataques e

socos. Eu não tirei a espada dele, mas eu enfiei a ponta da minha própria espada contra sua barriga exposta. Se eu pudesse fazer isso com Dante, este seria o ponto decisivo do duelo.

- “Muito bom,” Patch disse. “O duelo inteiro provavelmente irá levar menos do que trinta segundos. Cada movimento conta. Seja cautelosa e equilibrada. Não deixe Dante

incitá-la a cometer um erro imprudente. Esquivar e contornar vão ser suas maiores defesas, especialmente numa clareira aberta. Você terá bastante espaço para evitar a espada dele, deslizando para fora de seu caminho rapidamente.”

- “Dante sabe que ele é, tipo, um zilhão de vezes melhor do que eu.” Eu arqueei minhas

sobrancelhas. “Alguma palavra sábia de aconselhamento para lidar com a falta total e absoluta de confiança?”

- “Deixe o medo ser sua estratégia. Finja estar mais apavorada do que você realmente está para acalmar Dante numa falsa sensação de superioridade. Arrogância pode ser mortal.” Os cantos da boca dele subiram. “Mas você não me ouviu dizer isso.”

Baixei a simulação da espada sobre meus ombros como um taco de beisebol.

“Então, basicamente, o plano é tirar a espada dele, desferir um golpe fatal, e reivindicar

minha posição de direito como líder dos Nephilins.”

Um aceno. “Doce e simples. Outras dez horas disso, e você será uma profissional.”

- “Se nós iremos fazer isso por dez horas, eu vou precisar de um pequeno incentivo para ficar motivada.”

Patch enganchou seu cotovelo no meu pescoço e me arrastou para um beijo.

“Toda vez que você tirar minha espada, eu te devo um beijo. Como isso soa?”

Mordi o lábio para não rir. “Isso soa muito obsceno.”

Patch balançou as sobrancelhas. “Olha a mente de quem foi pra sarjeta. Dois beijos por retirada. Alguma objeção?”

Eu me revesti de um rosto inocente. “Absolutamente nenhuma.”

Patch e eu não paramos de duelar até o por do sol. Nós destruímos cinco conjuntos de espada, e paramos apenas para almoçar e para eu receber meus beijos premiados – alguns dos quais duraram tempo suficiente para chamar a atenção de vagabundos e uns poucos corredores. Tenho certeza de que nós parecíamos insanos, correndo sobre rochas escarpadas, enquanto balançávamos espadas de madeira um para o outro com força suficiente para deixar hematomas e, muito provavelmente, alguns casos de hemorragia interna. Felizmente, minha cura acelerada cicatrizou o pior

dos meus ferimentos e não interferiu com nosso treinamento.

Ao anoitecer, nós dois estávamos cobertos de suor e eu estava completamente cansada. Em apenas doze horas, eu duelaria com Dante pra valer. Sem espadas improvisadas, de preferência lâminas de aço afiado o suficiente para cortar um membro. O pensamento era sóbrio o bastante para fazer minha pele formigar.

- “Bom, você conseguiu,” eu felicitei Patch. “Eu estou tão treinada como eu jamais estarei – uma magra, média máquina lutadora de espada. Eu devia ter feito de você meu personal trainer desde o primeiro dia.”

Um sorriso malandro veio à tona, lento e perverso. “Ninguém é páreo para Patch.”

(obs: em inglês fica um jogo de palavras que rimam: No match for Patch.

Sacaram? hehehehehehhe)

- “Mmm,” eu concordei, olhando para ele timidamente.

- “Por que você não volta para minha casa para tomar um banho, e eu vou pegar algo pra viagem no Borderline?” Patch sugeriu à medida que nos arrastávamos até a barragem rochosa em direção ao estacionamento.

Ele disse isso casual o bastante, mas as palavras chamaram meus olhos diretamente aos dele. Patch tinha trabalhado como ajudante de garçom no Borderline da primeira vez que nos encontramos. Eu não podia passar dirigindo pelo restaurante agora e não pensar nele. Eu fiquei comovida de que ele se lembrava, e por saber que o

restaurante mantinha lembranças especiais para ele também. Eu me forcei colocar todo

meu pensamento no duelo de amanhã, e a pequena chance de sucesso de Pepper, fora

da minha mente; essa noite eu queria desfrutar da companhia de Patch sem me preocupar com o que seria de mim – de nós – se eu tivesse que duelar e Dante ganhasse.

- “Posso colocar um pedido de tacos?” eu perguntei suavemente, lembrando da primeira vez que Patch tinha me ensinado a fazê-los.

- “Você leu minha mente, Anjo.”

Eu me deixei no condomínio de Patch. No banheiro, eu tirei minhas roupas fora e desembaracei minha trança. O banheiro de Patch era magnífico. Profundos azulejos azuis e toalhas pretas. Uma banheira independente que caberiam facilmente duas pessoas. Sabão em barra que cheirava a baunilha e canela.

Eu entrei no chuveiro, deixando a água bater ao longo da minha pele. Eu pensei em Patch de pé neste mesmo chuveiro, braços apoiados contra a parede enquanto a

água derramava sobre seus ombros. Eu pensei nas pérolas de água agarradas na pele

dele. Pensei nele usando as mesmas toalhas que eu estava prestes a envolver em torno

do meu próprio corpo. Eu pensei na cama dele, a poucos metros. De como os lençóis segurariam seu cheiro.

Uma sombra deslizou pelo espelho do banheiro.

A porta do banheiro estava encostada, a luz vinda do quarto. Prendi minha respiração, esperando por outra sombra, esperando a hora de dizer que eu tinha imaginado ter visto uma. Essa era a casa de Patch. Ninguém sabia disso. Nem Dante, nem Pepper. Eu tinha sido cuidadosa – ninguém tinha me seguido essa noite.

Outra nuvem negra pairava sobre o espelho. O ar estalava com uma energia sobrenatural.

Eu desliguei a água e amarrei a toalha em volta do meu corpo. Eu procurei por uma arma: eu tinha a escolha de um rolo de papel higiênico ou um vidro de sabonete para mãos.

Eu cantarolei baixinho sob minha respiração. Não havia razão para deixar o intruso saber que eu estava com eles.

O intruso se aproximou da porta do banheiro; seu poder sobressaltou meus sentidos com eletricidade, os pelos dos meus braços de pé alertas como bandeiras duras. Eu continuei a cantarolar. Pelo canto do olho, eu vi a maçaneta da porta se virar,

eu estava cheia de esperar.

Eu empurrei meu pé descalço contra a porta com um grunhido de esforço. Ela se separou, quebrando as dobradiças enquanto voava para fora, derrubando quem estava atrás dela. Eu avancei pela entrada, mostrei meus punhos, pronta para atacar. O homem no chão se enrolou como uma bola para proteger seu corpo. “Não,” ele resmungou. “Não me machuque!”

Lentamente, eu baixei os punhos. Eu inclinei a cabeça para o lado para ver

melhor.

- “Blakely?”

CAPÍTULO 35

- “O QUE VOCÊ ESTÁ FAZENDO AQUI?” eu demandei, me enrolando na toalha de

banho para me manter coberta. “Como você encontrou esse lugar?”

Arma. Eu precisava de uma. Meus olhos escanearam o meticuloso quarto de Patch.

Blakely podia parecer comprometido agora, mas ele tinha estado manipulando devilcraft por

meses. Eu não confia que ele não tivesse alguma coisa afiada e perigosa – e azulada –

escondida debaixo de sua capa de chuva.

- “Eu preciso da sua ajuda,” ele disse, levantando suas palmas enquanto engatinhava sobre

seus pés.

- “Não se mexa,” eu retruquei. “De joelhos. Mantenha suas mãos onde eu possa vê-las.”

- “Dante tentou me matar.”

- “Você é imortal, Blakely. Você também é companheiro de equipe de Dante.”

- “Não mais. Agora que eu desenvolvi protótipos de devilcraft o suficiente, ele me quer morto.

Ele quer controle exclusivo do devilcraft. Ele usou uma espada que eu aprimorei especificamente para matar você, e tentou usar contra mim. Eu quase não escapei.”

- “Dante mandou você fazer uma espada que poderia me matar?”

- “Para o duelo.”

Eu não sabia ainda qual era a finalidade do jogo de Blakely, mas eu não esqueci de

Dante usar métodos proibidos – e letais – para ganhar o duelo. “É tão boa quanto você diz?”

Isso vai me matar?”

Blakely me olhou diretamente nos olhos. “Sim.”

Eu tentei processar essa informação calmamente. Eu precisava encontrar um modo de desclassificar Dante de usar essa espada. Mas uma coisa de cada vez. “Mais.”

- “Eu suspeito que Dante está trabalhando para anjos caídos.”

Eu não pisquei um olho. “O que faz você dizer isso?”

- “Todos esses meses, ele nunca me permitiu fazer uma arma que mataria anjos caídos.

Preferencialmente, eu tenho desenvolvido uma série de protótipos que foram supostamente

destinadas a matar você. Se elas podem matar você, elas podem matar qualquer nephil. Uma

vez que os anjos caídos são o inimigo, por que eu tenho estado desenvolvendo armas que

machucam nephilins?”

Eu lembrei da minha conversa com Dante no Rollerland, mais de uma semana atrás.

“Dante me disse que com tempo suficiente, você seria capaz de desenvolver um protótipo

forte o bastante para matar um anjo caído.”

- “Eu não saberia. Ele nunca tinha me dado a chance.”

Numa jogada arriscada, eu decidi confessar tudo para Blakely. Eu ainda não confiava nele, mas se eu desse um pouco (de confiança), ele poderia também. E agora, eu precisava

saber tudo que ele sabia. “Você está certo. Dante está trabalhando para os anjos caídos. Eu sei

que isto é um fato.”

Por um momento, ele fechou seus olhos, levando a dura verdade. “Eu nunca confiei em Dante, não do início. Trazer ele a bordo foi ideia do seu pai. Eu não poderia convencer

Hank a não fazer isso então, mas eu posso vingar seu nome agora. Se Dante é um traidor, eu

devo isso ao seu pai, destruí-lo.”

Se por nada mais, eu tinha que dar ao Hank crédito por inspirar lealdade.

Eu disse, “Fale-me mais sobre essa super bebida de devilcraft. Uma vez que Dante está

trabalhando para os anjos caídos, por que ele teria que desenvolver algo que ajude nossa

raça?”

- “Ele nunca distribuiu a bebida para outros nephilins como ele me disse que iria. Isso apenas o

fortalecia. E agora ele tem todos os protótipos. O antídoto, também.” Blakely apertou entre

seus olhos. “Tudo em que eu trabalhei – ele roubou.”

Meu cabelo úmido agarrou na minha pele, e água gelada escorria pelas minhas costas.

Arrepios se destacaram em minha carne, tanto do frio quanto das palavras de Blakely. “Patch

estará aqui a qualquer minuto. Como você foi aparentemente inteligente o bastante para

encontrar a casa dele, eu acho que você está procurando por ele.”

- “Eu quero acabar com Dante.” Sua voz vibrou com convicção.

- “Você quer dizer que quer que Patch acabe com ele para você.” O que havia com malfeitores

que tentavam contratar meu namorado como um mercenário? Claro, ele trabalhou como um

em uma vida passada, mas isso estava começando a ficar ridículo – e irritante. O que

aconteceu com cuidar dos próprios problemas? “O que faz você pensar que ele fará isso?”

- “Eu quero que Dante passe o resto da sua vida no tormento. Isolado do mundo, torturado

por romper um ponto. Patch é o único em quem eu confio para fazer isso. Preço não é um

problema.”

- “Patch não precisa de dinheiro – “ eu parei, segurando o pensamento. Uma ideia simplesmente veio até mim, e ela era tão desonesta quanto manipuladora. Eu não queria levar

vantagem de Blakely, mas então de novo, ele dificilmente tinha sido gracioso para mim no

passado. Eu lembrei a mim mesma que quando a situação ficou crítica, ele havia dirigido uma

faca aprimorada com devilcraft dentro de mim, me introduzindo num vício tóxico. “Patch não

precisa do seu dinheiro, mas ele precisa do seu depoimento. Se você concordar em confessar

com crimes de Dante no duelo de amanhã na frente de Lisa Martin e outros Nephilins influentes, Patch matará Dante para você.” Só porque Patch já tinha prometido para Pepper

matar Dante não significa que nós não poderíamos tirar vantagem das circunstâncias e da

nossa posição para ganhar algo de Blakely também. A expressão “dois coelhos com uma

cajadada só” não tinha vindo do nada, no fim das contas.

- “Dante não pode ser morto. Aprisionado eternamente, sim, mas não morto. Nenhum dos

protótipos funciona contra ele. Ele é imune porque o corpo dele – “

- “Esse é um trabalho que Patch pode lidar,” eu disparei de volta sucintamente. “Se você quer

Dante morto, considere feito. Você tem seus contatos, Patch tem os dele.”

Blakely me estudou com o olhar contemplativo, perspicaz. “Ele conhece um arcanjo?” ele adivinhou por fim.

- “Você não ouviu isso de mim. Mais uma coisa, Blakely. Isso é importante. Você mantém

influência suficiente sobre Lisa Martin e outros Nephilins poderosos para volta-los contra

Dante? Porque se não, cairemos ambos amanhã.”

Ele apenas debateu por um minuto. “Dante encantou seu pai, Lisa Martin, e muitos outros Nephilins desde o começo, mas ele não tem a história com eles que eu tenho. Se eu

chama-lo de traidor, eles escutarão.” Blakely alcançou seu bolso e me ofereceu um pequeno

cartão. “Eu preciso recuperar alguns itens importantes antes de eu me realocar para meu

esconderijo. Esse é meu novo endereço. Dê-me um ponto de partida, e então traga Patch. Nós

resolveremos os detalhes essa noite.”

Patch chegou minutos depois que Blakely saiu. As primeiras palavras que saíram da minha boca foram, “Você nunca vai acreditar em quem parou por aqui.” Com esse gancho

cativante, eu lancei minha história, retransmitindo para Patch cada palavra da minha conversa

com Blakely.

- “O que você acha disso?” Patch perguntou quando eu terminei.

- “Eu acho que Blakely é nossa última esperança.”

- “Você confia nele?”

- “Não. Mas o inimigo do seu inimigo...”

- “Você fez ele jurar que irá depor amanhã?”

Meu coração afundou. Eu não tinha pensado nisso. Foi um erro involuntário, mas isso me fez imaginar se eu um dia seria uma líder digna. Eu sabia que Patch não esperava perfeição

de mim, mas eu queria impressioná-lo da mesma forma. Uma voz estúpida na minha cabeça

perguntou se Dabria teria cometido o mesmo erro. Duvido. “Quando nós encontrarmos com

ele essa noite, será a primeira coisa de que vou cuidar.”

- “Faz sentido que Dante queira controlar devilcraft exclusivamente,” Patch refletiu. “E se

Dante achou que Blakely suspeitava dele trabalhar para anjos caídos, ele o mataria para

manter seu segredo a salvo.”

Eu disse, “Você acha que Dante me contou sobre devilcraft aquele dia no Rollerland porque ele

antecipou que eu contaria a você, e você iria atrás de Blakely? Eu sempre tenho me perguntado por que ele me contou. Olhando para trás, quase parece que ele tinha uma

estratégia: você arrebatou Blakely e enterrá-lo à luz do dia, deixando Dante sozinho para

controlar o devilcraft.”

- “Que era exatamente o que eu tinha planejado. Até Marcie prejudicar esses planos.”

- “Dante tem me prejudicando desde o começo,” eu percebi.

- “Não mais. Nós temos o depoimento de Blakely.”

- “Isso significa que nós vamos encontrar ele?”

Patch tinha colocado suas chaves da moto no balcão da cozinha não havia cinco minutos, e ele as alcançou novamente. “Nenhum momento monótono, Anjo.”

O endereço que Blakely tinha me dado nos levou para uma loja de tijolos vermelhos caseira em um bairro mais antigo. Duas janelas sombreadas ladeavam a porta da frente. A

propriedade extensa parecia engolir todo o pequeno chalé.

Patch dirigiu em volta do quarteirão duas vezes, olhos aguçados, então estacionou na rua fora do alcance dos postes. Ele deu três batidas contínuas na porta da frente. Uma luz

acesa atrás da janela da sala de estar, mas não havia outros sinais de que alguém estava em

casa.

- “Fique aqui,” Patch me disse. “Eu vou dar a volta por trás.”

Eu esperei na varanda, olhando atrás de mim para a rua. Estava muito frio para os vizinhos estarem fora caminhando com o cachorro, e nenhum carro passou.

A fechadura da porta da frente caiu, e Patch abriu a porta de dentro. “A porta de trás estava bem aberta. Tenho um mau pressentimento,” ele disse.

Eu entrei, fechando a porta atrás de mim. “Blakely?” eu chamei suavemente. A casa era pequena o bastante para fazer levantar minha voz desnecessariamente.

- “Ele não está neste primeiro piso,” Patch disse. “Mas há escadas que levam para um porão.”

Nós descemos as escadas que no fim tinham uma sala iluminada. Eu respirei fundo enquanto meus olhos se focavam numa trilha de líquido vermelho manchada no carpete.

Marcas de mãos vermelhas pintavam a parede e levavam para a mesma direção – um quarto

escuro em frente. Nas sombras granuladas, eu pude apenas fazer o contorno de uma cama – e

o corpo de Blakely dobrado ao lado dela.

O braço de Patch imediatamente disparou, me bloqueando. “Vá lá pra cima,” ele ordenou.

Sem pensar, eu abaixei o braço de Patch e corri para Blakely. “Ele está ferido!”

O branco dos olhos de Blakely crepitava um azul etéreo. Sangue escorria de sua boca, gorgolejando enquanto ele tentava falar sem sucesso.

- “Dante fez isso?” Patch perguntou a ele, seguindo diretamente atrás de mim.

Eu me agachei, checando os sinais vitais de Blakely. Seu batimento cardíaco zumbia fraco e irregular. Lágrimas ardiam em meus olhos. Eu não sabia se eu estava chorando por

Blakely, ou pelo que sua morte significaria para mim, mas eu suspeitava, egoistamente, que

era a segunda opção.

Blakely tossiu sangue, sua voz gasta. “Dante sabe – das penas dos anjos caídos.”

Eu dei na mão de Patch um aperto entorpecente. ‘ Como Dante pode saber sobre as penas? Pepper não teria contado a ele. E nós somos os únicos outros dois que sabemos. ’

‘ Se Dante sabe sobre as penas, ele vai tentar interceptar Pepper no seu caminho de volta pra Terra, ’ Patch respondeu tensamente. ‘Nós não podemos deixa-lo pegar as penas. ’

- “Lisa Martin – aqui – logo,” Blakely disse numa voz rouca, cada palavra um esforço.

- “Onde é o laboratório?” eu perguntei a Blakely? “Como nós podemos destruir o suprimento

de devilcraft de Dante?”

Ele balançou sua cabeça de forma rígida, como se eu tivesse feito a pergunta errada.

“A espada dele – ele – não sabe. Menti. Mata – ele também,” ele engasgou com a voz rouca,

mais sangue caindo sobre seus lábios. O sangue tinha virado de vermelho para um azul

ardente.

- “Okay, eu entendo,” eu disse, acariciando seu ombro para consolá-lo. “A espada que ele vai

duelar amanhã vai matar ele também, só que ele não sabe disso. Isso é bom, Blakely. Agora

me diga onde é o laboratório.”

- “Tentei – contar – você,” ele resmungou.

Eu balancei os ombros de Blakely. “Você não me contou. Onde é o laboratório?” Eu não

acreditava que destruir o laboratório mudaria o resultado do duelo de amanhã – Dante teria

muito devilcraft em seu sistema quando nós lutássemos, mas não importa o que acontecesse

comigo, se Patch pudesse destruir o laboratório, o devilcraft desapareceria de uma vez por

todas. Eu me sentia pessoalmente responsável por colocar os poderes do inferno de volta,

bem, no inferno.

‘Nós temos que ir Anjo, ’ Patch falou nos meus pensamentos. ‘Lisa não pode nos ver aqui. Não

vai parecer bom. ’

Eu sacudi Blakely mais forte. “Onde é o laboratório?”

Suas mãos que pareciam torrões relaxaram. Seus olhos, vidrados num tom arrepiante de azul, olharam distraidamente para mim.

- “Não podemos desperdiçar mais tempo aqui,” Patch me disse. “Temos que assumir que

Dante vai atrás de Pepper e das penas.”

Sequei meus olhos com as palmas das minhas mãos. “Nós vamos apenas deixar Blakely

aqui?”

O som de um carro parando soou na rua. “Lisa,” Patch disse. Ele abriu a janela do quarto, me colocou na janela, e saltou bem ao meu lado. “Quaisquer últimas homenagens aos

mortos devem ser ditas agora.”

Lançando um olhar triste em torno de Blakely, eu simplesmente disse, “Boa sorte na próxima vida.”

Eu tinha o pressentimento que ele precisava disso.

Nós saímos em disparada pelas ruas amadeiradas na motocicleta de Patch. A lua nova

de Cheshvan tinha começado a quase duas semanas atrás, e agora pairava como uma

sobrecarga como uma alta esfera fantasmagórica, que olhos atentos, arregalados não poderiam escapar. Eu tremia e me aconcheguei contra Patch. Ele disparou nas curvas estreitas

tão rápido que galhos de árvores começaram a se confundir em flashes de dedos esqueléticos

que estendiam a mão para me pegar numa armadilha.

Já que gritar em cima do barulho do vento era impraticável, recorri à fala mental.

‘ Quem poderia ter contado a Dante sobre as penas? ’ eu perguntei a Patch.

‘ Pepper não arriscaria. ’

‘ Nem nós. ’

‘ Se Dante sabe, podemos assumir que os anjos caídos sabem também. Eles vão fazer tudo o

que eles podem para nos impedir de conseguir essas penas, Anjo. Nenhuma ação será

descartada. ’

Sua advertência veio bem clara: Nós não estávamos seguros.

‘ Nós temos que avisar a Pepper, ’ eu disse.

‘ Se nós ligarmos para ele, os arcanjos interceptarão, nós nunca vamos conseguir as penas. ’

Eu olhei a hora no meu celular. Onze. ‘ Nós demos a ele até meia noite. Ele está quase

sem tempo. ’

‘ Se ele não ligar logo, Anjo, nós teremos que presumir o pior e chegar a um novo plano. ’

Sua mão subiu na minha coxa, apertando-a. Eu sabia que estávamos compartilhando o

mesmo pensamento. Nós tínhamos esgotado todos os planos. O tempo acabou. Ou nós temos

as penas...

Ou a raça Nephilim perderia mais do que a guerra. Eles estariam na escravidão dos anjos caídos pela eternidade.

CAPÍTULO 36

UM TOQUE SEM SOM TOCAVA NO MEU BOLSO. Patch imediatamente guiou a

motocicleta para o acostamento, e eu atendi a ligação com uma prece em meu coração.

- “Eu tenho as p-p-penas,” Pepper disse, sua voz alta e trêmula.

Eu expirei em alívio e bati na mão de Patch (high five), enrolando meus dedos entre os dele, prendendo nossas mãos juntas. Nós tínhamos as penas. Nós tínhamos a

adaga. O duelo de amanhã de manhã não era mais necessário – oponentes mortos não

empunhavam espadas, encantadas ou de outro modo.

- “Bom trabalho, Pepper,” eu disse, “Você está quase acabando. Nós precisamos que

you entregue as penas e a adaga, e então você pode deixar isso pra trás. Patch vai matar Dante assim que ele receber a adaga. Mas você precisa saber que Dante está atrás das penas também.” Não houve tempo para trazer isso a ele gentilmente. “Ele quer tanto quanto nós. Ele está procurando você, então não deixe sua guarda baixa. E não deixe ele obter as penas, ou a adaga.”

Pepper fungou. “Eu estou com m-m-medo. Como você sabe que Dante não vai me encontrar? E se os arcanjos notarem que as penas estão faltando.” Seu volume subiu para um grito. “E se eles descobrirem que fui eu?”

- “Acalme-se. Tudo vai ficar bem. Nós vamos fazer a transferência no Parque de Diversões do Delphic. Nós podemos encontrar você em cerca de quarenta e cinco minutos – “

- “Isso é quase uma hora! Eu não posso ficar com as penas tanto tempo! Eu tenho que despejá-las. Esse era o acordo. Você nunca disse nada sobre ser babá delas. E eu?

Dante está atrás de mim. Se você quer que eu segure essas penas, eu quero que Patch

vá atrás de Dante e se certifique de que ele não vai me ameaçar.”

- “Eu expliquei isso,” eu disse impacientemente. “Patch vai matar Dante assim que nós tivermos a adaga.”

- “Muito benefício me fará se Dante me encontrar primeiro! Eu observo Patch por aí, nesse minuto, indo atrás de Dante. De fato, eu não te dar a adaga até eu ter a prova de

que Patch tem Dante!”

Eu empurrei o telefone para longe para salvar meus tímpanos dos gritos histéricos de Pepper. “Ele está quebrando,” eu disse a Patch preocupadamente. Patch pegou o telefone de mim. “Ouça, Pepper. Leve as penas e a adaga para o Paque de Diversões do Delphic. Eu terei dois anjos caídos que encontrarão você nos portões. Eles vão garantir que você chegue de forma segura dentro do meu estúdio. Só não

diga a eles o que você está carregando.”

A resposta de Pepper chiou estalada pelo telefone.

Patch disse, “Coloque as penas no meu estúdio. Então fique parada até chegarmos lá.”

Um gemido alto.

- “Você não vai deixar as penas desprotegidas,” Patch argumentou, cada palavra respirada com intenções assassinas. “Você vai sentar no meu sofá e garantir que elas ainda estejam lá quando nós chegarmos.”

Mais grasnados frenéticos.

- “Pare de choramingar. Eu vou perseguir Dante agora, se é isso que você quer, em seguida vir buscar a adaga, que você vai ficar até que eu encontre você no estúdio. Vá para o Delphic e faça exatamente como eu te disse. Mais uma coisa. Pare de chorar. Você está dando a arcanjos de todos os lugares uma má reputação.”

Patch desligou e passou o telefone de volta pra mim. “Mantenha os dedos cruzados para que isso funcione.”

- “Você acha que Pepper vai ficar com as penas?”

Ele arrastou as mãos pelo rosto, um som escapando de sua garganta que parecia uma meia risada áspera, meio um gemido. “Nós vamos ter que nos dividir, Anjo. Se caçarmos Dante juntos, corremos o risco de deixar as penas desprotegidas.”

- “Vá procurar Dante. Eu cuido de Pepper e das penas.”

Patch me estudou. “Eu sei que você vai. Mas eu ainda não gosto da ideia de deixar você

sozinha.”

- "Eu vou ficar bem. Eu vou vigiar as penas, e vou ligar pra Lisa Martin imediatamente. Eu digo a ela o que eu tenho, e ela me ajudará a executar nosso plano. Nós vamos terminar a guerra e libertar os Nephilins." Eu apertei a mão de Patch tranquilizadamente. "É isso. O fim está próximo."

Patch esfregou o queixo, claramente infeliz, pensando profundamente. "Para minha própria paz de espírito, leve Scott com você."

Um sorriso irônico se arrastou pela minha boca. "Você confia em Scott?"

- "Eu confio em você," ele respondeu numa voz rouca que me fez sentir quente e instável por dentro.

Patch me apoiou em uma árvore e me beijou, com força.

Eu recuperei meu fôlego. "Meninos de todos os lugares, tomem nota: Isso foi um beijo."

Patch não sorriu. Seus olhos escureceram com alguma coisa que eu não poderia nomear, mas isso colocou um peso no meu estômago. Seu maxilar travou, os músculos

ao longo do braço enrijeceram bem visivelmente. "Nós vamos estar juntos no fim disso." Uma nuvem de inquietação passou sobre sua expressão.

- "Se eu tenho alguma coisa a dizer sobre isso, é sim."

- "O que quer que aconteça essa noite, eu te amo."

- "Não fale desse jeito, Patch," eu sussurrei, a emoção pegando minha voz. "Você está me assustando. Nós vamos ficar juntos. Você vai achar Dante, então me encontrar no estúdio, onde nós vamos acabar com essa guerra juntos. Não há nada mais simples."

Ele me beijou de novo, delicadamente sobre cada pálpebra, então em cada bochecha, e por último, um selinho suave em meus lábios. "Eu nunca serei o mesmo," ele disse em um tom grave. "Você tem me transformado."

Eu cruzei meus braços em volta do pescoço dele e apertei meu corpo firme para ele. Eu me agarrei a ele, tentando expulsar o frio que bateu em meus ossos. "Beije-me de um modo que eu nunca vou esquecer." Eu chamei os olhos dele para os meus.

“Beije-me de uma forma que vai ficar comigo até eu ver você de novo.” Porque nós vamos nos ver em breve.

Os olhos de Patch passaram em mim com calor em silêncio. Meu reflexo rodou neles, cabelos ruivos e lábios em chamas. Eu era conectada a ele por uma força que eu não podia controlar, um fio minúsculo que amarrava minha alma à dele. Com a lua em suas costas, as sombras pintadas as cavidades leves sobre seus olhos e maçãs do rosto, fazendo-o parecer incrivelmente bonito e igualmente diabólico.

Suas mãos seguraram meu rosto, segurando-me imóvel antes dele. O vento emaranhava meu cabelo em torno de seus pulsos, entrelaçando-nos juntos. Seus polegares se moviam pela minha bochecha em uma carícia lenta e íntima. Apesar do frio, uma queimadura constante enrolava dentro de mim, vulnerável ao seu toque. Seus

dedos traçaram mais baixo, mais baixo, deixando uma dor quente, deliciosa. Eu fechei meus olhos, minhas articulações derretendo. Ele me iluminou como uma chama, leve e

quente queimando a uma profundidade que eu nunca tinha compreendido.

Seu polegar acariciou meu lábio, uma macia, e sedutora provocação. Eu dei um suspiro de prazer acentuado.

‘Beijar você agora?’ ele perguntou.

Eu não podia falar; um aceno murcho foi minha resposta.

Sua boca, quente e ousada, encontrou a minha. Todo o jogo o havia deixado, e ele me beijou com seu próprio fogo negro, profundo e possessivo, consumindo meu corpo, minha alma, e colocando a perder todas as noções passadas do que significava ser beijada.

CAPÍTULO 37

EU OUVI A BARRACUDA DE SCOTT RONCAR NA ESTRADA NA MINHA DIREÇÃO

antes que os faróis brilhassem na escuridão. Eu sinalizei para baixo e me lancei no banco do carona.

- "Obrigada por vir."

Ele manobrou o carro no sentido inverso e se foi da mesma forma que se aproximou.

"Você manteve sua ligação breve. Me diga o que eu preciso saber."

Eu expliquei a situação tão rapidamente, ainda de forma abrangente, quanto possível. Quando eu terminei, Scott deixou sair um assobio de surpresa. "Pepper tem a

pena de cada anjo caído, da eternidade?"

- "Surreal, certo? Ele deveria nos encontrar no estúdio de Patch. É melhor ele não ter deixado as penas desprotegidas," eu murmurei principalmente para mim.

- "Eu posso te levar seguramente até embaixo do Delphic. Os portões do parque estão fechados, então vamos entrar em túneis usando os elevadores de carga. Depois disso, nós vamos ter que usar meu mapa. Eu nunca tinha estado na casa do Patch."

Os "túneis" se referiam à rede subterrânea complicada, passagens labirínticas que operavam como ruas e bairros debaixo do Delphic. Eu não tinha ideia de que eles existiam até eu conhecer Patch. Eles serviam como residência principal para anjos caídos vivendo em Maine, e até recentemente, Patch tinha vivido entre eles.

Scott conduziu a Barracuda abaixo numa estrada de acesso pequeno da entrada principal do parque. A estrada abria para uma doca de carregamento de caminhões com rampas, e um armazém. Nós entramos no armazém pela porta lateral, cruzamos um local aberto empilhado de uma parede à outra com caixas, e por fim alcançamos os

elevadores de carga. Uma vez dentro, Scott ignorou os botões normais indicando os primeiro, segundo, e terceiro andares, e apertou um pequeno botão amarelo

despercebido na parte inferior do painel. Eu sabia que existiam entradas para os túneis

por todo o Delphic, mas esta era minha primeira vez usando esta em particular.

O elevador, que era quase tão grande quanto meu quarto, ressoou para baixo, e mais baixo, finalmente moendo até parar. A pesada porta de aço subiu, e Scott e eu saímos em uma doca de carregamento. O chão e as paredes estavam sujos, e a única luz vinha de uma única lâmpada balançando como um pêndulo acima.

- “Qual caminho?” eu perguntei, olhando o túnel à frente.

Eu estava grata por ter Scott como guia através do submundo do Parque de Diversões do Delphic. Estava imediatamente evidente que ele percorria os túneis regularmente; ele guiou num ritmo apressado, varrendo os corredores úmidos, como se estivessem estado há muito tempo na memória. Nós fizemos referência ao mapa, usando para fazer nosso caminho debaixo do Arcanjo, a mais nova montanha russa do Delphic. De lá, eu assumi, olhando para baixo dos corredores aleatoriamente, até que finalmente chegamos ao que eu reconheci como a entrada dos antigos alojamentos de Patch.

A porta estava trancada por dentro.

Eu bati nela. “Pepper, é Nora Grey. Abra.” Eu dei a ele alguns momentos, então tentei novamente. “Se você não está abrindo porque sente mais alguém, é Scott. Ele não vai bater em você. Agora abra a porta.”

- “Ele está sozinho?” Scott perguntou quietamente.

Eu assenti. “Deveria estar.”

- “Eu não sinto ninguém,” Scott disse ceticamente, dobrando sua orelha em direção à porta.

- “Anda logo, Pepper,” eu chamei.

Ainda nenhuma resposta.

- “Nós vamos ter que arrombar a porta,” eu disse a Scott. “Quando contar até três. Um, dois – três.”

Em uníssono, Scott e eu aterrissamos chutes fortes à porta.

- “De novo,” eu resmunguei.

Continuamos a dirigir nossas solas na madeira, golpeando-a até que ela se estilhaçou e a porta bateu para dentro. Eu atravessei o hall de entrada até a sala de estar, procurando por Pepper.

O sofá tinha sido esfaqueado múltiplas vezes, enchendo de vômito cada incisão.

Molduras que antes tinham decorado as paredes agora estavam quebradas no chão. A mesa de vidro foi derrubada de lado, com uma rachadura sinistra no centro. Roupas do

guarda-roupa de Patch tinham sido arrastadas e jogadas como confete. Eu não sabia se

isso era evidência de uma luta recente, ou se foi deixado por uma partida apressada de

Patch quase duas semanas atrás, quando Pepper havia contratado capangas para destruir o lugar.

- “Você pode ligar para Pepper?” Scott sugeriu. “Você tem o número dele?”

Eu soquei o número de Pepper em meu telefone, mas ele não atendeu. “Onde ele está?” eu exigi iradamente para ninguém em particular. Tudo estava andando com a parte dele do acordo. Eu precisava daquelas penas, e precisava delas agora. “E que cheiro é esse?” eu perguntei, franzindo o nariz.

Eu caminhei para os fundos da sala de estar. Com certeza, eu detectei um cheiro nocivo, picante flutuando no ar. Um cheiro apodrecido. Um cheiro quase como piche quente, mas não completamente.

Alguma coisa estava queimando.

Eu corri de cômodo a cômodo tentando encontrar as penas. Elas não estavam aqui. Eu abri a porta do antigo quarto de Patch e foi imediatamente dominado pelo

cheiro de queimado de material orgânico.

Sem parar para pensar, eu corri para a parede oposta do quarto – aquela que abria para mostrar uma passagem secreta. No momento em que eu abri a porta para correr, uma tempestade de fumaça preta rolou para dentro do quarto. O mau cheiro, gorduroso e carbonizado era insuportável.

Selando minha boca e nariz com a gola da minha camisa, eu chamei Scott, “Eu vou entrar.”

Ele atravessou a porta atrás de mim, batendo a fumaça com a mão.

Eu tinha estado lá embaixo na passagem uma vez antes, quando Patch tinha momentaneamente detido Hank Millar antes de eu mata-lo, e tentei lembrar-me do caminho. Caindo de joelhos para evitar o pior da fumaça, eu rastejei rapidamente, tossindo e engasgando cada vez que eu respirava. Finalmente minhas mãos atingiram uma porta. Eu apalpei a argola de puxar e a empurrei. A porta se abriu lentamente, enviando uma nova onda de fumaça para o corredor.

A luz do fogo ardente brilhou através da fumaça, chamas saltando e dançando como um show de mágica requintado: ouro e bronze derretidos e grandes plumas laranja envolvidas em uma fumaça negra. Um crepitar horrível e estalando soou em meus ouvidos como chamas que devoravam um monte maciço de combustível. Scott visava os meus ombros protetoramente, forçando seu corpo na frente do meu como um escudo. O calor do fogo grelhava nossos rostos.

Só levei um momento para gritar em terror.

CAPÍTULO 38

EU DISPAREI SOBRE OS MEUS PÉS PRIMEIRO. ALHEIA AO CALOR, eu passei pelo fogo

enquanto as faíscas choviam como fogos de artifício. Eu agarrei o monte imponente de

penas, gritando em pânico. Apenas duas das penas de Patch dos seus dias como arcanjo sobraram. Uma pena nós tínhamos para segurança. A outra tinha sido levada e

cuidadosamente guardada pelos os arcanjos quando eles tinham banido Patch do Céu.

A pena estava em algum lugar na pilha diante de mim.

A pena de Patch podia estar em qualquer lugar. Talvez já queimada. Havia tantas. E mesmo um maior número de manchas cinza flutuando como pedaços chamuscados de papel em volta da fogueira.

- “Scott! Me ajude a encontrar a pena de Patch!” Pensar. Eu tinha que pensar. Pena do Patch. Eu tinha visto antes. “É preta, toda preta,” eu soltei. “Comece procurando – eu vou buscar cobertores para abafar o fogo!”

Eu corri de volta para o estúdio de Patch, a fumaça formando uma tela em meus olhos. De repente eu cheguei bruscamente, detectando outro corpo no túnel, logo a frente. Eu pisquei contra a fumaça remoendo meus olhos.

- “É tarde demais,” Marcie disse. Seu rosto estava inchado de tanto chorar, e a ponta do

nariz dela brilhava vermelho. “Você não pode extinguir o fogo.”

- “O que você fez?” eu gritei para ela.

- “Eu sou a herdeira legítima do meu pai. Eu deveria estar liderando os nephilins.”

- “Herdeira legítima? Você está se escutando? Você quer esse emprego? Eu não – o seu

pai obrigou isso a mim!”

O lábio dela vacilou. “Ele me amava mais. Ele teria me escolhido. Você roubou isso de mim.”

Eu disse, “Eu não quero esse trabalho, Marcie. Quem colocou essas ideias na sua cabeça?”

Lágrimas caíram do rosto dela, e sua respiração tornou-se irregular. “Foi ideia da minha

mãe eu morar com você – ela e os amigos Nephilins dela queriam que eu mantivesse o olho em você. Eu concordei em fazer isso porque eu pensei que você sabia algo sobre a morte do meu pai que você não estava me contando. Se eu me aproximasse de

você, eu pensei que talvez –“ Pela primeira vez, eu percebi a adaga perolada nas mãos

dela. Ela brilhava num branco brilhante, como se os raios mais puros de sol estivessem

presos sob a superfície. Essa só poderia ser a adaga encantada de Pepper. O imbecil não tinha sido cuidadoso o bastante, e tinha permitido que Marcie o seguisse até aqui. Ele tinha despejado as penas e a adaga e trancado, deixando-as cair na posse de Marcie.

Eu estendi a mão para ela. “Marcie – “

- “Não toque em mim!” ela gritou. “Dante me disse que você matou meu pai. Como você pôde fazer isso? Como você pôde! Eu tinha certeza que foi Patch, mas todo o tempo foi você!” ela gritou histericamente.

Apesar do calor, um arrepio de medo subiu até minha espinha.

- “Eu – posso explicar.” Mas eu não achava que eu poderia. A expressão de Marcie, selvagem e exausta deu a entender que ela estava girando em choque. Eu duvidava que ela se importaria em como que o pai dela tinha forçado minha mão quando ele tinha tentado enviar Patch ao inferno. “Me dê a adaga.”

- “Fique longe de mim!” ela raspou para fora do alcance. “Dante e eu vamos contar para todos. O que os Nephilins vão fazer com você quando eles souberem que você

assassinou o Mão Negra?”

Eu estudei-a cuidadosamente. Dante deve ter apenas sabido que eu tinha matado Hank. Caso contrário, ele teria dito aos Nephilins há muito tempo atrás. Patch não tinha desistido do meu segredo, o que deixava Pepper. De alguma forma, Dante

tinha chegado a ele.

- “Dante estava certo,” Marcie cuspiu, uma raiva fria borbulhando em sua voz. “Você roubou o título de mim. Era para ser meu. E agora eu fiz o que você não podia – eu libertei os Nephilins. Quando esse fogo terminar, cada anjo caído na Terra será acorrentado no inferno.”

- “Dante está trabalhando para os anjos caídos,” eu disse, a frustração aguçando meu tom.

- “Não,” Marcie disse. “Você está.”

Ela bateu a lâmina de Pepper para mim, e eu pulei para trás, tropeçando. A fumaça me pressionava, obscurecendo completamente minha visão.

- “Dante sabe que você queimou as penas?” eu gritei para Marcie, mas ela não deu nenhuma resposta. Ela tinha ido.

Dante tinha mudado sua estratégia? Depois de uma colheita inesperada de cada pena de anjos caídos, e, portanto, a vitória infalível para os Nephilins, ele tinha decidido tomar partido de sua raça no fim das contas?

Não havia tempo para debater isso. Eu já tinha desperdiçado muito tempo precioso. Eu tinha que ajudar Scott a encontrar a pena de Patch. Correndo de volta para a câmara ardente, tossi e amordacei meu caminho para a entrada.

- “Todas estão ficando pretas por causa das cinzas,” Scott gritou para mim por cima do ombro. “Todas elas parecem iguais.” Suas bochechas brilhavam vermelhas com o calor.

Brasas giraram em torno dele, ameaçando incendiar seu cabelo, que ficou preto de

fuligem. “Nós temos que sair daqui. Se ficarmos mais tempo, nós seremos pegos pelo fogo.”

Eu corri para ele agachada, tentando evitar o calor, que explodiu incessantemente. “Primeiro, nós encontramos a pena de Patch.” Joguei as pilhas de penas queimando atrás de mim. Scott estava certo. A fuligem gordurosa preta

manchava cada pena. Eu fiz um som alto de desespero. “Se nós não acharmos, ele será

enviado para o inferno!”

Eu espalhava punhados de penas, rezando para que eu soubesse que a dele estivesse à vista. Rezando para que ela já não estivesse queimada. Eu não deixaria meus pensamentos e voltarem para o pior. Ignorando a fumaça que arranhava meus olhos e pulmões, eu peneirei as penas com mais urgência. Eu não poderia perder Patch. Eu não perderia Patch. Não assim. Não no meu turno.

Meus olhos lacrimejaram, lágrimas transbordando. Eu não podia ver claramente.

O ar estava muito quente para respirar. A pele do meu rosto parecia derreter, e meu couro cabeludo parecia que estava pegando fogo. Eu mergulhei minhas mãos no monte de penas, desesperada para encontrar uma pena preta sólida.

- “Eu não vou deixar você queimar,” Scott o barulho pisou fora do barulho crepitante das chamas. Ele rolou para trás sobre seus joelhos, me arrastando com ele. Eu arranhei

impiedosamente suas mãos. ‘Não sem a pena de Patch. ’

O fogo clamava em meus ouvidos, e minha concentração estava murcha, sem oxigênio suficiente. Limpei a palma da minha mão em meus olhos, só para esfregar mais fuligem. Tateei as penas, os meus braços sentido como se estivessem ligados a um peso de cinquenta quilos. Minha visão alternou. Mas me recusei a passar até que eu

tivesse a pena do Patch.

- “Patch,” eu murmurei, assim como uma brasa caiu na manga da minha camisa,

inflamando o tecido. Antes que eu pudesse levantar a mão para abafá-la, a chama disparou para o meu cotovelo. O calor incendiou minha pele, tão brilhante e angustiante, que eu gritei e me encolhi de lado. Foi então que eu vi que meu jeans também estava em chamas.

Scott berrou ordens atrás de mim. Algo sobre deixar a câmara. Ele queria fechar a porta e prender o fogo dentro.

Eu não poderia deixá-lo fazer isso. Eu tinha que salvar a pena de Patch.

Eu perdi meu sentido de direção, tropeçando para frente cegamente. Chamas brilhantes eclipsavam minha visão.

A voz de Scott, tão urgente, se dissolvia no nada.

Mesmo antes de eu abrir meus olhos, eu sabia que eu estava em um carro em movimento. Eu senti a pancada irregular dos pneus saltando sobre os buracos, e um motor rugiu em meus ouvidos. Sentei-me preguiçosamente contra a porta do carro, minha cabeça apoiada na janela. Havia duas mãos desconhecidas no meu colo, e me assustou quando elas se moveram ao meu comando. Virei-as lentamente no ar, olhando para o papel preto estranho enrolado fora delas.

Carne enegrecida.

Uma mão apertou meu braço em consolação.

- "Tudo bem," Scott disse do banco do motorista de sua Barracuda. "Vai curar."

Eu balancei a cabeça, dizendo que ele tinha entendido mal. Lambi meus lábios ressecados. "Nós temos que voltar. Vire o carro. Nós temos que salvar Patch."

Scott não disse nada, apenas me lançou um olhar de soslaio de incerteza.

Não.

Era mentira. Um medo profundo e inimaginável me engoliu. Minha garganta estava espessa, escorregadia e quente. Isso era mentira.

- "Eu sei que você se importava com ele," Scott disse quietamente.

Eu o amo! Eu sempre vou amá-lo! Eu prometi a ele que nós estaríamos juntos!

Eu gritei dentro da minha cabeça, porque as palavras eram muito irregulares para saírem. Elas arranhavam como unhas na minha garganta.

Eu voltei minha atenção para fora da janela. Eu encarei a noite, o borrão das árvores e campos e cercas, em um momento, passaram para o seguinte. As palavras na

minha garganta se enrolaram num grito, todos os cantos vivos e a dor gelada. O grito ficou pendurado lá, inchado e machucando enquanto meu mundo se desvendava e

deslizava para fora de órbita.

Uma pilha de metal retorcido bloqueou a estrada à frente.

Scott desviou para passar por isso, diminuindo enquanto nós passávamos. Eu não esperei o carro parar; eu me joguei para fora, correndo. A motocicleta de Patch. Espancada e golpeada. Eu olhei boquiaberta para ela, piscando repetidamente, tentando ver uma imagem diferente. O metal demolido, torcido sobre si mesmo, parecia que o motorista correu em alta velocidade e então pulou através de um buraco no vento.

Eu aterrei minhas mãos nos meus olhos, esperando limpar a imagem horrível.

Eu procurei na estrada, pensando que ele deve ter batido. No impacto, seu corpo deve ter sido arremessado à distância. Eu corri mais longo, um pouco mais longe, procurando a vala, os matos, às sombras ao longo das árvores. Ele poderia estar logo à

frente. Eu chamei o nome dele. Eu andava de um lado à outro na estrada, minhas mãos

tremendo enquanto eu arava meu cabelo.

Eu não ouvi que Scott veio atrás de mim. Eu dificilmente senti seus braços em

volta dos meus ombros. O sofrimento e a angústia me sacudiram, uma presença viva, tão real e assustadora. Encheram-me de tal frio, que doía para respirar.

- “Sinto muito,” ele disse roucamente.

- “Não me diga que ele se foi,” eu retruquei. “Ele bateu a moto dele e continuou andando. Ele disse que me encontraria no estúdio. Ele não quebraria sua promessa.” Eu

disse as palavras porque eu precisava ouvi-las.

- “Você está tremendo. Deixa eu te levar de volta pra minha casa, sua casa, a casa dele

— onde você quiser.”

- “Não,” eu gritei. “Nós vamos voltar para o estúdio. Ele está lá. Você vai ver.” Eu saí de

seu abraço, mas me senti insegura. Minhas pernas arrastavam um passo entorpecido

após o outro. Um pensamento selvagem, imperdoável me pegou. E se Patch tivesse ido?

Meus pés se voltaram para a motocicleta.

- "Patch!" eu chorei, caindo de joelhos. Eu estiquei meu corpo sobre sua moto, soluços estranhos, poderosos rompendo do fundo do meu peito. Eu estava escorregando, resvalando na mentira.

Patch.

Eu pensei no nome dele, esperando, esperando. Eu soluçava seu nome, me ouvindo fazer barulhos incontroláveis de angústia e desespero.

As lágrimas rolaram pelo meu rosto. Meu coração estava por um fio. A

esperança que eu agarrava sem restrições, estava à deriva fora de alcance. Senti minha

alma quebrar, peças irreparáveis de mim voando para fora.

A pouca luz que foi deixada dentro de mim se apagou.

CAPÍTULO 39

EU ME ENTREGUEI AO SONO. SONHOS ERAM O ÚNICO LUGAR ONDE EU PODERIA

ALCANÇAR PATCH. Segurar-me numa memória fantasma era melhor do que viver sem

ele. Enrolada em sua cama, cercado por um cheiro que era claramente dele, eu chamei

sua memória para me assombrar.

Eu nunca devia ter confiado em Pepper para pegar as penas. Eu deveria saber que ele estragaria tudo. Eu não deveria ter subestimado Dante. Eu sabia que Patch absolveria minha culpa de uma só vez, mas eu me sentia responsável pelo que aconteceu com ele. Se eu apenas tivesse chegado no estúdio dez minutos mais cedo.

Se eu apenas se tivesse impedido Marcie de acender o fósforo...

- “Acorde, Nora.”

Vee se inclinou sobre mim, sua voz apressada e carregada. “Você tem que se aprontar para o duelo. Scott me contou tudo. Um dos mensageiros de Lisa Martin veio enquanto você estava adormecida. O duelo é ao nascer do sol no cemitério. Você tem que ir chutar a bunda de Dante para Júpiter. Ele tirou Patch de você, e agora ele quer seu sangue. Eu vou dizer a você o que eu acho sobre isso. Inferno, não. Não se tem nada a dizer sobre isso.”

Duelo? A ideia parecia quase cômica. Dante não precisava de um confronto de espadas comigo para roubar meu título; ele tinha munição mais do que suficiente para explodir minha credibilidade e reputação. Cada anjo caído tinha sido acorrentado no inferno. Os Nephilins tinham ganhado a guerra. Dante e Marcie levariam o crédito, explicando como eles tinham intimidado um arcanjo em dar a eles as penas, e como eles apreciavam cada momento de vê-las queimar.

O pensamento de Patch aprisionado no inferno cortou uma nova onda de dor

através de mim. Eu não sabia como eu poderia segurar minhas emoções na verificação

de como os Nephilins festejaram intensamente sobre seu triunfo. Eles nunca saberiam que até o último momento, Dante tinha estado ajudando os anjos caídos. Nephilins o levariam ao poder. Eu sabia ainda o que isso significava para mim. Se o exército fosse abolido, importaria que eu tinha perdido o controle em lidera-lo? Em retrospectiva, meu juramento tinha sido muito vago. Eu não tinha planejado isso.

Mas eu tinha que assumir que Dante tinha planos para mim. Como eu, ele sabia que no momento em que eu falhasse em liderar o exército, minha vida estava acabada.

Mas em nome de cobrir seus rastros, ele provavelmente me prenderia pelo assassinato

do Mão Negra. Antes do dia sair, ou eu seria executada por traição, ou na melhor das hipóteses, aprisionada.

Eu estava apostando em execução.

- “Está quase amanhecendo. Levante,” Vee disse. “Você não vai deixar Dante se safar dessa.”

Eu abracei o travesseiro de Patch comigo, respirando no persistente cheiro dele antes que se fosse para sempre. Eu memorizei os contornos da cama dele e marca de seu corpo aninhada nela. Eu fechei meus olhos e imaginei que ele estava lá. Ao meu lado. Me tocando. Eu imaginei seus olhos negros suavizando enquanto acariciava a minha bochecha, suas mãos quentes e firmes e reais.

- “Nora,” Vee avisou.

Eu a ignorei escolhendo ficar com Patch. O colchão afundou quando ele chegou mais perto. Ele sorriu e rolou as mãos por debaixo de mim, me rolando para cima dele. Você está gelada, Anjo. Deixe-me te aquecer.

Eu pensei que tivesse perdido você, Patch.

Eu estou bem aqui. Eu prometi que nós estaríamos juntos, não prometi?

Mas sua pena –

Shhh, ele acalmou. Seu dedo selou meus lábios. Eu quero ficar com você, Anjo. Fique aqui comigo. Esqueça Dante e o duelo. Eu não vou deixar ele te machucar. Eu vou te manter a salvo.

Lágrimas queimaram meus olhos. Me leve embora. Como você prometeu. Me leve para

longe, só nós dois.

- “Patch odiaria te ver assim,” Vee censurou, claramente tentando apelar para a minha consciência.

Eu puxei as cobertas até formar uma cobertura secreta em cima de Patch e de mim, e ri em seu ouvido. Ela não sabe que você está aqui.

Nosso truque secreto, ele concordou.

Eu não vou deixar você, Patch.

Eu não permitirei que você deixe. Em um movimento rápido, ele inverteu nossas

posições, prendendo-me ao colchão. Ele se inclinou sobre mim. Tente escapar agora.

Eu olhei para o vislumbre azul gelado que parecia se esconder sob a superfície dos seus olhos. Eu pisquei para limpar minha visão, mas quando meus olhos entraram em foco, eu estava muito consciente do azul crepitante que cercava sua íris.

Engolindo, eu disse, Preciso de um copo de água.

Eu vou pegar para você, Patch insistiu. Não se mexa. Fique na cama.

Vai ser por apenas um segundo, eu argumentei, tentando me mexer por debaixo dele.

Patch apreendeu meus pulsos. Você disse que não me deixaria.

Eu vou apenas pegar um bebida, eu hesitei.

Eu não vou deixar você ir, Nora. As palavras soaram como um rosnado. Suas feições se

contorceram, torcendo e mudando, até que eu vi flashes de outro homem. A pele morena de Dante, queixo fendido, e aqueles olhos encapuzados que uma vez eu

realmente acreditei que fossem bonitos apareceram diante de mim. Eu rolei para longe, mas não foi rápido o suficiente. Os dedos de Dante cavaram dolorosamente meus ombros, me empurrando de volta para baixo dele. Sua respiração estava quente na minha bochecha.

Está acabado. Desista. Eu venci.

- "Se afaste de mim," eu chiei.

Seu toque se dissolveu, seu rosto pairou brevemente sobre o meu como uma neblina azul antes que desaparecesse.

Água fria como o gelo atingiu meu rosto, e eu fiquei travada na posição vertical com um suspiro. O sonho destruído; Vee ficou a um braço de distância, segurando um jarro vazio.

- "Hora de ir," ela disse, agarrando o jarro como se preparasse para usá-lo como uma arma de defesa se fosse preciso.

- "Eu não quero," eu resmunguei, muito infeliz para ficar com raiva sobre a água. Minha

garganta se apertou e eu temia que iria chorar. Eu só queria uma coisa, e ele tinha ido. Patch não ia voltar. Nada que eu fizesse poderia mudar isso. As que eu tinha achado pelas quais valiam a pena lutar, as coisas que queimavam e se assolavam dentro de mim, até mesmo vencer Dante e destruir o devilcraft, tinham perdido o ardor sem ele.

- “E Patch?” Vee exigiu. “Você já desistiu de si mesma, mas você desistiu dele, também?”

- “Patch se foi,” eu pressionei meus dedos nos meus olhos até que eu enterrasse a vontade de chorar.

- “Se foi, não morto.”

- “Eu não posso fazer isso sem Patch,” eu disse, minha respiração presa.

- “Então encontre uma maneira de tê-lo de volta.”

- “Ele está no inferno,” eu retruquei.

- “Melhor do que no túmulo.”

Eu tirei meus joelhos e inclinei minha cabeça contra eles. “Eu matei Hank Millar, Vee. Patch e eu fizemos isso juntos. Dante sabe, e ele vai me prender no duelo. Ele vai me executar por traição.” Minha mente evocou um retrato muito real. Dante faria da minha humilhação tão pública quanto possível. Conforme seus guardas me arrastassem do duelo, eu cuspiria e o chamaria de uma infinidade de nomes infames. Para a execução,

como ele iria acabar com a minha vida –

Ele usaria sua espada. Aquela que Blakely aprimorou para me matar.

- “É por isso que eu não posso ir ao duelo,” eu terminei.

O silêncio de Vee se esticou. “É a palavra dele contra a sua,” ela disse por fim.

- “É isso com que estou preocupada.”

- “Você ainda é líder dos nephilins. Você tem alguma credibilidade nas ruas. Se ele tentar te prender, o desafie.” A convicção brilhou em seus olhos. “Lute com ele até o fim. Você pode facilitar pra ele, ou você pode desenterrar seus calcanhares e fazê-lo trabalhar para isso.”

Eu funguei, limpando o nariz com a parte de trás da minha mão. “Eu estou com medo Vee. Com tanto medo.”

- “Eu sei, babe. Mas eu também sei se alguém pode fazer isso, é você. Não diga isso com frequência, e talvez eu nunca tenha te contado isso, mas quando eu crescer, eu quero ser como você. Agora pela última vez, saia da cama antes que eu molhe você de

novo. Você vai ao cemitério. E você vai dar a Dante a luta da vida dele.”

O pior das minhas queimaduras tinham se curado, mas eu me senti drenada e enfraquecida mesmo assim. Eu não tinha sido uma Nephil tempo o bastante para conhecer os mecanismos por trás da minha cura rápida, mas eu imaginei que eu tinha

gastado involuntariamente muita energia no processo. Eu não conferi o espelho antes de deixar a casa de Patch, mas eu tinha uma ideia muito boa do quão extremamente infeliz e oprimida eu parecia. Uma olhada em mim, e Dante chamaria sua própria vitória.

Conforme Vee e eu nos removíamos para o estacionamento de paralelepípedo com vista para o cemitério, eu revisei meu plano. Depois que Dante anunciasse que ele tinha banido os anjos caídos para o inferno e ganhado a guerra, ele iria me acusar de assassinar Hank e se autoproclamar como meu substituto. Nesse ponto, eu não passagem e abandonaria meu título. Vee estava certa; eu lutaria. Contra todas as expectativas, eu lutaria. Dante lideraria os nephilins sob o meu cadáver – literalmente.

A mão de Vee se fechou na minha. “Vá assegurar seu título. Nós descobriremos o resto

mais tarde.”

Eu engoli um riso incrédulo. Mais tarde. Eu não me importava com o que aconteceria depois disso. Eu senti um desapego frio em relação ao meu futuro. Eu não queria pensar em uma hora a partir de agora. Eu não queria pensar sobre amanhã. A cada momento que passa, minha vida se virava mais longe do caminho que Patch e eu tínhamos caminhado juntos. Eu não queria avançar. Eu queria voltar. Onde eu pudesse

estar com Patch de novo.

- "Scott e eu vamos estar lá, no meio da multidão," Vee declarou firmemente.
"Apenas...

seja cuidadosa, Nora."

Lágrimas brotaram nos meus olhos. Essas seriam as palavras de Patch. Eu precisava dele aqui agora, me garantindo que eu podia fazer isso.

O céu ainda estava escuro, uma luz branca lavava a paisagem fantasmagórica.

Uma geada pesada fez a grama triturar debaixo dos meus pés enquanto eu caminhava

lentamente na descida do cemitério, dando a Vee uma vantagem inicial. As lápides

pareciam flutuar na névoa, cruzeiros de pedra branca e obeliscos esbeltos. Um anjo com asas lascadas estendeu dois braços quebrados para mim. Um soluço irregular se prendeu na minha garganta. Fechei os olhos, evocando fortes e belas feições de Patch.

Doei imaginá-lo, sabendo que eu nunca mais o veria novamente. Não se atreva a chorar agora, eu me repreendi. Eu afastei o olhar, com medo de que eu não iria passar por isso se eu permitisse qualquer outra emoção a não ser uma determinação gélida no meu coração.

Centenas de nephilins se reuniram no cemitério a seguir. A dimensão de seus números pegou meu passo. Uma vez que nephilins paravam de envelhecer no dia em que juravam fidelidade, a maioria era jovem, dentro de dez anos a mais do que eu, mas

eu vi um punhado de homens e mulheres idosos agrupados entre eles. Seus rostos brilhavam de expectativa. Crianças se esquivavam em círculos ao redor das pernas de seus pais, antes de serem presos pelos ombros e ainda lutarem. Crianças. Como se o evento dessa manhã fosse um entretenimento familiar: um circo ou um jogo de bola. Conforme me aproximei, notei que doze nephilins usavam mantos pretos até os tornozelos, com capuzes elaborados. Eles tinham que ser os mesmo nephilins poderosos que eu tinha encontrado na manhã seguinte após a morte de Hank. Como

líder dos nephilins, eu devia ter sabido o que os mantos significavam. Lisa Martin e os outros deveriam ter me dito. Mas eles nunca tinham me acolhido no círculo deles. Eles nunca me quiseram em primeiro lugar. Eu tinha certeza de que as vestes significavam posição e poder, mas eu não tinha descoberto isso por minha conta.

Um dos nephilins empurrou o capuz para trás. Lisa Martin a própria. Sua expressão era solene, seus olhos tensos com antecipação. Ela entregou-me uma veste preta, como se fosse mais uma questão de obrigação do que um sinal de aceitação. O manto era mais pesado do que esperava, feito de veludo grosso que era escorregadio

nas minhas mãos. “Você viu Dante?” ela me perguntou num tom suave.

Eu coloquei os mantos sobre os ombros mas não respondi.

Meus olhos caíram em Scott e Vee, e meu peito se afrouxou. Eu dei minha primeira respiração profunda desde que deixei o condomínio de Patch. Então eu vi que eles estavam de mãos dadas, uma estranha solidão tomou conta de mim. Minha própria mão vazia formigou com a brisa. Eu trabalhei no meu punho para mantê-lo firme. Patch não estava vindo. Nunca mais ele passaria seus dedos pelos meus, e um suave gemido saiu da minha garganta com a percepção.

Nascer do sol.

Uma baixa de ouro iluminou o horizonte cinza. Em poucos minutos, os raios de luz se infiltrariam através das árvores e queimariam o nevoeiro. Dante viria, e os nephilins saberiam da vitória deles. O medo do juramento de fidelidade e o temor do Cheshvan se tornariam contos escritos na história. Eles se alegrariam, torcendo loucamente e saudando Dante como seu salvador. Eles iriam leva-lo em seus ombros e cantar seu nome. E então, quando ele tiver sua aprovação unânime, ele me chamaria para fora da multidão...

Lisa caminhou para o centro da reunião. Ela amplificou sua voz para dizer, “Eu tenho certeza de que Dante chegará logo. Ele sabe que o duelo está estritamente

definido para o nascer do sol. Não é do feitio dele se atrasar, mas nesse caso, vamos ter que adiar um pouco – “

Seu comentário foi interrompido pelo que parecia uma ondulação por todo o terreno. Ele vibrou através das solas dos meus pés, cada vez mais forte. Um mal estar instantâneo se apertou como um punho no meu estômago. Alguém estava vindo. Não apenas alguém, mas vários alguéns.

- “Anjos caídos,” uma nephil sussurrou, o medo enroscando sua voz.

Ela estava certa. O poder perceptível deles, mesmo à distância, fizeram todas as terminações nervosas do meu corpo formigar. Meus cabelos ficaram de pé, duros com aversão. Imaginei que seus números poderiam ser centenas. Mas como? Marcie tinha queimado as penas deles – eu tinha visto ela.

- “Como eles nos encontraram?” outro nephil perguntou, o pavor sacudindo sua voz familiar. Olhei para o lado bruscamente, vendo a boca de Susanna Millar enrugar sob as dobras de sua capa.

- “Então, eles vieram por fim,” Lisa sibilou, uma sede por sangue brilhando em seus olhos. “Rápido! Escondam suas crianças e peguem suas armas. Nós iremos contra eles, com ou sem Dante. A batalha final termina aqui.”

Seu comando se espalhou através da multidão, seguido por chamadas de ordem. Os nephilins cambalearam e se acotovelaram em filas desorganizadas, apressados. Alguns tinham facas, mas aqueles que não tinham pegaram pedras, garrafas quebradas e quaisquer outros resíduos que podiam encontrar para se armarem. Corri para Vee e Scott. Sem perder o fôlego, eu dirigi minhas primeiras palavras para Scott.

- “Tire Vee daqui. Vá para algum lugar seguro. Eu vou encontrar vocês dois quando isso tiver acabado.”

- “Você está louca se você acha que nós vamos partir sem você,” Vee declarou firmemente. “Dia a ela, Scott. Pegue-a e a leve para fora daqui se você tiver que fazer

isso.”

- “Como os anjos caídos estão aqui?” Scott me perguntou, procurando meu rosto para uma explicação. “Nós tínhamos visto as penas queimar juntos.”

- “Eu não sei. Mas eu pretendo descobrir.”

- “Você acha que Patch está lá fora. É disso que se trata, não é?” Vee disse, olhando na

direção do distante estrondo que fazia o chão abaixo de nós tremer.

Eu encontrei os olhos dela. “Scott e eu vimos as penas queimar. Ou nós fomos enganados, ou alguém abriu os portões do inferno. O instinto me diz que a segunda opção é a melhor aposta. Se os anjos caídos estão escapando do inferno, eu tenho que

ter certeza que Patch saia. E então eu tenho que fechar os portões antes que seja tarde

demais. Se eu não acabar com isso agora, não haverá outra chance. Esse é o último dia

que anjos caídos podem possuir corpos de nephilins, mas eu não acho que isso significa alguma coisa para os anjos caídos.” Eu pensei no devilcraft. No seu poder. “Eu

acredito que eles têm meios de nos escravizar indefinidamente – isso se, eles não nos matarem primeiro.”

Vee acenou lentamente, diferindo o peso total das minhas palavras. “Então nós vamos ajudar você. Nós estamos nessa juntos. Essa luta é tanto de Scott e minha quanto sua.”

- “Vee – “ eu comecei advertindo.

- “Se essa é realmente a luta de minha vida, você sabe que eu vou estar lá. Quer você queira ou não. Eu não dispensei as últimas rosquinhas para chegar aqui a tempo, apenas para dar meia volta e ir embora,” Vee me disse, mas havia algo quase afetuoso

no modo que ela disse isso. Ela quis dizer cada palavra. Nós estávamos nessa juntas.

Eu estava muito emocionada para falar. “Tudo bem,” eu disse por fim. “Vamos

fechar as portas do inferno de uma vez por todas.

CAPÍTULO 40

O SOL ARQUEOU-SE ACIMA NO HORIZONTE, ILUMINANDO TODAS AS

SILHUETAS APARENTEMENTE SEM FIM de anjos caídos carregados pelo terreno do

cemitério. No começo, na luz inclinada, suas sombras emitiam um azul incandescente, como o estrondo de uma grande onda do mar em direção à praia. Um homem – um nephil – corria na frente no exército empunhando uma espada azul brilhante. Uma espada criada para me matar. Mesmo à distância, os olhos de Dante pareciam atravessar todas as direções, me procurando.

Eu me perguntei como os portões do inferno tinham sido abertos, mas agora eu tinha minha resposta. Uma aureola azul escura pairando acima dos anjos caídos me

disse que Dante tinha empregado o devilmcraft.

Mas por que ele tinha permitido que Marcie queimasse as penas, apenas para libertar os anjos caídos – eu não sabia.

- “Eu preciso pregar Dante sozinha,” eu disse a Scott e Vee. “Ele está me procurando, também. Se você puder, leve-o para o estacionamento cemitério acima.”

- “Você não tem uma arma,” Scott disse.

Eu apontei à frente, para o exército surgindo. Cada anjo caído carregava uma espada que parecia que pareciam disparar das mãos deles como uma chama azul brilhante. “Não, mas eles têm. Eu só tenho que convencer um deles a fazer uma

doação.”

- “Eles estão se espalhando,” Scott disse. “Eles vão matar cada nephil nesse cemitério, e

então invadir Colwater.”

Eu agarrei as mãos dele, e então as de Vee. Por um momento, nós formamos um círculo inquebrável, e ele me deu força. Eu estaria sozinha quando eu encarasse Dante, mas Vee e Scott não estariam longe – eu me lembraria disso. “O que quer que

aconteça, eu nunca vou esquecer nossa amizade.”

Scott arrastou minha mão contra o seu peito, segurando-me fervorosamente, e então beijou minha testa carinhosamente. Vee jogou seus braços ao meu redor, me abraçando tempo suficiente que eu temi que eu pudesse derramar mais lágrimas do que já tinha.

Me afastando, eu corri.

O terreno do cemitério oferecia muitos lugares para se esconder, eu subi rapidamente pelos ramos de uma árvore verde que crescia fora da colina, levando até o estacionamento. De lá, eu tinha uma visão ampla, assistindo enquanto homens e mulheres Nephilins desarmados, em desvantagem de vinte para um, carregavam-se para a parede de anjos caídos. Numa questão de segundos, os anjos caídos desceriam

sobre eles como uma nuvem, cortando-os como se eles não fossem nada mais do que ervas daninhas.

Na parte inferior da colina, Susanna Millar estava presa em uma luta com um anjo caído que tinha cabelo loiro pálido na altura dos ombros enquanto as duas mulheres se debatiam pelo controle. Susanna arremessou uma faca escondida nas dobras de seu manto e lançou-a no peito de Dabria. Com um grunhido alto de raiva, Dabria segurou a espada com as duas mãos, derrapando sobre a grama molhada como

se ela tivesse balançado em retaliação. A luta delas levou-as para trás de um labirinto de lápides e fora de vista.

Mais longe, Scott e Vee lutavam de costas um para o outro, usando galhos de árvores para se defender de quatro anjos caídos que os tinham cercado. Apesar da vantagem numérica deles, os anjos caídos recuaram de Scott, cujas enormes força e altura deram-lhe vantagem. Ele os derrubou com o galho de árvore, e então o usou como um martelo para surrá-los absurdamente.

Eu procurei por Marcie no cemitério. Se ela estava lá, eu não podia vê-la. Não era um palpite acreditar que ela tinha deliberadamente evitado a batalha e escolhido segurança sobre a honra. Sangue pintava a grama do cemitério. Nephilins e anjos caídos igualmente escorregaram sobre ele – parte do sangue era vermelho puro, muito dele manchado de azul com devilcraft.

Lisa Martin e seus amigos com mantos correndo ao longo do perímetro do cemitério, fumaça negra ondulando nas tochas que carregavam. Em um ritmo apressado, eles se moveram de uma árvore e arbusto para o outro, acendendo-os em fogo. Chamas eclodiram, consumindo a folhagem e estreitando o campo de batalha, formando uma barreira em volta dos anjos caídos. A fumaça, obscura e espessa, se esticava através do cemitério como uma sombra ao anoitecer. Lisa não poderia queimar os anjos caídos até a morte, mas ela tinha dado aos nephilins uma cobertura extra.

Um anjo caído emergiu da fumaça, marchando até a colina, olhos alerta. Eu tinha que acreditar que ele me sentia. Sua espada irradiava um fogo azul, mas o modo que ele a segurava escondia seu rosto. Todavia, eu podia ver claramente que ele era desajeitado, um adversário mais fácil para mim.

Ele se arrastou em direção à árvore, olhando para os espaços escuros se aninhando entre os galhos com cautela. Em cinco segundos, ele estaria diretamente abaixo de mim.

Quatro, três, dois –

Eu caí da árvore. Eu bati nele por trás, o peso do meu impacto empurrando-o

para frente. Sua espada voou de sua mão antes que eu pudesse roubá-la. Rolamos vários metros, mas eu tinha a vantagem da surpresa. Ficando ereta rapidamente, eu estava sobre suas costas, dando vários golpes esmagando as cicatrizes de suas asas

antes que ele enfiasse seu pé para trás, varrendo minhas pernas debaixo de mim. Rolei

para longe, faltando a perfuração de uma faca que ele tinha extraído de sua bota.

- "Rixon?" eu disse, chocada por reconhecer o rosto pálido e características beligerantes do ex melhor amigo de Patch olhando para mim. Patch tinha acorrentado pessoalmente Rixon no inferno depois dele ter tentado me sacrificar para conseguir um corpo humano.

- "Você," ele disse.

Nós nos encaramos, joelhos dobrados, prontos para saltar. "Onde está Patch?" eu ousei

perguntar.

Seus olhos redondos se agarraram aos meus, estreitos e frios. "Esse nome não significa

nada para mim. O lance é que aquele homem está morto para mim."

Como ele não se impulsionou para mim com a faca, eu arrisquei fazer outra pergunta. "Por que os anjos caídos estão deixando Dante liderá-los?"

- "Ele nos forçou a fazer um juramento de lealdade a ele," ele disse, seus olhos se estreitando em fendas duplas. "Era isso, ou ficar no inferno. Não ficaram muitos."

Patch não ficaria para trás. Não se havia uma maneira de voltar pra mim. Ele havia feito o juramento para Dante, tanto quanto ele preferia arrancar o pescoço dos nephils, e então repetir o procedimento em cada centímetro quadrado de seu corpo.

- "Eu vou atrás de Dante," eu disse a Rixon.

Ele riu, um chiado entre os dentes. "Eu ganho um prêmio por cada corpo de nephil que eu arrastar para Dante. Eu falhei em matar você antes, e você sabe que eu farei isso corretamente."

Ao mesmo tempo, nós mergulhamos para a espada dele, a muitos metros de distância. Rixon a alcançou primeiro, rolando agilmente sobre seus joelhos, cortando transversalmente a espada em mim. Eu me abaixei, empurrando-me em sua barriga

antes que ele pudesse se balançar novamente. Eu o bati contra o chão em suas cicatrizes de asa. Aproveitando-me da sua breve imobilidade, desarmei-o; eu arranquei

a espada da sua mão esquerda e a faca da direita.

Então eu chutei seu corpo e mergulhei a faca profundamente em suas cicatrizes de asa. “Você matou meu pai,” eu disse a ele. “Eu não me esqueci.”

Eu me apressei ladeira acima em direção ao estacionamento, olhando para trás pra ver se eu não estava sendo seguida. Eu tinha uma espada, mas eu precisava de uma

melhor. Relembrando meu treinamento com Patch, eu repassei cada manobra de extração de espada que tínhamos praticado juntos. Quando Dante me encontrasse no estacionamento, eu roubaria sua espada. E o mataria com ela.

Quando eu contornei a colina, Dante estava esperando. Ele me observou, deslizando o dedo preguiçosamente para frente e pra trás sobre a ponta de sua espada.

- “Bela espada,” eu disse. “Ouvi dizer que você a havia feito especialmente para mim.” Seu lábio inferior se enrolou ligeiramente. “Apenas o melhor para você.”

- “Você matou Blakely. Um modo bem frio de agradecer por todos os protótipos que ele desenvolveu para você.”

- “E você matou Hank. Sua própria carne e sangue. É um pouco como o sujo falando do

mal lavado, não é?” ele brincou. “Eu passei meses me infiltrando na sociedade de sangue secreta de Hank para ganhar sua confiança. Eu tenho que te dizer, eu brindei à

minha sorte no dia em que ele morreu. Teria sido muito mais difícil destrona-lo do que você.”

Eu dei de ombros. “Estou acostumada a ser subestimada.”

- “Eu treinei você. Eu sei exatamente do que você é capaz.”

- “Por que você libertou os anjos caídos?” eu perguntei sem rodeios, já que ele parecia

propício a compartilhar segredos. “Você os tinha no inferno. Você poderia ter desertado e liderado os nephilins. Eles nunca teriam sabido a verdade sobre sua mudança de lealdade.”

Dante sorriu, seus dentes afiados e brancos. Ele parecia mais animal do que homem, uma besta, morena selvagem. “Eu tenho superado ambas as raças,” ele disse numa voz tão prática que era difícil achar que ele não acreditava verdadeiramente nisso.

“Eu vou dar aos nephilins que sobreviverem ao ataque do meu exército essa manhã uma escolha parecida a que eu dei aos anjos caídos: jurar lealdade a mim ou morrer. Um governante. Indivisível. Com poder e juízo acima de tudo. Você não queria ter pensado nisso primeiro?”

Eu segurei a espada de Rixon próxima ao meu corpo, deslocando sobre o peito dos pés. “Oh, há muitas coisas que eu estou desejando agora, mas essa não é uma delas. Por que os anjos caídos não possuíram os Nephilins no Cheshvan? Eu acho que você sabe, mas não leve isso como um elogio.”

- “Eu mandei que eles não o fizessem. Até que eu matei Blakely, eu não queria ele superando minhas ordens e distribuindo a super bebida de devilcraft aos Nephilins. Ele teria, se os anjos caídos tinham vindo contra os Nephilins.” Novamente, falou tão praticamente. Tão superior. Ele não temia nada.

- “Onde está Patch?”

- “No inferno. Eu me certifiquei de que seu rosto nunca passasse pelos portões. Ele vai ficar no inferno. E só quando eu achar que ele está brutalmente abusado e com algo o atormentando, que ele vai obter um visitante.”

Eu corri para ele, balançando minha espada letalmente em sua cabeça. Ele viha

de seu lado, contrariando com vários golpes explosivos de sua autoria. Com cada bloqueio defensivo, minha espada vibrava até meus ombros. Eu cerrei os dentes para

combater a dor. Ele era muito forte; eu não poderia me defender de seus poderosos golpes para sempre. Eu tinha que encontrar uma maneira de tirar sua espada e perfurar

seu coração.

- “Quando foi a última vez que você tomou devilcraft?” Dante perguntou, usando sua espada como um facão para me cortar.

- “Estou parei com devilcraft.” Eu boqueei seus ataques, mas se eu não parasse de jogar

na defensiva logo, ele me colocaria em cima do muro. Agressivamente, corri para apunhalar sua coxa. Ele fugiu, dirigindo minha espada no ar e quase me desequilibrando.

Quanto mais você se esticar ou se inclinar, mais fácil será para Dante te vencer. O aviso

de Patch soou na minha cabeça tão claramente quanto ele tinha dito ontem. Eu acenei para mim mesma. É isso, Patch. Continue falando comigo.

- “Isso mostra,” Dante disse, “Eu esperava que você tomasse bastante do protótipo venenoso que eu te dei para apodrecer seu cérebro.”

Então esse tinha sido seu plano inicial: me deixar viciada em devilcraft e deixá-lo me matar silenciosamente. “Onde você está armazenando o resto dos protótipos?”

- “O eu possa aproveitar o poder deles sempre que eu quiser.” Ele retornou orgulhosamente.

- “Eu espero que você tenha escondido bem, porque se há uma coisa que eu vou fazer,

antes de morrer, é destruir seu laboratório.”

- “O novo laboratório é dentro de mim. Os protótipos estão aqui, Nora, reproduzindo mais e mais. Eu sou devilcraft. Você tem ideia como é sentir ser o homem mais poderoso do planeta?”

Eu me abaixei a tempo de perder um golpe no meu pescoço. Acelerando meus passos e mergulhando minha espada para frente, eu apontei para seu estômago, mas

ele dançou de lado novamente, e a lâmina beliscou a carne acima do meu quadril ao invés. Líquido azul escorria do ferimento, florescendo em sua camisa branca.

Com um rosnado gutural, Dante voou para mim. Eu corri, pulando o muro de pedra que cerca o estacionamento.

Orvalho frisava a grama, e meu equilíbrio vacilou, eu escorreguei e deslizei colina abaixo. Na hora certa eu me agarrei atrás uma lápide; a espada de Dante espetou a grama onde eu tinha aterrissado. Ele me perseguiu através das lápides, balançando sua espada em cada oportunidade, o aço soando como se retinisse contra mármore e pedra.

Eu corri para trás da primeira árvore que eu vi, a colocando entre nós. Ela estava pegando fogo, estalando e crepitando enquanto as chamas a devoravam. Ignorando o calor explodindo no meu rosto, eu fingi sair, mas Dante não estava no clima para joguinhos. Ele perseguiu ao redor da árvore, segurando sua espada acima da cabeça enquanto ele tentava me partir ao meio, da cabeça aos pés. Eu fugi novamente, ouvindo Patch na minha cabeça.

Use a altura dele em sua vantagem. Exponha as pernas dele. Um ataque duro no joelho, então roube a espada dele.

Eu me abaixei atrás do mausoléu, me apertando contra a parede. No momento em que Dante entrou no meu campo de visão, eu saí do meu esconderijo, dirigindo minha espada para a carne de sua coxa. Sangue azul aguado jorrou da ferida. Ele tem consumido tanto devilmcraft, que suas veias literalmente fluíam com isso.

Antes que eu pudesse recolher minha espada, Dante virou para mim. Eu tirei sua espada, mas fazendo isso, tive que deixar a minha própria enterrada na perna dele.

O vazio em minhas mãos de repente pareceu muito real, e eu engoli o pânico.

- "Esqueceu algo," Dante zombou, cerrando os dentes quando ele puxou a lâmina de

sua perna. Ele arremessou minha espada no teto do mausoléu.

Corri para longe, sabendo que sua perna ferida iria atrasá-lo até que se curasse.

Eu não tinha ido longe antes do calor agonizante rasgar meu ombro esquerdo e se espalhar pelo meu braço. Eu tropecei de joelhos com um grito. Olhei para trás, sendo apenas capaz de ver a adaga branca - perolada de Pepper profundamente alojada no meu ombro. Marcie deve ter dado a Dante noite passada. Ele mancou por trás de mim. O branco dos olhos dele crepitavam azuis com o devilcraft. Suor azul apareceu em sua sobrancelha. Devilcraft brilhava na ferida dele. Os protótipos que tinham sido roubados de Blakely estavam dentro dele. Ele tinha consumido todos, e de algum modo tinha transformado seu corpo numa máquina de devilcraft. Um plano brilhante, exceto por um pequeno detalhe. Se eu pudesse mata-lo, todos os protótipos da Terra iriam com ele.

Se eu pudesse mata-lo.

- “Seu amigo arcanjo gordo confessou encantar aquela adaga especificamente para me matar,” ele disse, “Ele falhou, e Patch também.” Seus lábios se curvaram num sorriso desagradável.

Eu arranquei uma lápide de mármore da terra e atirei-a nele, mas ele a jogou longe como se eu tivesse jogado uma bola de baseball.

Eu recuei, confiando no meu braço bom para recuar. Muito lento.

Eu tentei me apressar ao truque mental. ‘Largue a espada e congele!’ eu gritei no subconsciente de Dante.

A dor de estilhaçou por toda a minha bochecha. A parte sem corte que sua espada tinha me atacou com tanta força, que eu senti gosto de sangue.

- “Você se atreve a usar truque mental em mim?” Antes que eu pudesse recuar, ele levantou pela nuca do meu pescoço e atirou-me violentamente contra uma árvore. O

impacto lançou uma névoa sobre a minha visão e roubou meu fôlego. Tentei me

equilibrar de joelhos, mas o chão balançava.

- "Deixa ela ir."

A voz de Scott. O que ele estava fazendo aqui? Meu receio confuso durou apenas um momento. Eu vi uma espada nas mãos dele, e uma ansiedade enorme disparou por cada canto do meu corpo.

- "Scott," eu avisei. "Saia daqui agora."

Suas mãos firmes fecharam o punho. "Eu jurei pro seu pai que protegeria você," ele disse, nunca abaixando seu olhar avaliando Dante.

Dante inclinou a cabeça para trás, rindo, "Um juramento para um homem morto? Como isso funciona?"

- "Se você tocar na Nora de novo, você está tão bom quanto morto. Esse é meu juramento para você."

- "Afastese, Scott," Dante latiu. "Isso não é sobre você."

- "É aí que você está errado."

Scott investiu em Dante, os dois lutando em um borrão de movimentos rápidos.

Scott relaxou os ombros, confiando em sua compilação poderosa e graça atlética para compensar a experiência de Dante e a habilidade de devilmcraft aprimorada. Scott realizou uma ofensiva, enquanto Dante contornou ligeiramente para o lado. Uma arcada brutal da espada de Scott cortou a metade inferior do braço esquerdo de Dante. Scott espetou o membro e o segurou.

Dante amaldiçoou, negligentemente investindo sua espada para Scott com o braço utilizável. A colisão de suas lâminas quebrou o ar da manhã, parecendo me ensurdecer. Dante forçou Scott de volta na direção de uma cruz de pedra imponente, e eu gritei meu aviso em fala mental.

'Lápide logo atrás!'

Scott pulou para o lado, facilmente evitando a queda enquanto simultaneamente bloqueava um ataque. Os poros de Dante vazavam um suor azul, se ele percebeu, ele não demonstrou. Ele balançou os cabelos úmidos dos olhos e

continuou a cortar, e cortar, com o braço bom visivelmente se cansando. Seus traços contorcidos se tornaram desesperados. Eu vi minha chance de circular por detrás dele,

prendendo-o entre Scott e eu, onde um de nós poderia acabar com ele.

Um choro gemido me parou no meu caminho. Virei apenas enquanto Scott escorregava na grama molhada, caindo sobre um joelho. Suas pernas desajeitadas, enquanto tentava recuperar sua posição. Ele rolou para longe seguramente da espada mergulhada de Dante, mas ele não teve tempo para ficar de pé antes que Dante atacasse de novo, desta vez dirigindo a espada profundamente no peito de Scott.

As mãos de Scott se enrolaram fracamente em torno da espada de Dante, empalada em seu coração, tentando sem sucesso desalojá-la. Devilcraft azul ardente bombeava da espada para o seu corpo, sua pele escurecia para um azul medonho. Ele

resmungou fracamente meu nome. Nora?

Eu gritei. Paralisada pelo choque e pela dor, eu assisti enquanto Dante terminava seu ataque com uma torção da lâmina, cortando o coração de Scott.

Eu desloquei minha atenção total para Dante, tremendo com um ódio que eu nunca tinha conhecido antes. Uma onda de ódio violento percorreu em mim. Veneno encheu minhas veias. Minhas mãos se fecharam em punhos de pedra, e uma voz de fúria e vingança gritava na minha cabeça.

Preenchida por uma profunda e permanente raiva, eu chamei minha forma interior. Não sem entusiasmo ou apressada, ou com falta de confiança. Chamei cada gota de coragem e determinação que eu possuía e liberei em cima dele. Eu não

deixaria ele ganhar. Não desse jeito. Não com devilcraft. Não matando Scott.

Com toda a força da minha convicção mental, eu invadi a mente dele retalhei os impulsos disparando para e do cérebro dele. Tão rapidamente, eu conectava um comando irreversível: 'Largue a espada. Largue a espada, seu cara inútil, astuto, doentio. '

Eu ouvi um tintilar de aço no mármore.

Eu preguei os olhos em Dante. Sua expressão confusa olhava para o espaço distante, como se estivesse procurando algo perdido.

- "Irônico, não é, que foi você quem apontou minha maior força?" eu disse, cada palavra pingando de repúdio.

Eu tinha jurado que eu nunca usaria devilcraft de novo, mas essa era uma circunstância onde eu alegremente me contornaria as regras. Se eu matasse Dante, devilcraft iria também.

A tentação de roubar devilcraft para mim cintilou na minha mente, mas eu joguei a ideia pra longe. Eu era mais forte do que Hank, mais forte do que Dante. Mais forte, até mesmo, do que o devilcraft. Eu o mandaria de voltar para o inferno por Scott, que tinha dado sua vida para me salvar. Eu tinha pegado a espada de Dante quando as

pernas dele se contraíram, tirando-a das minhas mãos.

Dante catapultou-se para cima de mim, com as mãos apertando meu pescoço.

Eu passei minhas unhas em seus olhos. Eu arranhei o rosto dele.

Eu abri minha boca. Sem ar.

Seu olhar frio brilhava com triunfo.

Meu maxilar abria e fechava inutilmente. O rosto impiedoso de Dante ficou granuloso, como uma imagem de TV antiga. Por cima do ombro, um anjo de pedra me observava com interesse.

Eu queria rir. Eu queria chorar. Então era isso o que significava morrer. Ceder.

Eu não queria ceder.

Dante beliscou minhas vias respiratórias com o joelho, se alongando de lado para pegar a espada. A ponta centrada sobre meu coração.

'O possua, ' o anjo de pedra parecia calmamente me comandar. 'O possua e o mate. '

'Patch?' Eu me perguntei quase sonhadoramente.

Apegando-me na força de vir a acreditar que Path estava perto, tomando conta

de mim, parei de resistir a Dante. Baixei meus dedos o arranhando e relaxei as pernas.

Eu sucumbi a ele, mesmo que ele sentisse uma coisa covardemente concedente. Eu concentrei meus pensamentos flutuando em direção a ele.

Uma frieza externa ondulava sobre o meu corpo.

Eu pisquei, encarando o mundo através dos olhos de Dante. Eu olhei para baixo. A espada dele estava em minhas mãos. Em algum lugar enterrado dentro de mim, eu sabia que Dante estava rangendo os dentes, pronunciando arrepiantes ruídos sanguinários, uivando como um animal miserável.

Eu virei a espada para me enfrentar. Apontei-a para meu coração. E então eu fiz uma coisa surpreendente.

Eu caí na lâmina.

CAPÍTULO 41

O CORPO DE DANTE EXPULSOU O MEU TÃO RÁPIDO QUE PARECIA QUE EU TINHA SIDO ARREMESSADA, de um carro em movimento. Minhas mãos arrancaram a grama, procurando por algo sólido em um mundo que girava, derrubando e virando. À medida que a tontura desaparecia, eu procurei por Dante. Eu senti o cheiro dele antes de vê-lo.

Sua pele tinha se aprofundado na cor do machucado, e seu corpo começou a inchar.

Seu cadáver removendo seus fluídos, o seu sangue de devilmcraft penetrando na terra como

algo vivo, algo que se enfiou longe da luz do sol. A carne caiu por terra, se deteriorando em pó.

Depois de apenas alguns segundos, tudo o que restava de Dante eram ossos secos sugados.

Ele estava morto. Devilmcraft se foi.

Lentamente eu me coloquei sobre os meus pés. Meus jeans estavam rasgados e manchados, raia de grama esfregada por todo meu joelho. Eu lambia a rachadura da minha

boca, sentindo o gosto de sangue e suor. Eu andei até Scott, cada passo pesado, lágrimas

quentes no meu rosto, minhas mãos inutilmente pairando sobre o seu corpo rapidamente se

decompondo. Fechei os olhos, forçando-me a lembrar de seu sorriso torto. Não com os olhos

vagos. Na minha mente, eu coloquei de volta seu sorriso provocante. Não os sons

borbulhantes e ofegantes que ele tinha feito antes de morrer. Lembrei-me do seu calor em

toques acidentais e socos brincalhões, sabendo que seu corpo estava apodrecendo mesmo

quando eu me agarrei à memória.

- "Obrigada," eu botei pra fora, dizendo a mim mesma que em algum lugar por perto, ele ainda

podia ouvir minha voz. "Você salvou minha vida. Adeus, Scott. Eu nunca vou esquecer você,

esse é meu juramento para você. Nunca," eu prometi.

A neblina pairando sobre o cemitério queimava dourada e cinza enquanto os raios de sol passavam por ele. Ignorando o fogo agarrando meu ombro enquanto eu tirava a adaga de

Pepper, cambaleei para fora do aglomerado de lápides do cemitério em aberto.

Pedaços estranhos espalhados na grama, e enquanto eu chegava mais perto, eu vi o

que realmente eram: cadáveres. Anjos caídos, do que eu podia dizer do que tinha sobrado

deles. Assim como Dante, suas carnes caíram em segundos. Fluído azul saía de suas carcaças e

eram imediatamente sugados pela terra.

- "Você conseguiu."

Virei-me, instintivamente endurecendo ao aperto da adaga. Detetive Basso enfiou as mãos nos seus bolsos, um pequeno sorriso sombrio aparecendo em sua boca. O cachorro

preto que tinha salvado minha vida há poucos dias atrás sentou vagarosamente nos seus

tornozelos. Os olhos amarelos selvagens do cachorro olharam para mim contemplativamente.

Basso se curvou, esfregando o pelo sarnento entre as orelhas.

- "Ele é um bom cachorro," Basso disse. "Depois que eu me for, ele vai precisar de uma boa

casa."

Eu dei um passo para trás cautelosa. "O que está acontecendo aqui?"

- "Você conseguiu," ele repetiu. "O devilcraft está erradicado."

- "Me diga que eu estou sonhando."

- "Eu sou um arcanjo." Os cantos da sua boca se curvaram, quase, mas não completamente,

timidamente.

- "Eu não sei o que eu deveria dizer."

- "Eu tenho estado na Terra há meses, trabalhando disfarçado. Nós suspeitávamos que

Chauncey Langeais e Hank Millar estavam invocando devilcraft, e era meu trabalho manter o

olho em Hank, suas relações, e sua família – inclusive você."

Basso. Arcanjo. Trabalhando disfarçado. Eu balancei minha cabeça. "Eu ainda não tenho certeza do que está acontecendo aqui."

- "Você fez o que eu tenho estado tentando fazer. Livrar-se do devilcraft."

Eu digeri isso em silêncio. Depois do que eu tinha visto nessas semanas passadas, precisava de muito para me surpreender. Mas isso certamente tinha. Bom saber que eu não

estava totalmente exausta ainda.

- "Os anjos caídos se foram. Não vai durar para sempre, mas vamos aproveitar enquanto

podemos, certo?" ele resmungou. "Eu estou fechando esse caso e indo para casa. Parabéns."

Meu cérebro dificilmente o ouvia. Anjos caídos se foram. Se foram. A palavra bocejava dentro de mim como um buraco sem fim.

- “Bom trabalho, Nora. Oh, você deve gostar de saber que nós temos Pepper sob custódia e

nós estamos lidando com ele. Ele afirma que você o colocou para roubar as penas, mas eu vou

fingir que eu não ouvi. Uma última coisa. Considere isso uma espécie de agradecimento: dê

um bom e limpo corte no meio da marca no seu pulso,” ele disse, serrando seu próprio pulso

com o lado da mão em demonstração.

- “O quê?”

Um sorriso sábio. “Pelo menos uma vez, apenas confie em mim.”

E ele tinha ido.

Eu inclinei minhas costas contra a árvore, tentando desacelerar o mundo tempo

suficiente para fazer sentido. Dante, morto. Devilcraft, demolido. A guerra, inexistente. Meu

juramento, cumprido. E Scott. Oh, Scott. Como eu contaria para Vee? Como eu poderia ajuda-

la a passar pela perda, o sofrimento, o desespero? Na estrada, como eu a encorajaria a seguir

em frente, quando eu não tinha tais planos para mim? Tentar substituir Patch – mesmo

tentando encontrar a felicidade, embora pequena, com outro alguém – seria uma mentira. Eu

era Nephilim agora, abençoada em viver para sempre, amaldiçoada por ter que fazê-lo sem o

Patch.

Passos sussurravam à frente, cortando a grama, um som familiar. Eu endureci, pronta para atacar, quando um silhueta escura surgiu através do nevoeiro. Os olhos da figura passavam pelo chão, claramente procurando por algo. Ele se agachou em cada corpo, inspecionando com um fervor apressado, então chutou para o lado com uma maldição

impaciente.

- "Patch?"

Debruçado sobre um corpo em decomposição, ele congelou. Sua cabeça se levantou, e

seus olhos se estreitaram, como se incrédulo do que ele tinha ouvido. Seu olhar se prendeu

com o meu, algo indecifrável mudou em seus olhos negros. Alívio? Conforto? Libertação.

Eu corri em um frenesi que nos últimos diversos pés que nos separavam eu me joguei em seus braços, enterrando meus dedos em sua camisa, enterrando meu rosto em seu

pescoço. "Deixe que isso seja real. Deixe que esse seja você. Não me deixe. Nunca me deixe."

Eu comecei a chorar livremente. "Eu lutei com Dante. Eu o matei. Mas eu não pude salvar

Scott. Ele está morto. Devilcraft se foi, mas eu falhei com Scott."

Patch murmurou sons suaves em meu ouvido, mas suas mãos balançavam onde elas me seguravam. Ele me guiou para sentar em um banco de pedra, mas ele nunca me soltou,

segurando-me como se estivesse com medo de que eu escorresse entre seus dedos como

areia. Seus olhos, cansados e vermelhos, me disseram que ele tinha estado chorando.

Continue falando, eu disse para mim mesma. Continue sonhando. Qualquer coisa para manter Patch aqui.

- "Eu vi Rixon."

- "Ele está morto," Patch disse bruscamente. "Assim como o resto deles. Dante nos liberou do

inferno, mas não antes de levar nossos juramentos de lealdade e injetar em nós um protótipo

de devilcraft. Era o único modo de sair. Nós deixamos o inferno com isso nadando em nossas

veias. Quando você destruiu o devilcraft, cada anjo caído sendo sustentado por ele morreu."

Eu não podia estar sonhando. Eu devia estar, mas ao mesmo tempo, era tão real. Seu toque, tão familiar, fazia meu coração bater e meu sangue derreter – eu não poderia fabricar

uma resposta tão enérgica para ele em um sonho.

- “Como você sobreviveu?”

- “Eu não fiz o juramento à Dante, eu não deixei ele injetar devilcraft em mim. Eu possuí Rixon

tem po o bastante apenas para escapar do inferno. Eu não confiava em Dante ou no devilcraft.

Eu confiava em você para acabar com ambos.”

- “Oh, Patch,” eu disse, minha voz tremendo. “Você tinha ido. Eu vi sua moto. Você nunca

voltou. Eu pensei – “ Meu coração rodopiou, uma profunda dor se expandindo para preencher

meu peito. ”Quando eu não salvei sua pena – “ A perda e devastação penetraram dentro de

mim como um frio de inverno, implacável e entorpecente. Eu me aconcheguei mais perto de

Patch, temendo que ele pudesse desaparecer pelas minhas mãos. Subi no seu colo, chorando

em seu peito.

Patch me embalou em seus braços, balançando-me. ‘ Anjo, ‘ ele murmurou na minha

mente. ‘Eu estou bem aqui. ’ ‘ Nós estamos juntos. ’ ‘Está acabado, e nós temos um ao outro. ’

Um ao outro. Juntos. Ele tinha voltado pra mim; tudo que importava estava bem aqui.

Patch estava bem aqui.

Secando meus olhos com minhas mangas. Eu empurrei meus joelhos e montei em seus

quadris. Eu penteava meus dedos pelo cabelo escuro dele, prendendo seus cachos entre eles e

trazendo-o para perto.

- “Eu quero estar com você,” eu disse. “Eu preciso de você perto, Patch. Eu preciso de você por

completo.”

Eu o beijei, frenética e ousada, minha boca vigorosamente esmagando a dele. Eu

pressionei mais profundamente, me afogando em seu gosto. Suas mãos apertaram minhas

costas, me puxando para mais perto. Eu moldei a palma das minhas mãos dos seus ombros,

para os braços, as coxas, sentindo seus músculos trabalharem, de modo tão real, forte e vivo.

Sua boca contra a minha, uma brilhante pressão necessitada.

- “Eu quero acordar com você a cada manhã e dormir ao seu lado toda noite,” Patch me disse

gravemente. “Eu quero cuidar de você, acariciar você e amar você de um jeito que nenhum

outro homem jamais poderia. Eu quero mimar você – cada beijo, cada toque, cada

pensamento, todos eles pertencem à você. Eu vou fazer você feliz. Todos os dias, eu vou fazer

você feliz.” O antigo, quase primitivo anel que ele mantinha entre os dedos foi pega pela luz do

sol, brilhando prata. “Eu encontrei esse anel pouco depois de ser banido do Céu. Eu fiquei com

ele para me lembrar de quão interminável minha sentença era, de quão eternal uma pequena

escolha pode ser. Eu fiquei com ele por muito tempo. Eu quero que você fique com ele. Você

acabou com meu sofrimento. Você tem me dado uma nova eternidade. Seja minha garota,

Nora. Seja meu tudo.”

Mordi o lábio, agarrando um sorriso que ameaçou dividir meu rosto. Eu verifiquei o chão para me certificar de que eu não estava flutuando. “Patch?”

Ele raspou a borda áspera do anel fino em sua mão, levantando um rastro fino de

sangue. “Eu juro a você, Nora Grey, nesse dia, de agora em diante e para sempre, de me doar a

você. Eu sou seu. Meu amor, meu corpo, minha alma – eu coloco em sua posse e proteção.”

Ele estendeu o anel, uma oferta única, uma promessa.

- “Patch,” eu sussurrei.

- “Se eu falhar, minha própria infelicidade e arrependimento serão o meu castigo eterno.” Seus

olhos se prenderam nos meus, uma sinceridade clara despojada em seu olhar. ‘ Mas eu não vou

falhar, Anjo. Eu não vou falhar com você. ’

Eu aceitei o anel, prestes a cortar o canto da minha palma como Patch tinha feito.

Então eu me lembrei da advertência enigmática de Basso. Deslizando o anel mais acima, eu

rasguei a marcação como um lápis que eu tinha no meu pulso, com que eu tinha nascido –

marca da minha herança Nephilim. Sangue vermelho brilhante manchava a minha pele. Eu

encaixei minha incisão firmemente contra a mão de Patch, sentindo uma sensação de agulhadas e alfinetadas acolhedora, onde nosso sangue se misturava.

- “Eu juro a você, Patch, pegar o seu amor e cuidar dele. E em troca, eu te dou meu corpo e

meu coração – tudo que eu possuo, eu te dou. Eu sou sua. Total e completamente. Me ame.

Me proteja. Me satisfaça. E eu prometo fazer o mesmo.”

Ele empurrou o anel no meu dedo.

Patch estremeceu inesperadamente, como se uma tensão poderosa tivesse percorrido todo o seu corpo. “Minha mão,” ele disse, baixo, “Minha mão está – “

Seus olhos se encontraram com os meus. Uma queimadura lenta de confusão encheu sua expressão. “Minha mão está formigando onde você misturou o nosso sangue.”

- “Você sentiu,” eu disse, assustada demais para acreditar que pudesse ser verdade. Com

medo de criar esperanças. Medo de que o truque iria desaparecer, e seu corpo mais uma vez

se desligar ao meu.

Não. Esse era o presente de Basso para mim.

Patch, um anjo caído, podia sentir. Todos os meus beijos, cada toque. Meu calor, a profundidade da minha resposta a ele.

Ele fez um som que estava preso entre uma risada e um gemido. O espanto iluminou seus olhos. “Eu sinto você.” Suas mãos percorriam meus braços, apressadamente explorando

minha pele, pegando meu rosto. Ele me beijou, com força. Ele estremeceu de prazer.

Patch me pegou em seus braços, e eu gritei de alegria. “Vamos sair daqui,” ele murmurou, seus olhos brilhando de desejo.

Eu passei meus braços em volta do seu pescoço e aninhei minha cabeça na curva do seu ombro. Seu corpo era uma segurança sólida, um contraponto quente. E agora ele podia

me sentir também. Uma onda de expectativa queimava sob minha pele.

Era isso. Juntos. Para sempre. Conforme deixamos tudo pra trás, o sol aquecia a minha

volta, iluminando o caminho diante de nós.

Eu não tinha um melhor pressentimento.

EPÍLOGO

Três anos depois...

HODDER VALLEY, LANCASHIRE, INGLATERRA.

- “Okay, você ganhou,” eu soprei, empurrando minha cadeira e olhando Vee com admiração enquanto ela entrava na sacristia da igreja, carregando a batinha do seu vestido de seda que ia até do chão de estanho. A luz da janela de vitral parecia definir o tecido inflamando com uma brilhante cor metálica. “Eu sei que eu te disse para ficar com o branco tradicional, mas eu estava errada. Vee, você está belíssima.”

Ela girou, mostrando as botas de combate que eu não via desde o ensino

médio. “Algo antigo,” Vee disse.

Eu mordi o lábio. “Eu acho que vou chorar.”

- “Você é que vai pegar meu buquê, certo? E então me devolver quando ninguém estiver olhando para que eu possa tê-lo profissionalmente seco e emoldurado – e então você pode zombar de mim o resto da minha vida por ser tão trabalhoso?”

- “Eu sou Nephilim. Eu terei essas flores nas minhas mãos antes que os cérebros dos seus outros amigos tenham registrado que você as jogou.”

Vee deu um suspiro de felicidade. “Babe, estou tão feliz que você veio.”

- “Precisaria de muito mais do que cinco mil quilômetros para me impedir de vir ao casamento da minha melhor amiga.” Eu sorri sugestivamente. “Onde vocês vão passar a lua de mel?”

- “Gavin não vai dizer. Esse é o grande segredo dele. Ele tem tudo planejado. Eu disse a

ele que eu só tinha um pedido: um hotel com rosquinhas no menu de serviço de quarto. Nós ficaremos dez dias. Quando nós voltarmos, nós dois vamos começar a

procurar empregos.”

- “Você já pensou em voltar?”

- “Para Coldwater? Diabos, não. A Inglaterra combina bem comigo. Esses britânicos amam meu sotaque. A primeira vez que Gavin me chamou para sair foi por apenas para me ouvir falar. Para sorte dele, é uma das melhores coisas que eu faço.” Todas as

provocações deixaram seus olhos. “Muitas lembranças se voltar para casa. Não posso passar pela rua sem pensar que vi o Scott no meio da multidão. Você acha que existe vida após a morte? Você acha que ele está feliz?”

Minha garganta ficou instável, ferida demais para falar. Não havia um dia desde a morte de Scott que não tivesse separado um pequeno e tranquilo momento para mandar gratidão por seu sacrifício.

- “Ele deveria estar aqui. Eu queria pra caramba que ele estivesse,” Vee disse,

inclinando a cabeça e lascando suas unhas recém-pintadas.

- “Eu também.” Eu apertei as mãos dela.

- “Sua mãe me disse que Marcie morreu dois meses atrás.”

- “Ela viveu mais do que qualquer um esperava.”

- “Uma maçã podre até o fim?”

- “Minha mãe foi ao funeral dela. Cinco pessoas no total, incluindo a mãe de Marcie.”

Vee deu de ombros, antipática. “Um carma, viva e bem...”

A porta de carvalho arqueada através da porta se abriu, e minha mãe colocou a cabeça pra dentro. Ela tinha voado para cá há uma semana para ser a co-planejadora do casamento do lado da mãe de Vee, e eu acho que ela estava secretamente deleitando-se com o papel. Ela finalmente aceitou que Patch e eu – uma cogitação que

ela tinha se acostumado gradualmente com o passar dos anos – tínhamos jurado nossos votos debaixo do Céu, selado com sangue, e nunca iríamos fazer essa coisa de

enorme casamento branco, e essa era a chance dela. A ironia disso tudo. Quem iria imaginar que Vee seguiria um caminho mais tradicional do que eu?

Minha mãe sorriu para nós. “Sequem esses olhos, minhas queridas, está quase na hora.”

Eu mexi no coque frouxo de Vee, provocando mais alguns fios soltos para emoldurar seu rosto, e coloquei flores perfumadas jasmins-de-madagascar na coroa. Depois que eu terminei, Vee lançou os braços ao redor de mim, balançando-me para frente e para trás num abraço animado, quando ambas ouvimos um rasgo na costura.

- “Malditos sejam,” Vee disse, girando em volta para examinar o rasgado da costura do vestido. “Eu pedi um tamanho menor planejando perder cinco quilos para o casamento. Eu não me chamaria de gorda, mas eu poderia perder um pouco de massa

Nephilim. O problema foi, que nunca houve escassez de bolinhos no meu armário.”

Eu não pude evitar, eu explodi em um ataque de risos.

- “Estou vendo. Eu vou ter que caminhar na frente de todas essas pessoas com minhas

calcinhas balançando no ar, e você nem liga,” Vee disse, mas ela, também, estava rindo.

Ela pegou um band-aid de sua bolsa e bateu sobre o tecido rasgado.

Rimos tanto que ficamos com o rosto vermelho, com falta de ar.

A porta se abriu pela segunda vez. “Seus lugares! Se apressem!” minha mãe

disse, me conduzindo para fora. Uma música de órgão ecoava da capela. Eu me arrastei

para o fundo da fila de damas de honra, onde todas usavam idênticos vestidos sereia de tafetá amarelo, e aceitei meu buquê de lírios brancos do irmão de Vee, Mike. Vee tomou seu lugar ao meu lado e respirou fundo.

- “Pronta?” eu perguntei.

Ela piscou. “E disposta.”

Assistentes parados em ambos os lados das portas maciças entalhadas,

abriram-nas. De braços dados, Vee e eu caminhamos para dentro da capela.

Depois do casamento, nós tiramos fotos do lado de fora. O sol brilhante da tarde derramava luz sobre pastos verdes com ovelhas pitorescas pastando à distância.

Por tudo isso, Vee brilhava, parecendo mais serena e radiante do que eu jamais tinha visto. Gavin segurou sua mão, acariciou sua bochecha, sussurrou em seu ouvido. Vee não me disse que ele era humano, mas eu soube imediatamente. Uma vez que Vee não

tinha jurado fidelidade, eles poderiam envelhecer juntos. Eu não sabia como seu envelhecimento, ou o meu aliás, iria funcionar, já que até agora era inédito para um Nephil viver indefinidamente sem ser forçado a jurar fidelidade. De qualquer modo, ela era imortal. Algum dia Gavin iria morrer, sem saber que sua esposa não o seguiria para

o outro mundo. Eu não mantive a omissão de Vee contra ela; eu a admirava por conquistar um tempo de memórias felizes. Eu não conhecia Gavin antes de hoje, mas sua adoração e amor por ela era óbvio, e realmente, o que mais eu poderia pedir?

A recepção, também, foi ao ar livre, debaixo de uma grande tenda branca. Com os flashes das câmeras ainda aparecendo por trás dos meus olhos, eu caminhei para o

bar e pedi água com gás. Casais estavam dançando ao som da orquestra ao vivo, mas

eu quase não os notei. Meu foco se voltou isoladamente em Patch.

Ele estava impecável para o casamento, vestindo um smoking preto sob medida e seu melhor sorriso depravado. O smoking emoldurou seu porte atlético, e o sorriso colocava uma dose de adrenalina no meu coração. Ele me viu, também, seus olhos negros aquecendo com carinho e desejo. Um rubor de expectativa queimava sob minha pele. Eu estava separada dele a maior parte do dia, e agora eu o queria. Muito. Patch fez seu caminho, bebendo um copo de vinho. Seu smoking pendurado no ombro, o cabelo enrolando por causa da humidade. “Tem uma pousada no final da rua. Um celeiro atrás daquelas árvores ali, se você estiver se sentindo saidinha,” ele disse,

claramente não tendo dúvidas quanto à direção dos meus pensamentos.

- “Você acabou de dizer ‘saidinha’?”

As mãos de Patch caíram nos meus quadris, me puxando para perto. “É. Precisa de uma demonstração?” Ele me beijou uma vez. Então novamente, fazendo alguns movimentos criativos com sua língua. “Eu te amo.”

- “Palavras que eu nunca vou me cansar de ouvir.”

Ele tirou meus cachos em volta do meu rosto. “Eu nunca imaginei minha vida tão completa. Eu nunca achei que eu teria tudo o que eu quero. Você é tudo para mim, Anjo.”

Suas palavras preencheram todo o meu coração. Eu o amava de uma maneira que eu nunca seria capaz de expressar em palavras. Ele era parte de mim. E eu era parte dele. Unidos pelo resto da eternidade. Eu me inclinei e o beijei. “Talvez eu aceite sua oferta. Uma pousada singular no campo, você disse?”

‘Cadillac está estacionado na frente, ou eu tenho uma moto nos fundos,’ Patch falou

nos meus pensamentos. 'Saída tradicional ou fuga?'

Eu, pessoalmente, tinha tido bastante tradição por um dia. 'Fuga. '

Patch me pegou em seus braços, e eu gritei de alegria quando ele me carregou para a parte de trás da igreja. Nós viramos em sua moto e disparamos até a estrada, voando sobre as colinas verdes em direção à pousada.

Dentro do nosso quarto acolhedor e privado, eu alcancei e puxei sua gravata de seda, desfazendo o nó. "Você se veste para impressionar," eu disse com aprovação.

- "Não, Anjo." Ele se inclinou, seus dentes suavemente passando pela minha orelha. "Eu

tiro a roupa para impressionar."

FIM.